

40

FESTIVAL DO  
FOLCLORE



Olímpia - SP

O encontro da Cultura Brasileira



ANUÁRIO  
agosto/2004

ANUÁRIO DO

# 40<sup>o</sup> FESTIVAL DO FOLCLORE

**OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE**

ANO XXXI - Nº 34 - 22 DE AGOSTO DE 2004



## PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA – ESTADO DE SÃO PAULO

*Expediente:* Rua David de Oliveira, nº 420, Cx. P. 60 – Patrimônio de São João Batista – 15400-000 – Olímpia – SP  
Telefone (17) 2816786 – Fax (17) 281-6941

*Diretor:* José Sant'anna (in memoriam)

*Diretor Executivo e de Edição:* André Luiz Nakamura

*Assessores:* Célio José Franzin, Maria Isabel dos Anjos e Patrícia Alves Rodrigues Lopes

*Fotos:* Wellington Cudinhoto

*Projeto gráfico, editoração eletrônica e revisão de textos:* Lato Senso Design – [lsenso@terra.com.br](mailto:lsenso@terra.com.br)

*Impressão e acabamento:* Centrograf

Praça Rui Barbosa, nº 47 – Patrimônio de São João Batista

Telefone (17) 281-7060 – Olímpia/SP

Edição do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” da Prefeitura Municipal de Olímpia. Todo Trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

# JOSÉ SANT'ANNA

## O Criador do Festival do Folclore de Olímpia

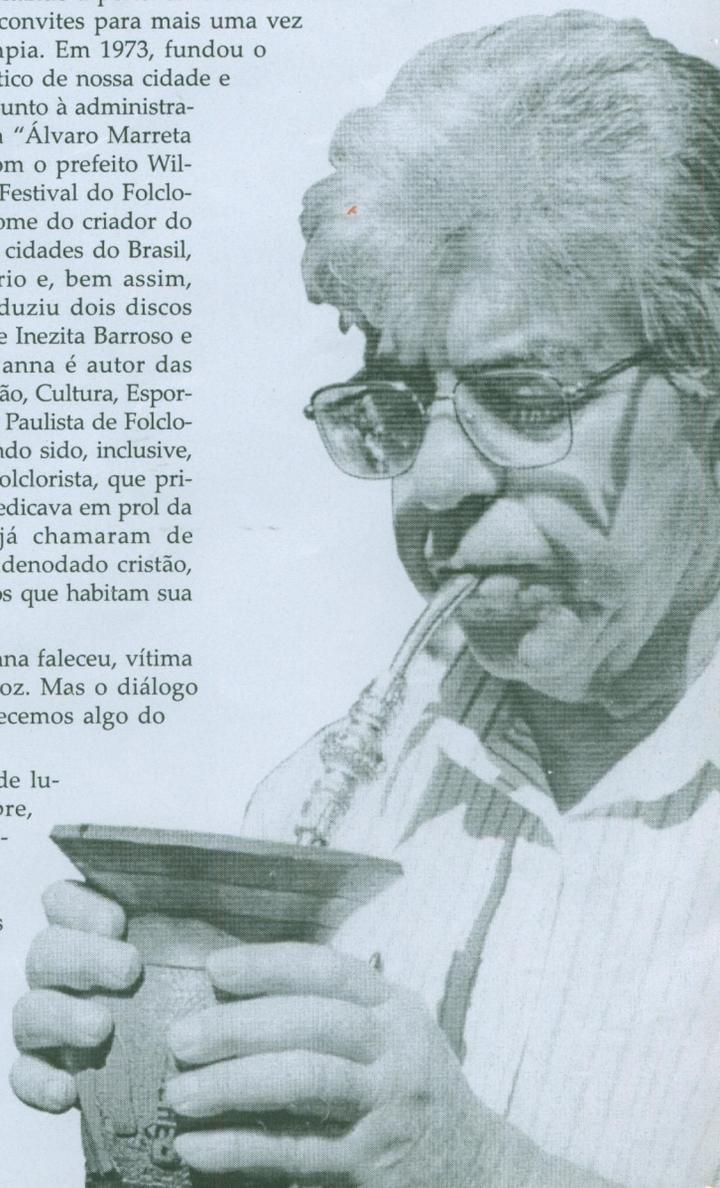
Filho de João Joaquim de Sant'anna e de Hypólita Theodora da Silveira Sant'anna, José Sant'anna nasceu a 8 de julho de 1937, em Olímpia/SP, onde fez os cursos científico, magistério e de contabilidade, antes de tornar-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e professor de Língua Portuguesa, disciplina esta que ministrou até aposentar-se no ensino de 1º e 2º graus do magistério oficial de Olímpia. A propósito, foi durante sua atividade pedagógica, em meados da década de 50, que ele se descobriu vocacionado ao estudo do folclore brasileiro, tornando-se, desde então, um atuante e denodado folclorólogo. Nesses mesmos entretimentos, ao elaborar pesquisas e exposições acerca do referido assunto, empreendidas com o auxílio de seu alunado e restritas ao âmbito escolar, o professor as transcendeu às ruas olimpienses, realizando, assim, em 1965, o 1º Festival do Folclore de Olímpia, evento que é hoje detentor de alto prestígio e de nacional projeção, e que, em razão de tais méritos, ensejou o já consagrado título "Capital do Folclore" à sua cidade natal. Era diretor deste Anuário, que acompanha o festival e que ora chega a seu número 34, além de publicar diversos livros sobre folclore, de cuja leitura se pode deduzir que detém o autor profundo conhecimento tanto do vernáculo como dos temas sobre os quais discorre. Em 1967, apresentou anteprojeto para a criação do Conselho Municipal de Cultura, do qual faz parte a Comissão de Folclore, cuja presidência era ocupada por Sant'anna. Nesse mesmo ano integrou a 1ª Comissão Estadual de Folclore e Artesanato do Conselho Estadual de Cultura do governo de São Paulo, voltando a pertencer a ela em mais duas ocasiões, na década de 80 e declinando de recentes convites para mais uma vez ser-lhe membro, em virtude de muitos afazeres em Olímpia. Em 1973, fundou o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", ponto turístico de nossa cidade e um dos mais completos do Brasil. Em 1977, suas instâncias junto à administração municipal redundaram na criação da Casa da Cultura "Álvaro Marreta Cassiano Ayusso", então prefeito. Em 1986, juntamente com o prefeito Wilson Zangirolami, propugnou por uma casa própria para o Festival do Folclore: a Praça das Atividades Folclóricas que hoje ostenta o nome do criador do FEFOL. Ao pesquisar o folclore pátrio, percorreu inúmeras cidades do Brasil, ressaltando-se que de várias delas era cidadão honorário e, bem assim, possuínte de muitos troféus, medalhas e comendas. Produziu dois discos intitulados "Olímpia e seu folclore musical", entre outros de Inezita Barroso e de artistas olimpienses, salientando-se, ainda, que Sant'anna é autor da letra do Hino a Olímpia. Foi o primeiro Secretário da Educação, Cultura, Esporte, Turismo e Lazer, do município. Era membro da Comissão Paulista de Folclore. Exerceu a vereança por vários mandatos em Olímpia, tendo sido, inclusive, presidente da Câmara Municipal. Excelso e vanguardeiro folclorista, que primava pela didática e pela excelência em tudo que o que se dedicava em prol da cultura popular brasileira. José Sant'anna, a quem já chamaram de "taumaturgo", "mago", era, na realidade, um exemplar e denodado cristão, amigo de inúmeros amigos, querido e admirado por todos os que habitam sua "Capital do Folclore".

Desde 8 de janeiro de 1999, quando o Prof. José Sant'anna faleceu, vítima de um derrame cerebral, não mais podemos ouvir sua voz. Mas o diálogo com ele, de alguma maneira, ainda é possível, pois conhecemos algo do seu modo de pensar, de sentir, de agir e reagir.

Por todas essas razões, o edificante exemplo do grande luminar olimpiense há de nos inspirar e estimular, sempre, pois, graças aos seus ensinamentos, todos nós do Departamento de Folclore de Olímpia perseveraremos no firme propósito de lhe prestar a mais reverencial e produtiva das homenagens, que é a de tentarmos, com todos os esforços, dar continuidade a seu trabalho.

Dizem – com o enfadonho sabor das frases prontas – que ninguém é insubstituível, mas José Sant'anna é.

André L. Nakamura



# SUMÁRIO



Mundo Fantasmagórico... 6

Danças Tradicionais,  
Usos e Costumes  
Gaúchos ..... 14

Gerais de Minas ..... 22

A Polêmica do  
Parafolclore ..... 28

Batuque ..... 32

Dança de São Gonçalo... 36

Misticismo, Religiosidade  
Popular e Medicina  
Folclórica ..... 38

Companhias de  
Santos Reis ..... 52

Forró Eletrônico e Forró  
Universitário ..... 62

Folclore do João de  
Barro: Lendas do  
Norte Paulista ..... 72

Zé Sant'anna e o  
Folclore no Céu:  
Uma Homenagem  
em Forma de Cordel ..... 96

Godap, Balaia Balainha .. 100

Noticiário do 39º Festival  
do Folclore ..... 102



# Mundo Fantasmagórico



Iseh Bueno de Camargo  
Departamento de Folclore - Olímpia (SP)

**A** realidade nem sempre agrada ao ser humano. O que a vida oferece aos viventes não está, via de regra, de acordo com o que cada um arquitecta. O real, com raríssimas e poucas exceções, é infinitamente pequeno diante daquilo que se almeja. Em todas as épocas, em todas as regiões, entre todos os povos, o palpável, o material, o concreto são desprezíveis, sérios demais, exigem muito do indivíduo, pedem a ele mais do que estão dispostos a dar. E é quando o sonho e a fantasia se mesclam e oferecem a face límpida do irreal, do porto seguro por todos ambicionado. A fantasia é a cura para o marasmo do cotidiano, é a lanterna potente que desfaz as trevas da insipidez diária, a veste que cobre andrajos de púrpura e ouro. Em toda a literatura há, com abundância, mostras dessa ânsia humana, dessa facilidade em transformar o rude em maciez, o duro em centelhas fugazes. Por isso o homem criou o imaginário popular, permitindo que credences, superstições, lendas, mitos, seres extraterrenos povoem seu pensamento e pautem sua existência.

O folclore é, de certa forma, a concretização da fantasia, o ápice do sonho transformado em realidade, a força criativa que leva o homem a lutar para alcançar seus objetivos. A arte se expande entre as mentes criativas. As cores se destacam. Fazem-se as luzes. O lenço branco da esperança acena adeuses e boas-vindas. Através da música, da dança, da expressão corporal, através de fitas e rendas, e velas, e orações, através de contos e de um outro sem-número de mani-

festações, o homem se realiza, se completa. Para obedecer a esse código não escrito, universal, transmitido suavemente de geração a geração, basta deixar que a simplicidade impere, basta impedir que teias de aranha cubram a natural sede de comunicação entre os viventes. Por isso, através da narração sincronizada, quase puramente dramaturgicamente, o fato folclórico é transmitido, é aceito, acatado, procurado. Quase depende do narrador, do seu dom natural de transformar pequenos nada em assombrosas verdades.

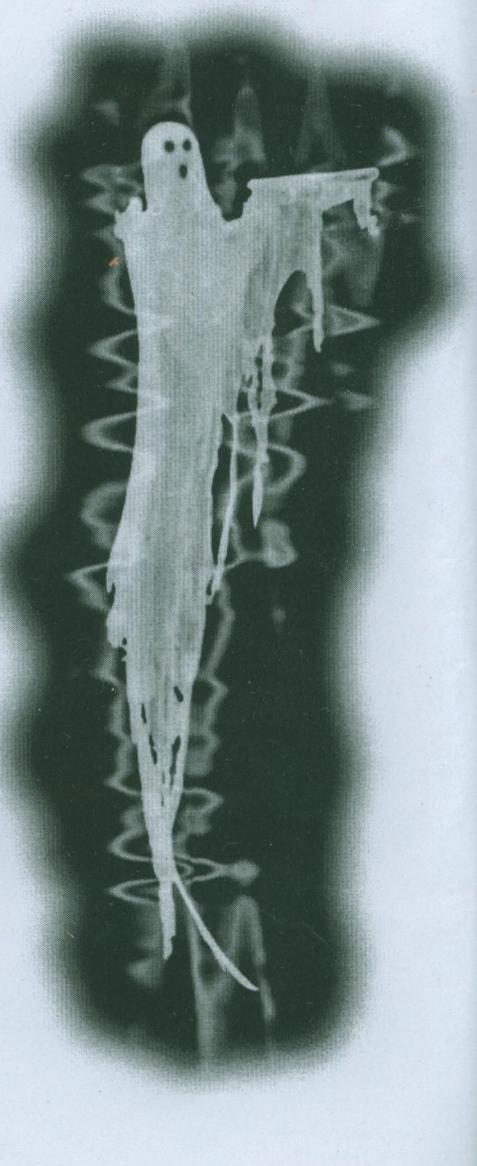
E nessa transformação, talvez como astros de primeira grandeza encontrem-se os chamados fantasmas, as aparições, os seres do outro mundo, as almas penadas, os fenômenos inexplicáveis ou de difícil entendimento.

Diz o meu dicionário, autor incógnito, fantasma talvez, simplesmente porque não possui as primeiras folhas; não há mais o nome de quem o criou. Não foram seres do além os causadores das tragédias – chegou às minhas mãos desfalcado. Mas lá encontrei:

## FANTASMA

S. m. 1. Imagem ilusória, fantasmagoria. Do latim *phantasma*. Visão terrífica, medonha, apavorante. 2. Suposto reaparecimento de defunto ou de alma penada, em geral de forma indefinida, evanescente, quer no seu antigo aspecto, quer quanto a atributos próprios, como sudários, cadeias, etc. 3. Abantesma ou avantesma, aparição, assombração, aveção, alma do outro mundo, espectro

ou espetro, mal-assombrado, mal-assombramento, mal-assombro, marmota, simulacro, sombra, visagem, visão, visonha, papa-gente. 4. Coisa espantosa.



## ASSOMBRAÇÃO

S. f. 1. Terror proveniente de coisas inexplicáveis. 2. Pavor motivado pelo encontro ou aparição imaginária de coisas sobrenaturais. 3. Alma do outro mundo.

Quase toda criança – pelo menos aquelas que nasceram até o final do século XX, muitas adentrando pelo século atual – nasceu e cresceu ouvindo histórias sobre fantasmas e assombrações. Até a literatura infantil da época trazia alguns contos ou poesias sobre o assunto. E eu declamava em voz tumular:

*Vai alta a noite, na mansão da morte,*

*Já meia-noite com vagar soou.*

*Que paz tranqüila! Dos vaivéns da sorte*  
*Só tem descanso quem ali baixou.*

Ia por aí afora, contando o caso do jovem que, antes de morrer, recebeu da mulher amada a promessa de ir com ele ao sepulcro:

*Branco fantasma semelhante um monge*  
*Dentre os sepulcros a cabeça ergueu...*

E, no final:

*Mais tarde quando foi volvido,*

*Das sepulturas o gelado pó,*

*Dois esqueletos, um ao outro unidos,*

*Foram achados num sepulcro só.*

O medo está sempre presente quando se fala em assombrações, especialmente em locais afastados das luzes da cidade, entre velhos de poucas letras e platéia atenta. Um medo agridoce que estimula a veia de narrador que há nas pessoas antigas e amplia o ancestral medo dos habitantes de sítios ou cidadezinhas.

Em livro didático daqueles áureos anos, eis um conto que a todos assustava:

Um trem corria sobre os trilhos de longa estrada cercada de matas e montanhas, curvas e rios. De repente, o maquinista pede ao foguista que observe a luz dos faróis. E lá, longos braços abertos, de branco vestido, grande fantasma acena, como a exigir que o trem pare. Aos poucos o trem vai parando. Descem do trem para ver de perto a tal coisa espantosa. Descubrem, andando um pouco, que o vazio tomava

conta do que deveria ser a estrada. Com o temporal, a ponte ruíra e, caso o trem continuasse na sua rota, todos rolariam por um precipício. Os viajantes gritavam, rezavam, benziam-se, achando que um milagre aconteceria, fora um aviso do além. Mas descobriu-se que uma mariposa, em vôo noturno, ficara presa à lanterna do trem.

Mas o narrador sabia como infundir medo e respeito ao contar a sua história. Para, por instantes, na descoberta da falta da ponte, deixando que os ouvintes sentissem o cheiro do desastre que não aconteceu. O arremate final passava despercebido.

É infinito o número de casos que nos contam. Olímpia e Pirangi (SP), como todas as pequenas cidades brasileiras, têm quem "viu" ou "ouviu", quem "sentiu", pelo menos uma vez na vida, a presença de algo apavorante, inusitado, impossível. Vamos para alguns desses relatos.

1 – Este já foi até cantado em música de violeiros.

A boiada era conduzida por bons boiadeiros, o berrante juntava as rezes. Um movimento estranho, um tiro, talvez, deu início a uma situação desesperada – a boiada estourou. Gritos, correria, o gado mais e mais se dispersava. Do nada, surge um grande cavalo, montado por moça muito bonita, cabelos soltos ao vento, voz maviosa e, com cuidado, foi juntando boi por boi e, em pouco tempo, tudo se acalmou. Reunida a boiada, nada perdido, os boiadeiros foram acalmar os ânimos, bebendo no boteco mais próximo. Comentando o estranho aparecimento da salvadora, um homem que os atendia pediu detalhes e, lágrimas nos olhos, contou que a jovem era Madalena, sua filha já morta. Tinha o berrante por companheiro de trabalho com o gado, era ela, com certeza, viva ou morta, sempre ajudando a todos.

2 – Este também, motivo de moda de viola.

Dois irmãos. Um deles não acreditava que houvesse vida após a morte. O mais novo, cristão, seguidor de regras religiosas, garantia que a morte não era o fim de tudo. Completou a discussão dizendo que, ao morrer, daria ao irmão uma prova de que a morte do corpo físico não impediria o espírito de se comunicar. Na velha casa onde moravam, havia um relógio, parado há muitos anos. O mais novo foi viver longe. Pouco se encontravam. Uma ocasião, meia-noite em ponto, o que vivia no casarão acordou com o relógio trabalhando na sala. Ficou perplexo, coisa nunca vista. Perdeu o sono, preocupado com o mistério. Na madrugada recebe, por um mensageiro, a notícia de que, à meia-noite, seu irmão José morrera. O aviso fora feito através do relógio, promessa cumprida.

3 – Este caso foi contado por Marinha Rigonato Geraldês, do Grupo da Terceira Idade de Pirangi.

Em um sítio próximo a Taiacu, havia três casas juntas. Em uma delas vivia sua família próxima, em outra, um tio e sua esposa e, na última, outro parente com mulher e filhos. Um pouco distante, havia uma residência velha, quase em ruínas, onde morava um compadre casado há pouco, que estava construindo boa e rija moradia, à frente das outras três citadas. Foi a Taiacu comprar o que faltava para a residência nova, enquanto a esposa ficava lavando a nova moradia. Ao retornar, Marinha, ainda menina, brincava no quintal. Viu o compadre chegando, montado em seu cavalo. De repente soou um tiro, quebrando a quietude da tarde. Pessoas acorreram de todas as casas, gritos, correria, o homem caído no chão, compras espalhadas. Nem um vivente armado. Ninguém em fuga. A polícia foi chamada e, ao levantar o corpo do morto, alguns garantem ter visto sair de sob o defunto um vulto escuro, peludo, que deixou estranho cheiro no ar. Se criminoso hou-



ve, jamais foi descoberto, nenhuma arma encontrada, ninguém indiciado como culpado.

4 – Os dois próximos contos são de Adevina Libório Vieira, 77 anos, nascida na Fazenda Santa Luzia, Pirangi, moradora atualmente em São Paulo, capital.

a) Numa noite enluarada, com uma grande turma de moças e rapazes, voltava de passeio a sítio próximo. Todos conversando, rindo, comentando os acontecimentos da visita. Subitamente, uma intensa luz, muita branca, os cercou. Procuravam descobrir o que seria. Nada de novidades no céu, nenhum carro, ninguém com faróis, ruído algum. Uns agarrando-se aos outros, aos gritos, começaram a correr para a cidade, já bem perto. Umhas estranhas formas escuras, como se fossem porcos ou qualquer bicho arredondado, os precediam. Assim, sob clarão vívido e bolotas rolando, che-



garam às primeiras casas de Pirangi. As luzes desapareceram, só o susto, o medo, os acompanhou. Isso foi há mais de cinquenta anos e até hoje, ao se reencontrarem, comentam o fato e não entendem o que aconteceu.

b) Morava na fazenda dos Bernandes. Em outra casa da colônia, vivia a jovem Raquel, casada, mãe de uma criancinha. Raquel era a retireira, ou seja, ordenhadora do leite das vacas, serviço que ia das 4 horas da manhã até o sol alto. Adevina foi recrutada uma madrugada para auxiliar a retireira. Um choro sentido se fazia ouvir enquanto a ordenha prosseguia. Depois de muito tempo, perguntou se era seu filho chorando. Ela negou, dizendo ser sempre assim. Inconformada, a ajudante mirim foi, às escondidas, verificar o fato. O choro crescia, quase morria, retornava. Em cada canto da casa de Raquel, uma vela ace-

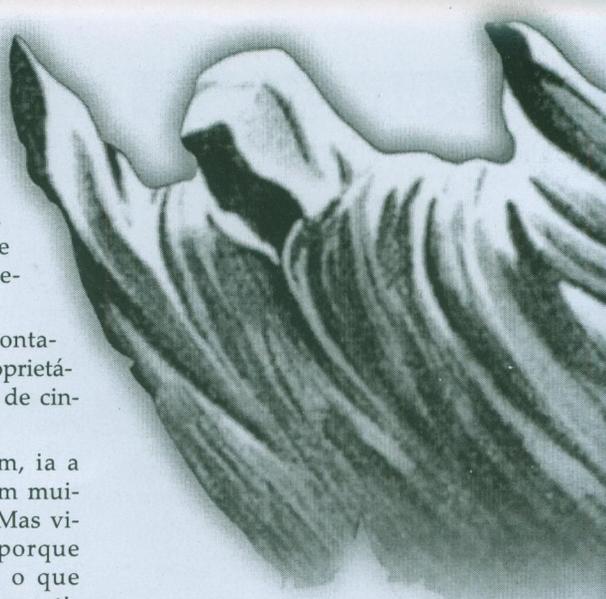
sa e, na caminha rústica, seu bebê dormia. E o choro por todos os lados. Choro de quem sofre, de quem pede ajuda. Não quis mais saber de ordenhar as vacas, prometessem a ela o que quer que fosse. Choro e velas? Nunca mais!

5 – Agora, dois casos contados pelo sr. Luiz Searra, proprietário do Pesqueiro de Taiacu, de cinquenta e poucos anos.

a) Quando muito jovem, ia a cavalo até Pirangi, onde tem muitos parentes e compadres. Mas viajava sempre preparado porque ouvira, de muitas bocas, o que acontecia aos passantes da antiga estrada boiadeira. Um vulto escuro, de capuz vermelho, dava de repente um assovio de arrepiar. O cavalo empinava, empacava, e muito cavaleiro ia ao chão. Para alguns, o tal vulto pedia fogo para acender o cachimbo. Não chegou a ver de perto essa figura, mas ouviu seu assovio e... pernas para que te quero? Desistiu, de vez, de suas viagens noturnas.

b) De madrugada, voltava de uma festa em Pirangi, o frio era danado. Quando chegou às duas pontes – hoje inexistentes, uma única a passar sobre o pobre curso d'água em que se transformou o belo rio Tabarana – parou de chofre.

Viu uma mulher, que lhe pareceu ser muito velha pelas roupas antiquadas, sentada no parapeito da ponte maior. Lenço amarrado nos cabelos, uma longa vara nas mãos, parecia pescar. Não se mexia. Esperou um bom tempo. Nada. Nada o levaria a passar diante daquele estranho ser. Cortou por um atalho onde o rio era raso. Contou o caso à gente da sua terra. Disseram-lhe ser a alma de uma mulher que morava ali perto, em um rancho que o fogo queimou com ela e dois filhos dentro. Suas lágrimas tornavam as águas do Tabarana ótimas para os peixes e para os pescadores.



6 – Vamos para alguns casos contados por Antônio Benedito Cazé, nosso avô materno, que veio da Bahia no início do século passado:

a) Três amigos iam por uma estrada, quando depararam com uma guaiaca cheia de moedas de ouro. Pegaram-na e galoparam para longe, a fim de fazer a divisão da fortuna. Longe, pararam à sombra do pé de um jatobá. Cansado, um deles pegou no sono. Os dois não tiveram dúvida – mataram o amigo. E retomaram a fuga. Um pensava num jeito de se livrar do outro. O mais velho teve uma idéia. Carregava o resto de pão que sobrara do almoço. Disfarçadamente, retirou-o do embornal e o envenenou para que o mais novo o comesse. Porém, movido pelo cansaço, dorme na sela e é assassinado pelo companheiro. Este foge, levando o que podia carregar: a guaiaca e o embornal. Com fome, agarrou o pão e morreu envenenado. E, no lugar onde caiu, ficou a guaiaca, esquecida. Os anos a cobriram de folhas, galhos e raízes se entrelaçaram nela. Os animais fogem daquela trilha que o tempo apaga. Se alguém for corajoso o bastante para procurar “naquela mata”, ficará rico para sempre. É só enfrentar três almas penadas que ali guardam o fruto do seu crime. E são horrorosas.



b) Um rico senhor de engenho tinha uma filha, linda de morrer. Queria vê-la bem casada, com filhos a quem deixar sua fortuna. Mas a moça, apaixonada por um homem casado, recusava todos os pretendentes. O pai se desesperava. Mas encontrou um grande amigo, pai de três filhos, também à caça de boas esposas. Combinaram, então, que um de cada vez se apresentasse à moça, pedindo-a em casamento. Primeiro foi o mais velho. Cansada de dizer "não", ela faz um jogo. Deu-lhe um imenso rolo de barbante, pedindo que com ele, à meia-noite, desse voltas e voltas ao redor do cemitério, bem esticado. De madrugada, iria ver o serviço. Só assim diria "sim". Veio o segundo: pediu a ele que, à meia-noite, fosse ao cemitério com a viola e cantasse, com voz cavernosa, em cima da mais alta capela mortuária. Chegou o mais novo, e ela pediu-lhe que, à meia-noite, arrancasse o cruzeiro do cemitério, cavando bem fundo. Os três, sem saber um do outro, foram cumprir os pedidos. E à meia-noite começou o bafafá. Golpes de enxadão no solo duro, voz estranha que, acompanhando a viola, saía de um túmulo, ruídos de pés que corriam em volta do cemitério, um horror! Assustados, todos procuraram fugir, descobrindo, no caminho, que foram enganados. Por vingança, uniram-se, puseram fogo na casa da moça arredia, gritando e assustando o mundo inteiro. E hoje, se alguém tiver coragem e, altas horas da noite, espiar o esqueleto queimado do casarão, há de ver a linda moça, aos prantos, pedindo perdão aos homens que enganou. Se você for homem e ao ouvir chamar seu nome, pode correr! Ela só descansará quando levar para o além a alma de um ser enamorado.

7 - Casos contados por dona Lúcia Sala, 83 anos, vizinha há uns sete anos:

a) Era mocinha e morava na zona rural. Uma tarde, quase escurecendo, ia com o irmão mais velho visitar uma doente. O sítio era bem perto. Para diminuir a distância, foram por um carreador de café. O cafezal estava todo florido, perfumado. De repente, ainda longe da estradinha, um pé da planta começou a ser sacudido tanto que parecia querer sair da terra. As flores se espalhavam longe. Os outros pés de café estavam quietos. Não havia vento. Os dois saíram em doida carreira e, depois desse dia, ninguém soube explicar o que acontecera. Só a cavalo eles passavam por ali. Cavalo galopa, e a fuga é segura.

b) Um moço, chamado Guerino, ia namorar a futura esposa, um pouco longe de sua casa. Era sobrinho de uma das cunhadas. Ia a cavalo. Numa noite, sentiu que algo muito, muito pesado mesmo havia sido colocado no lombo do cavalo, que mal conseguia andar e não obedecia às rédeas. Ele, todo arrepiado, um frio na espinha, começou a gritar por socorro. Havia casas por ali. Ninguém ouviu seus gritos. Chegou à casa, estropiado, rouco, apavorado. No outro dia, o cavalo estava normal. Não parecia aquele pobre pangaré que havia se arrastado até lá. E Guerino nunca soube o que aconteceu.

c) Conheceu um rapaz chamado Mané, meio ruim da cabeça, doidinho, doidinho. Quando chegava a Quaresma, e por todos os quarenta dias, seus gritos, uivos, lamentos eram ouvidos por toda a região. Passado esse período, voltava a ser o bobinho manso que a ninguém incomodava. Morreu jovem ainda.

d) Dona Lúcia, em um domingo ensolarado, saiu com uma grande turma de jovens, moças e rapazes. Iam à mata próxima procurar jatobás, pois era época. Faziam o barulho normal de jovens alegres, reunidos em domingo bonito. Riam e se divertiam, bulindo uns com os outros. Logo que chegaram às primeiras árvores da mata, aconteceu algo inexplicável. Era como se um vento violento sacudisse as árvores. Os galhos vergavam-se até o chão, quebravam-se, folhas e flores caíam aos montes, o barulho era um terror. Apavorados, botaram os cavalos a galope, nada de brincadeiras, até descobrirem que, fora do mato, não havia vento algum. Aí é que os cavalos tiveram que correr para va-

ler. Nunca souberam o que houve naquele domingo. Que ela saiba, ninguém voltou ao local atrás de jatobás.

8 - Esta é mais uma do sr. Luiz Searra, de Taiacu.

Recém-casado, foi morar em uma casa singela, mas aconchegante, que sua esposa fazia questão de manter limpa, bem arrumada. Como era de uso geral, sobre o assoalho encerado colocou longas passadeiras, por onde se pisava. Todas têm um avesso que adere ao piso. Ao dormir, na primeira noite, um susto: as passadeiras pareciam ter vida, arrastavam-se ruidosas por toda a casa. Com muito medo, foram ver o que era, tudo nos conformes, nada fora do lugar. São ratos, pensaram. Mas rato não pode com uma coisa daquelas! Mesmo que pudesse, nada saíra um centímetro do lugar. Voltaram para a cama, o barulho de novo. Tiveram que esperar o dia nascer, para dar fim nas passadeiras. Não houve mais arrastões.

9 - Alguns acontecimentos estranhos para os quais somente o Quevedo poderia dar suas explicações parapsicológicas que não convencem quem quer que seja.

a) A noite era bonita, luar espalhando sua claridade pelo campo inteiro. Um bando de moças lideradas por rapaz da zona rural, recém-incorporado ao time cidadão, dirigiram-se a pé a uma fazenda próxima, propriedade da família Santamaria. Na colônia, um arrasta-pé, ao som de sanfona. Chegando à casa, descobriu-se que não haveria o baile. Morte de um parente... O rapaz garantiu conhecer outro sítio com baile. Lá se foi a turma, passando com dificuldade um brejo repleto de sapos coaxantes, uma pinguela perigosa, muito mato pelo caminho. E as jovens, esperançosas. No novo sítio, tudo escuro, nada de baile. A volta para a cidade, desoladora. De repente, uma luz estranha envolveu a todos. Luz que ergueu gritos de todos, nenhum som de carro, nada visível, a não ser aquela claridade incrível. A correria foi geral.



Ninguém precisou de ajuda para vencer o brejo, para atravessar a pinguela. Já na cidade, acobertados pela luz elétrica, os comentários descontraídos surgiram, mas nada esclarecedor. Todos viram, tremaram, fugiram e até hoje, sessenta anos passados, um ou outro membro do grupo ainda se pergunta: o que foi aquilo?

b) A Lagoa formada pelo Rio Tabarana, poluído atualmente, embora ainda abrigue mandis e bagres, alguns pias e lambaris. Já foi bela, ponto de parada de boiadeiros e tropeiros, pesqueiros e própria para natação. E lá foram alguns pescadores, em pesca noturna, na ponte de madeira da estrada vicinal do sítio da Tilde, cabeleireira de Pirangi. Enquanto pescava, um choro sentido, convulsivo, sofredor, de quem pede ajuda. Um alguém mais velho esclareceu ser apenas o ruído das águas em corredeira próxima. Convenceu. Mas um antigo morador da região contou que ali, onde há até hoje uma grande cruz negra, suicidou-se um jovem meio doidinho. E chora, até esta data, por ter visto seu amor ser recusado por uma linda cabocla que ali morava. Lá está a casa da sua amada, hoje uma tapera coberta de bucho e capinzal. E o choro ali!

c) Pescaria no mesmo trecho da Tabarana. Duas pescadoras corajosas, a mata fechada, linda de dia, repleta de orquídeas lilases; escura e estranha à noite, ainda mais com aquele choro eterno. Mas os bagres caíam nas iscas, com vontade. Excelente pescaria! Lá pelas 20 horas, o lanche foi engolido em parte, o lampião aceso, umas iscas de fígado para a acompanhante, Rebeca, companheira perene de beira-rio. Pouco depois, seus latidos e uivos puseram os pescadores em alerta: algum animal? Onça, talvez. Ainda as havia e há. A cadelinha latia, gania, gemia, pêlo arrepiado. Nada se via. Nenhum som. Mas a pescaria ficou impossível, cão que não ladra normalmente morde. E foi a hora do espanto. Onde o embornal com o lanche? E o outro com as iscas? Nada foi encontrado e, em segundos, as três valentes estavam longe, varas quebradas, anzóis perdidos, fuga inclemente. Nunca mais pescarias naquelas bandas!

d) Era Quaresma, Sexta-feira Santa. O professor José Sant'Anna levou um grupo de pessoas para uma peregrinação religiosa, em sítio de Ibitu, cidadezinha próxima de Olímpia, distrito de Barretos. Logo de cara, um bando de homens cobertos com máscaras brancas assustou o pelotão. E, de casa em casa,

repetia-se o ritual: cantoria, orações, uma batida na porta da frente – tudo escuro e cerrado.

Alguém respondia lá dentro, abria a porta, cantava e toda a família saía e engrossava o cordão de penitentes. Depois de muitas casas, o grupo passou por várias plantações de algodão, um mar de brancura ao luar. Já às portas da última casa, inesperado vendaval arrancou véus das acompanhantes, arrepiou a pele de muitos, pôs o povão em polvorosa. Foi um corre-corre generalizado, uns agarrando-se aos outros, muita gritaria, e, do mesmo modo como surgiu, o vento se foi. Contaram, refeitos do susto, que era a alma do morador da casa, sepultado há uma semana. Os visitantes voltaram Olímpia, sem um pio. Coisas estranhas...

e) Um rápido caso sem nexos: possuíamos uma Brasília branca. Retornava de uma quermesse, pouco mais de meia-noite. Após guardar o carro na garagem, luzes apagadas, casa fechada, preparativos para dormir, um estranho mugido, bem ao pé da janela do quarto. Seria vaca extraviada que entrara no quintal? Outro som, parecido com buzina de antigos fordes. O que fazer? Nada, quem é trouxa de abrir portas àquela hora? Mal começando a dormir, o mugido. O jeito foi saltar da cama,



acender as luzes, medrosamente, abrir a janela. Intensa luz inundou o quarto. Eram os faróis da Brasília, acesos a toda potência, esquecidos de ser desligados. Dez ou mais anos depois, em outra cidade, outro carro – um Gol –, o mesmo chamamento, as mesmas hipóteses e, acesos os faróis, quase à cabeceira da cama. Coincidência? Quem alertou o dono das artes?

10 – Um outro caso, este também de Antonio Benedito Cazé.

Ali pelas bandas da Lagoa da Tabarana, por onde fica hoje o abatedouro de frangos dos Gonzales, havia uma velha e estropiada casa amarela, quase sem telhado, algumas paredes de pé, o matagal apossando-se de tudo. Muitos andejes, comuns no passado, ali dormiam, ou tentavam dormir. Após umas cachacas, o sono chegava, mas logo era interrompido por uma voz tumular: "Eu caio!". Um, mais valen-



te, em lugar de sumir, rebateu: "Pode cair!". Caiu um pé, osso velho e seco, humano, deu para ver. E assim foi boa parte da noite: "Eu caio!". "Pode cair!". Caiu outro pé, uma perna, outra, um monte de costelas, um braço. E o valente, já temeroso do que via – um esqueleto quase completo, só faltava a cabeça. Quando retornou a cantilena "Eu caio!", quem caiu fora foi ele. Chegou sem fôlego à cidade. Ninguém mais ficou por lá. A casa desabou. O mato ocultou os escombros.

11 – Recordando o 24º Festival do Folclore, conto do *Anuário* de agosto de 1988: "A quebra do encanto do lobisomem".

12 – Acontecimentos com Marco Antonio C. da Silva e sua turma.

a) Eram seis rapazes, recém-saídos da adolescência: Marcos Fachini, Jair, Sansão e mais dois cujos nomes foram esquecidos. Saíram de Bebedouro (SP) a fim de passar um fim de semana na Fazenda Altamira, em Turvinea (SP), sozinhos, em casarão quase sempre desocupado. Era noite, jogavam baralho na sala, bebendo cerveja, gargalhando, contando lorotas. De repente, um barulhão danado na cozinha. Assustados, correram ver o que havia. Encontraram um grande vulto escuro, peludo, e não perderam tempo. Sem atinar com o que fosse,

descrevendo o tal vulto de formas diferentes. Voltaram como caronas de um caminhão. De bicicleta, nunca mais!

c) Desta vez, só o Marco Antonio, ainda pequeno, no sítio Porangaíra, em Cambé (PR). Todos os dias guardava pedaços de qualquer coisa boa que comesse e ia levar para o amiguinho, segundo ele, chamado Antoninho. O cafezal era imenso. Ele sumia por lá e voltava dizendo que o amigo ficara feliz. Uma noite gélida, desapareceu de casa. Foi uma longa busca, vários homens a correr o cafezal, chamando pelo menino. Ao ser encontrado, geladinho, disse que fora levar um cobertor



Uma vez uma moça teve um nezezinho. A mãe dela foi para a casa da filha para ajudar a moça durante a dieta. Na casa não havia nenhum cachorro. Quando a velha foi preparar a comida, apareceu um cachorrinho preto que puxava as tripas do frango para fora da bacia. Aí a velha bateu nele com a faca afiada, bem na testa, fazendo um corte, de onde saía muito sangue. O cachorrinho fugiu. Na hora em que a velha foi ao quarto cuidar do neto, percebeu que havia na testa da criança um feio corte que sangrava. Então ela compreendeu que o lobisomem era o próprio netinho. Mas ficou desencantado a partir da hora em que a avó lhe bateu com a faca.

trancaram a porta de comunicação, passaram o resto da noite sem dormir. Ao despontar o dia, fuga geral, sem café, sem comer nada, tudo preso na cozinha. O dono da fazenda teve que ir até a casa. Nada achou de estranho, só a porta trancada e restos de comida espalhados por todo lado.

b) A mesma turma, de bicicleta pela estrada que liga Bebedouro (SP) a Pirangi, ainda sem asfalto àquela época. O último da fila passou voando por todos os ciclistas, gritando: "Tem um vulto me acompanhando!". O bando pôs-se a pedalar com fúria, e o último sempre a notar e a gritar: "O vulto está aqui ao meu lado!". Correram feito doidos, chegaram brancos de medo a Pirangi, cada um

para o Antoninho, senão ele morreria de frio. No dia seguinte, madrugada, atirando fumaça nos pés de café, para evitar que se queimassem com a geada, encontraram o cobertor sob um cafeeiro e, ainda acesas, três velas ao redor da planta. Não havia velas na casa dos pais. Sendo vigiado constantemente, não procurou mais o amigo que ninguém da família chegou a conhecer. Só ouviam o lamento distante que vinha do cafezal, até que saíram do Paraná e não se falou mais no Antoninho.

13 – Dois fatos que podem ter acontecido, o primeiro, garantido; o outro, nem tanto.

a) A professora da zona rural, leiga, com menos de 18 anos, morava

na casa da fazenda, perto da escola. Era muito bem tratada, estava sempre com a criançada: um de 9 anos, uma menina de 7 e um nenezinho de colo. A dona da fazenda passou mal. O pai achou melhor levá-la à cidade, para consulta médica. Pediu à quase menina que ficasse com as crianças, trancando portas e janelas. Voltariam logo. A noite chegou, e nada. A professora tentando obrigar os dois maiores a ficar acordados, companhia necessária. Eles dormiam. Acordavam. Em dado momento, um barulhão na sala de entrada. A professora conseguiu arrastar um pesado armário até a porta do quarto, escudo contra o que quer que fosse. Subiu na janela e pôs-se a berrar por socorro, auxiliada pelo choro das crianças. Em pouco tempo, apareceram sitiantes que moravam próximo, armados de foices e machados. Descobriram que os fantásticos seres barulhentos eram apenas bois e vacas que, chifrando a porta grande da frente, conseguiram derrubar a tranca, adentrando na sala principal. Foi um vexame. E um grande susto.

b) De Jaboticabal (SP) a Pirangi viajava-se de jardineira. Quase sempre lotada, pelo menos até Taiúva. Na capota da jardineira, foi colocado um caixão de defunto, vazio, é claro. Chovia e um engraçadinho, para não se molhar dentro da condução, onde chovia tanto quanto fora, entrou no caixão e dormiu. Desceram passageiros em muitos pontos. Subiram outros. Parou a chuva. O sol saiu. Em um ponto de parada, com muita gente descendo e subindo, ele abriu a tampa do caixão e perguntou: "Parou a chuva?". Até hoje deve haver gente correndo pela região.

14 - Uma história muito antiga, dos meus tempos de professora substituta.

Os moradores de Pirangi e os de Taiáçu jamais percorriam à noite a estada de terra que ligava os dois povoados. Todos diziam dar de cara com as luzes de um Ford desbotado. Lá dentro, dois vultos: um homem e uma mulher. Conta-

vam que eram dois namorados que, im-  
pe-  
di-  
dos  
de

s e  
casar, se suicidaram dentro do carro e cumpriam a pena vagando eternamente de um lado para outro. E até hoje gente bem jovem e ousada afirma que viu as luzes, que viu os vultos, que não passa pela estrada quando a noite vai muito alta. Segundo esses jovens, não há estrada mais escura que essa. Além disso, dúzias de cruzeiros se materializam à noite.

15 - Contado por diversas pessoas, em diversas versões:

a) O barbeiro da cidade, barbearia bem perto do cemitério, um salão pequeno, abafado. Devido ao

calor intenso, cansado de tosar cabelos e barbas, tarde da noite, foi tomar ares sentando-se junto ao portão do lugar santo. Passam três estudantes, moças, do curso noturno. Uma delas, sem saber quem ele era, perguntou: "Você não tem medo de ficar sozinho neste lugar?" ao que o barbeiro respondeu: "Quando eu era vivo, tinha medo, agora não mais". O trio fugiu aos gritos! Conta-se que uma das moças caiu e machucou o braço.

b) O Thomas, hoje padre, ainda era coroinha e fazia as suas artes. Com um amigo, católico como ele, fazia novena no cemitério local, e muita gente ia. Os dois, brincando, apagavam às escondidas as velas dos fiéis. Havia muitas pessoas assustadas. Uma noite, durante as preces, deu um pé de vento repentino. O céu era um breu, todas as velas se apagaram.

Mal eram acesas, lá vinha o vento. Em pouco tempo, os rezadores desapareceram. Ao se verem sozinhos, Thomas e o amigo se puseram a correr. Olhando para o portão velho do cemitério, pouco usado, avistaram um tremendo vulto de branco, roupas estufadas ao vento, que gritava: "Me esperem, me esperem". Não deram a mínima aos lamentos, mas, por mais que corressem, o vulto os alcançava, e era, ninguém mais, ninguém menos do que a Lídia, antiga moradora de região. Atraída pelo povão que estava lá dentro, velas acesas, orando, fora pelo portão velho ver o que havia. E quase matou dois futuros sacerdotes.

16 - Este caso verídico passou-se no Rio da Onça, bem ao lado de Ariranha, pequena cidade do Estado.

Choveu torrencialmente à tarde. Quase estragou a pescaria noturna, à caça de bagres. Mas o céu estrelado animou os pescadores, que lá se foram: quatro adultos e uns três meninos. Os bagres chegaram já de início. Cada peixe no anzol, um berreiro do pescador.

Bem à frente de dois pescadores – os demais espalhados ao longo das margens – um forte rumor na mata, no alto das árvores. O Ileh avisou: é macaco! Mas não se via um só, e o barulho ali... De repente, um grande galho, coberto de folhas verdes, caiu no rio e saiu navegando. O barulho, maior. A turma foi se juntando. Como não cabiam todos no mesmo poço, o jeito foi subir o rio e encontrar local mais amplo. E o barulho acompanhando... Todos pescando, pegando. Um pescador gritou que havia pescado um bagrão. O Ileh disse que o que fisgara era enorme. Ao levantar as varas, descobriram que eram apenas dois anzóis enroscados, um no outro. Gargalhada geral! De repente, foi como se a mata fosse sacudida por mão gigantesca. A fuga foi total. O barulho acompanhou a turma até o finzinho da mata. Não se via um macaco sequer. Nem bicho alado, nada. O jeito foi sumir, sem nunca se saber o que foi aquilo.

17 – É de Olímpia e de todo o Estado de São Paulo: as escolas estaduais que tinham curso noturno deviam ser limpas à noite para as aulas matinais.

Em Olímpia, as aulas eram no térreo e no piso superior. Todos os alunos estavam fora. Só os serventes em sua função, espalhados por alas. E era quando aquela famosa loira, pálida, porém muito bonita, de corpo esbelto, saltos altos, resolvia aparecer e andar de sala em sala. Por onde passava, ficava o seu perfume. E os serventes corriam, uniam-se na fuga e não queriam mais trabalhar à noite. Ninguém contou que a viu de perto, mas ouviram seus saltos batendo no cimento e chegaram a vislumbrar suas loiras madeixas. Andou por Pirangi, apareceu na Caetano de Campos, na capital, e em outras cidades da região. Não se sabe se, aposentada, deixou de freqüentar as escolas noturnas. Anda meio esquecida...

18 – Não assombra ninguém, mas confirma a lenda ou o mito.

O João Lourençatto é da Terceira Idade de Pirangi, um abastado fazendeiro, citricultor nos dias atuais, já teve olaria e grandes cafezais. Suas irmãs são Leontina, Irene, Dezolina, Virgínia, Maria e Joana. São seis e ele é o sétimo filho do casal Mansueto e Zulmira. Descobrimos esse fato, um dos seus netos, criança ainda, mandou-lhe este bilhete para o artigo que iria escrever: "Pro vô João – Lobisomem. A lenda foi inventada na Europa. Dizem que, se em uma família nascessem seis

meninas e se o último – o sétimo – fosse um homem, ele viraria lobisomem". Escreveu esta última palavra bem tremida, para enfatizar o fato. Gostei, acho que o pequeno Fernando continuará perpetuando o nosso folclore, pois já começou a pesquisar e a se interessar pelo assunto.

19 – Esta foi narrada há poucos instantes por dona Maria Piedade da Silva, mãe de Aparecida Bispo.

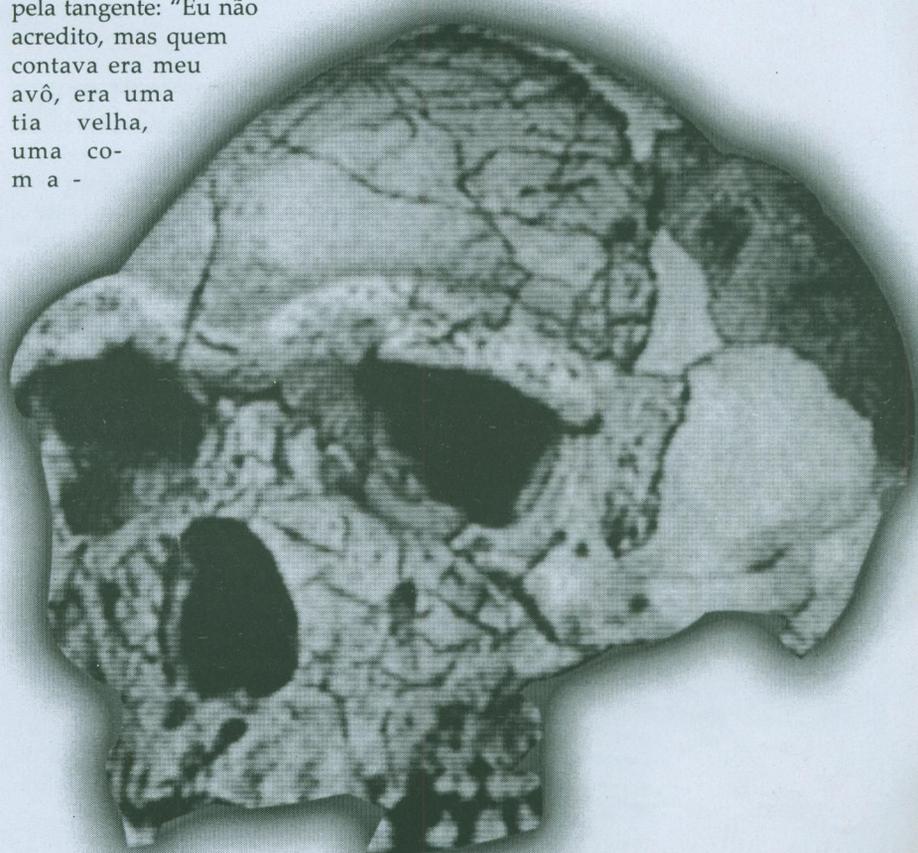
Havia grande família na cidade antiga, gente que só sabia brigar. Uma das mulheres da casa batia demais em um menino que, vez por outra, revidava os tapas. Tanto apanhou que foi ficando doente, magro, acabrunhado, sem dormir, até que morreu. Daí veio o arrependimento da mãe, que chorava sem parar. Um passarinho molhado começou a persegui-la, pousando no seu ombro. Assustada, contou às pessoas vizinhas, que pediram que ela fosse ao cemitério, rezar pelo morto. Chegando lá, sobre a cova rasa do filho, o passarinho molhado. Mais amedrontada ainda ficou, ao ver a mão sequinha do defunto para fora. O padre pediu-lhe que desse uma pancada na mão da criança. Ela o fez, o passarinho sumiu, a alma infantil encontrou a paz.

Assim, coletei o quanto pude em espaço restrito de tempo. Tenho certeza de que, com mais vagar conseguiria, de pessoas que, como eu, alcançaram a vetusta idade de 81 anos, outros fatos que, relatados, trazem sempre a afirmativa: "É verdade!". Ou: "Eu vi! Eu senti!". Disfarçadamente, alguns saem pela tangente: "Eu não acredito, mas quem contava era meu avô, era uma tia velha, uma com a -

dre". Em cidade pequena, com o estilo de vida que se leva, oriundos, em sua maioria, da zona rural, todos os antigos moradores têm um feito fantástico para passar adiante. "No creio en brujerías, pero que las hay, las hay."

Deliciem-se, agora, com este precioso trecho de poesia lírica, cavernosa e sensual, cujo finalzinho, tão tétrico era, que nenhum informante é capaz de lembrá-lo. Já foi cantado por diversas duplas sertanejas. Eis o que sabemos:

*Eram duas caveiras que se amavam  
E à meia-noite se encontravam  
Pelo cemitério os dois passeavam  
E juras de amor então trocavam  
Ao longe uma coruja cantava alegre  
Por ver os dois caveiros assim feliz  
E quando se beijavam em tom fúnebre  
A coruja batendo as asas pedia bis  
Mas um dia chegou de pé junto  
Um cadáver fresco de um defunto  
E a caveira "prele" se apaixonou  
E o caveiro antigo abandonou.*



# Danças Tradicionais



**Juarez Nunes da Silva**  
Conselheiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho  
integrante da Comitativa do Centro de Tradições  
Gaúchas Rancho Velho, Caxias do Sul (RS)

## OS SÍMBOLOS, USOS E COSTUMES DO GAÚCHO



Brasil é berço de um tipo de gente diferente cuja mescla de hábitos e costu-

mes dá o tempero que torna a nossa terra um lugar bom de viver. E os gaúchos, forjados num cadinho racial de

muita diversidade, têm costumes e hábitos que se misturam com os vizinhos do Prata, entre os quais citamos:

### O CHIMARRÃO

É costume no Rio Grande ouvir-se dizer: "O importante nesta vida é mate e cara alegre... o resto a gente faz". Pois o chimarrão, bebida típica do gaúcho (instituída por lei), é um hábito que os rio-grandenses comungam com os argentinos e uruguaios, além de ser apreciado por muitos patrícios brasileiros. Foi o francês Saint-Hilaire que, em 1820, narrou esse hábito em passagem pelo sul, batizando a erva-mate de *Ilex paraguariensis*. O mate (chimarrão) é a infusão de folhas do pé de erva-mate, com água quente (o ponto é quando a chaleira chia – não pode ferver), servido em uma cuia (pequena cabaça ou porongo) e sorvido através de uma bomba (canudo metálico com haste, ponteira e coador), quase sempre de latão, alpaca ou prata, podendo ter detalhes em

ouro. É um ritual notado ao se cruzar galpões, ranchos e salas requintadas, onde a personalidade dos homens simples é marcada pela autenticidade, cultivando-se uma amizade desinteressada, estendendo-se o braço para oferecer um mate, num gesto que deposita confiança. O mate não causa câncer, porém oferece glucógeno ao músculo, tem vitaminas O, B, B1, cálcio, magnésio, sódio, ferro e flúor. É estimulante mental e ajuda na digestão. É uma herança dos indígenas.



# Usos e Costumes Gaúchos

## O CHURRASCO

Não é necessário nenhum motivo especial para que se possa saborear um autêntico churrasco gaúcho, também comida típica no RGS (instituída por lei). Consiste na carne de gado, preferencialmente a costela, colocada em espetos de madeira ou de metal (aço inox), salgada com sal grosso (sem outros temperos) e colocada sobre fogo a lenha ou carvão incandescente. Quando está pronta, basta "bater" o sal, para retirar o excesso, e servir. A churrasqueira não pode ser a gás ou ter aparelho rotativo. Esse hábito também foi herdado dos indígenas.

## O ARROZ-DE-CARRETEIRO

Desde os primórdios o gaúcho tem preferência pela carne. Além do churrasco, feito com a carne fresca da rês recém-carneada, um dos carros-chefes da cozinha gaúcha é o arroz-de-carreiteiro, feito com carne seca, no Rio Grande do Sul denominada "charque" – carne bovina salgada e seca ao vento. Aliás, o charque foi um dos baluartes econômicos desse Estado e motivo também da Guerra dos Farrapos. Ainda hoje se aprecia esse prato típico do campesino, do tropeiro e do carreiteiro.

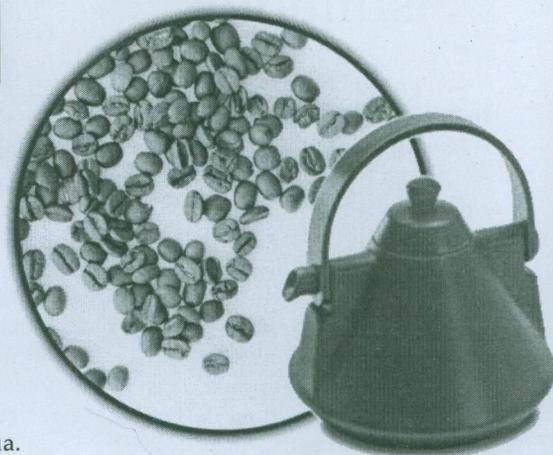


## O CAFÉ-DE-CHALEIRA

Feito idealmente em chaleira de ferro, esse é um costume ainda praticado nos tempos atuais, nas fazendas e nos encontros galponeiros, para reviver o passado: tomar um café de chaleira ao amanhecer. Colocam-se duas colheres, ou a gosto, de café dentro de uma chaleira com água fervida. Mexe-se bem o pó com a água. Coloca-se novamente no fogo até levantar a fervura e depois se retira a chaleira do fogo. Para baixar o pó, basta colocar um tição (graveto em brasa) dentro da chaleira, para provocar nova ebulição: e está pronto o café. Antigamente já vinha composto, isto é, já era preparado com açúcar queimado, não necessitando adoçar. Trata-se de uma bebida "louca de especial".

## A MEDICINA CAMPEIRA

A medicina intuitiva praticada pelo homem simples do povo é uma das manifestações folclóricas mais antigas do universo. No Brasil trata-se de uma verdadeira instituição. No Rio Grande do Sul, os "profissionais" chamados de curandeiros são o benzedor, o *justa ossi* – arrumador de ossos – a parteira. Não se pode esquecer das figuras das avós, mães e comadres. Além das ervas, há a aplicação da **açoterapia**, isto é, quando se usa uma faca para "cortar o mal". O inchume de um galo desaparece, passando-se a lâmina por cima de um instrumento cortante, em forma de cruz. Da mesma maneira, curam-se dores, inchumes, câimbras etc.



A **banhoterapia**, chamada de banhos de cura ou de defesa, utiliza ervas, salmouras, como os escaldapés, banhos de assento, banhos sulfurosos etc.

A **belezoterapia** abrange o cuidado com a aparência pessoal. Por exemplo: tratar a pele do rosto com rodela de pepino. Tirar manchas da pele com a água de arroz. Fortificar os cabelos com babosa. O óleo de mocotó aromatizado com alecrim, alfazema ou manjerição tem a mesma finalidade. O mau hálito pode ser combatido mastigando-se cravo-da-índia. As rugas dos olhos podem ser amenizadas com banhos de salsa. A calvície pode ser tratada por meio da infusão de cachaça com urtiga.

A **calorterapia** consiste no uso de emplastos ou compressas quentes ou até de um ferro em brasa para cauterizar ferimentos.

A **canhoterapia** é a mistura de cachaça com ervas medicinais para diversas finalidades, como abrir o apetite ou curar gripe, sarampo, espasmo, coqueluche, dor de dente, unha encravada e assim vai...

Além dessas, há a **excretoterapia**, uma das mais antigas práticas ligadas à medicina mágica e supersticiosa. Sangue, fezes, urina, saliva, esperma, cera de ouvido e outros fluidos mais são largamente empregados nessa terapia. Por exemplo,

o excremento seco do cão é utilizado para combater a coqueluche. O esterco fresco de gado sobre uma pisadura de arreo em um animal (cavalo) cura a ferida. O de capivara seco é um importante anti-hemorrágico. O sangue bovino ainda quente constitui um poderoso fortificante para quem é fraco dos

pulmões. A queimadura produzida por uma fricção de laço é curada com urina quente. Para crescer bigode nos adolescentes, o bom é passar excremento fresco de galinha. Dizem que é tiro e queda... Mas, numa despensa campeira, não podem faltar açúcar, água, álcool, bicarbonato de sódio, cera, cinzas,

creolina, enxofre, farinha de milho e mandioca, fumo, graxa, mel, óleo de mocotó, ovo, pólvora, querosene, sabão, sal, vinagre, entre outros. Não esqueçamos das ervas: açoita-cavalo para o reumatismo, caraguatá para catarros, guaco para tosses e bronquite, malva para infecções etc.

## Nossos símbolos

Além do chimarrão e do churrasco, são símbolos alusivos à cultura do Rio Grande do Sul:

**Ave:** o quero-quero (*Belnopterus chilensis cayennensis* e *Belnopterus chilensis lampronotus*) é uma ave que habita nossos campos e faz alarido diante da presença de estranhos (considerada uma sentinela dos pagos). Lei nº 7.418, de 1980.

**Animal:** o cavalo crioulo, considerado patrimônio cultural do Estado, instituído pela Lei nº 11.826, de 2002.

**Árvore:** a erva-mate (*Ilex paraguariensis*). As ervateiras são as árvores produtoras das folhas, que são trabalhadas no sapeco e depois secas no carijo (fumaça) ou barbaquá. Finalmente são cancheadas (trituras) para o consumo da bebida típica: o chimarrão. Lei nº 7.439, de 1980.

**Flor:** a brinco-de-princesa (*Fuchsia regia*) é uma espécie muito comum na região. Decreto nº 38.400, de 1998.

**Planta Medicinal:** a espécie mais conhecida como marcela ou macela (*Achyrocline satureoides*). Lei nº 11.858, de 2002.

**Nossa Bandeira:** o primeiro estandarte era de formato quadrado e não trazia o brasão atual. Foi criada

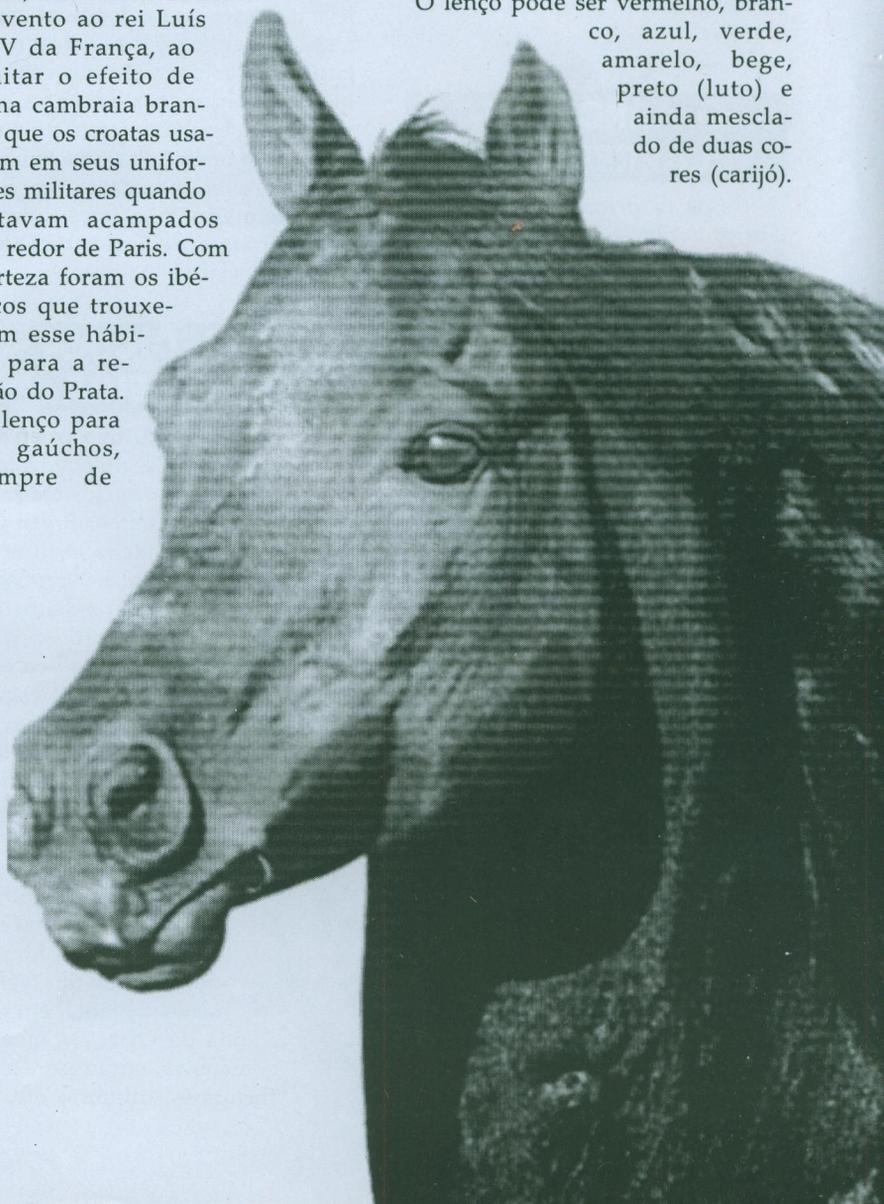
na Guerra dos Farrapos pelo italiano Zambecari e apresentado em público em 1836, conduzido pelo major Gavião (Teixeira Nunes). O brasão foi criado por Bernardo Pires e somente apareceu em 1839. A atual bandeira do Rio Grande do Sul foi adotada em janeiro de 1966.

**Nosso Hino:** a música foi composta pela Banda Imperial, aprisionada pelos farrapos na tomada de Rio Pardo, em 1838. A composição é de autoria do maestro Joaquim José de Mendanha. A letra, escrita por Francisco Pinto Fontoura, somente foi introduzida por ocasião da propaganda republicana.

**Os Lenços e suas cores:** a origem do uso dos lenços de pescoço é incerta, mas atribui-se seu advento ao rei Luís XIV da França, ao imitar o efeito de uma cambraia branca que os croatas usavam em seus uniformes militares quando estavam acampados ao redor de Paris. Com certeza foram os ibéricos que trouxeram esse hábito para a região do Prata. O lenço para os gaúchos, sempre de

seda, franjado ou não, além de uma peça da indumentária era usado para não desgastar a gola das camisas, para conter o suor da testa e também para "cegar o corte de uma lâmina", em caso de peleia. Mais tarde, foi utilizado como símbolo de filiação política, semelhante ao adotado pelos orientais e castelhanos (colorados, blancos e azules e blancos). Em 1893, os gaúchos dividiram-se em maragatos (lenço vermelho) e pica-paus (verde), quando se deu o início da Revolução Federalista. Em 1923, novamente dividiram-se em maragatos (vermelho) e chimangos governistas (branco). Somente em 1930 Getúlio Vargas conseguiu unir os gaúchos por ter na família as duas facções.

O lenço pode ser vermelho, branco, azul, verde, amarelo, bege, preto (luto) e ainda mesclado de duas cores (carijó).



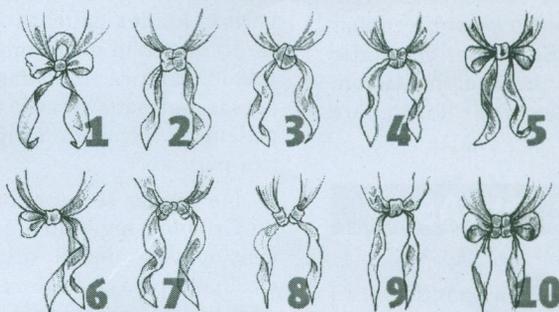
# Os nós de lenços

Não se encontra um gaúcho com a sua indumentária típica, a bombacha, sem um lenço no pescoço com um dos seguintes nós mais usados:

1. CRUCIFIXO: é o nó religioso, em forma de cruz.

2. QUADRADO: é o nó rapadura, quatro cantos ou maragato. Usado pelos opositores do governo em 1923. É o nó de Assis Brasil.
3. SACO DE TOURO: também conhecido como três galhos ou amizade.
4. SOLEDADE: papagaio, triangular ou coração de boi.
5. DOIS TOPES: ou borboleta, foi muito usado pelo Marechal Deodoro.

6. PACHOLA: é o nó de briga ou de ginetear (fácil de soltar).
7. DUPLO: ou dois corações, é uma variação do laço dos namorados.
8. NAMORADOS: é um nó alegre, usado pelos peões solteiros.
9. COMUM: simples, tradicional, chimango ou biscoito. Era usado pelos pacifistas nas revoluções de 1893 e 1923 contra os maragatos (federalistas).
10. FARROUPILHA ou REPUBLICANO: em forma de tope, foi usado pelos farrapos em 1835.



Os lenços podem ser usados à meia-espádua (1), sobre a cabeça, com o tope abaixo do pescoço (2), à corsário, com o tope na nuca (3), sobre os ombros (4) e dobrado no pescoço, por dentro do colarinho ou por fora (5).

## Mitos e lendas

O gaúcho não é muito diferente dos patrícios brasileiros e tem seu imaginário supersticioso, acreditando em aparições, criaturas lendárias e mitológicas. Há um ditado muito comum no Rio Grande que diz: "Em bruxas não acredito, pero que las hay, las hay", isto é, "Não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem".

## OS MITOS

O gaúcho teme o diabo e dificilmente pronuncia essa palavra. Prefere dizer tihoso, capeta, satanás, belzebu, demo etc. De maneira geral, a gauchada acredita que o diabo está preso por uma corrente ao pé do trono de Deus durante o ano inteiro e é solto na Sexta-feira da Paixão, dia de não fazer jogatina, beberança, bailes, escutar rádio etc.

O lobisomem, dizem, é o sétimo filho homem de uma família, a menos que seja batizado pelo irmão mais velho. Normalmente é de raça branca, magro, olhos fundos, dentes salientes e pálido. Mora sozinho ou com a mãe. Não faz mal a ninguém, mas, se atacado, reage, mordendo cães e pessoas. Na região italiana, é chamado de *Il Massarol*.



A bruxa tem como arma o olho grande, matando animais, fazendo as crianças minguar, lavouras perder a safra e assim por diante. Também dizem que a sétima filha mulher fatalmente será bruxa se não for batizada pela irmã mais velha. Quando o gaúcho sai a cavalo pelo campo e ouve uma gargalhada passando por cima, pode ter certeza: é a bruxa.





O **sanguanel**, um mito gringo, constitui uma crença viva na região ítalo-gaúcha: trata-se de um ser pequeno, de cor vermelha que vive nos pinheirais. Seu prazer é roubar crianças. Elas ficam dias em poder do sanguanel, que as alimenta com água e mel e depois as liberta para suas casas.

## AS LENDAS

As mais famosas são:

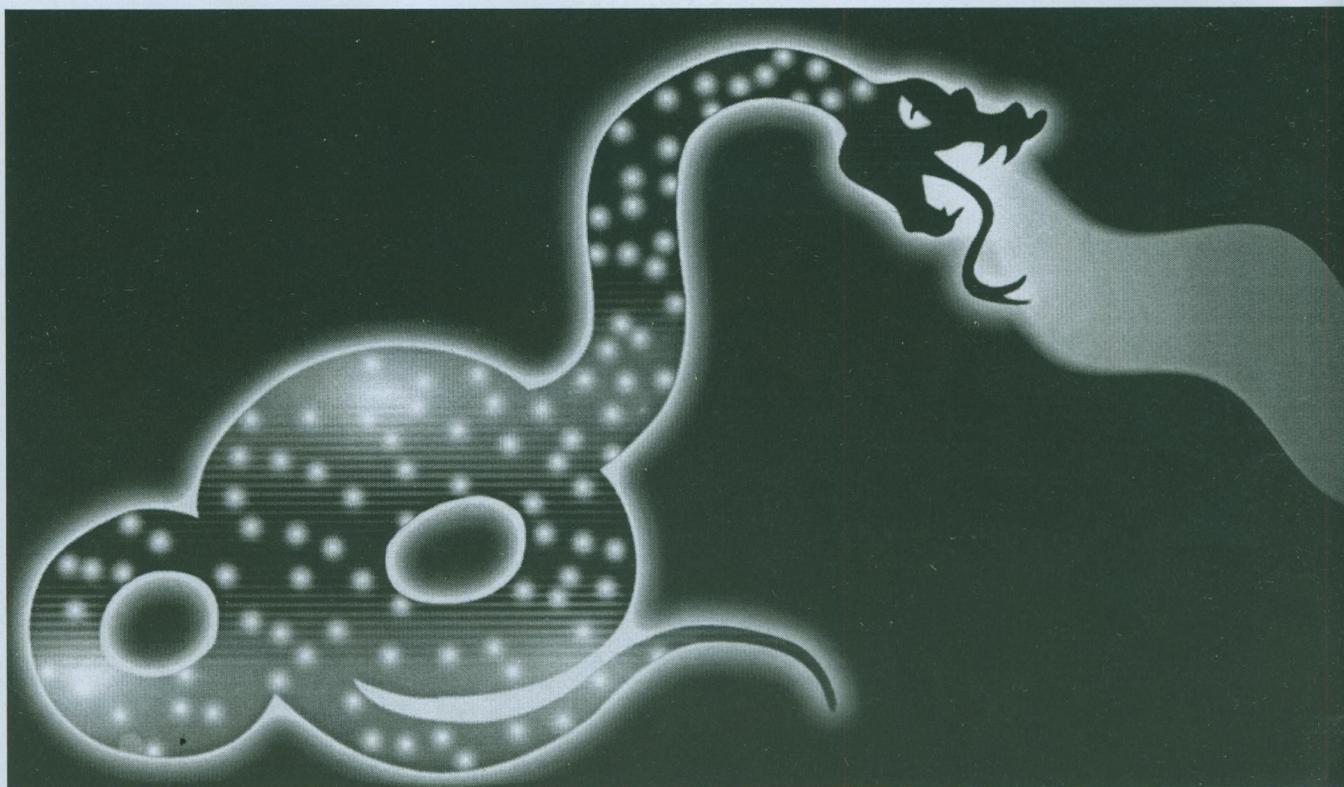
A do **Boitatá**, a grande cobra guaçu-boi que comeu os olhos dos mortos e acabou explodindo com tanta luz. E o clarão da guaçu-boi espalhou-se pelos rincões, assustando os gaúchos.

A mais importante é a da **Salamanca do Jarau**, uma lagartixa que à noite se transformava em princesa moura e se enamorou de um sacristão. Eles passaram várias noites juntos até que o padre des-

cobriu e mandou puni-lo. A Salamanca cavou túneis por debaixo da terra até chegar ao seu amado, salvando-o da punição. Infelizmente, *A Casa das Sete Mulheres* deturpou esse imaginário, chamando-a de demônio. O imaginário diz que a teiniaguá e o sacristão teriam sido os primeiros pais dos gaúchos.

A lenda do **Negrinho do Pastoreio** conta sobre um menino negrinho que cuidava de alguns animais numa fazenda onde o patrão era muito ruim. Um animal se perdeu no pastoreio e o garoto saiu com um toco de vela acesa para achá-lo no campo. Amanheceu e o animal não foi encontrado, fazendo com que o patrão mandasse palanquear o menino e surrã-lo. Depois, atirou-o num formigueiro. Até hoje, em várias cidades gaúchas há estátuas do negrinho no formigueiro e a cavalo, sempre rodeadas de velas acesas por seus devotos, que lhe pedem para encontrar algo que esteja perdido.

Na região serrana, há a lenda do **Gritador**, segundo a qual um jovem maldoso deixou o seu animal encilhado para ir a um baile. Como demorava para sair, a mãe desencilhou o animal e soltou-o no pasto. Com raiva, o filho pegou a mãe pelos cabelos e encilhou-a. Como praga, ela rogou-lhe que nunca teria sossego e sentiria muita dor depois da morte. Ainda hoje, próximo dos Aparados da Serra, se ouvem, em noite de lua cheia, gritos inexplicáveis de alguém sentindo uma dor insuportável.



# A indumentária histórica gaúcha

Segundo Manoelito de Ornellas, "jamais se poderá afirmar a origem étnica unilateral de qualquer povo da terra". Com base nessa assertiva, não podemos justificar, sob o ponto de vista racial, os hábitos e costumes do gaúcho. É sabido que o rio-grandense é fruto de um grande cadinho racial, em que índios, ibero-lusitanos, negros, açorianos, alemães, italianos e outras etnias colaboraram para a formação desse tipo brasileiro interessante. Mas há uma influência muito grande dos árabes, pois os ibero-lusitanos que aqui chegaram já não eram puros, uma vez que foram dominados pelos sarracenos (muçulmanos) por mais de 900 anos. Isso quer dizer que herdamos dos ibero-lusitanos, influenciados pelos árabes, a paixão pelos cavalos, além de apreciar ficar só, com os próprios pensamentos, mateando (tomando chimarrão), junto ao galpão (pequena moradia), que nada mais seria do que a representação da tenda de lona árabe.

E a bombacha – calças largas utilizadas pelos gaúchos – também tem origem com os zuavos turcos. Pelos idos de 1857 até 1900, os zuavos usavam calças largas a que chamavam de seroual. Mais tarde, os ingleses, franceses e catalães também passaram a adotar as calças do mesmo feitio. Mas foi com a Guerra do Paraguai, em 1865, que esse traje passou a ser empregado pelos gaúchos, trazido para a região platina como sobra dos uniformes que seriam utilizados pelos franceses, ingleses e turcos na Guerra da Criméia (1853-1856), contra os rus-

ses. Os soldados voluntários da pátria da Bahia, em 1865, também chamavam-se zuavos por usarem o seroual. Havia dois tipos de zuavo – os da bahia e os turcos. Os baianos receberam a alcunha de "zuavos", pela semelhança dos seus uniformes com os antigos zuavos turcos (que usavam o seroual).

Assim, de traje inicialmente militar, a bombacha passou a fazer parte o vestuário civil, simbolizando aqueles que se dignificaram a defender a pátria e incorporando-se ao cotidiano do gaúcho sul-americano.

Os trajes típicos do gaúcho estão divididos por épocas, conforme o seu aparecimento. Obs.: os grupos folclóricos são orientados pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho a representarem cada época, com a maior fidelidade possível, evitando a deturpação da indumentária.

Vejamos as épocas:

## 1. ÉPOCA DO CHIRIPÁ PRIMITIVO OU CHANGADOR (1750-1820)

A expressão chiripá vem do quíchua e significa "contra o frio". Trata-se de um pano em forma de saia preso à cintura por um cinturão de couro com fivela (figura 1). Nesse período, aparece a bota garrão de potro (couro retirado da perna do potro e seco para ser utilizado como calçado). Também surgem os chapéus de palha. O chiripá primitivo é adotado apenas pelos peões (serventes das estâncias), que usam boleadeiras (três bolas presas com tiras de couro), faca na cintura ou garrucha. A mulher dessa época, por não ter condições econômicas, vestia-se pobremente.

## 2. ÉPOCA DO CHARQUEADOR (ESTANCIADOR) E DO CHIRIPÁ FARROUPILHA

Por ser o patrão, o estancieiro usava as bragas – calções justos nas coxas terminando nos joelhos (figura 3) – e, por baixo, ceroulas compridas com crivos, rendas ou franjas. As bo-



tas são fortes, podendo chegar acima dos joelhos (russilhonas) (figura 4). As camisas não têm botões e nos punhos possuem cordões para prender. Na cintura, faixas apertando o cós das bragas. Também se pode usar jalecos (colete) ou véstia (do tipo casaquinho). Na cabeça ou no pescoço, um lenço de seda ao estilo dos piratas (do tipo touca, com as pontas para trás). O chapéu, de copa alta e abas estreitas de feltro, tem barbicachos de seda trabalhada. O cinturão é enfeitado com moedas de ouro ou prata. Também se usam esporas do tipo chilena, de prata. É a época do comércio de couros e derivados do gado (sebo, carne). O chiripá farroupilha (figura 2), mais utilizado pela peonada, é um pano quadrado passado por baixo das pernas e preso à cintura, como se fosse um fraldão. As ceroulas continuam iguais. As botas podem ser garrão de potro, e o cinturão aparece com pequenas bolsas (guaiacas). À cintura, sempre uma faca. O charqueador ou estancieiro leva à mão um chicote ou arreador. A mulher, esposa do estancieiro, adota a moda européia, com vestidos longos de seda ou veludo.



### 3. ÉPOCA DO GAÚCHO FAZENDEIRO (BOMBACHAS)

Essa período vem de 1865 até nossos dias (figuras 5 e 6). O gaúcho passa a usar bombachas lisas ou com favos laterais. Veste-se com colete e paletó, camisa com botões e lenço ao pescoço. Sobre o cinturão-guaiaca, pode usar uma faixa. O chapéu é de feltro. O uso do pala (poncho) é opcional. As botas são de couro forte, podendo ter o cano em forma de fole de gaita (costume da região serrana). Às costas, sempre uma faca para as lides de campo. As botas são pretas ou marrons.

### 4. OTRAJE DA PRENDA TRADICIONALISTA

A indumentária da mulher (prenda) não tem origem, sendo uma in-

venção tradicionalista criada em 1949 (é folclórico, porém não histórico, podendo tornar-se). Ela pode usar vestido, saia e casaquinho, de uma ou duas peças, com a barra da saia no peito do pé, podendo ser godê, meio-godê, em panos, babados ou evasês, com cortes na cintura, cadeirão ou corte princesa. Deve ter mangas, pelo menos até o cotovelo. O decote é discreto, assim como os tecidos, sem cores chocantes ou fosforescentes nem transparências. Por baixo do vestido, usa-se saia de armação branca. Como roupa íntima, adota-se uma bombachinha branca até os joelhos. Os sapatos são de cor preta, branca ou bege. Ela pode usar fichu (espécie de lenço triangular) na cabeça, no pescoço ou nos ombros, xale, brincos discretos, até dois anéis, camafeu, capa de lã e leque.

O uso da indumentária gaúcha (pilcha) é regulado pela Lei nº 8.813, de 10.01.89, e constitui um traje de honra, de gala, podendo substituir o smoking.

O autor e a esposa usam um traje da época farroupilha, com chiripá à morteiro, ceroulas de franjas, cinturão-guaiaca, faixa bordada, colete e véstia, lenço à corsário e chapéu de copa alta com barbicho de seda. A prenda usa um vestido com casaquinho, cujo modelo foi trazido dos antepassados imigrantes italianos, com o propósito de valorizar a cultura local.

## As danças tradicionais e o padroeiro dos dançantes gaúchos

Desde os tempos mais remotos da história dos povos, a dança sempre esteve presente na cultura humana, inicialmente ligada a manifestações de culto, como as de caça, de máscaras, guerreiras, nupciais, de iniciação, fúnebres, medicinais, de colheitas, lúdicas ou religiosas. E as danças folclóricas, nos dias de hoje, ainda se mantêm ligadas a manifestações de culto, evocando fatos épicos ou promovendo atos propiciatórios, a fim de estimular a coesão social. E dessa forma associa-se a música ao gesto, às cores, ao ritmo,

dando mostras de manifestação de saúde, bem-estar, resistência física, alegria e vigor. Dançar é um exercício físico e mental que visa a harmonia dos movimentos corporais em relação ao ritmo da música, cuja temática busca a sintonia do estado psicossocial e cultural do dançante, sem perder a estética. A dança deve ser executada com a cabeça, e não somente com os pés. No dizer do folclorista Paixão Cortes, "a dança exige mais: espiritualidade".

E o gaúcho, gentílico que identifica o brasileiro que nasceu e vive no Rio Grande do Sul, preserva e divulga a cultura folclórica tradicionalista rio-grandense. E nesse contexto, as danças tradicionais estão classificadas em quatro gerações coreográficas, interligadas por hibridismos, que nos identificam no tempo e no espaço, caracterizando a presença social e histórica. Além das gerações, os pares – peão (homem) e prenda (mulher) – observam rigorosamente a vestimenta, o trajar, o bem-vestir, que seguem

as características das roupas de cada época histórica, sem invenções, aberrações ou fantasia.

E antes do bailar, nada como acender uma vela a São Paschoal Bailão, para que a prenda arrume um bom par e dance a noite inteira. São Paschoal Bailão nasceu em 1540, em Valença (Espanha). De pastor tornou-se um franciscano cuja presença sempre alegre e festeira se fazia acompanhar de fervorosa oração rezada, encontrando sempre um caminho para a solução dos problemas humanos. Morreu aos 54 anos e foi canonizado pelo papa Alexandre VIII. Seus milagres espalharam-se pelos ibéricos e chegou até a Campanha Gaúcha, onde é venerado nos salões de bailes como o padroeiro dos bailantes gaúchos.

As gerações das danças tradicionais gaúchas partem dos reflexos europeus motivados pelas "modas" chegadas até os nossos rincões, além das manifestações da própria América. São elas:



## PRIMEIRA GERAÇÃO OU CONTINENTINOS

São aqueles de par solto e independente. A dama e o cavalheiro (prenda e peão) ora se aproximam, ora se afastam, simulando negaças de namoriscos, fazendo linguagem mímica de conquista amorosa, sem toque dos corpos. A conversa se dá no olhar. O peão chama a atenção da prenda por meio de sapateios de forma máscula (não brutal). A prenda faz gestos singelos e recatados, com sarandeios, sem exageros. É freqüente a batida de palmas rítmicas e o castanholar dos dedos entre os pares. Citamos as danças: tirana do lenço (de influência espanhola), tatu com volta no meio (gaúcha - desenho 4), e tirana do ombro (criação).

## SEGUNDA GERAÇÃO E A ETIQUETA

Trata-se das danças com influências da corte francesa, dos tempos de Luís XIV - o Rei Sol -, quando a etiqueta, o cerimonial, era a tônica. A dama e o cavalheiro tomam-se suavemente pelas mãos, executam giros lentos e fazem reverências um ao outro (minuetos). Nessa geração está a dança do caranguejo (brasileira - desenho 2) e a queromana (gaúcha).

## TERCEIRA GERAÇÃO E AS CONTRADANÇAS

Com influência européia, surgem as contradanças, em que homens e mulheres, aos pares, se postam em duas fileiras paralelas ou fazem um círculo dando as mãos ou os braços. Sob o comando de um mestre-sala iniciam a formação de figuras geométricas. Foi nessa geração que o homem deu "o braço à mulher". São exemplos das danças em roda: rilo (de influência escocesa), cana-verde (portuguesa - desenho 6), pericón (influência francesa e platina) e siriri (brasileira). Como danças em fileiras opostas, temos: chimarrita (açoriana), maçanico (portuguesa), pezinho (portuguesa/açoriana) e vinte-e-quatro (local).



## QUARTA GERAÇÃO E OS BAILES ENLAÇADOS

Por volta de 1830, a valsa era a dança lúdica na França. Com ela iniciou-se a quarta geração, em que os pares podiam dançar independentes, soltos, sem comando. São danças dessa época: a valsa ou valsa campeira - desenho 5, o chotes gauchesco, a rancheira (gauchesco - desenho 3), a mazurca (galopeada ou marcada), o terol, a polquinha, a havaneira (cubana) - o ritmo mais dançado nos bailes gaúchos, o chotes-carreirinho (alemão), chotes-de-sete-voltas (gauchesco), o contrapasso, o bugiu (gauchesco), a chorosa, a sarna, o graxaim (gauchesco), o chamamê (argentino) e a milonga (platina).

## OS HIBRIDISMOS

São as junções da gerações. No dizer de Paixão Cortes: "Do que chegou, do que estava e do que ficou". São elas:

1. de 1ª e 2ª gerações: anu (gauchesco);
2. de 1ª e 3ª gerações: balaio (brasileiro) e o sarrabalho (gauchesco);
3. de 1ª e 4ª gerações: chimarrita-balão (Portugal), chico sapateado (gauchesco - desenho 1), polca mancada (gauchesco), terol sapateado (gauchesco) e rancheira de carreirinha (criação); de 2ª e 4ª gerações: o chotes inglês (europeu);



4. de 3ª e 4ª gerações: a meia-canha ou polca de relação (influência platina).

Além dessas danças, os gaúchos também têm:

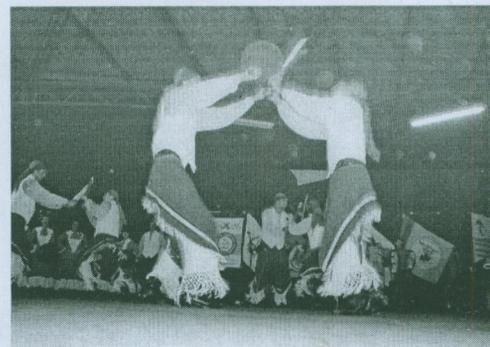
**DANÇAS RELIGIOSAS:** de São Gonçalo do Amarante, danças dos quicumbis e dos moçambiques.

**DANÇAS MASCULINAS:** chula, dança dos facões, fandango sapateado e chico-do-porrete.

**DANÇA ESPECIAL:** chotes das duas damas (um peão e duas prendas).

**DANÇAS ENSAIADAS:** o paude-fitas, a jardineira, a faca-maruja e o masquê.

Assim, o gaúcho bailou de diversas formas e continua revivendo esses bailares e dançares. Segundo o folclorista Paixão Cortes, nada é essencialmente nativo. Em seus bailes, o gaúcho, à semelhança do sertanejo, limitou-se a dançar o que a cidade próxima envia como novidade. No ambiente rural, é claro que essas danças sofreram influência do meio e da instrumentação típica. Modificadas ou não, chegaram ao



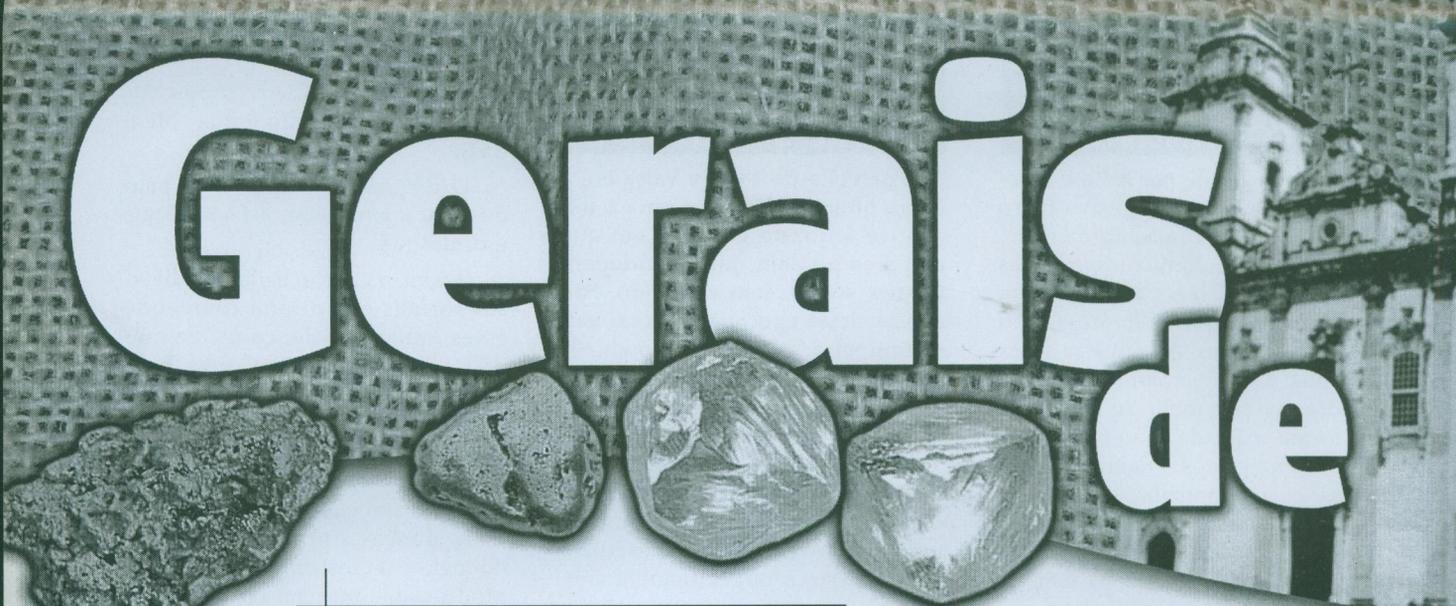
continente americano provenientes da Europa e trazidas pelos conquistadores espanhóis e portugueses.

De onde as danças gaúchas vieram, pouco interessa. O certo é que ainda hoje animam as festas do Rio Grande tradicional e dão alegria as forjadores da grandeza história do

nosso chão. As danças tradicionais cultuadas pelo gaúcho são também gaúchas a partir do momento em que esse povo lhes deu música, detalhes, colorido e alma nativa, sem que elas perdessem a referência de época, grupo social e ambientação original.



# Gerais de Minas



Gustavo Pereira Côrtes<sup>1</sup>

## A Metodologia da Pesquisa Folclórica na elaboração do espetáculo Gerais de Minas pelo Grupo de Projeção Folclórica Sarandeiros/UFMG

### Resumo

O Grupo Sarandeiros, companhia de dança especializada no estudo e divulgação das tradições folclóricas brasileiras, apresenta sua nova pesquisa para elaboração de um novo espetáculo, *Gerais de Minas*. Neste novo projeto, o grupo investe sobre o estudo das tradições de Minas Gerais, os aspectos históricos, geográficos e culturais que formam a essência do povo mineiro. Consiste também em um trabalho que servirá como fonte de pesquisa para os trabalhos de grupos de projeção folclórica que buscam uma metodologia adequada na preparação e na pesquisa que fundamenta a formulação de seus espetáculos parafolclóricos. A metodologia utili-

zada neste trabalho será a pesquisa bibliográfica, a pesquisa participante e a pesquisa documental de 04 festas folclóricas existentes no estado de Minas Gerais: Festa de Nossa Senhora do Rosário, no Sero, Festa do Rosário de Dores do Indaia, Festival de Folclore de Jequitibá e Festa dos Reis em Alto Belo. Reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho, os Sarandeiros traduzem em *Gerais de Minas* uma pesquisa que mergulha nas tradições mineiras para falar das festas, dos folguedos e das manifestações populares do estado, buscando compreender a partir destes elementos a existência de uma identidade cultural mineira, a chamada *mineiridade*.

de reconhecida pesquisa e divulgação das tradições folclóricas nacionais, com diversos espetáculos artísticos, oficinas e artigos publicados e apresentados no Brasil e no exterior. Fazem parte do repertório dos Sarandeiros, quatro (04) espetáculos elaborados a partir de estudos da diversificada cultura nacional nos últimos seis (06) anos de existência do trabalho do Grupo ligado à Universidade Federal de Minas Gerais. Há dois anos, o Grupo Sarandeiros vem estudando, pesquisando e buscando elementos cênicos para construir um espetáculo inspirado nas tradições mineiras. Investigar a cultura do povo brasileiro de forma artística e traduzir esta expressão em dança e música sempre foi o intuito dos Sarandeiros na elaboração de seus shows. Neste novo trabalho, a análise que será feita a seguir buscou perseguir uma resposta a discussões, por vezes acalorada, da presença de um caráter mineiro, de um mineirismo, ou para ser atual, de uma *mineiridade* implícita e característica do povo mineiro. Este trabalho busca instrumentalizar diretores, dançarinos, e coordenadores de gru-

### Introdução e Objetivos:

O Grupo Sarandeiros, companhia de dança que trabalha conjuntamente ao projeto de extensão Escola de Dança e Ritmo da UFMG, tem se constituído como espaço de aprendizagem, trocas e construção de conhecimentos em um trabalho

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG; Professor de Folclore do Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia ocupacional da UFMG; Membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore; Coordenador do Projeto de Extensão Escola de Dança e Ritmo Sarandeiros e diretor do Grupo Sarandeiros/UFMG.

# Minas

pos de projeção folclórica para as infinitas possibilidades de estudo sobre as raízes culturais de um povo. Neste sentido, argumentamos que é imprescindível um trabalho de pesquisa para nortear o fazer artístico, o que dará credibilidade e maior informação no auxílio do processo de criação dos espetáculos. A simples repetição do fato folclórico observado ou copiado, inspirado nas manifestações culturais autênticas, não trará nada de inovação em termos artísticos. Além disso, a cópia com certeza jamais terá a mesma beleza que o fato folclórico em si e nunca poderá ser qualificada como autêntica. Neste sentido, observamos que as linhas que distinguem o trabalho dos grupos de projeção folclórica ou parafolclóricos, dos grupos autênticos, são muito bem definidos, pois apresentam na sua essência, funções determinadas e diferentes na construção e realização do trabalho. Muito já se discutiu sobre os limites da projeção folclórica e o folclore, por vezes levando-se em consideração as definições de grupos parafolclóricos estabelecidos na Carta do Folclore Brasileiro de 2000<sup>2</sup>. Não é este o propósito deste artigo. Queremos discutir de forma prática, como pode ser realizado o processo para realização de um espetáculo inspirado no folclore do Brasil e neste caso específico, de algumas regiões do estado de Minas Gerais.

Em Minas Gerais, a pesquisa do Sarandeiros procura investigar em algumas manifestações folclóricas

existentes no estado, as origens, os usos e costumes existentes nas músicas, folguedos e danças que fazem parte da expressão cultural mineira e que tradicionalmente são representativos e significantes na postulação de uma identidade cultural do povo mineiro.

O Estado de Minas Gerais apresenta, segundo MARTINS 1991, 46 Micro-regiões e 10 unidades culturais:

1. Vale do Jequitinhonha – (Cidades pólos – Diamantina -Araçuaí)
2. Região Norte (Cidade pólo - Montes Claros)
3. Região da Zona da Mata (Cidade pólo – Juiz de Fora)
4. Centro e metalúrgica (Cidades pólos – Belo Horizonte - Curvelo)
5. Triângulo (Cidades pólos – Uberaba - Uberlândia)
6. Grande Sertão – (Cidade pólo – Unai)
7. Campo das Vertentes (Cidades pólos – S. J. Del Rei - Tiradentes)
8. Sul (Cidades pólos – Varginha - Poços de Caldas)
9. Nordeste (Cidade pólo – Governador Valadares - Nanuque)
10. Oeste (Cidades pólos – Bom Despacho, Dolores do Indaiá)

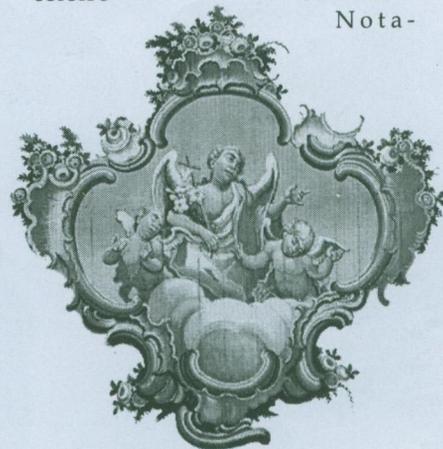
Esta distribuição não encontra unanimidade na bibliografia sobre o assunto. No site da Secretaria de Turismo do Estado de Minas, <http://www.descubraminas.com.br> encontramos outra distribuição das regiões culturais, que divide o estado

em 06 regiões culturais, a saber: São Francisco, Mineração, Café, Zona da Mata, Triângulo Mineiro e Nordeste, a mesma utilizada pelo Atlas de festas populares do estado de Minas Gerais, do Instituto de Geociência aplicada – IGA, do Governo do Estado de Minas Gerais, de autoria da Professora Deolinda Alice dos Santos.

No site <http://www.artesanatomineiro.com/html/regioes.html>, também encontramos outro estudo, com a divisão de Minas Gerais em 11 regiões culturais. Estas diferenças entre os estudos demonstram que os limites culturais são difíceis de serem demarcados, em comparação a critérios convencionais, como regiões políticas, econômicas, físicas naturais, geográficas ou sócio-históricas. A despeito do intuito didático de tais delimitações, deve-se fazer a ressalva de que talvez se trata de uma tentativa de circunscrever algo relativamente indelimitável. Além disso, aspectos culturais transcendem as fronteiras políticas do estado. A incorporação de tantos elementos faz de Minas, portanto, uma espécie de celeiro cultural.

Nota-

<sup>2</sup> Na revista da Comissão Mineira de 2000, o autor deste trabalho publicou o artigo, Folclore e Parafolclore, Inter-relações com a arte e a educação, em que discutiu este aspecto.



se marcadamente, na pretensa cultura mineira, influências oriundas de diferentes povos, o que proporcionou muitos tipos de "mineiridades", dotando o estado de manifestações únicas e típicas, e uma extrema diversidade entre as suas próprias regiões.

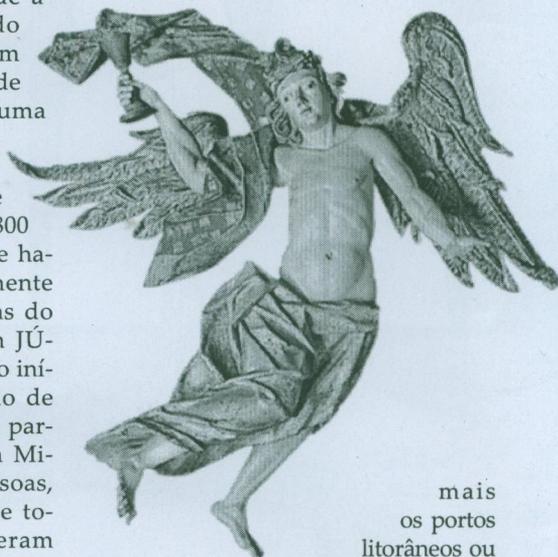
Para compreendermos as manifestações culturais existentes em Minas Gerais, e pela própria impossibilidade de se definir as regiões culturais do estado, buscar-se-ão pistas históricas na formação do povo mineiro e na origem das tradições regionais. Segundo DIAS, 1971, existe certo consenso entre estudiosos de que o caráter regional e cultural do povo de Minas formou-se no período agudo da mineração. Sabe-se que não existe caráter regional que seja imutável, intocado pelos processos de mudança. Entretanto, pode-se dizer que alguns fatores contribuíram para manter, até os dias atuais, a presença de uma noção, ainda que frágil, de cultura mineira. Um dos argumentos ressaltados é o fator geográfico em Minas Gerais, que legou aos habitantes da antiga província um isolamento natural. Avesso aos processos colonizadores do litoral, nos quais as cidades se mostravam abertas ao mundo pelo mar, as montanhas mineiras tornaram os municípios verdadeiros anfiteatros, fazendo do mineiro um tipo notadamente retraído e interiorano. Sabe-se, contudo, que os fatores geográficos não podem ser tomados isoladamente e, por si, não determinam exclusivamente os fenômenos da cultura.

Destaca-se também na história de Minas Gerais uma forte influência na intenção de formação do Bra-

sil como nação. Estima-se que a colonização e a descoberta do ouro e dos diamantes trouxeram para as terras mineiras cerca de meio milhão de pessoas, em uma das maiores migrações registradas na história do país. As quantidades de minérios e de ouro extraídas entre 1700 e 1800 foram superiores a tudo o que havia sido produzido anteriormente no mundo, incluindo as minas do Rei Salomão. De acordo com JÚNIOR, 1971, pode-se dizer que o início do processo de construção de uma nação brasileira se deu a partir da descoberta do ouro em Minas Gerais, já que muitas pessoas, de todas as procedências e de todas as partes da colônia, vieram para cá em busca de desenvolvimento e riqueza. Essa situação gerou muitos conflitos de ordem social e política, reivindicações e protestos em relação à dominação portuguesa, além de lutas pela independência e pela consolidação da pátria brasileira, dentre os quais destaca-se o famoso levante colonial, a *Inconfidência Mineira* (feitas, certamente, as ressalvas quanto ao caráter elitista da mesma). A hipótese parece pretensiosa, mas relativamente plausível. Por outro lado, a noção de unidade da pátria brasileira também é questionável. De qualquer maneira, daremos continuidade à explanação dos argumentos históricos que concorrem para uma idéia de *mineiridade*.

Dentro do contexto mencionado, a exploração do ouro na região mudou drasticamente o panorama cultural, social e econômico da antiga província. Contingentes demográficos numerosos e diversificados, vindos de todas as partes da colônia, foram atraídos para as Minas Gerais dando ao país o seu

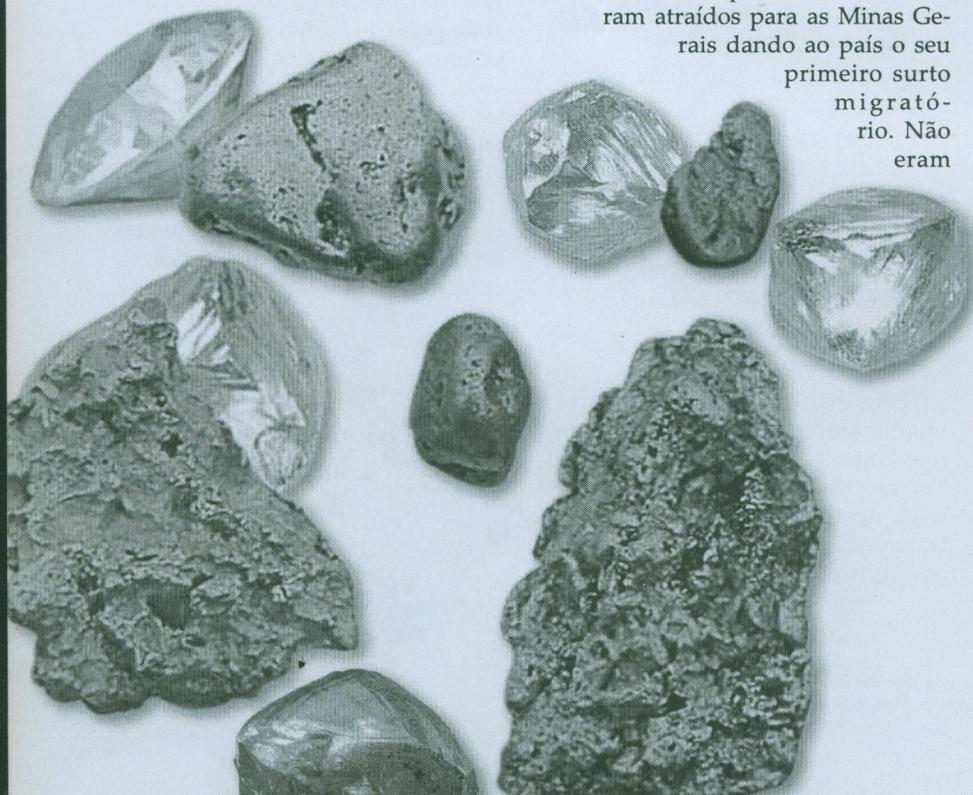
primeiro surto migratório. Não eram



mais os portos litorâneos ou os poucos arrai-

ais isolados e usados apenas como pouso que chamavam a atenção do explorador, mas sim as riquezas do novo eldorado. Vindos de todas as regiões do país, os exploradores em busca do ouro traziam para as terras mineiras, a atividade produtiva das mais distintas partes da colônia. Do Rio de Janeiro, que era o principal porto de saída do ouro, chegavam as mercadorias estrangeiras e mais escravos africanos; de São Paulo, saíam novas levas de bandeirantes em busca de minerais preciosos. Do extremo Sul, os tropeiros gaúchos, fornecedores de carne bovina e de mures usados no transporte; do Nordeste, os fazendeiros, trazendo da Bahia e de Pernambuco o gado e os produtos agrícolas; de mais longe ainda, os curraleiros do Maranhão, do Piauí e do Pará. Desta maneira, as áreas de mineração em Minas Gerais foram ponto de confluência de pessoas proveniente de diferentes partes da colônia e da África, que, atraídos pelas riquezas do novo eldorado, possibilitaram o desenvolvimento de uma cultura marcada pela diversidade e pela constituição do tipo mestiço, tido por vários autores como, nas devidas proporções, a imagem do "verdadeiro" brasileiro.

Segundo ARRUDA, 1999, foi também inegável a contribuição dos imigrantes portugueses, cujo legado trouxeram do Portugal agrário, de aldeias pequenas e pobres, sem qualquer mediação com a vida urbana. Trouxeram consigo valores tradicionais de festas em louvor a santos, do culto à vida doméstica e do apego ao patriarcalismo, implantando-os em terras mineiras. O conceito da tradicional família mineira estaria ligada a esses aspectos patriarcais e na defesa das mulheres de aventureiros que se atiravam no solo das Minas. A autora postula, assim, que graças ao ouro das terras mineiras ocorreu o milagre da



integração brasileira num evidente contraste com o que se passava no lado hispânico do continente, pulverizado em dezenas de nações.

Outro fator preponderante na formação cultural do estado mineiro foi a presença da Igreja Católica. De acordo com DIAS, 1971, em Minas Gerais o catolicismo assumiu a forma contra-reformista que, apoiada na pompa e na ostentação, pregava a elevação do espírito a Deus. Diversas manifestações culturais existentes atualmente nas terras mineiras surgiram no embate entre a religião e o poder do ouro. As maiores heranças desta época são as riquíssimas igrejas e esculturas talhadas em ouro e pedras preciosas, dedicadas ao encontro do espírito com o divino e as festas existentes no estado que homenageiam santos padroeiros. Impregnado de elementos riquíssimos, o ritualismo marcava todas as manifestações comunitárias. Pode-se verificar, por exemplo, através do pagamento de promessas, cantigas, danças, músicas, orações, levantamento de mastro para homenagear os santos padroeiros e os belos cortejos com as suas características próprias. Temos em vista, enfim, que a história consiste também em releituras do passado e apenas a elas temos acesso.

No trabalho de pesquisa e na elaboração do espetáculo Gerais de Minas, o grupo visa agregar elementos que contribuem para a noção do povo mineiro, relacionando os diversos aspectos sociais, políticos, geográficos e econômicos (cujas determinações têm seus limites) com as manifestações culturais existentes atualmente no estado. Apesar das representações cristalizadas sobre o folclore como algo distante, passado ou gasto, buscamos neste trabalho abordar as tradições do estado com o intuito de retratar sua dinamicidade, atualidade e relevância no contexto sócio-cultural, como algo que se presentifica e dá sentido às manifestações populares.

O trabalho dos Sarandeiros apresenta como objetivos principais:

- Construir um espetáculo que possa se inspirar, recriar e expressar, através da dança e da música folclórica, aspectos da cultura mineira;

- Buscar formas de compreensão de uma possível identidade cultural mineira que possam auxiliar na utilização do folclore e da cultura popular do estado de Minas Gerais como instrumentos pedagógicos;
- Verificar em pesquisas de campo novos elementos existentes em festas, danças e músicas do estado de Minas Gerais, buscando divulgar este trabalho de forma artística e bibliográfica.
- Instrumentalizar professores, através das mostras, espetáculos e demais produtos gerados pelas pesquisas, com conteúdos do folclore mineiro, dentre danças, cantigas, brincadeiras, lendas, etc., como forma de auxiliar no processo de transmissão desses saberes na escola.
- Atuar como Grupo de Projeção Folclórica representativo do estado de Minas Gerais, que valoriza as tradições de seu estado, com intuito de divulgar as manifestações populares existentes no estado.
- Abrir discussões na comunidade acadêmica sobre a suposta identidade mineira, através da apresentação do espetáculo Gerais de Minas, elaboração de uma cartilha pedagógica sobre este assunto e palestras sobre as festas pesquisadas.

## Metodologia da pesquisa folclórica utilizada em Gerais de Minas

A partir de GIL (1988), o trabalho metodológico da pesquisa incluirá:

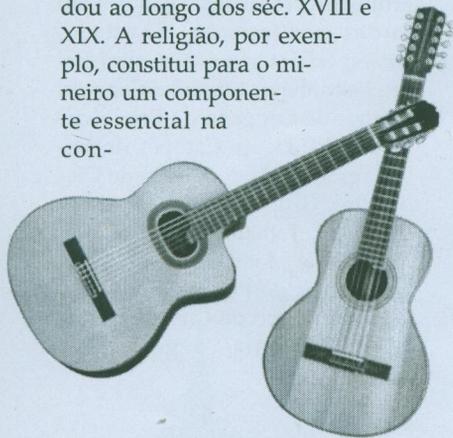
- *Pesquisas bibliográficas* sobre o contexto histórico e cultural do estado de Minas Gerais e a análise de obras e artigos que investigam a cultura mineira.
- *Pesquisas participantes* junto a algumas festas do estado, em especial: Festa de Nossa Senhora do Rosário, no Serro, Festa do Rosário de Dolores do Indaiá, Festival de Folclore de Jequitibá e Festa dos Reis em Alto Belo (Bocaiúva);
- *Pesquisa documental* através da utilização de filmes, documentários e apresentações folclóricas de danças, músicas e folguedos de vários grupos e pessoas ligadas à pesquisa das manifestações do estado, em especial: Grupo de Catira Pedro Pedrinho de Martinho Campos, Grupos de Congado de Belo Horizonte, Grupos de Catopês de Milho Verde, Festa do Divino de Diamantina, Grupo de Marujos de Rio Branco, Cavalhada de Morro Vermelho e de Mateus Leme, Grupos de Caiapós de Poços de Caldas e Oliveira, Grupo de Congo dos Arturos de Contagem entre outros.



- A *Coleta de dados* do trabalho incluirá análise de entrevistas semi-estruturadas com capitães de guardas, mestres de folias e responsáveis pelas manifestações pesquisadas, e a análise das fitas, documentários, músicas e danças coletadas nas festas observadas.

## Resultados e Discussão:

Além da sugestividade própria da presença de cidades históricas no estado, Minas Gerais ostenta a fisionomia de um estado dançante e musical. As serestas, modinhas de viola, festas de reis, do Rosário, do divino e os "causos" em volta da fogueira evocam uma idéia de um espírito festeiro do povo mineiro. Trata-se de um elemento de tradição e da cultura peculiar que ali se moldou ao longo dos séc. XVIII e XIX. A religião, por exemplo, constitui para o mineiro um componente essencial na con-



solidação de uma cultura característica e identitária do estado.

A pesquisa in loco das manifestações do estado e o estudo bibliográfico destas expressões folclóricas possibilitam observar dois aspectos intrínsecos da cultura mineira relacionados a expressões teológicas distintas. O primeiro, de caráter marcadamente religioso católico, refere-se as manifestações do Congado, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Segundo o Atlas de festas populares de



Minas Gerais, existem no estado 326 Festas do Rosário, presentes em diversas regiões do estado. No período da mineração, estas festas eram conhecidas como festas



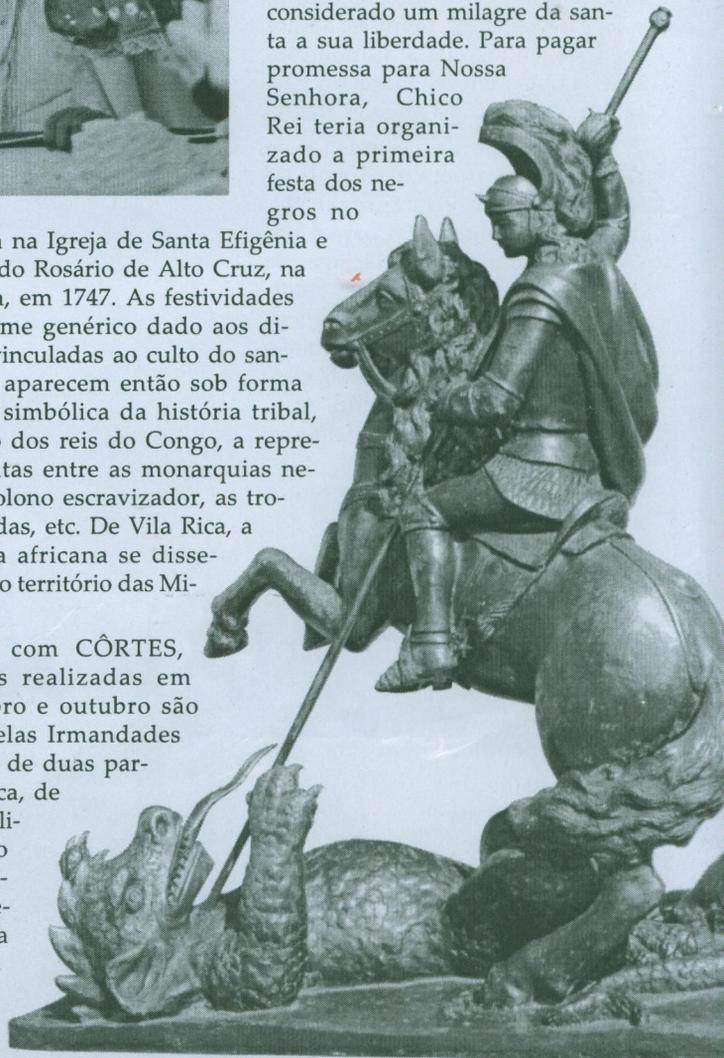
de escravos e remontam a história de Chico Rei, personagem mítico e considerado primeiro rei dos negros escravos em Minas Gerais. Segundo MARTINS, 1991, Chico Rei teria sido o Rei Ganga Zumba



Galanga, Rei do pequeno reino africano Congo dos Quicuios, trazido como escravo para Vila Rica juntamente com grande parte de sua corte, no princípio do séc. XVIII, e que, de acordo com estórias locais, teria se tornado muito rico com a exploração de uma mina abandonada e libertado vários escravos, criando a primeira irmandade dos negros livres de Vila Rica. Desta forma, a origem da festa no Brasil em homenagem a Nossa Senhora do Rosário estaria ligada à figura deste personagem, pois teria sido considerado um milagre da santa a sua liberdade. Para pagar promessa para Nossa Senhora, Chico Rei teria organizado a primeira festa dos negros no

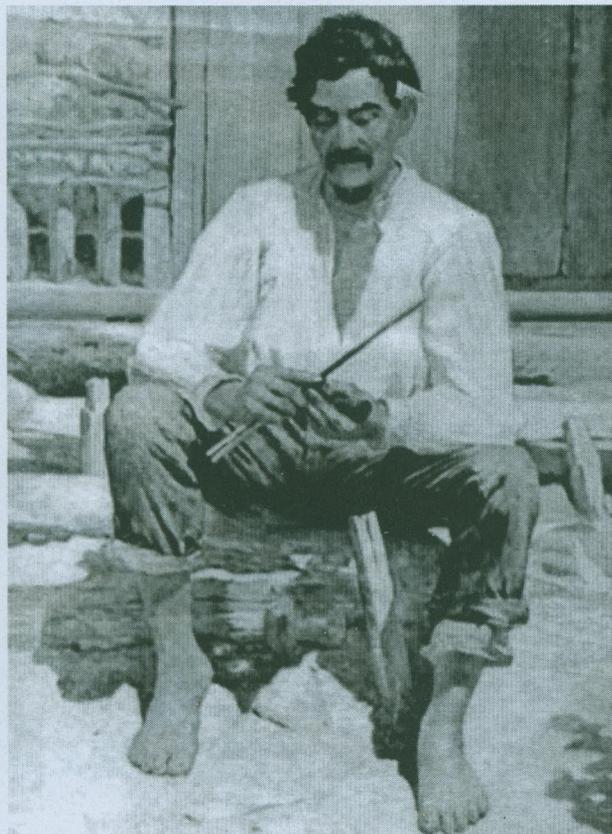
estado, ocorrida na Igreja de Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário de Alto Cruz, na antiga Vila Rica, em 1747. As festividades do *Congado*, nome genérico dado aos diversos grupos vinculadas ao culto do santo de devoção, aparecem então sob forma de reprodução simbólica da história tribal, com a coroação dos reis do Congo, a representação das lutas entre as monarquias negras contra o colono escravizador, as trocas de embaixadas, etc. De Vila Rica, a tradição festiva africana se disseminou por todo o território das Minas Gerais.

De acordo com CÔRTEZ, 2000, as festas realizadas em agosto, setembro e outubro são promovidas pelas Irmandades e compõem-se de duas partes: - a litúrgica, de conteúdo católico, incluindo missas e outros ofícios religiosos; e a folclórica, constituída pela subida do mastro, espetáculos pirotécnicos, números musicais e a presença dos reinados e suas guardas. Essas guardas, por vezes chamadas de batalhões, são unidades religiosas ou grupos autônomos, com denominação particular e estandarte próprio, cujos aspectos rítmicos, indumentárias, movimentos



e cantos são distinguidos entre oito grupos: - o Candombe, o Moçambique, o Congo, os Marujos, os Catopés, os Cavaleiros de São Jorge, o Vilão, e os Caboclos, também conhecidos como tapuios, botocudos, caiapós, tupiniquins, penachos. A maioria dos estudiosos dá ao papel da Irmandade e da Festa de Nossa Senhora do Rosário um importante elemento na integração do negro junto à sociedade brasileira. Agrupado em torno de uma devoção, o povo escravo procurou manter sua dignidade e aspirava sua valorização como ser humano dotado de conhecimentos, que merecia ser tratado com dignidade.

Um segundo aspecto referente à cultura de Minas seria a designação de *Caipira*, adjetivo normalmente associado ao povo mineiro. Segundo CASCUDO, 1988, *caipira* é o nome que designa o habitante do campo, equivalente a aldeão e camponês em Por-



tugal. Símbolo das principais manifestações relacionadas às *caipiradas*, ou reuniões de caipiras em festas votivas, as Folias de Reis, segundo o Atlas da Secretaria de Geociências de Minas Gerais, estão presentes em 336 cidades do estado, e constituem uma tradição portuguesa que perdura até os dias de hoje. Já foram registradas mais de 220 grupos na confederação das Folias de Reis do estado, presentes nas festas natalinas existentes no estado. Nestas festas são comuns danças como o Calango, o Lundu, o Carneiro, o Batuque, o

Pastoril, as Pastorinhas entre outras, que buscam homenagear o nascimento de Cristo. Por vezes, estas danças também são apresentadas em festas de padroeiros ou de forma notadamente profana, em agradecimento à natureza por boas colheitas.

### Conclusões:

As pesquisas realizadas e as produções artísticas do Grupo Sarandeiros oportunizam aos seus integrantes diversas atuações como músicos, bailarinos, figurinistas e pesquisadores para a realização dos espetáculos da companhia. Tal fato contribui de forma acadêmica e profissional para uma maior aquisição de conhecimentos de forma prática pelos integrantes do projeto. Neste sentido, a elaboração de um espetáculo inspirado nas manifestações populares do povo mineiro promove a possibilidade de reflexão acerca de tais conteúdos entre os integrantes do grupo, e servem como alicerce para futuras intervenções junto ao público, de forma profissional e com fundamentação teórica do trabalho.

A necessidade de se realizar pesquisas na composição de espetáculos realizados por grupos de projeção folclórica é evidente e urgente, pois se deve evitar falsas informações ou interpretações errôneas de danças, músicas, passos e indumentária, que levarão ao descrédito e ao preconceito em relação ao trabalho destes grupos.

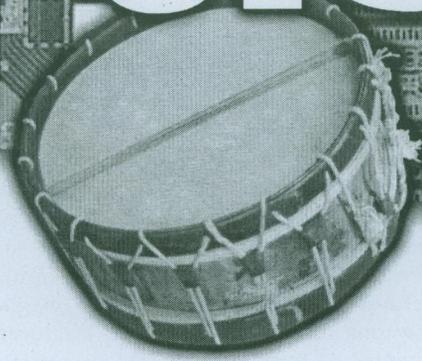
Neste sentido, todos os grupos que apresentam trabalhos pesquisados no estudo e na observação do folclore nacional não podem ser considerados como grupos folclóricos e devem ser chamados de grupos de projeção folclórica ou parafolclóricos. Não existe trabalho mais ou menos folclórico. Se a intenção utilizada é diferente da função original, se existe um ensino formal da dança, ela passa a ter outro sentido. As diferenças que observaremos entre os grupos parafolclóricos serão entre os próprios trabalhos e estarão relacionadas

à pesquisa que os grupos desenvolverão sobre a dança apresentada. O trabalho de pesquisa dos grupos parafolclóricos, que deve ocorrer com a orientação de um profissional qualificado com base na metodologia da pesquisa científica das Ciências Humanas, é essencial na apresentação do trabalho, porque lhe dará credibilidade e embasamento acadêmico. Este é um importante aspecto que distingue os trabalhos destes grupos de outros trabalhos com dança contemporânea, ou de outro estilo, que possam ser inspirados em manifestações populares. Se a intenção dos grupos parafolclóricos for de formação educativa, intenção artística ou apresentação formal de uma localidade, da cidade, do estado ou do país, a preocupação com a seriedade e o compromisso com o trabalho que será apresentado deverá ser rigorosa, para evitar que informações errôneas e por vezes prejudiciais à própria compreensão do fato folclórico autêntico possam ser divulgadas.

### Referências bibliográficas

- ARRUDA, M.A.N. *Mitologia da Mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CAIPIRA. In: CASCUDO, C.L. *Dicionário do folclore brasileiro*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. p.176-177.
- CÔRTEZ, G. P. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Lettura, 2000.
- DIAS, F.C. A. *A imagem de Minas. Ensaio de Sociologia Regional*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1971, p.11 a 73.
- GIL, A.C. *Como classificar pesquisas?* In: \_\_\_\_\_. *Como elaborar projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1998.
- GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS - Instituto de Geociências Aplicadas. *Atlas de Festas Populares de Minas Gerais*. Belo Horizonte: IGA/FAPEMIG, 1998.
- JÚNIOR, A. A. *A capitania das Minas Gerais*. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- MARTINS, Saul. *Folclore em Minas Gerais*, 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991.
- MINAS GERAIS. In: ALENCAR, H. DE. *Dicionário de Literatura Portuguesa Brasileira e Galega*. Lisboa: Editora Figueirinhas, 1960.
- SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. SITE.: <http://www.descubraminas.com.br>, 2004.

# A Polêmica do



Rogers Ayres\*  
Folclorista de Maceió (AL)

**A** Recentemente convidado pelo grande folclorista Afonso Furtado, do Rio de Janeiro, para participar do 11º Congresso Brasileiro de Folclore, que será realizado no final de agosto e início de setembro em Goiânia, neste ano, e já preparando as malas para participar mais uma vez do grandioso Festival do Folclore de Olímpia (SP), já em sua 40ª edição, recordei saudosamente dos grandes e controvertidos debates que tivemos durante a realização do 10º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em São Luís do Maranhão, em junho de 2002.

O evento foi marcado pela participação das mais ilustres autoridades do folclore deste país, que durante cinco dias circularam pelos salões do Hotel Vila Rica, trocando informações, promovendo intercâmbios, reafirmando antigas amizades, conhecendo novos pesquisadores e amantes da nossa cultura popular, debatendo assuntos muito antigos, que na modernidade se revestiram de novos parâmetros e adquiriram novos enfoques, e produzindo muita polêmica dentro das posições e dos conceitos defendidos nas esferas mais conservadoras e radicais dos estudiosos do folclore brasileiro.

Na constelação de mestres, doutores e especialistas que coroavam de qualidade o festival, ali brilhavam Bráulio Nascimento (CFRJ), Roberto Benjamin (presidente do Conselho Nacional de Folclore), Raul Lody (Funarte), Rose-Marie Reis Agrifoglio (CGF), Luís Assunção (CRnF), Suzei, Ana Heye (Belfast Unv), Gustavo Pacheco (MN/UFRJ),

Aglaé Fontes de Alencar (CSF), Eleanora Gabriel (CFF), Cásia Frade (CFF), entre tantos outros nomes de expressão nacional, que fizeram nossas manhãs e tardes se tornarem tão fascinantes e valiosas quanto as técnicas de tear que produzem as mais ricas e criativas rendas artesanais do Brasil.

Ali estiveram muitos estudantes, professores, realizadores de festivais, antropólogos, ensaiadores, jornalistas, apaixonados do folclore e curiosos oriundos de vários Estados do país, tornando a apresentação dos trabalhos tão concorrida quanto uma vaga nas arquibancadas dos belíssimos "arraiás" de São Luís à noite para prestigiar as belíssimas exposições dos grupos de bumba-meu-boi, o famoso cacuriá de dona Teté, animados dançantes de Tambor de Crioula e a alegria de "todas as raças, sotaques e sabores", slogan da campanha de turismo daquele ano.

Nesse clima inesquecível de festa, cores, plumas, bandeirolas, quadrilhas, tambores de fogo, toadas, matracas e maracás, fiquei envolvido e apaixonado pela desenvoltura, riqueza e grandiosidade de alguns grupos, assim como meu colega Gustavo Côrtes, da UFMG, que filmava tudo com sua equipe de "sarandeiros".

Num daqueles dias aquecidos de palestras e debates no auditório oficial do evento, externei minha emoção em conhecer e mergulhar na aquela cultura fascinante e exótica,



\* Rogers Ayres é professor dos cursos de Teatro e Educação Física da Universidade Federal de Alagoas/Departamento de Artes, onde leciona as disciplinas Jogos e Brincadeiras Populares; Danças Folclóricas; Expressões Dramáticas do Folclore Brasileiro; e Ludicidade.  
Fotos do grupo Transart, que completou 28 anos no dia 28 de junho de 2004.

# "Para folclore"

bem diferente das formas tradicionais juninas alagoanas, e aí o congresso pegou fogo! Vários estudiosos da cultura local lamentavam que eu não estivesse me referindo "especificamente" aos grupos "autênticos", aos grupos "de raiz", mais tradicionais, ou comandados pelos "mestres" mais destacados pelos antigos folcloristas, pois, segundo eles, aqueles grupos – aos quais me referia – eram estilizados, muito jovens, feitos para shows de turistas ou recriados com distanciamento dos "ritos" que alicerçam a essência dos folguedos.

Foi aí que me dei conta da extensão cultural da ideologia do "não é autêntico, não tem valor" que passou a nortear algumas correntes literárias da nossa cultura popular, que não querem perceber que, por maior que seja a resistência dos defensores da "autêntica manifestação folclórica", a sobrevivência da nossa história folclórica está intrinsecamente ligada à forma estrutural e estética que os novos grupos

beleza, pela criatividade, pelo desafio e poder de participar de algo novo que se transforma e se renova para contar o velho.

Nestes 28 anos de estudioso do folclore alagoano, viajando pelo Brasil e pelo exterior à frente do Balé Folclórico de Alagoas – Grupo Transart, tenho observado que o progresso, a tecnologia, a internet e a televisão transformaram muito nossas tradições, nossos hábitos, padrões de re-



assumem quando são criados e recriados dentro do contexto de sua cultura popular, renovando texturas, reacendendo cores, projetando nova luminosidade, resgatando a tradição com a participação de novos componentes, que, nesses novos grupos, são envolvidos pela

ferências, estilos de vida, comportamentos sociais etc., em todos os segmentos sociais. Muitas profissões existem por causa dessas novas descobertas; eventos sociais,

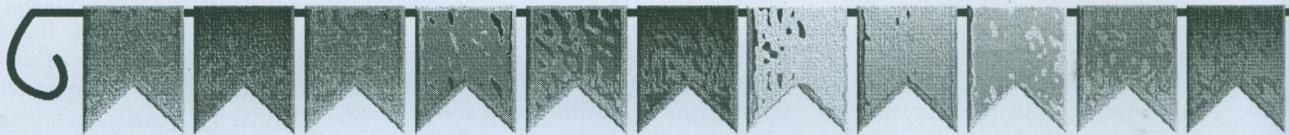
como aniversários, casamentos etc., têm datas e horários remarcados em função de jogos de televisão ou desfechos de novelas; as greves congestionam os calendários acadêmicos e colocam a população vulnerável aos mais imprevisíveis acontecimentos. Nesse turbilhão de "novidades", que se espalhou desde as grandes metrópoles até os mais simples povoa-

dos das zonas rurais, é inquestionável que os reflexos dos novos tempos também se projetam sobre nossas tradições, gerando novas formas, estruturas, regras e significados para as grandes manifestações folclóricas.

As bandeirolas não são mais de papel de seda, e sim de plástico, para enfrentar o rigoroso inverno; as fogueiras não podem ser fixadas no asfalto duro de quebrar e cheios de instalações subterrâneas; os balões são proibidos pelos bombeiros e as carroças de burros estão desaparecendo aos poucos, e com elas o desfile dos casamentos matutos (ou caipiras); as meninas asmoças não estudam mais em

dentados dos famosos e antigos "mes-tres populares tradicionais"... Então por que alguns ainda teimam em defender o congelamento e a plastificação (ou mumificação) de alguns modelos, ritmos e significados do passado? Temos novas gerações habitando um mundo onde não se vendem mais tamancos (chinelos de madeira) nas feiras (para dançar o coco eram ótimos!) e não se vêem crianças nas ruas gritando e azarando formigas de asas (tanajuras) para derrubá-las, colhê-las, fritá-las e comê-las festivamente.

Possuímos, no entanto, muitos grupos culturais, que, apesar de já ser produtos desse mundo tão "globalizado" e "civilizado", possuem grande admiração, respeito e reverência pelos valores culturais herdados de seus antepassados e procu-



colégios de freiras, e os pastores vão desaparecendo; os mestres de folguedos natalinos não possuem local para os ensaios e a violência nas comunidades pobres aumenta com as drogas, os assaltos e a insegurança geral.

Sendo assim, os componentes para as brincadeiras vão desaparecendo e os brincantes vão se isolando diante da TV; as quadrilhas juninas matutas (ou caipiras) vão ficando tão "sem graça" e "monótonas", esmagadas pelas ondas de "trio elétrico" e pelos "novos ritmos" da mídia, que vão definhando nas ruas e virando atividade extraclasses nas festinhas juninas das escolas da classe média; não se vende mais couro cru de carneiro e bode para reformar os instrumentos de percussão, e as lojas de instrumentos musicais possuem uma parafernália de acessórios de metal, acrílico e náilon que enriquecem as bandas eruditas e ressuscitam os pequenos blocos nas ruas, que não mais possuem fantasias, e sim "abadás", comprados com cartões de crédito ou trocados por pontos nas grandes redes de lojas de departamentos; as comidas juninas vão sendo substituídas pelos famosos "churrasquinhos de gato" e as diabólicas bebidas chamadas de "capetas" vão endiabrando cada vez mais a nossa juventude.

É esse o novo mundo em que vivemos e também os filhos e descen-

ram manifestar a paixão pela sabedoria popular ensaiando, montando, criando e recriando novas manifestações dançadas e cantadas que representam toda a riqueza de sua identidade cultural, a fim de evocar o passado nos seus rituais presentes, recheados de beleza, criatividade e ino-



vações que correspondem ao gosto popular da atualidade. São esses grupos também que ficam em sintonia com os grandes eventos que já assimilaram esses processos, a exemplo de festas como a de Parintins (AM), o Porco no Rolete, em Toledo (PR), os Tambores Silenciosos, no carnaval do Recife (PE), as festas juninas de Campina Grande (PB), a Festa do Peão e Boiadeiro de Barretos (SP), os festivais internacionais de folclore de



Caruaru (PE), da Praia Grande (SP), de Passo Fundo, Nova Prata e Cruz Alta (RS), além dos festivais nacionais de folclore de Blumenau (SC) e Olímpia (SP).

Em todos esses eventos a que compareci a *marca do novo estava presente!* Estudiosos, coreógrafos, professores e ensaiadores estão mudando o formato desses eventos para que eles sobrevivam. Renovar para se eternizar. É isso o que fazemos quando restauramos uma obra de arte (arquitetura, escultura etc.). É isso o que fazemos quando queremos salvar um casamento que cai na rotina e na mesmice sem sentido e sem emoções novas.

Os parafolclóricos surgiram para homenagear os folclóricos de raiz. Os grupos nascem nas escolas, nas academias e também nas comunidades simples ou ricas para continuar uma tradição que não deverá desaparecer totalmente. Essas danças permanecem nas escolas para a educação de nossos filhos, nas festas de competições nas ruas para integrar as comunidades, nas casas de shows para divertir e informar os turistas e nos festivais de folclore para representar suas cidades, seus Estados e seus países.

Em nenhum desses festivais de que já participamos foi vetada a participação dos "parafolclóricos", pois eles são as grandes atrações dos eventos. Em festivais folclóricos da Europa, em 1996 e 1997, as acrobacias dos russos, as piruetas dos poloneses, o sapateado dos mexicanos e a beleza do maracatu, do bumba-meu-boi e do forró alagoano foram os pontos altos em todos os locais

por que passamos! E eram todos grupos de releituras folclóricas e padrão internacional, ou seja, grupos de projeção do folclore.

É preciso que se mude esse tipo de mentalidade que insiste em discriminar o "parafolclórico" como se fosse um produto "falso" ou "lamentável". Sem a existência deles não teríamos conhecido tantas festas tradicionais, tantas danças típicas e tantos costumes populares que chegaram até nossos dias graças ao trabalho que ainda vem é feito em escolas, universidades, festivais, grêmios, gincanas etc., procurando enaltecer essa parte tão fascinante da história do nosso povo.

O que não concordamos é que qualquer um saia por aí criando coreografias, figurinos, canções etc., dizendo-se pertencer a grupo "parafolclórico", sem nenhum estudo, pesquisa, auxílio de um mestre popular ou assessoria de um órgão capacitado (museu de folclore, secretaria de Cultura, fundação cultural etc.), para não haver uma onda de grupos equivocados, sem identidade, colocando "égua pocotós" em suas criações, a título de exibicionismo e para promover nossa cultura *folk* num canal de escape para a realização de devaneios pessoais, terapias ocupacionais ou oportunismos para viagens e turismo. Por mais inovador, chocante ou diferente que um trabalho de projeção possa parecer, terá que estar em perfeita sintonia com a base estrutural que fundamentou aquele folguedo no passado. A relação de passos, figurinos, músicas e canções com as origens da dança e do folguedo ou da manifestação folclórica em foco deverá ser sempre a mais verdadeira e significativa, para que a própria representatividade do grupo seja autenticada, identificada e valorizada pela comunidade.



# Batuque



**Sueli Alves de Souza**  
Professora de Artes Cênicas/Universidade Estadual de Maringá – UEM  
Coordenadora do Grupo Universitário de Dança Parafolclórico  
"Fogança", da UEM/PR

**A** Dança "Batuque" é de origem angola-conguense que se desenvolve numa grande roda, tendo ao centro dançarinos solistas que executam passos sensuais improvisados em forma de desafio. O rebolar dos quadris é constante e o ritmo, além de marcado por instrumentos de percussão (destacando-se entre eles os tambores), as batidas de pés, palmas e dedilhados dos dedos são características da dança.

A umbigada é o movimento forte e obrigatório no batuque, indicando a substituição dos dançarinos solistas.

Nela observa-se o seguinte detalhe: quando um dançarino está no centro, ele, após terminar o solo, dá umbigada em uma mulher e vice-versa, havendo assim alternância de sexo dentro do círculo. Se um par dança no interior da roda, a umbigada anuncia o término do movimento solo para que outro par possa substituir, sempre em forma de desafio.

Segundo Alceu Maynard Araújo, o batuque é considerado dança do ritual de acasalamento, e os movimentos da umbigada, semelhantes aos da Dança do Coco.

Da palavra *semba*, que significa umbigada em africano, derivou-se o termo "samba", tomado inicialmente como sinônimo de batuque e que parece tender a substituir essa denominação.

A dança "Batuque" pesquisada é de origem Angolana, isto é, a roda é formada só de dançarinos com um solista no centro, obedecendo à alteração de sexo.\*Apresenta aceleração de ritmo no final da dança e





permite aos participantes liberdade para criação de movimentos e passos. Respeitamos seus aspectos fundamentais e recomendamos movimentos leves e sensuais característicos da dança.

### Figurino

**Mulheres:** blusas de cores vivas e feitos vários, decotadas ou com um ombro descoberto, ou tomara-que-caia. Saias rodadas na altura dos joelhos ou godê com abertura de um lado, em cores contrastantes, pés descalços.

**Homens:** calça xadrez, enrolada na barra, camisa de cor escura, manga curta ou tórax nu. Faixa lisa de cor berrante, para dar contraste, amarrada na cintura, pés descalços.

**Músicos:** calças de cores vivas; no mais, semelhantes aos cavalheiros.

**Acompanhamento:** instrumentos de percussão – tambores, cuícas, chocalhos, pandeiros.

**Número de participantes:** seis a oito pares (pode haver mais homens que mulheres).

### Passos

**Passo:** passo grande na lateral, com a perna direita, flexionando-a ao tomar contato com o solo e batendo com força o pé; tronco flexionado à frente, cabeça baixa (olhando o meio da roda), braços flexionados, punhos cerrados à altura do busto (1 compasso). Unir o pé esquerdo ao direito, estendendo a perna direita e o tronco. Os braços se estendem bruscamente à frente, com mãos espalmadas, vibrando (1 compasso).

Repetir o passo de forma idêntica, deslocando-se sempre à direita.

**Passo unido – executado para o lado:** pequeno passo na lateral, com o pé direito, batendo-o com força no chão; unir o esquerdo a ele (1 compasso). Repetir de forma idêntica, fazendo o deslocamento sempre para o mesmo lado.

**Passo unido – executado para a frente:** passo batido à frente com o esquerdo e unindo o direito (1 compasso). Repetir de forma idêntica.

Nesse passo há sempre exagerado movimento de quadril e olha-se à frente.

A posição dos braços varia durante a dança (ver adiante).

**Giro:** girar em torno de si, pela direita, com pequenos deslocamentos alternados dos pés, movimentando o quadril e marcando os compassos com batidas fortes dos pés. Braços na vertical, mãos espalmadas, vibrando (4 compassos). Olhar à frente.

**Passo cruzado:** passo lateral à direita com a perna direita, cruzando a esquerda atrás desta, batendo o pé com força e virando-se à esquerda (ombro direito e cabeça voltados em direção ao centro do círculo) (1 compasso). Passo lateral à direita com a perna direita, cruzando a esquerda na frente desta, batendo-a com força no chão e virando-se à direita (ombro esquerdo e cabeça voltados para o interior do círculo) (1 compasso).

Repetir do início.

Braços descidos, em arco, palmas das mãos para cima, castanholando em cada compasso.

**Meio-giro com palmas:**

- Cavalheiros viram-se à direita e damas à esquerda, defrontando-se; elevam os braços na vertical e batem uma palma (1 compasso).
- Viram-se novamente para o centro do círculo, mantêm os braços verticalmente, mãos espalmadas, vibrando (1 compasso).
- Cavalheiros viram-se agora à esquerda e damas à direita, de-

frontando-se com outro parceiro; batem palma como no item a (1 compasso).

- d) Volta-se, novamente, para o centro do círculo, braços como no item b (1 compasso).

Em cada 1/4 de volta, um pé se desloca e o outro se une a ele. Os compassos são marcados com batidas de pés. São acentuados pelo pé esquerdo quando se volve à esquerda e pelo direito quando se vira à direita. Os quadris rebolam incessantemente. O olhar se mantém à frente.

#### *Umbigada (girando).*

Cavalheiros viram-se à direita e damas à esquerda e o par se defronta.

- a) Apoiar a perna esquerda na frente, flexionada, batendo o pé com força. Estender o tronco e a cabeça para trás, projetando o abdome para a frente. O braço oposto à perna que vai à frente parte do lado, flexível, e se dirige à frente, onde faz uma rotação da mão, ficando com a palma para cima. O outro braço fica oblíquo para baixo, dorso da mão para cima (1 compasso).
- b) Trazer a perna que foi à frente junto à de trás. Fazer 1/4 de volta à direita, ficando cavalheiros voltados para fora do círculo e damas para dentro. Repetir a umbigada, trocando o braço e a perna que vão à frente (1 compasso).
- c) Novo 1/4 de volta na direção anterior, defrontando-se com par diferente. Nova umbigada, trocando os segmentos que vão à frente (1 compasso).



- d) Outro 1/4 de volta à direita, ficando cavalheiros dirigidos para dentro da roda e damas para fora. Repetir a umbigada com os detalhes já vistos (1 compasso).

#### *Coreografia*

A - (formar a roda): os instrumentos começam a tocar. Os batuqueiros fazem o passo unido, executado para a frente, com o braço direito na vertical e o esquerdo à frente do corpo, ambos frouxos, mãos

espalmadas vibrando, invertendo a posição dos braços em cada passo. Todos procuram formar uma grande roda onde damas e cavalheiros se alternam (16 compassos).

Toda a dança se desenrola nesse círculo, que se movimenta sempre em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, com solistas no centro.

Nesta dança não há propriamente uma *seqüência de figuras*, e sim uma *seqüência de passos* que se sucedem. Eles obedecem à seguinte ordem:

- 1) Passo de batuque (16 compassos).
- 2) Passo unido, executado para o lado. Quando o pé direito se afasta na lateral, a mão esquerda fica apoiada na cintura pelo dorso e o braço direito se estende à frente; mão frouxa, palma para cima. Quando o pé esquerdo se une ao direito, o braço esquerdo se estende bruscamente à frente, palma para cima, enquanto o direito se apóia na cintura pelo dorso. Em cada passo o movimento dos braços se inverte (16 compassos).
- 3) Giro em torno de si (16 compassos).
- 4) Passo de batuque (16 compassos).
- 5) Passo cruzado (16 compassos).
- 6) Meio-giro com palmas (16 compassos).
- 7) Passo de batuque (16 compassos).
- 8) Passo unido, executado para o lado, com braços flexionados



à frente do corpo, mãos ondulan-  
tes, girando uma sobre a outra  
(16 compassos).

9) Umbigada, girando (16 compassos).

10) Passo de batuque. Executa-  
do em ritmo cada vez mais rápido,  
até cair como extenuado, no chão,  
sobre o joelho direito, perna esquer-  
da estendida para trás. Apoiar-se  
sobre o antebraço direito, enquan-  
to o braço esquerdo permanece  
frouxo, pendido em direção ao solo,  
cabeça inclinada (16 ou 24 compas-  
sos) e assim termina a dança.

## RESUMO COREOGRÁFICO

Formar a roda (16 compassos).

- 1) Passo de batuque (16 compassos).
- 2) Passo unido, braço alternado à frente (16 compassos).
- 3) Giro (16 compassos).
- 4) Passo de batuque (16 compassos).
- 5) Passo cruzado (16 compassos).
- 6) Meio-giro com palmas (16 compassos).
- 7) Passo de batuque (16 compassos).
- 8) Passo unido, uma das mãos sobre a outra (16 compassos).
- 9) Umbigada (16 compassos).
- 10) Passo de batuque, acelerando o ritmo (16 ou 24 compassos).

O primeiro solista dança duran-  
te o passo unido e o giro (32 com-  
passos).

A segunda solista dança duran-  
te o passo de batuque e o passo cru-  
zado (32 compassos).

O terceiro solista dança duran-  
te o meio-giro e o passo de batuque  
(32 compassos).

A quarta solista dança duran-  
te o passo unido e a umbigada (32 com-  
passos).



# Dança de São Gonçalo



Sueli Alves de Souza

Professora de Artes Cênicas/Universidade Estadual de Maringá – UEM

Coordenadora do Grupo Universitário de Dança Parafolclórico "Fogaça", da UEM/PR

## REPRODUÇÃO DE UMA LENDA OU DEVOÇÃO A UM SANTO?

A proposta de descrever umas das manifestações populares mais ricas de nossa cultura, sistematizadas no presente texto, tem dupla função. De um lado, analisar seu papel na formação da percepção e da sensibilidade do indivíduo praticante através do trabalho de reprodução e criador, apropriando-se da manifestação religiosa/popular da **Dança de São Gonçalo**, com conhecimento artístico do contato com a produção cultural existente. E, de outro lado, colher a significação da arte popular no processo de humanização do homem, visto que este, como ser criador, se transforma e modifica o cotidiano natural produzindo assim novas maneiras de ver, sentir e se impor culturalmente, mesmo que por meio do religioso.

Em nossas pesquisas sobre as usanças relativas à reza e à dança de São Gonçalo, com base em estudos bibliográficos e em observações de cultos religiosos de várias regiões brasileiras, não poderia deixar de fazer um pequeno e breve histórico da vida desse santo português, exemplo de bondade, humildade e compaixão cristã. Quem foi São Gonçalo?

São Gonçalo nasceu em Arriconha, província de Tagilde, em Portugal. Filho de nobres, recebeu mito cedo as ordens religiosas. Foi

pároco de São Paio de Riba-Vileza e radicou-se em Amarante no ano de 1238. Era muito virtuoso e fez inúmeros milagres em vida. No ano de 1259 faleceu em Amarante (Douro), em 10 de janeiro, que se tornou seu dia, e foi beatificado em 1561.

Em Portugal sua imagem apresenta-se com a cabeça descoberta e segurando um cajado na mão direita. Aqui no Brasil, ele se apresenta com chapéu e, no lugar do cajado, segura uma viola. Há imagens em que o santo está de batina e, em outras, de jaqueta, calça e bota. O registro mais antigo da manifestação da dança de São Gonçalo no Brasil data de 1718 na Bahia. Na época, o Conde de Sabugosa, governador daquele Estado, proibiu o ato religioso, alegando que o mesmo se

tratava de obscena e desrespeitosa demonstração de fé, nos atos religiosos em que nobres, escravos e mulheres, com acompanhamento de viola, tiravam a imagem do santo do altar e dançavam com ela como se vê ainda hoje em vários Estados brasileiros.

Ainda na Bahia, no ano de 1843, o padre Lopes Gama proibiu a dança de São Gonçalo e escreveu: "Na tal dança elas (mulheres) saracoteiam as ancas, mexem-se, saltam, pulam e fazem coisas de cabeça, tudo para maior honra de Deus e louvor de São Gonçalo?"

Casamenteiro das mulheres viúvas e das mais velhas, padroeiro dos violeiros e das prostitutas, salvador de almas penadas, músico e festeiro ou simplesmente uma lenda?



No início, a dança era de caráter erótico, que foi desaparecendo gradualmente, ficando apenas a feição religiosa, que prevalece até hoje, realizando-se em pagamento de promessas ou de graças recebidas.

Com base em nossas pesquisas e nos relatos orais tradicionalmente repetidos, podemos dizer que São Gonçalo foi um jovem alegre, festeiro, que r e u n i a mulheres de vida fácil e as levava durante a semana a festas no porto de Amarante (Portugal), para que no domingo (dia santo), cansadas, não p e c a s s e m . Como essa conduta não era aceita pela sociedade local nem pela Igreja ou pela família, o santo era levado a se punir de forma bruta, como tomar chá com fel, andar sobre pregos e ainda dormir na pedra bruta.

O culto a São Gonçalo, ou a dança de São Gonçalo, é atualmente a última manifestação de dança religiosa universal de súplica, humilde, pobre, anônima e resistente que reflete e representa a religiosidade natural de nosso povo, numa rica demonstração de criatividade e adaptação a nossa cultura.

Espalhada por todo o Brasil é uma dança (não uma festa) praticada em vilas, povoados e fazendas, sempre em pagamento por alguma graça alcançada, em que não se deve oferecer dinheiro nem bens materiais. As ofertas devem ser através

da doação de arranjo para o altar, queima de velas, reza dos 12 ofícios e dança. O acompanhamento dos músicos, em especial a viola, a disposição inicial dos participantes, em fileira ou em coluna, as coreografias, as orações, os cantos e a participação de mulheres variam por região. Sua organização acontece geralmente no sábado à noite, véspera de dias santos ou feriados, por ser extremamente longa pelas repetições dos ofícios ao santo, tornando-se exaustiva para os dançarinos, que terão o domingo para descansar.

São Gonçalo em Portugal não traz consigo a viola. Essa é uma contribuição brasileira do homem do campo à religião e em consagração a nossa viola.

A dança de São Gonçalo, em sua forma criativa, coletiva, popular, artística e adaptada, propõe-se a novas formas de refletir as relações religiosas e sociais no Brasil, já que originalmente a manifestação consistia na apropriação da vontade espontânea essencialmente natural do homem daquela época, chegando até nós, com variações regionais, "graças a São Gonçalo".



## FONTE DE PESQUISA

CARNEIRO, Edson. Folgedos Tradicionais, Edições Funarte/INF, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 1982.

Revista Brasileira de Folclore, Ano III, nº 6, maio/agosto 1963.

ARAUJO, Maynard Araújo. Folclore Nacional, Volume I, II, e III, Edições Melhoramentos São Paulo 1964.

CASCUDO, Luís Câmara. Folclore do Brasil (s.l.): Fundo de Cultura, 1967.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro, 4ª edição, Edições Melhoramentos Rio de Janeiro, 1979.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. Danças Folclóricas Brasileiras, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1964.

RUIZ, Corina Maria Peixoto. Didática do Folclore, Editora Papeleria América, 1976.

# Misticismo, Religiosidade Popular

André Luiz Nakamura  
Departamento de Folclore – Olímpia (SP)

**"C**rença no sobrenatural" é a expressão que melhor pode resumir as manifestações folclóricas de que vamos tratar neste artigo.

*Crença* (fé, convicção) e *sobrenatural* (acima da natureza, além do homem).

Tomemos por sobrenatural tudo o que está além da humanidade e da natureza; aquilo que não se vê, mas que, segundo se crê, age e produz efeitos.

Não nos ocuparemos com avanços da ciência com relação a alguns fenômenos que já não podem ser considerados sobrenaturais, tendo em vista, principalmente, a potencialidade da mente humana.

Vamos tratar das manifestações de fé popular que ocorrem de maneira independente das formas preconizadas pelas religiões oficiais.

Falaremos das crenças populares. Crença em Deus, em santos, em orixás, em espíritos, em benzedores, em curandeiros. Crença em que a abstenção ou a prática de determinada atitude podem evitar algum mal ou trazer algum benefício, podem acarretar sorte ou afastar o azar.

Um dos sentidos do termo **MISTICISMO**, segundo o *Dicionário Larousse Cultural*, bem se adapta ao que veremos neste artigo: "(...)4. Disposição para crer nas realidades invisíveis ou sobrenaturais".

Começemos por alguns adereços a que se atribui alguma espécie de força ou poder.



# Medicina e Folclórica



**Amuleto** – pequeno objeto a que se atribuem mágicos poderes de afastar malefícios, doenças (um pé de coelho, um chifre de boi, por exemplo).

**Talismã** – objeto de tamanhos variados, às vezes marcado por alguns sinais, que se acredita capaz de atrair boa sorte (funcionam como tal a estrela-do-mar ou o trevo de quatro folhas).



**Figa** – pequeno objeto que representa uma mão fechada, estando o polegar entre o dedo indicador e o médio. É usada como amuleto ou como talismã.

**Bentinho** – dois pequenos recortes de pano, quadrados, “benzidos”, às vezes com inscrições, orações, presos a um colar. É usado para afastar maus espíritos.

**Patuá** – saquinho de couro que também se traz ao pescoço para proteger o portador de maus-olhados e outros males.

**Signo-de-salomão** (“sino-salomão”, “cinco-salomão” e outras variações no dizer do povo) – também chamado estrela-dedavi, é a estrela de seis pontas formada por dois triângulos cruzados.

## CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

Crendices e superstições são termos usados para designar os receios e as crenças populares de que evitar ou praticar alguma atitude pode trazer boa sorte ou impedir que algum mal aconteça (exemplo: ao bocejar, faça uma cruz na boca para evitar que “forças ruins” a adentrem). Estranhas crenças. Infundados receios. Nesse caso, sabe-se lá quais seriam as “forças” ou “energias” que teriam seu mecanismo acionado ou desativado, dependendo do comportamento ou de atitudes dos supersticiosos!

São termos também utilizados em referência a maus presságios que alguns “sinais”, independentemente da vontade humana, podem representar (exemplo: uma borboleta preta dentro de casa ou uma coruja pousada na janela pressagiam morte de parente próximo). Mas são também usados, felizmente, em alusão a “bons presságios”, por exemplo: açúcar involuntariamente derramado na mesa é sinal de dinheiro para quem o derramou.

Às vezes, a consequência para quem não evitar determinada atitude é prevista. Por exemplo: não se deve acender cigarro na chama de uma vela, pois isso atrai doença. Ou: não se deve apontar para as estrelas; faz nascer verrugas no dedo.

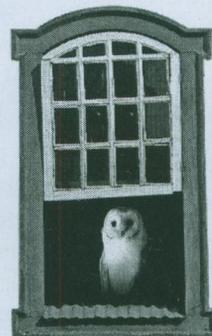
Em outros casos, diz-se apenas que “não presta” agir de certo modo ou que “dá azar” proceder de tal ou qual maneira.

Algumas superstições são universais, como as relacionadas ao número 13. Há notícias de que o horror a esse número fez com que em alguns hotéis franceses, alemães, ingleses e, entre outros, italianos, excluam o 13 na numeração de apartamentos, conforme nos informa José Carlos Rossato em *Triscaidecafibolia*. São várias as superstições em torno desse número. A mais conhecida é esta: havendo 13 pessoas à mesa, a mais jovem morrerá em poucos dias. Historicamente, muitos relacionam essa superstição à última ceia de Cristo. Mas há quem a associe a outros episódios anteriores, no Egito.

Segundo Rossini Tavares de Lima e Julieta de Andrade:

“... a fórmula superstições e crendices é utilizada (...) para designar uma expressão humana com características mágicas, no contexto do sobrenatural, sem qualquer apelo a espíritos. (...) são relativas ao que presta ou se deve fazer ou dizer para favorecer a nossa boa sorte ou não presta ou não se deve fazer ou dizer, porque se o fizermos ou dissermos estaremos atraindo a má sorte” (Escola de Folclore: Pesquisa de Cultura Espontânea, Brasil, p. 31).

Para o professor José Sant’anna, em *Folclore e Morte* (Anuário do 33.º Festival do Folclore):



“Os crendeiros vacilam em suas convicções: acreditam um pouco em cada religião, criando uma colcha de retalhos. Os supersticiosos são fanáticos, cheios de falsidade, sem convicção religiosa, pois substituem tudo por objetos, animais, vegetais e até por gestos. Não têm religião definida. Chegam a temer os abusos que eles mesmos criam, pois se apegam a tolices, coisas ridículas, no desejo de atrair felicidade e de evitar males”.

Há autores que distinguem superstição de credence, dizendo que esta última representaria menos temor e condicionaria mais brandamente do que a primeira. Fiquemos, no entanto, com o conceito acima exposto, haja vista que ambos os termos são usados como sinônimos, inclusive em dicionários.

Vejamos alguns exemplos, dos inumeráveis, que correm por todo o Brasil:

Maus presságios:

- galo que canta fora de hora;
- quadro que cai da parede;
- qualquer objeto de vidro ou espelho que se quebra por si só;
- cruzar com um gato preto.

Não presta:

- deixar quadro torto na parede, calçados virados ou embalagens de alimentos de ponta-cabeça;
- passar de baixo de escada;
- vestir roupa do avesso;
- andar de costas, pois traz mau agouro para a mãe da pessoa;
- dormir de meias (dizem que quem o fizer não encontrará a mãe após a morte, no outro mundo);

Às vezes, costuma-se dizer, simultaneamente, “isola” quando se ouve perspectiva desagradável, que se quer evitar, acreditando-se que tal procedimento tenha força para tanto. (Vale também bater três vezes na madeira para afastar o azar).

## OUTRAS CRENDICES

- quando sentimos a orelha “quentar” é sinal de que alguém está falando de nós. Se for a esquerda, está falando mal; se for a direita, bem;
- bater na madeira três vezes afasta o azar. Às vezes, costuma-se dizer, simultaneamente, “isola”, quando se ouve perspectiva desagradável, que se quer evitar, acreditando-se que tal procedimento tenha força para tanto.
- coceira na mão: na direita, dinheiro; na esquerda, dívida;

- vassoura virada atrás da porta ou jogar sal no fogo afugenta visitas indesejadas;
- para evitar a embriaguez, deve-se beber segurando uma chave;
- não se deve deixar cadeira vazia perto de uma cama durante a noite, pois ela será ocupada por uma alma penada;
- no dia do casamento, o noivo só pode ver a noiva na igreja;
- a roupa e os sapatos que a noiva usar no dia do casamento não podem ser dados de presente. Dá azar;
- o noivo não pode sequer tocar algum objeto que a noiva usará no dia do casamento, exceto ouro e vidro;
- jogar arroz nos noivos, na saída da igreja, dá sorte ao casal. (Dizem que essa tradição teve origem na China, onde, já há 2000 anos antes de Cristo, o arroz era símbolo de fartura. Um poderoso mandarin, para dar prova de fartura, fez com que o casamento de uma de suas filhas se realizasse sob uma chuva de arroz.)



## PRESSÁGIOS DE MORTE

“Angústia de quem vive”, a única certeza, de incerta hora, a morte é o que causa o maior dos medos, o último dos desafios a ser vencido, o mais ferrenho inimigo para se derrotar, de modo que de tudo se há de fazer para combatê-la, mas apenas adiando-a, porque a morte fatalmente um dia chegará.

Acredita-se que haja mau presságio de morte quando:

- o cachorro pertencente à família uiva de madrugada;
- o defunto da família fica de olhos abertos durante o velório;
- um passarinho morre dentro de casa;
- há cheiro de vela dentro de casa, sem que nenhuma esteja acesa.

## OUTRAS SUPERSTIÇÕES LIGADAS À MORTE

Vejamos mais algumas, extraídas de “Cuide da vida, porque a morte é certa”, do professor José Sant’anna (*Anuário do 33º Festival do Folclore*):

- a perda ou a quebra de uma aliança de casamento (logo morrerá o marido ou a mulher);

- se o bolo da noiva cair, no dia da festa de casamento, um dos consortes logo morrerá;
- deixar criança brincar com flores (morrerá antes de crescer);
- tomar água com uma vela acesa na mão (morte súbita);
- não tomar banho ao voltar de um cemitério (morte próxima);
- não se deve pular túmulos. A alma do defunto tentará puxá-lo para a cova, brevemente;



- não deixar portas de armários, gavetas e guarda-roupas abertas; quem o fizer estará cavando sua sepultura, fazendo com que esta se prepare para recebê-lo;
- quando a porta abre sozinha é sinal de visita da morte;
- quem estiver acompanhando um enterro e cruzar com outro, não deve olhar para o caixão, senão morrerá em breve;
- para fazer um assassino foragido retornar e confessar seu crime, basta colocar uma moeda no peito do cadáver da vítima e rezar uma salve-rainha;
- jamais se deve sentar sobre um túmulo. A morte chegará rapidamente;
- o berço de um bebê deve ser comprado apenas após seu nascimento. Se adquirido antes, a criança viverá pouco;
- quem começar a acompanhar um enterro, deve ficar até o sepultamento. Se sair antes atrairá para alguém da família morte em breve;
- não se deve reformar a casa de um casal idoso. Um deles morrerá logo.



## MAU-OLHADO E QUEBRANTO

*Quebranto* ou *mau-olhado* designam o malefício de que são vítimas as pessoas que foram observadas com "maus olhos".



Essa crença sobre olhares poderosamente malignos é universal e antiqüíssima.

Para os antigos romanos, esse mal era chamado "fascinato". O poeta Pérsio, em uma de suas sátiras, já se referia a fios coloridos colocados em bebês para evitar ataques de olhares ruins.

Os árabes, para evitá-lo, dizem *ma sha'llah* (o que Alá quiser).

*Evil eye*, em inglês; *boser blick*, em alemão; *mal de ojo*, em espanhol, todos são o "mau-olhado" ou ainda "olho grande" ou "olho gordo", que conhecemos tão bem.

Acredita-se que existam pessoas que, mesmo sem saber ou sem más intenções, são portadoras de olhos terrivelmente agourentos, capazes de fazer com

que uma planta morra apenas por contemplá-la.

Animais domésticos também podem adoecer e morrer subitamente depois de uma visita dessas.

Bebês que de uma hora para outra começam a chorar demais, a aparentar moleza, desânimo, fraqueza, sem dúvida, foram vulnerados por "olhos maus", assim como adultos, que, alegres, entusiasmados, dispostos, de repente, "adoecem".

Os sintomas: olhos lacrimejantes, bocejar reiterado, moleza, perda de apetite. Esses seriam a evidência do "quebranto", que, segundo alguns folcloristas, é efeito, é resultado do mau-olhado. Aí estaria uma das distinções entre esses vocábulos. Outra delas, apontada em "Olhos, fontes de luz" (*Anuário do 30º Festival do Folclore*) por Iseh Bueno de Camargo – que, aliás, a considera muito sutil – afirma que "quebranto diz respeito ao ser humano" e "o mau-olhado, a plantas e animais".

Na prática, tais termos são usados um pelo outro, indistintamente.

Os piores quebrantos, dizem, são causados por pessoas que não sabem que detêm olhos tais nem são conscientemente invejosas ou perversas; é mais fácil quebrar o "quebranto" provocado por pessoas que intencionalmente o fizeram.

As pessoas com suspeita de ser portadoras desses olhos maus são temidas, evitadas: "Fulana tem um olho!".

Para preveni-lo, existem os amuletos, a que já nos referimos.

Para combatê-lo, nada melhor do que orações, benzeções e simpatias, de que logo iremos falar.

## MALDIÇÕES, PRAGAS

Do latim *maledictio*, que equivale a "dizer mal", "maldizer", maldição significa fazer uso da palavra para o mal, utilizar a força da palavra para tentar causar dano a outrem. Seu sinônimo mais utilizado é a famosa praga, proferida em momentos de raiva, de fúria ou de maneira fria, calculada, reiterada.

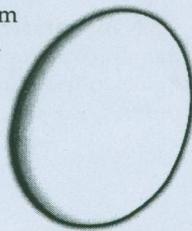
Lembro-me do professor José Sant'anna dizendo que o mais correto é "jogar praga", e não "rogar", que significa "pedir".

Segundo a sabedoria popular, não é suficiente, porém, verbalizar a vontade de que um mal vitime algum desafeto; é preciso que haja firme convicção de que a praga "pegará", lembrando-se que uma mente mais forte, evidentemente, subjuga outra inferior.

No entanto, a exemplo do que ocorre com relação ao sucesso de alguns que se arriscam a prever acontecimentos – "Quando eu falar... escreva!", – dizem que há pessoas "que têm uma boca...". Estas costumam afirmar que precisam controlar suas falas nos momentos em que sentem raiva de alguém (perdoem-se eventuais casos de falta de modéstia e de veracidade).

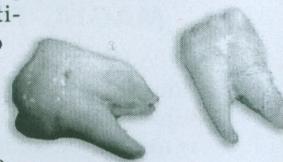
## SIMPATIAS

Espécie de magia caseira, de feitiço homeopático, simpatia, em folclore, é a prática de determinado ritual para obter algo que se deseja, mais simples que a feitiçaria, pois não são necessários espíritos nem "ingredientes" difíceis de obter. Às vezes, recorre-se apenas à ajuda de santos católicos, sobre os quais logo falaremos (exemplo: colocar um ovo sobre o muro em oferecimento a Santa Clara, para que ela faça parar de chover).



Há simpatias para os mais diversos fins.

Ainda hoje temos a oportunidade de ver mães recomendando aos filhos, quando lhes cai algum dente de leite, que o joguem no telhado, dizendo: "Dentinho, dentão, jogo fora um ruim, e Deus me dará um bom".



Ou, para que um terço sare mais rapidamente, basta esfregá-lo suavemente na beirada de um lençol, dizendo três vezes: "Terço na beirada de um lençol". Em seguida, deve-se oferecê-lo para três viúvas, pronunciando-lhes o nome, em voz alta.

Ou, para encontrar um objeto perdido, que se coloque um copo com a borda virada para baixo, sob a pia, pois assim o objeto perdido será encontrado.

Ou, para acalmar uma casa onde estão acontecendo muitas brigas, jogar-lhe uma pitada de sal em cada canto.

## CONTRA QUEBRANTO

Para livrar-se de mau-olhado, é só colocar um galinho de arruda dentro de um copo d'água com duas pedrinhas de sal grosso. A cada sete dias, deve-se mudar o galinho de arruda.



Ainda a título de exemplo, vejamos algumas simpatias amorosas.

1 - Para conquistar um alvo amoroso

Escreva o nome completo da pessoa amada num papel em branco. Coloque sobre ele duas colheres (sopa) de açúcar. Leve ao fogo, até virar um "melaço", que deve ser guardado em um vidro virgem e enterrado em local onde ninguém pisará (dentro de um vaso de flor, sugerem os informantes). Essa simpatia deve ser feita na lua crescente.

2 - Para "prender" um namorado

Numa sexta-feira, derrame 250 gramas de sal grosso, em círculo, dizendo: "No círculo que faço, na roda que te fecho. No sal que te acorrento, com seu amor só para mim".

A seguir, escreva o nome do namorado num papel branco e coloque-o no meio do círculo, dizen-

do: "Se prendo o seu nome, prendo os seus olhos. Se prendo o seu nome, prendo a sua boca. Se prendo o seu nome, prendo os seus braços...", e assim sucessivamente.

## MAGIA, FEITIÇARIA

"A fé é a causa do enfeitiçamento e do feitiço. Uma vontade forte domina a outra que é fraca (...) Todas as maravilhas da magia são realizadas pela imaginação e pela fé."

Paracelso

Em sentido amplo, o conceito de magia é de uma abrangência tal que alcança até o de religião; magia é a ciência e a religião dos antigos magos; é ciência e arte que, por meios naturais, enseja a obtenção de "maravilhantes" efeitos.

O termo magia diz respeito às práticas levadas a efeito com fundamento na crença de que poderes ocultos, sobrenaturais, intervirão para causar um bem ou um mal.

Magia, segundo o *Larousse Cultural*, "é o conjunto de práticas baseado na idéia de que existem poderes ocultos na natureza, que se busca conciliar ou conjurar para se conseguir um bem ou causar uma infelicidade, tendo como objetivo sua concretização material".

Para folclorista Maria do Carmo Tafuri Paniago, "magia e religião se confundem na prática, formando um capítulo denso da cultura, de modo geral, e da cultura popular, de modo específico". A magia, prossegue a folclorista, "infiltrou-se na religião e tornou-se peça importante nos rituais da religiosidade popular e das culturas mágicas, visualizando e atualizando traços, complexos e áreas culturais numa enorme gama de manifestações e práticas mágico-religiosas que mediatizam o relacionamento do homem com o sobrenatural" (in "Universo Mágico Religioso", *Boletim da Comissão Mineira de Folclore* nº 18, pág. 122).

Feitiço, por seu turno, é parte oposta daquela magia, é a magia negra, que abarca os clássicos pactos com entidades malignas e rituais em que se usavam de tudo o que havia de sórdido e medonho.

Feitiçaria, entre nós, é hoje denominação genérica para todas as práticas de magia popular – uma miscelânea de elementos africanos, ameríndios e católicos, somados à bruxaria européia.

De todas essas práticas, é o amor o grande objeto. Ouvimos no rádio, certa feita, uma música que dizia: "Feitiço não é pecado; é até sagrado, se for por amor".

A feitiçaria é dos maiores exemplos de que no amor, realmente, vale tudo: lavadeiras profissionais são subornadas para que percam alguma peça de roupa de alguém, bem como os cabeleiros, para guardar alguns fios de cabelos. Enfim, de tudo se faz para conseguir qualquer coisa que os feitiçeiros julguem necessária para um feitiço amoroso.

Nessas práticas, geralmente, se recorre a "espíritos", que, segundo se crê, são seres vivos, depois de mortos, mas sem um corpo e visíveis apenas aos que têm dom para tanto.

## RELIGIOSIDADE POPULAR

A religiosidade popular se encontra nas manifestações de fé ou de devoção a santos católicos, praticadas independentemente do que é preconizado pelas religiões oficiais.

Para o folclorista Domingos Diniz, "é o resultado de distorções da crença religiosa através de modificações feitas por inovações ou empréstimos culturais. É uma manifestação devocional, tendo como objetivo remoto a salvação da alma, a bem-aventurança transcendental".

Após o Concílio Vaticano II (1962-1965) – declara Antonio de Paiva Moura – "a Igreja Católica diminuiu sua resistência à religiosidade informal", antes considerada credices e superstições, "próprias da ignorância do povo" (in "Manifestações Folclóricas em Belo Horizonte", *Boletim da Comissão Mineira de Folclore* nº 18, pág. 38).

## ORAÇÕES POPULARES

Do latim *oratus*, oração significa pedido, súplica, dirigida a Deus ou a santos.



Não trataremos, neste tópico, das orações "aprovadas" pelas religiões oficiais, mas de orações populares, ou seja, daquelas elabora-

das pelo povo, que aprendemos com nossos pais, avós e outros parentes e amigos mais velhos.

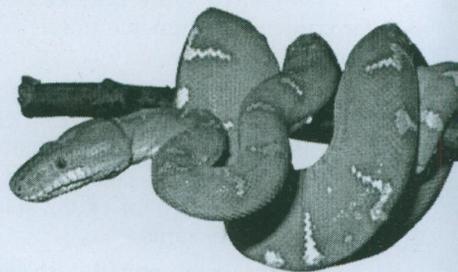
Muitas dessas orações, no entanto, são formas desfiguradas de rezas católicas ou de outros rituais mágicos que o povo simples interpretou e reformulou a seu modo. Há casos de algumas em que até se verificam trechos que não fazem sentido, como a Oração das Estrelas, que logo veremos.

**Para afastar assombrações:**

"De toda aflição, de toda agonia, livrai-me Jesus, José e Maria".

**Para afastar cobras:**

"São Bento, água benta, Jesus Cristo no altar, amarra bem essa cobra, pra filho de Deus passar".



**Para não ter pesadelos:**

"Pesadelo da mão furada, dedo 'escurrupichado', unha arregaçada, enquanto você dá sete voltas no mato, eu durmo sossegado".

**Quando cai um cisco no olho:**

"Santa Luzia passou por aqui, com seu cavalinho comendo capim, pediu-me pão, disse que não, pediu-me vinho, disse que sim".

**Para afastar o medo na hora de dormir:**

"Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça de Deus e do Divino Espírito Santo. Que a Virgem Santíssima me cubra com seu divino manto, para que eu não tenha medo nem pavor, nem de noite, nem de dia, nem ao pico do meio-dia".

## REZAS BRAVAS, ORAÇÕES FORTES OU REZAS FORTES

São preces veementes, fortíssimas, em que se clama com toda força da alma a intervenção de divindades em momentos cruciais, em casos extremos.

A essas rezas atribui-se grande poder, tanto que, diante de algum problema de muito difícil resolução, o povo costuma dizer "nem com reza braba...".

São também assim denominadas algumas rezas que se fazem para "dominar alguém", a exemplo desta:

## Oração das Estrelas

(Rezada com uma faca virgem na mão, apondo-a para uma estrela.)

"Minha estrela reluzente, aquela que mais brilha no céu, vai até o coração de (dizer o nome) com a coroa fechada da mãe de São Lucas, Santa Isabel. Está detida a coroa, em confiança, de ouro, na mão, na cama. Se estiver dormindo, não dormirá, se descansando, não descansará, enquanto comigo não vier falar. As estrelas se levantam, em fatias na mão consagrou, na missa celebrou o cálice; não levantará enquanto comigo não vier falar sem demora. Padecerá ao pé da cruz (repetir o nome da pessoa). Assim seja." (Publicada pelo professor Sant'anna em "No céu, as estrelas brilhantes", *Anuário de Folclore* nº 32).

São também assim denominadas as orações fortes de proteção, para "fechar o corpo", que os devotos costumam trazer consigo embrulhadas em algum saquinho ou outro envoltório qualquer. Vejamos um exemplo:

## Oração da Força

Quem dá a força?

A força do mar, a força do ar, a força do vento, a força das estrelas, a força do sol e a força da terra.

*Eu fecho o meu corpo, fisicamente, espiritualmente, com os poderes de Deus. Amém!* (Rezar, em seguida, um pai-nosso com uma vela acesa).

## BENZEDORES

Benedores são pessoas que, para curar doentes, afastar mau-olhado, acalmar crianças etc., fazem orações, geralmente murmuradas, com um galho de arruda ou outro adereço, com o qual, chegando quase a tocar o rosto ou a cabeça de quem se está benzedendo, vai fazendo o sinal da cruz ou outros movimentos. Os benzedores ou benzedoras são em geral pessoas mais idosas, gente simples do povo. Poucos são os que fazem suas orações em voz alta ou que as transmitem. Dizem que, se o fizerem, perderão a força. Eis um exemplo:



Para curar quebranto

Com um galho de arruda, fazendo movimentos em forma de cruz em torno da cabeça da pessoa com mau-olhado, diz-se:

"Fulano, eu te benzo em nome de Deus, das três pessoas da Santíssima Trindade. Benzo quebranto, inveja, mau-olhado, bafo de defunto, vento caído, osso rendido. Eu te benzo ar do sol, ar da lua, ar da estrela, ar do sereno, ar do vivo e ar do morto, ar amaldiçoado, ar estuporado. Dois te botaram esse mal, três vão tirar, que são as três pessoas da Santíssima Trindade, que é o poder do Pai, o amor do Filho e a sabedoria do Espírito Santo".

## CORRENTES VOTIVAS

"Correntes votivas", ou simplesmente "correntes" são mensagens que se enviam pelo correio (hoje até pela internet) ou são sorrateiramente deixadas sob as portas ou nas caixas de correspondência das casas, cujo conteúdo geralmente é alguma oração destinada a santos católicos ou um texto que faça referência a algum destes. Normalmente, o misterioso remetente garante que, se a mensagem for retransmitida pelo destinatário, este receberá alguma graça ou verá atendido algum pedido que fizer, dependendo da mensagem. Encontram-se no texto o prazo e o número de cópias que devem ser enviadas a outras pessoas por quem recebeu a mensagem ou oração, para que o pedido seja atendido. Se não o fizer, quebrando a "corrente", alguma desgraça lhe sucederá.

Segundo o *Novo Dicionário Aurélio*, corrente "é uma série de cartas de caráter místico ou supersticioso, enviadas cada uma a uma pessoa, que, por sua vez, deverá enviar certo número estipulado a outras pessoas, e assim por diante, formando uma corrente ou cadeia de cartas que, de acordo com os seus divulgadores, caso seja interrompida, acarretará desgraças ao causador da interrupção, à sua família etc.".

O medo das ameaças, às vezes mortais, que essas cartas apresentam faz com que as "correntes", no mais das vezes, não sejam rompidas.

Às vezes manuscritas, cheias de erros de português, às vezes impressas, essa modalidade postal de superstição é "corrente" no Brasil e no mundo. Exemplifiquemos com esta:

"Faça três cópias iguais a esta. Envie ou entregue a três pessoas de sua estima, dentro de sete dias.

Peça três graças. Guarde esta cópia e faça três orações, diariamente, durante sete dias, para São José.

Esta corrente chegou até você como sinal de sorte.

Mas se for quebrada, dentro de poucos dias, um grande castigo sofrerá quem a quebrar.

*Houve quem a quebrou que perdeu a vida por isso".*

Vejamos mais esta, que nos chegou recentemente, por acaso, e re-produzimos tal como a recebemos:



### "ORAÇÃO

PENSAMENTO POSITIVO FAZ MILAGRES 16 DE OUTUBRO DIA DE SANTA EDWIRGES

Beije alguém que você ama muito ao receber esta carta. Ainda mais que ela veio pra te trazer sorte. A cópia desta carta está na capela de Santa Edwirges, em Northemberland, Inglaterra, e suas cópias rodam o mundo inteiro. Após recebe-la, você terá grande sorte. Parabéns, não mande dinheiro, pois a felicidade não tem preço. Envie 20 (cópias) (inclusive esta que você recebeu) pelos correios ou pessoalmente, para pessoas que precisam de muita sorte. Não guarde esta carta. Ela deverá sair de suas mãos em 96 horas (quatro dias). Esta carta não é parte de uma brincadeira ou superstição. É uma corrente energética que lhe trará surpresa nos próximos quatro dias. Um oficial do exército americano recebeu 7 mil dólares inesperadamente, apenas deixando as cópias nos armários dos soldados de sua tropa. Norma Eliot recebeu 250 mil dólares, Philippe Gorca recebeu a carta mas não lhe deu atenção, perdeu a mulher em 6 dias. No Brasil, César Dias recebeu a carta em 1983, mandou sua secretária fazer vinte cópias, em alguns dias ganhou milhões na loteria. Carlos Mancini recebeu esta carta e guardou, perdeu o emprego. Após lembrar-se de carta, fez as cópias e em

18 dias arrumou um emprego melhor que o anterior. Dalmo Dantas recebeu e jogou fora, perdeu tudo o que tinha e morreu, 32 dias depois sua mulher viu a carta no lixo e mandou fazer 500 cópias, ganhou dinheiro dos vizinhos e abriu uma escola de música para crianças carentes. Não mande dinheiro, nem ignore esta carta, lembre-se que esta carta veio até você com muito amor e carinho, por isso funciona mesmo, mande-a com muito amor”.

## PROMESSAS E EX-VOTOS

Alguns autores estabelecem uma distinção entre promessa e ex-voto (expressão em latim que significa “em virtude de”, “em razão de”). Mas a maioria considera sinônimos os mencionados termos, a exemplo de Câmara Cascudo em seu célebre *Dicionário do Folclore Brasileiro*.

“Ex-voto” é mais usado, no entanto, em referência a objetos oferecidos a santos por causa do atendimento de um pedido que a algum destes se fez. Esculturas de cabeças, pernas, mãos, braços, de cera, barro ou madeira (alusivos a uma parte do corpo curada por algum santo), retratos, flores, velas e muitos outros objetos são colocados pelos devotos em lugares considerados sagrados, sob os pés da imagem de algum santo, em agradecimento ou em cumprimento de uma promessa. Inúmeros exemplos de ex-votos são encontrados em Aparecida do Norte (São Paulo) e em Juazeiro (Ceará), que reúnem impressionantes romarias.

Promessa é a palavra mais utilizada para se referir a uma obrigação que o devoto de determinado santo assume com este, caso tenha seu pedido atendido. Essa obrigação pode consistir:

- na prática de determinado ato (mandar fazer uma vela do tamanho do santo caso passe no vestibular) ou
- na abstenção de algo que agrada a pessoa devota (deixar de fumar ou de beber), o que, dependendo do caso, pode ser transitório (durante três meses, suprimamos) ou definitivo.

Há quem já cumpra a obrigação antes do pedido atendido, tamanha a fé e a confiança que dedica ao santo de sua preferência. Por exemplo, não usar certas cores ou não cortar o cabelo ou a barba até alcançar a graça solicitada.

Acredita-se também que sofrerá um grande castigo aquele que, sendo atendido, não cumprir uma promessa.

Ex-votos e promessas representam uma prática universal e milenar. “Sobrevive das tradições clássicas greco-latinas”, informa Câmara Cascudo (obra citada). A história conta que, muito antes da era cristã, combatentes, ao regressar vitoriosos, depositavam suas armas e troféus em altares de seus deuses.

## CARTAS VOTIVAS

São aquelas endereçadas a santos católicos de que são devotos os remetentes, contendo pedidos e postas sob a respectiva imagem em santuários e igrejas.

Tomemos o seguinte exemplo, de Antônio Henrique Weitzel, em *Folclore Literário e Lingüístico*, transcrito conforme o original:



### “Oração a São José

*Grande São José, já que os bons casamentos se fazem no céu, eu vos peço pela felicidade incomparável que tivestes quando fostes feito o verdadeiro e legítimo esposo da Virgem Santíssima a ajudar-me arranjar um bom casamento, um marido com o qual eu possa bem amar e servir a Deus em boa união e concórdia. Amém.*

*1 Pai Nosso - 1 Ave Maria - 1 Glória Padre”.*

## EXCELÊNCIAS

No sempre expressivo dizer do professor José Sant’anna, excelência (do latim *excellencia*, ou “grau máximo de bondade, qualidade ou perfeição”), “no ritual fúnebre popular é um curto hino” entoado em louvor de defuntos, ou mesmo de moribundos, “que se torna longo pela excessiva repetição, variando apenas o número das estrofes entoadas e composto por frases quase sempre rimadas. O ritmo é muito tétrico, de fazer arrear os pêlos das crianças e dos adultos” (in “Cuide da vida, porque a morte é certa”, *Anuário do 33º Festival do Folclore*). A gente simples do povo diz “incelência”, “inçalença”, entre outras variações. Vejamos um exemplo, extraído do referido artigo:

“Uma incelência/ Do anjo São Gabriel (bis)/ Despeça desta Terra/ despeça da família/ Despeça do seu

pai/ E da sua mãe/ Duas incelência, etc. Cantada sete vezes”.

## RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS

Esse ritual ocorre por ocasião da Quaresma, que se inicia após o término do Carnaval, na Quarta-feira de Cinzas. Essa expressão decorre do costume religioso de carnavalescos que, como penitência pelos excessos cometidos no Carnaval, participam de uma missa em que um sacerdote lhes faz, com cinzas, uma cruz na testa (cada vez mais está desaparecendo essa prática; logo restará só o nome). A Semana Santa são os últimos sete dias da Quaresma, que correspondem ao período da condenação, crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

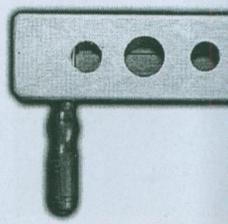
Trata-se de um ritual em que um grupo de pessoas, que se cobrem com uma toalha ou lençol branco (às vezes até os pés), percorrem as ruas e visitam algumas casas, fazendo orações e entoando cânticos lúgubres, em favor das almas penadas, sofredoras, que se encontram no purgatório (local intermediário entre o céu e o inferno, lugar de sofrimento e castigos transitórios para almas que ainda têm



algumas dívidas a resgatar para que possam ir para o céu, segundo se crê). Os “recomendadores” realizam esse cerimonial em favor de almas indigentes, pelas quais não há quem peça intercessão a Deus e aos santos em seu favor.

Os dias em que a recomendação é promovida variam de um grupo para outro. Alguns o fazem durante nove dias seguidos; outros, durante sete e em dias alternados. É muito variável, pois cada grupo tem suas próprias crendices.

Alguns instrumentos, feitos de madeira, também são utilizados na “recomendação”, como a matraca, que produz um barulho violento. Devem ser de madeira, pois esta representa a ressurreição e ajuda a expulsar o demônio.



Durante esse fúnebre trajeto, os recomendadores não devem olhar para trás, sob pena de ver almas penadas seguindo o grupo ou ainda sofrer alguma agressão física sem saber de onde partiu. O povo conta casos de pessoas que olharam para trás e ficaram mudas ou perderam o juízo.

Quem ouvir de longe o barulho da matraca ou avistar esse cortejo sombrio deve rapidamente entrar em sua residência ou na primeira que puder. As pessoas das moradas diante das quais os recomendadores pararem devem fechar suas portas, apagar as luzes e também orar pelas almas desassistidas.

Esse ritual não deve ser confundido com a encomendação das almas (oração que os padres dedicam aos mortos, antes do enterro), embora o povo use uma expressão pela outra, indistintamente.

Perde-se no tempo a origem desse cerimonial que os colonizadores portugueses para cá trouxeram. Ele é associado a formas medievais de cultuar os mortos.

A recomendação das almas é um costume em vias de desaparecer, mas ainda pode ser encontrado nos vilarejos e na zona rural das pequenas cidades do interior.

Esse ritual é praticado em quase todas as regiões brasileiras, com alguma diferença de uma para outra. No Nordeste, por exemplo, onde também se usa uma grande cruz, é chamado "penitência das almas", e os membros do grupo, "penitentes".

Em Olímpia, os grupos de recomendadores são mantidos por tradição, de pais para filhos, alguns deles em razão do cumprimento de uma promessa.

## VIA-SACRA

Bastante oportuno é o escólio do mestre Sant'anna sobre a Via Sacra, ao registrar uma que presenciou no distrito de Ribeiro dos Santos, em Olímpia/SP, conforme publicado no *Anuário do 24º Festival do Folclore*:

"A Via Sacra é forma de devoção popular que consiste no piedoso exercício de meditação da Paixão de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, percorrendo ao mesmo tempo as estações ou passos dolorosos.

Nas cidades é realizada nas igrejas. Nos bairros urbanos e rurais, geralmente é feita nas casas dos fiéis.

Um grupo de fiéis, a partir das 19 horas, sai para rezar nas casas de pessoas amigas. À frente, um menino ou um rapaz, agitando a matraca, para a reunião dos devotos.

Ao contrário da Via Sacra que se realiza na Igreja, nas casas é mais simplificada a reza, pois visitam, por noite, 14 casas. A Via Sacra percorre as 14 estações que representam as cenas nelas ocorridas, que são: 1 – Jesus é condenado à morte; 2 – Jesus carrega a cruz aos ombros; 3 – Jesus cai pela primeira vez; 4 – Jesus encontra com sua Mãe Santíssima; 5 – Simão ajuda Jesus a levar a cruz; 6 – Verônica enxuga o rosto de Jesus; 7 – Jesus cai pela segunda vez; 8 – Jesus consola as filhas de Jerusalém; 9 – Jesus cai pela terceira vez; 10 – Jesus é despido de suas vestes; 11 – Jesus é pregado na cruz; 12 – Jesus é pregado na cruz; 13 – Jesus é



ascendido à cruz; 14 – Jesus é colocado no sepulcro.

A visitação às casas é feita de maneira bem simples, pois são 14 visitas a serem efetivadas. Em cada uma meditam sobre uma estação, rezam 1 Pai-nosso, 1 Ave-maria e 1 Glória ao Pai. Terminam a tarefa religiosa, naquela casa, com o canto de uma estrofe do tradicional hino Via Sacra (...). Quando se retira daquela casa, o grupo é acompanhado de mais pessoas e assim ocorre até completarem as 14 casas daquela noite.

Vários desses acontecimentos, por exemplo, o encontro com Verônica, estão baseados unicamente em tradições, e não nas Escrituras. As estações são mais comumente erigidas nas Igrejas, embora se possam encontrar em oratórios, cemitérios ou nas estradas que conduzem aos santuários, e são, ordinariamente, fixadas na parede a intervalos regulares.

Na impossibilidade de exposição dos quadros da Via Sacra, basta um crucifixo, desde que seja bento".

## PROCISSÃO DO FOGARÉU

Tratando-se de Quaresma, não podemos deixar de mencionar a

Procição do Fogaréu, realizada na Quarta-feira Santa, em Goiás Velho/GO. É uma procissão noturna que rememora a perseguição e captura de Jesus Cristo, cujos condutores são os chamados "farricocos", que representam os soldados de Herodes. Encapuzados, vestidos com túnicas e portando tochas, caminham pelas ruas de uma cidade que se escurece por ocasião desse evento, que culmina na Igreja de São Francisco, simbolicamente o Monte das Oliveiras, onde Jesus foi capturado e preso.

## TERÇOS E NOVENAS

Para concluir as referências à Quaresma, a sempre oportuna lição do professor José Sant'anna sobre os terços:

"O ciclo da Quaresma é marcado pelas rezas solenes caracterizadas pela recitação do terço, forma abreviada e popular do Rosário. Embora o Concílio tenha encarecidamente recomendado 'os sagrados exercícios do povo cristão', seria querer tapar o sol com a peneira ignorar que esses costumes paralitúrgicos são hoje desestimulados".

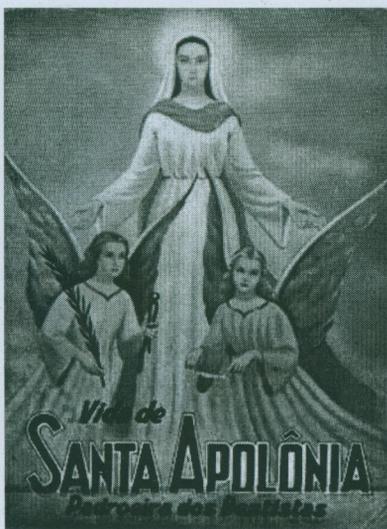
Durante a Quaresma, os vizinhos se reúnem, cada dia em uma casa, e rezam o terço, assim como fazem às vésperas do Natal, ocasião em que fazem novenas (rezam durante nove dias).

## OUTRAS MANIFESTAÇÕES DE RELIGIOSIDADE POPULAR

No decorrer deste trabalho, ao tratar das orações populares, já tivemos oportunidade de verificar alguns pequenos exemplos da existência de manifestações de devoção popular a santos católicos, praticadas independentemente do que é preconizado pelo catolicismo oficial.

Vários são os santos católicos em torno dos quais se verificam manifestações folclóricas de crença, de fé, ou mesmo de "crendice e de superstição", como podem alguns considerar. Por exemplo, para atrair chuva furtam-se de algumas residências imagens de santos (devolvidas depois de chover).

Muitas simpatias envolvem, de alguma forma, as imagens de Santa Luzia, que se encarrega de problemas oftalmológicos; ou de Santa Apolônia, dos odontológicos; de São Cristóvão, o padroeiro dos motoristas; de Santa Rita de Cássia e São Judas Tadeu, santos das causas impossíveis; ou, entre muitos outros,



as de São Cosme e São Damião, protetores das crianças, em cujo louvor, aliás, se realizam animadas festas para a meninada, tanto entre católicos, no âmbito residencial, como nos centros de umbanda.

Vejamos, por ora, mais detidamente, o exemplo de Santo Antônio, um dos mais populares no Brasil, considerado o padroeiro dos viajantes, dos pobres, dos taverneiros, dos militares e também dos namorados. Aliás, é esse último o encargo mais forte que seus devotos lhe atribuem.

É, de fato, bem marcante a presença de Santo Antônio no folclore amoroso: promessas, orações, simpatias em que seu nome é envolvido, dentre outras manifestações.

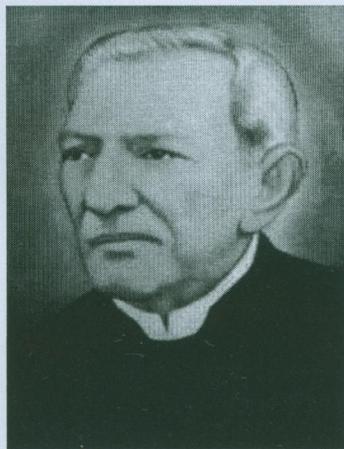
A imagem de Santo Antônio é também submetida a torturas,



como o açoite, o fogo, o gelo, ou então é colocada de ponta-cabeça, ou em meio às pedras, ou num poço fundo. Enfim, a imagem de Santo Antônio, enquanto este não arranjar um namoro ou um casamento para suas devotas, chega a ser afogada, enterrada, amarrada, cozida, enfim, vale tudo para conseguir um namorado ou um marido.

Essas manifestações são, com efeito, puramente folclóricas, produtos da cultura espontânea. O povo consagra.

Existem também aqueles que, mesmo não tendo sido "canonizados", ou seja, oficialmente considerados santos pela Igreja Católica, são "santificados" pelo povo, a exemplo do padre Cícero Romão Batista, o santo "padim (padrinho) pádi (padre) Ciço (Cícero)" – como



dizem seus devotos mais simples –, muito cultuado no Nordeste.

O Nordeste também nos faz lembrar dos beatos e penitentes. Sobre os primeiros, quem não se lembra do Beato Salu, pai de Roque Santeiro, novela já exibida três vezes pela Rede Globo de Televisão (1985, 1991 e 2001), tamanho seu sucesso? A descrição dessa personagem corresponde aos verdadeiros beatos existentes no Nordeste: roupas compridas e brancas, às vezes coloridas ou esfarrapadas, cruz no pescoço, rosário de contas, geralmente com cabelos e barbas compridas, preconizando ameaças do "fogo do inferno" para quem não for de Deus. Alguns são mitificados, como Antônio Conselheiro, o exemplo mais célebre. Quanto aos penitentes, estes são típicos do agreste, que, solitários ou agrupados, percorrem cruzeiros e igrejas praticando autoflagelação ou flagelação recíproca. "Em Juazeiro chegou a existir uma ordem dos penitentes, e, ainda hoje, no Vale do São Francisco, na Bahia, durante a Quaresma, há penitentes despindo os tetricos mantos negros que lhes cobrem todo o corpo para receber, na carne viva, a penitência", informam Carlos Felipe e Maurizio Manzo (em *O Grande Livro do Folclore*, Ed. Leitura, pág. 64).

Vejamos mais algumas manifestações.

## SANTOS DE CHUVA E OS "MOLHA-CRUZES"

Em período estiagem ainda hoje se verifica em Olímpia uma procissão, com

andores de santos, ornadas de flores naturais ou artificiais, realizada durante alto e ardente sol, com destino a algum cruzeiro (cruz grande, situada defronte de uma igreja, na estrada, ou no final de uma rua do cemitério ou alguma que passou a ser objeto de culto especial). O séquito parte da capela da fazenda ou da residência do organizador. Durante o trajeto, entoam-se cânticos pedindo chuva. Ao chegar à cruz, reza-se um terço, acendem-se velas, entoam-se outros cânticos. É mais praticado na zona rural.

Segundo o professor José Sant'anna:

*"Muitos são os santos invocados para fazer chover. Dependendo do local onde se realiza essa prática religiosa, os santos protetores geralmente são os padroeiros das igrejas, dos bairros, das capelas ou os da devoção da família que organiza a novena".*

*"Os santos de maior prestígio ao lado de Nosso Senhor, em Olímpia, são: Santana, Santa Bárbara, Santa Gertrudes, Santa Luzia, Santa Madalena, Santa Teresa, São Barnabé, São Benedito, São Fermínio, São João Batista, São Joaquim, São José, São Pedro, São Rafael, São Sebastião, São Serafim (?), Nossa Senhora..." (in "Cai chuva, cai lá do céu!", Anuário do 31º Festival do Folclore).*

## FESTEJOS E SANTOS JUNINOS

Os festejos do mês de junho, em que se celebram Santo Antônio, São João e São Pedro, representam outro grande exemplo de manifestação da religiosidade popular.

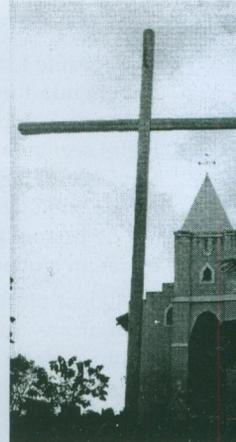
Em residências de devotos rezam-se terços para os três santos, entoam-se-lhes hinos, são levados mastros com suas imagens em uma "procissão caseira", em torno da casa, após a qual o mastro é fincado ao chão. Às vezes, os moradores de um quarteirão se reúnem e realizam a festa conjuntamente, na rua.

## FOLIA DE REIS

Dentre os mais representativos folguedos do ciclo natalino, encontram-se as folias de Reis, também conhecidas por Companhias de Reis.

De origem portuguesa, derivam dos festejos realizados no Dia dos Reis Magos, introduzidos no Brasil no século XIX.

Celebram o nascimento de Jesus Cristo e a visita que lhe fizeram os Três Reis Magos.



Entre 24 de dezembro e 6 de janeiro (Dia dos Santos Reis), as Companhias visitam as casas das redondezas em busca de donativos para a realização da festa, no dia 6 de janeiro, levando consigo a bandeira dos Santos Reis. Sendo aceita a visitação, os membros do grupo passam com a bandeira por todos os cômodos da residência, para que os Santos Reis abençoem o lar e todos os que nele habitam. Essa é a chamada "peregrinação".

A indumentária dos integrantes das folias de Reis é, em geral, mais simples. São trajes comuns, usados uniformemente pelos membros das companhias. Destacam-se os palhaços, que usam máscaras para ocultar todo o rosto e chapéus em forma de cone, enfeitados com fitas e flores. A presença desses pa-



lhaços tem origem em muitas histórias. Uma delas conta que representariam os Reis Magos, que se disfarçaram na ocasião da visita ao Menino Jesus, para fugir da perseguição do rei Herodes.

Cânticos em louvor a Deus, a Jesus e aos Santos Reis são entoados ao som de violas, violão, cavaquinho, pandeiros, entre outros instrumentos.

Olímpia, a Capital do Folclore, é também a Cidade das Folias de Reis, onde existem mais de 30 companhias.

## CONGADA

Congada, congado ou congão são os nomes do folguedo de formação afro-brasileira que remonta à antiga coroação dos reis do Congo, praticada pelos escravos no Brasil e estimulada pelas autoridades para tranqüilizar um pouco as senzalas. É reminiscência dessa prática, na região Sudeste, onde é o folguedo mais difundido.

Antigamente, as congadas também comemoravam as lutas entre mouros e cristãos, nas denominadas "embaixadas", que hoje são raras. Algumas ainda apresentam coreografias que evocam manobras guerreiras, com o uso de espadas, mas atualmente prevalece o aspecto re-



ligioso, a louvação a santos católicos, especialmente a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Os grupos são chamados ternos de congada, ternos de congo, guardas de congos, entre outros.

Há uma grande diversidade entre os grupos com relação à indumentária utilizada e aos cantos e danças. Muitos deles usam chapéus com fitas coloridas, geralmente ornados com espelhos, que devolveriam eventual mau-olhado recebido. Em cada localidade onde é cultivado, o folguedo se apresenta com características diversas. Há informações de sua existência desde 1711, mas, segundo Gustavo Côrtes, em *Dança, Brasil*, "o primei-

ro relato de uma apresentação oficial se deu em 1760, pelo padre jesuíta João Antônio Andreoni".

Em Olímpia, temos o Terno de Congada Chapéu de Fitas, do capitão José Francisco Ferreira, que no dia 13 de maio realiza "festejos religiosos em louvor a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário", segundo o capitão. Nesse dia, em procissão, visitam os festeiros (colaboradores do grupo que recebem a congada, muitas vezes em cumprimento de promessa) e comparecem à praça da Igreja de São Benedito, onde ocorre o levantamento dos mastros com imagens dos mencionados santos. O grupo percorre a Avenida do Folclore, a principal do Jardim Santa Ifigênia, até o Quartel, residência do primeiro capitão do terno. Do

cortejo, além dos integrantes da congada, participam devotos e simpatizantes. "Enquanto dança - informa o professor José Sant'anna - o conjunto executa música vibrante, com a cadência do marcada pelos bumbos. À porta do Quartel, um casal coroadado, simbolizando o antigo rei do Congo e sua real consorte,

acompanha serenamente o desenrolar da dança caprichada (...) E assim prossegue a festa, que vai continuar o dia todo e só termina ao anoitecer". Eventualmente, participam da festa ternos de congada de outras localidades.

Dentre os inúmeros folguedos de motivação devocional existentes no Brasil, destacamos a folia de Reis e a congada, tendo em vista sua efetiva representatividade em Olímpia.

## GRANDES FESTAS POPULARES

Há no Brasil várias e ostentosas festas populares de motivação religiosa. A título de ilustração, mencionemos as efusivas festas de São João que se realizam por todo o país, destacando-se as espantosas festas nordestinas, especialmente as de Caruaru (em Pernambuco), Campina Grande (na Paraíba) e São Luís (no Maranhão), com mastros e fogueiras monumentais, quadrilhas,

foguetório e muito forró, em meio a



celebrações aos santos juninos.

### Festa do Divino

Das mais tradicionais no Brasil, a Festa do Divino é celebração dedicada ao Divino Espírito Santo.

Dizem os estudiosos que ela foi idealizada pela rainha Isabel, mulher do rei Dom Dinis, na ocasião em que se construiu uma igreja em louvor ao Divino Espírito Santo, em Alencar, Portugal, no limiar do século XIV.

Foi trazida ao Brasil pelos portugueses no século XVI com o nome de Império do Divino.

Segundo Gustavo Côrtes, em *Dança, Brasil*:

*"O nome Império, usado do período colonial até o final do século passado, decorre da referência ao altar montado na casa do festeiro, ou seja, do imperador do Divino".*

Entre nós, a festa se propagou e ainda hoje é cultivada em quase to-



das as regiões brasileiras, ampliando-se cada vez mais, com a participação de grupos folclóricos e parafolclóricos.

À frente da festa, que, aliás, envolve toda a comunidade do local, está a folia do Divino, ou seja, o grupo de músicos, cantadores, que acompanham o cortejo.

Em busca de donativos para a realização da festa, os membros da folia, que levam consigo a bandeira do Divino, percorrem as casas. Uma vez aceita a visita, a exemplo

do que fazem as companhias de Reis, o grupo passa com a bandeira por todos os cômodos da morada, para que o Espírito Santo abençoe, assim como os que nela vivem.

Nas festas do Divino realizam-se novenas, missas e quermesses. Outros santos também são louvados. O ponto alto é o cortejo, realizado após a missa. No início dele, em geral,

afigura-se o componente que representa o imperador – devidamente ornado, com cetro, coroa e o que mais "mandar o figurino" –, acompanhado de outras pessoas representando rainhas e princesas, e, bem assim, um cortejo imperial infantil. Seguem-se pajens, alferes, crianças vestidas de anjos, entre outras personagens, e várias pessoas portando bandeiras do Divino, encimadas com a coroa, muitas delas adornadas com flores e fitas. Em seguida desfila, apoteótico, um andor ricamente ornamentado com tecido vermelho, flores e adereços cintilantes, configurando condignamente a bandeira do Divino Espírito Santo, cujo símbolo é uma pomba branca bordada com fios dourados.

### Festa de Santa Cruz

Realizada anualmente no mês de maio em Carapicuíba (SP), é "uma das principais manifestações da tradição paulista", segundo Gustavo Côrtes, que acrescenta:

*"Originária do interesse jesuítico na catequização dos índios, compõe-se de uma parte religiosa, com novenas, missas e procissão, e outra profana, com alvorada, mastro, cantos, danças e jogos. A Dança de Santa Cruz é o ápice da festa, realizada diante do santo cruceiro e das cruces colocadas nas portas ou erguidas diante das residências" (in Dança, Brasil, pág. 139).*

### Círio de Nazaré

Das mais espetaculares festas religiosas brasileiras, que celebra Nossa Senhora de Nazaré, o círio se realiza no segundo domingo de outubro, em Belém do Pará. O nome se refere ao círio (vela grande), que integra a festividade. Nela se verifica uma enorme procissão de que milhões de pessoas participam.

### Lavagem da Igreja do Bonfim

Realizada em janeiro, desde o século XVIII, em Salvador, Bahia, é

um sensacional cortejo, com inúmeras baianas tipicamente trajadas e a participação de variadas manifestações folclóricas religiosas, de diferentes crenças, culminando com a lavagem da escadaria da Igreja do Senhor do Bonfim. Atribuem a origem desse evento a um soldado português que, cumprindo uma promessa, iniciou a lavagem da igreja ajudado por outras pessoas. Esse tipo de promessa, praticado entre os romanos antigos, foi também adotado pelos portugueses. É a maior festa baiana antes do Carnaval. No entanto, a igreja fica de portas fechadas durante a lavagem.

### Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

Essa festa celebra a santa mais cultuada na região Sul, a Nossa Senhora dos Navegantes, considerada padroeira dos pescadores e navegadores. Há procissões marítimas e fluviais com inúmeras embarcações e devotos que fazem oferendas a ela. Realiza-se em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 2 de fevereiro, e ocorre também em outras localidades da região Sul do país.

Citamos, ainda, a Festa de São Joaquim, de Curiaú, Amapá; a do Sairé, em Alter do Chão, comunidade próxima a Santarém, Pará; a de Nossa Senhora do Rosário, em Minas Gerais; os folguedos natalinos alagoanos, entre outras. São diversas, enfim, as festas populares de motivação religiosa. Referimo-nos a algumas a título de exemplo.

## RELIGIÕES POPULARES

Segundo Maria de Lourdes Borges Ribeiro, "consideram-se religiões populares as não oficiais. Não possuem uma unidade de culto, devido a suas diferentes origens, ainda que exista uma estrutura identificadora, e carecem de uma autoridade única para mantê-las" (in *Folclore – Biblioteca Educação e Cultura, MEC Fename, Bloch*). Elas não têm uma codificação, não há sagradas escrituras em que se baseiam. A transmissão dos conhecimentos e procedimentos é oral.

### Candomblé





Do vocábulo banto *kamdombile* (culto, oração), *candomblé* é religião introduzida no Brasil pelos escravos africanos, especialmente os de origem nagô, banto e jeje, que se caracteriza pelo culto a divindades representativas das forças da natureza, os chamados orixás (por exemplo, Iemanjá, a rainha do mar, ou Iansã, a senhora dos ventos e das tempestades). Os orixás são também denominados "santos" por seus adeptos.

O termo *candomblé* é usado para significar tanto a religião como o templo em que esta é praticada, a que também se denomina terreiro.

O mais alto grau hierárquico num terreiro é o de *babalorixá* (pai-de-santo). Se mulher, *ialorixá* (mãe-de-santo).

O ritual religioso do *candomblé* consiste em danças rituais desenvolvidas nos terreiros pelos filhos-de-santo, sob o ritmo envolvente dos *agogôs* e dos *atabaques*, instrumentos considerados sagrados.

Segundo crêem os adeptos do *candomblé*, os orixás, durante o ritual, "incorporam-se" nos filhos-de-santo, ou seja, "baixam" nos terreiros.

Para cada orixá é dedicada uma dança, um canto e uma indumentária especiais, assim como uma comida, uma saudação específica etc.

Acredita-se que cada pessoa tenha um orixá que lhe rege a cabeça.

### Sincretismo Religioso



É denominada *sincretismo religioso* a soma das mútuas influências das culturas branca, negra e indígena, principalmente a associação que fazem entre orixás e santos católicos (diz-se, por exemplo, que *Iansã* é "sincretizada" com *Santa Bárbara*).

Esse tal *sincretismo* remonta ao negro período da escravidão, quando eram violentas as reprimendas aos escravos que cultuassem seus deuses, quando se pretendia impor uma religião e negar todas as outras. Os escravos, então, adquiriam imagens de santos católicos, introduzindo-as em seus rituais de modo a camuflar os verdadeiros deuses que cultuavam.

Em síntese, o chamado *sincretismo religioso* entre orixás e santos católicos é resultado de uma forçada associação que os negros escravos foram obrigados a encontrar entre seus deuses e santos católicos, para que pudessem professar sua fé.

Os orixás também estão presentes em outras manifestações folclóricas pertencentes ao ciclo carnavalesco, como os *afoxés* e *maracatus*.

O culto a essas divindades africanas chega até os palcos dos teatros. A dança dos orixás é também representada por grupos *parafolclóricos*.

Vejam alguns dos orixás mais cultuados:

*Oxalá*: considerado o maior dos orixás na Bahia, é "sincretizado" com *Jesus Cristo*.

*Xangô*: orixá da justiça, do fogo, dos raios e trovões.

*Iansã*: senhora dos ventos e das tempestades.

*Oxóssi*: orixá da caça e das florestas.

*Ogum*: o deus dos guerreiros.



*Exu*: "dualidade do bem e do mal, do certo e do errado, do sim e do não, do equilíbrio e do desequilíbrio", segundo *Emília Biancardi*, em *Raízes Musicais da Bahia*.

*Nanã*: orixá dos pântanos e manguezais.

*Oxum*: cujo domínio são as águas doces.

*Ossanha*: entidade das folhas e das ervas.

*Oxumarê*: representado pelo arco-íris, símbolo de todas as cores.

*Obaluaiê*: dos mais temidos, é o orixá da doença e da cura.



Vale destacar *Iemanjá*, senhora do mar, o mais conhecido dos orixás do *candomblé*. Aliás, ela é a mãe de quase todos eles.

O culto a *Iemanjá* transcende os terreiros. Sua imagem é encontrada até mesmo em residências de católicos, ao lado da de outros santos.

Curiosamente, conforme se pode depreender de sua mais famosa imagem, ela foi "embranquecida" aqui no Brasil.



Além de rainha do mar, *Iemanjá* é também a padroeira dos amores.

Há autores, porém, que dizem ser essa atribuição de *Oxum*, enquanto outros acreditam ser de *Iansã*. Mas devotos de *Iemanjá* não adeptos do *candomblé* vêem na senhora do mar também a padroeira dos amores. Segundo *Câmara Cascudo*, "quem vive do mar ou depende de amores é devoto de *Iemanjá*".

São ostentosas as festas realizadas em sua homenagem. Mas, mesmo fora delas, são muito comuns oferendas colocadas no mar para sua dona. Até cartas votivas – como aquelas endereçadas a santos católicos contendo pedidos, postas sob a imagem deles nas igrejas – são anexadas a presentes oferecidos a *Iemanjá*.

## Umbanda

Embora considerada por muitos uma derivação do candomblé, a umbanda, mais forte na região Sudeste, apresenta características próprias.

Na umbanda, os orixás são também reverenciados e, do mesmo modo, associados com santos católicos.

No entanto, enquanto no candomblé o culto é dirigido aos orixás, na umbanda, quem se manifesta, quem "baila" são "espíritos" de antigos índios e negros, os "caboclos" e "pretos velhos", e espíritos de crianças, denominados *erês*.

Essas entidades, incorporadas nos "cavalos" (os médiuns) orientam e aplicam "passes" nos frequentadores (passe = imposição das mãos na direção destes, irradiando-lhes energia, afastando-lhes influências ruins, inclusive espirituais). Eles são também conhecedores dos segredos das ervas e raízes, exercendo assim a função de curandeiros, recomendando banhos com ervas específicas para cada objetivo.

Os trajes usados pelos participantes dos rituais geralmente são mais simples do que as sofisticadas indumentárias utilizadas no candomblé. Na umbanda, usam-se em geral roupas brancas, com colares, a que chamam "guias" (substantivo feminino; "os guias", no masculino, é a forma pela qual são também chamados os espíritos na umbanda).

Segundo Gustavo Côrtes, em *Dança, Brasil*:

*"Há quem faça distinção entre candomblé e umbanda enquanto rituais. Ambos são religiões afro-brasileiras, mas a umbanda se caracteriza pela mistura do candomblé e do espiritismo (...). O termo quimbanda, por sua vez, é usado para definir a parte da umbanda que se volta à magia negra - a macumba"* (p. 76, Ed. Leitura).

O antecessor da umbanda seria então o chamado candomblé de caboclo - "rito semelhante ao candomblé tradicional, acrescido da presença de caboclos (influência indígena), que representam os orixás; antecessor da umbanda", segundo Ari Moraes, em *Candomblé e Umbanda*. (Revista Planeta nº 144-D, Ed. Três, pág. 63)

O professor José Sant'anna, em "A presença de São João no Folclo-

re de Olímpia", (Anuário do 26.º Festival do Folclore) explica:

*"O sincretismo católico atingiu tal ponto que é comum cultivar uma mesma entidade de modo indiferente, com nome de santo ou orixá africano, não se podendo, muitas vezes, diferenciar onde termina um e começa outro. O sentido ecumenista e a divergência de liturgia tendem a se acentuar pela grande disseminação da umbanda no Brasil e seu respectivo relacionamento com o altar e práticas católicas"*.

Lembremos que as consultas aos orixás são feitas através dos búzios (conchas) ou coquinhos de dendê lançados pelo pai-de-santo num tabuleiro especial, cuja configuração permitirá a leitura, pelo "vidente", da mensagem transmitida. Acendem-se velas, usam-se incensos e defumadores.

Acrescente-se, ainda, que nessas religiões afro-brasileiras, além dos cerimoniais a que o público assiste, há também complexos rituais envolvendo até mesmo animais, nos "despachos" e outros "trabalhos" que nelas são realizados.

Existem outros cultos afro-brasileiros semelhantes. No Maranhão, por exemplo, a denominação local para os cultos jejes é "tambor de mina". Em Pernambuco, o termo usado para denominar cultos similares é "Xangô".

## MEDICINA FOLCLÓRICA

Segundo Rossini Tavares de Lima:

*"Entende-se por medicina folclórica o conjunto de conceitos e práticas cuja função é prevenir e curar doenças em homens e animais. Diferencia-se da medicina erudita por não estar sujeita às regras científicas de observação e experimentação, e por se apresentar como expressão humana em todos os tempos e lugares. Seu exercício não se restringe a determinada classe, seja social ou profissional" (in "Escola de Folclore: estudo e pesquisa de cultura espontânea", p. 43). Citado por J. Gerardo M. Guimarães, in "Repensando o Folclore", Ed. Manole, pág. 181*

A humanidade sempre enfrentou privações e adversidades em sua história. Maiores ainda eram estas nos primórdios da civilização.

Foi o homem primitivo, com efeito, quem deu os primeiros passos em busca de recursos contra as en-

fermidades, no meio em que vivia, inicialmente junto aos vegetais e, com o tempo, também aos animais e minerais.

Desse processo fazia parte, naturalmente, o medo do desconhecido. Daí o forte vínculo da medicina popular com o sobrenatural, desde sua origem, sendo até hoje mantido, pois muitas vezes são acrescentados aos remédios orações, simpatias e rituais, em que às vezes se observam inclusive a fase da lua, a posição do sol, a estação do ano.

Os primeiros médicos foram os magos e feiticeiros.

Na atualidade, mesmo com o célere progresso da medicina erudita, os chamados curandeiros ainda estão por aí.

Subdividiremos este tópico em dois itens. Falaremos primeiramente da medicina caseira e, após, dos curandeiros.

### Medicina caseira

Tratemos, primeiramente, daqueles remédios caseiros que aprendemos a usar com nossos pais, que, por sua vez, aprenderam com seus avós e outros parentes mais velhos.

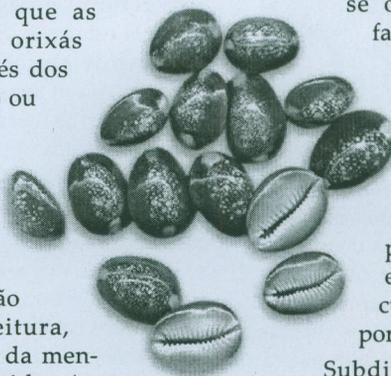
São remédios simples, que, mesmo se não curarem a doença, não acarretarão efeitos colaterais. Como diz o povo, se não fizer bem, mal não vai fazer (ou, pelo menos, não muito mal).

Exemplos: pingar cachaça no dente dolorido, passar um pedaço de fumo embebido em álcool no local picado por um inseto, aplicar mel em furúnculo, cheirar cebola para estancar hemorragia nasal, fazer gargarejo com água e sal contra dor de garganta, pingar leite materno no ouvido que estiver doendo, tomar vinho quente para aplacar cólicas menstruais etc.

### Chás medicinais

Os chás podem ser preparados por meio de maceração (macera-se, esmaga-se, espreme-se a planta para extrair o sumo), infusão (conserva-se a planta ou erva na água por certo tempo) ou cozimento (coloca-se a água com a planta no fogo), entre outras maneiras. Alguns exemplos de chás caseiros mais empregados:

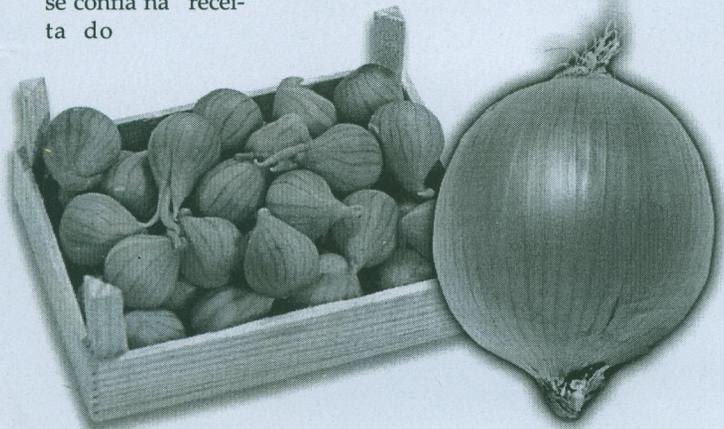
- de alho, para curar gripe.
- de erva-cidreira (para acalmar; para males do fígado e do intestino; para disfunções digestivas; dores nevrálgicas).



- de jurubeba (aproveitam-se as raízes, as folhas e os frutos; é diurético e também atua contra males do estômago).
- de losna (para azia e ressaca de bebida alcoólica).
- de poejo (também conhecido por erva-de-são-lourenço, é usado contra enjôo, diarreia e menstruação irregular).

Há inúmeros outros chás que podem não só ser bebidos mas também aplicados em feridas e muito mais.

Vimos exemplos nos quais se confia na "receita do



povo antigo" ou, como dizem, se confia na pessoa que indicou o remédio "caseiro".

A medicina folclórica, no entanto, não se limita ao uso de ervas, plantas e outros recursos. As simpatias desempenham um papel também muito relevante e constante.

Vejam agora alguns exemplos que bem poderiam estar no tópico superstições ou simpatias, mas, em razão da finalidade terapêutica, alguns autores os mencionam quando falam em medicina popular:

- colocar um cordão de dente de alho no pescoço das crianças para afastar lombrigas;
- pregar susto ou contar alguma grave mentira para alguém com soluço, para que este seja cortado;
- pentear cabelos com um pente feito de chumbo evita sua queda;
- fazer pressão com uma faca fria sobre um galo na cabeça a fim de desinchá-lo;
- sentar num pedaço de tronco recém-cortado para curar hemorróidas.

Esse último exemplo demonstra que, em muitas ocasiões, na medicina popular se une a prática de uma simpatia com um remédio caseiro para aumentar-lhe o efeito. Assim recomenda-se, por exemplo, a aplicação de fumo ou compressas de querosene no local e, juntamente, aquela simpatia.

Como dissemos, a medicina popular não se limita ao uso de ervas e plantas. Não só as simpatias mas também rezas e outros procedimentos místicos são parte do ritual de cura dessa medicina rústica, no qual corpo e alma não devem ser tratados separadamente.

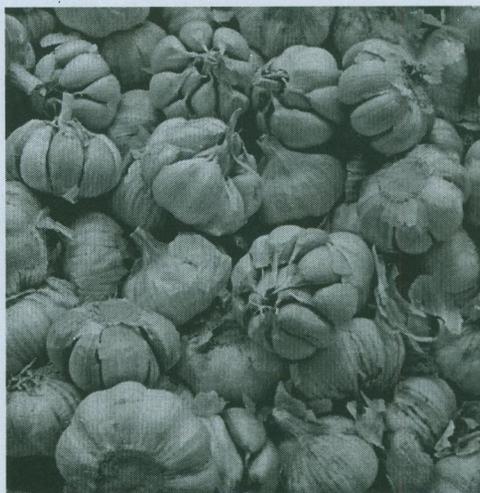
As plantas não curam por si só; suas propriedades anímicas são determinantes, pois seriam elas "entidades que curam doenças".

Falemos, destarte, dos curandeiros.

### Curandeiros

Os curandeiros são os que curam enfermidades sem títulos nem habilitação para tanto. Como conhecem os segredos medicinais das ervas e plantas, produzem remédios a que chamam beberagens e garrafadas, cujo conteúdo, na maioria das vezes, não se conhece. Não se sabe quais ingredientes fazem parte desses preparados; deve-se confiar no curandeiro.

Em vilarejos e pequenas cidades do interior, especialmente nas regiões mais pobres do país, onde não há recursos para aquisição de medicamentos industrializados, é muito respeitada a figura do curandeiro, a quem se atribuem prodígios, como curas de doenças incuráveis.



A seus remédios somam-se orações e benzeduras. Geralmente o curandeiro é também benzedor e muitas vezes mantém contato com espíritos, que o auxiliam no fabrico dos remédios. Como vimos, na umbanda, os espíritos que "baixam" nos filhos-de-santo também são curandeiros.

Na pajelança, religião popular amazônica, o pajé é o médico, é o sacerdote, é o adivinho, é o bruxo. Ele domina os segredos da Floresta Amazônica, conhece as ervas que curam, as plantas que matam. O pajé também é capaz de estabelecer contatos com espíritos e outras criaturas poderosas, invisíveis aos olhos comuns. Em suma, ele reúne em si o conhecimento, a magia e a religião.

É oportuno lembrar, entretanto, que curandeirismo é crime previsto no artigo 284 do Código Penal:

"Exercer o curandeirismo:

I – prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II – usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III – fazendo diagnósticos (...)"

No caso do inciso I, há referência aos remédios dos curandeiros: prescrever (receitar); ministrar (no sentido de servir, oferecer para consumo).

No caso do inciso II (*usando gestos, palavras ou qualquer outro meio*), se aplicado com rigor, seriam também práticas criminosas as benzeduras e os passes, a que já nos referimos. Mas os tribunais têm decidido que não configuram tal crime quando realizados como atos de fé.

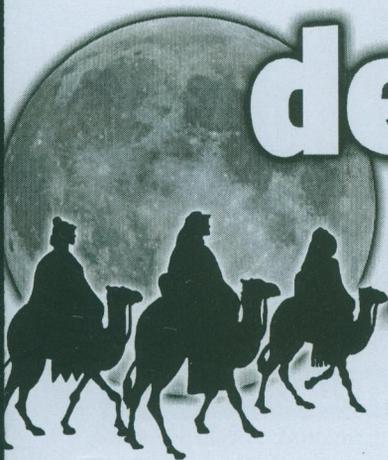
Para finalizar, lembremos que a medicina erudita vem se dedicando à pesquisa de muitos fenômenos folclóricos, especialmente na área de farmacologia. Laboratórios multinacionais continuam se valendo das mesmas plantas usadas na medicina empírica (raízes, folhas, tubérculos e frutos), muitas delas importadas (ou às vezes clandestinamente retiradas) do Brasil, as quais, após a industrialização, retornam em forma de medicamentos embalados de sofisticada maneira.

As manifestações populares de fé, de devoção, de crença no sobrenatural são várias e diversificadas. Neste pequeno trabalho, tivemos a oportunidade de apreciar apenas algumas das inúmeras formas de expressão da fé popular.



Detalhe do quadro vencedor do concurso para elaboração do cartaz oficial do 40º Festival do Folclore - Autora: Cristiane dos Santos

# Companhias de Santos Reis



**José Carlos Rossato**  
Departamento de Folclore – Olímpia

**A** região da Alta Araraquarense, onde está inserido o município de Votuporanga, no noroeste paulista, é opulenta em folias de Reis. Nessa expressiva área, a designação folia de Reis é tida como pejorativa por insinuar pândega ou folgança. O povo da referida zona prefere a denominação companhia de Reis. Na ótica deste pesquisador não existe nenhum desdouro. Contudo, deixamos o registro, mesmo porque o termo “folia” está generalizado em todo o nosso país.

O Terno de Reis evoca a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, cantado ao som de diversos instrumentos. Essa tradição “chegou à Europa em tempos imemoriais”, nas palavras de Sebastião Luiz Zuchetti, mais conhecido pela alcunha de Tião do Gás. “Provavelmente, apareceu na Península Ibérica no século XIII ou antes”, na opinião de Pedro Clóvis Nogueira Borges, o Pecê. De Portugal chegou ao Brasil através dos lusitanos, nossos descobridores e colonizadores, para integrar o ciclo natalino, no século XVI. Vê-se que essa manifestação folclórica está integrada à história do povo desde o quinhentismo, ou o século dos quinhentos.

A fonte inspiradora que deu origem às companhias de Reis teve início há séculos. Os nobres, ao avistar a Estrela do Oriente que anunciava o nascimento do Salvador, saíram à procura do Messias. Na Judéia encontraram o cruel, subserviente, quando necessário oportunista e sem nenhum escrúpulo, porém notável administrador, Herodes. Este, cognominado o Grande, foi rei da



No mapa acima, de escala aproximada 1:5 000 000 (1 centímetro linear nele equivale a 50 quilômetros). É valioso observar a área mencionada para a noção necessária da realidade espacial, indispensável para a compreensão da realidade.

Judéia (nome que se dava, naquela época, à Palestina na porção compreendida entre o Mar Morto e o Mediterrâneo, onde viveu a tribo de Judá, que exerceu hegemonia sobre as demais existentes naquela vasta área). A estrela deixou de brilhar. Perguntaram a respeito do Menino Jesus. O perverso não soube responder, mas fingiu demonstrar interesse em descobrir o local onde a Virgem Maria dera à luz. Para isso autorizou dois soldados a acompanhar os forasteiros. Em verdade, esses guardas iam com a missão de assassinar o Menino. Todavia, como a estrela deixara de cintilar, graças à providência divina, ninguém avisou o Messias.

Dada a inspiração emanada do Criador, e com orientação angelical, regressaram por outra rota. Mesmo os soldados herodianos, tendo consciência do novo caminho, preferiram seguir o grupo. Isso porque já sabiam que seriam degolados caso chegassem à presença de

Herodes sem ter cumprido a missão. Assim os soldados passaram também a acreditar em Cristo. Verificou-se, nesse momento, a conversão deles.

## SISTEMÁTICA

Uma companhia de Reis comporta variável volume de componentes. Segundo Joaquim Neves (catireiro, folião de Reis, cidadão ligado às atividades populares, parafolclóricas e elemento folque), podemos enumerar: “Mestre, contramestre, contrato (ou auxiliar de contramestre), caceteiro e, ainda, quinta e sexta vozes, podendo aparecer a sétima”.

O mestre improvisa versos de acordo com o visual que tem pela frente, baseando-se nas Escrituras Sagradas. Canta tocando na viola uma toada bem calma, dolente. É só cantiga de viola. Não há nenhuma explicação, a não ser cantando. Faz saudação, sempre improvisando



do. É também chamado embaixador. Usa embaixada, isto é, a primeira parte do canto é feita em solo, o restante é executado pelo contramestre com os outros participantes que cantam, pois há os que são apenas instrumentistas.

Acredita-se que no passado, até lá pelos meados do último século, "os mestres, apesar de ótimos rimadores, cometiam, por não conhecerem bem a Bíblia, alguns enganos. Misturavam certos termos", nas palavras da Zaida Maria Ferraz Arruda. Trocavam, por exemplo, nascimento por padecimento, matança das crianças com nascimento de Cristo. Muitos exemplos semelhantes podem ser encontrados. Agiam de modo análogo a muitos compositores sertanejos, cuja preocupação é apenas rimar, esquecendo-se de que o conteúdo tem que ser emissor e transmissor de mensagem.

Já o contramestre, também com viola, forma a segunda voz. Responde ao que o mestre canta. Em momentos de agradecimento, o mestre não precisa do auxílio do contramestre de modo isolado. Nesse caso, ambos cantam juntos.

O mestre, no pensamento do eminente folclorólogo José Sant'anna (1937-1999), mentor e coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia (SP), "conhece toda a sistemática do grupo. É um líder que entende muito bem o papel que exerce". Isto se deu em 1985.

A terceira voz – contrato ("contrato", para a voz do povo) – é de suma importância para o Terno de Reis, porque faz dueto ao chegar aos três quartos da melodia, com a parti-

cipação da quarta voz. Nesse ponto, o contrato diminui o volume e entrega para o caceteiro, conhecido como sendo a quarta voz, quando passam a cantar juntos. Ainda há, ordinariamente, a quinta e a sexta vozes. Quase sempre existe a presença da sétima voz. "Nessa situação, ela dá o último eco", são palavras do elemento folque Nivaldo Antônio Pereira.

No final de cada estrofe existe um canto prolongado de responsabilidade da quinta voz, "sempre aguda", para Antônio Aparecido Bortuluzzi (informante).

Além desses cantadores, outros personagens aparecem no cenário como instrumentistas.

Há ainda a presença de palhaços (conhecidos também por "bastiões", "mocorongos" e, em menor proporção, "guardas-mores"), que completam o quadro normalmente em torno de quinze, podendo chegar ao redor de vinte participantes.



## INTRUMENTOS

O instrumental, apesar de simples, é rico e variado. Os foliões executam viola, violão, pandeiro, caixa, reco-reco, chocalho, triângulo (a que o povo dá o nome de "triângulo") e até violino, em alguns grupos. Nota-se a presença de instrumentos de percussão como também os portadores de instrumentos de cordas.



## ORGANIZAÇÃO

Dentre os participantes necessários para a existência orgânica da companhia encontra-se o **gerente**, responsável por estabelecer e cumprir o "giro", planejando e replanejando, caso necessário, os locais das refeições e dos pernites. É o arrecadador. Anota as oferendas e leva o número recebido, tudo controlado.

O **macaqueiro** transporta as prendas recebidas – naturalmente as possíveis, pois algumas, como animais (leitões, novilhas, frangos etc.) e sacas de produtos agrícolas (arroz, especialmente), são difíceis de transportar sem condução. Alguém credenciado voltará para coletar essas prendas. O mesmo macaqueiro carrega consigo os encordoamentos e outros apetrechos usados. Enfim, leva tudo o que for necessário, dentro das limitadas possibilidades.

O **chefe**, tido como o **alferes**, ou simplesmente **bandeireiro**, se responsabiliza pelo transporte da bandeira. Não obstante, há sempre quem, por devoção, promessa ou outro motivo não declarado, solicite a função de carregá-la.

Finalmente, os **palhaços**, formando uma dupla, servem para distribuir sorrisos, alegrando o ambiente.



## BANDEIRA

A bandeira do grupo é muito respeitada. É confeccionada de tecido comum, muitas vezes de cetim, em formato retangular, em que aparece uma alegoria aos Reis Magos. Fica presa a um mastro em cujo topo, junto à bandeira, aparecem fitas pendentes. Ao iniciar o giro, são poucas. Todavia, diversas são colocadas no desenrolar do roteiro. Ao chegar a data consagrada aos Santos Reis, somam-se muitas, de



várias cores e tamanhos, ornamentando a bandeira. Isso se deve, na grande maioria das vezes, às promessas que foram cumpridas. Essas fitas são longas, exatamente da altura da pessoa que está pagando ou cumprindo a promessa.

Ainda como forma de ex-votos aparecem pequenas fotografias que são afixadas com alfinetes. Muitos colocam papel-moeda, orações, pedidos escritos, pequenas medalhas e estampas de santos do hagiológico católico. Muitas dessas fotos são de pessoas barbudas e/ou cabeludas, em decorrência das promessas efetuadas. Se por acaso a bandeira for escondida quando a companhia de Reis estiver no interior de uma residência, os palhaços cantam pedindo-a. Nesse caso, ela é entregue após anexar algo, geralmente uma fita, uma fotografia ou uma oferenda em dinheiro. Novamente os palhaços cantam como forma de agradecimento.

Caso se deseje segurar o grupo por mais tempo, basta que cada pessoa da família fique com a bandeira. Uma por vez receberá a homenagem da dupla de palhaços.

Existem pessoas da zona rural que aguardam a bandeira com um arco preparado de bambu ou de folhas de coqueiro, enfeitado com flores artificiais confeccionadas de papel crepom. Essa decoração fica na entrada do terreiro da casa. Algo é escondido nesse arco. Via de regra é uma moeda ou cédula do dinheiro circulante em nossa meio economia.

O mestre, aproximando-se, indaga se existe "espinho", ou seja, algo. Sendo a resposta positiva, canta pedindo licença para que os palhaços a procurem. Ao encontrar, é retirado por um dos palhaços com a ponta do "facão", em que há cera de abelha para facilitar a operação. Jamais retiram o objeto encontrado diretamente com as mãos. Há alguns casais que passam para os Santos Reis a incumbência de adotar o filho na situação de afilhado. Nessê caso, é colocada na bandeira uma fotografia do adotado.

Sabendo desse fato com antecipação, ao chegar ao lar onde reside o futuro afilhado, o mestre canta o acontecimento.

Presenciamos na zona rural do município de Votuporanga (SP) em 1977, na Colônia Torta, essa situação. Ouvimos e anotamos os seguintes versos:

*Em nome de Deus pedimo  
Que (pré-nome da pessoa) seja batizado.  
Os três rei é o padim  
Que recebe o afiado.*

*A promessa tá cumprida*

*Os três rei tá presente*

*O fio (pré-nome da pessoa) será guiado  
Pelos três Mago do Oriente.*

Nunca é demais mencionar que existem outras variantes. Ouvimos uma no distrito de Simonsen, município de Votuporanga, no ano de 1979, quando uma folia baiana estava recolhendo dádivas para o regozijo do encontro tão aguardado pelo povo e cantava cumprindo o giro estabelecido. A outra foi no ano seguinte, na área urbana de Cosmorama, com a presença da Companhia de Reis Estrela da Guia, da zona rural daquele município vizinho. Infelizmente esse grupo deixou de existir nos princípios da década de 80.

É digna de nota a Exposição de Bandeiras de Santos Reis existente na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, na Cidade Universitária da capital paulista, organizada por Américo Pellegrini Filho, pesquisador e docente daquela exemplar instituição de ensino superior.

Votuporanga – "a cidade das brisas suaves" –, graças à existência do Centro de Folclore e Cultura, uma organização não-governamental, fundada em 1984, está representada naquela exibição pública de ordem eminentemente cultural. Vale a pena visitá-la.

## INDUMENTÁRIA

Os personagens que mais atraem a atenção são os palhaços. São interpretados como os espiões de Herodes, posteriormente convertidos ao cristianismo. São os únicos que se utilizam de indumentária especial. Daí serem focos de atenção.

Nas últimas décadas não tem sido tão comum, no município de Votuporanga, o traje tradicional, acaipirado, dos palhaços, conforme ocorria outrora: calças largas, blusões folgados de mangas compridas, todos de chita ou chitão, escandalosamente estampados, chapéu em formato de cone, ornado de cores berrantes, com fitas coloridas na extremidade superior, além de máscaras confeccionadas com couro de gado (bovino, ovino ou caprino) ou de outros animais. Algumas companhias de Reis mais carentes, segundo José Américo de Azevedo, "mantêm o uso baiano de aproveitar o couro de alguns bichos selvagens: preguiça, quati e gambá, para fazer as máscaras". Como o couro não curtido apresenta-se malcheiroso, princi-

palmente no verão, utilizam-se nos últimos anos, com maior frequência, máscaras de fibras sintéticas, que, além de oferecer melhor aparência, não exalam graveolência. Nelas há orifícios para os olhos e a boca, além de uma cobertura artificial para o nariz. A barba não é tão longa, sendo de pêlos de cabra meio curtos, ao contrário da indumentária mais tradicional, de couro de carneiro. E, daí, mais exagerada. Entretanto, não se deve esquecer de que essa máscara acoplada ao chapéu, em formato de cone, está presente em função da situação econômica do Terno de Reis.



Em Tanabi, município próximo de Votuporanga, existe um exímio artesão dessas peças. É o ancião Joaquim Mariano, com mais de 70 anos de idade. Ele nos disse, em 1990, que procura "atender à condição econômica da companhia". De acordo com o caso, conforme Sebastião Almeida Oliveira (1904-1993), em 1991, "o artesanio mencionado utiliza couro (cru ou curtido), papelão, plástico e até fibras sintéticas, para atender a todos". Ele acolhe uma vasta região e recebe encomenda até de outros Estados.

Antes de prosseguir, é de bom alvitre bisar que o traje dos palhaços, via de regra, apesar de atrativo, é funcional. É alegre, sem muito exagero, ao contrário da indumentária antiga. De boa qualidade, geralmente de cetim em duas cores, por exemplo, vermelho e amarelo. Aliás, a cor vermelha está sempre presente. Ela traz ânimo, alegria e vigor à vida. No entanto, não é demais lembrar que existem companhias que seguem tradicionalmente



a sistemática de outrora no que tange à vestimenta dos palhaços, bem tradicional, acaipirada.

Para os demais componentes do grupo, o mais usual são camisas de uma só cor para todos, contrastando com outra para as calças.

## GIRO

O trajeto planejado a ser executado recebe a denominação de giro.

No dia de Natal, geralmente à zero hora ou após a Missa do Galo, tem início o giro da companhia. Sai

da residência do festeiro ou até da capela ou igreja onde participaram do ato religioso. Um dos componentes, predeterminado, quando não saiu na véspera, vai cedinho estabelecer os locais de almoço, jantar e pernoite. Independentemente do atraso, jamais deixará de cumprir o programado. Recolhe donativos em dinheiro e em gêneros alimentícios. Aceita de tudo. Com essa arrecadação é preparada a Festa de Santos Reis, em 6 de janeiro. Muitas vezes é deslocada para uns dias após, para coincidir com um domingo.

O giro tradicional ocorre entre o dia do nascimento do Salvador (25 de dezembro), podendo estender-se até as vésperas do dia de Santos Reis (6 de janeiro). Entretanto, desde o início de dezembro, é normal sair com a bandeira a fim de angariar meios para promover a festa de janeiro.

O comum em Votuporanga é iniciar em 25 de dezembro e estender até 3 de janeiro ou um pouco mais. Isso para ter alguns dias de folga que proporcionarão descanso antes da aguardada festa, denominada "chegada", no Dia de Reis ou no domingo próximo. Os integrantes do grupo percorrem a zona rural e até a urbana. Acrescentam, muitas vezes, certos pontos não previstos no roteiro. Da mesma forma, por extrema necessidade, retiram outros, replanejando a rota. Assim vão angariando donativos, que os foliões gostam de denominar "ajutórios", ou adjutórios.

Ao amanhecer – independentemente do local do pernoite – os componentes do terno saem cedo, após o mestre atender aos pedidos do dono da casa, e cantam agradecendo. Demonstam gratidão a tudo o que receberam: pouso, oferta ou oferenda, guarda dos instrumentos e o jantar, se foi oferecido.

É bom lembrar que os integrantes da companhia só dormem em casas de pessoas casadas também no religioso. Nas residências de solteiros também é possível, desde que haja vida honrada.

Na saída, o bandeireiro ou o bandeirista, o alferes da bandeira, pára na porta da casa. Com a bandeira virada para dentro, agradece, mais uma vez, o adjutório recebido para a Festa de Reis.

Os foliões ficam em forma de meia-lua. Todos, sem exceção, obedecem a solenes rituais. Ao chegar onde está a bandeira, cada elemento, inclusive o mestre, se ajoelha e beija a figura ou ícone de Santos Reis, fazendo uma breve oração e solicitando auxílio espiritual. Tudo isso em silêncio.

Depois, passando debaixo da bandeira, cantando e tocando os respectivos instrumentos, um a um sai rumo à casa seguinte, para cumprir nova etapa do giro.

Normalmente as refeições e os pernoites são oferecidos nas residências das pessoas mais abastadas. O óbvio dispensa explicações. No entanto, além dos elementos da companhia, muitas vezes, para não dizer quase sempre, algumas pessoas cumpridoras de promessas e até curiosos acompanham a caravana. É

fato que certos indivíduos mais bem aquinhoados pelo destino, ao cumprir as promessas, passam a seguir o terno. E também levam comestíveis, como colaboração.

O repicar da caixa, de longe, anuncia com seu toque característico a presença da companhia. A maioria das pessoas vai para o terceiro. Logo após, o som das rosetas do pandeiro e dos instrumentos de cordas inicia repiques para homenagear o Menino Deus.

No geral as companhias não percorrem a área urbana, não só porque há exigência de alvará expedido pela delegacia de polícia do município mas principalmente pelo fato de que os rurícolas dão mais valor ao evento. Assim é que, sabendo da aproximação de um grupo de reisado (denominação erudita e pouco comum à folia de Reis nesta área), as pessoas deixam o serviço e vão aguardar em casa a recepção dos foliões, para dar-lhes as boas-vindas e agir como anfitriãs, acolhendo a caravana.

Há de se considerar também a folia temporã (que o povo insiste e gosta de chamar temporona) que sai em agosto, dada a tentativa de valorizar o folclore, ou mesmo em outra época do ano, para atender a pedidos ou pagar promessa. Esse tipo é considerado metafolclórico por se apresentar fora do âmbito da manifestação no aspecto espacial e temporal.

## PALHAÇOS, A ATRAÇÃO

À frente da companhia vão os palhaços. São considerados os protetores do grupo. Proporcionam alegria aos visitantes, notadamente às crianças.

Ao chegar a uma habitação, educadamente, um dos palhaços diz:  
- Patrão, dá lecença?

Com essas palavras solicita a aguardada autorização para adentrar o lar. Difícilmente é negada a permissão para entrar e cantar, a não ser em residências de "crentes" ou quando há pessoas doentes, ou, ainda, luto em família. Nestes dois últimos casos, é permitida apenas a entrada da bandeira. Uma pessoa da família passa com ela por todos os cômodos da residência.

Quando é consentida a entrada do grupo, o palhaço pergunta para o dono do lar o que ele quer que agradeça.

Para ganhar tempo, o palhaço indaga se pode cantar para toda a família, numa única vez. A cantoria é realizada a critério do chefe da famí-

lia: um por vez, dois de cada vez, três de cada vez ou até de outra forma.

Existem casas onde se castiga muito a presença da companhia, fazendo-a cantar bastante. Se cada membro da família fizer pedido, o grupo canta. Caso contrário, canta uma única vez, recebe o donativo e sai.

Cada um dos palhaços leva sempre consigo um "borná", também conhecido como picuá, em geral do mesmo tecido do vestuário. E também carrega um "facão", que é a espada de defesa. Confeccionado de madeira, apresenta um ponteiro de alumínio, ou outro metal semelhante, não pesado. Com o "facão", um palhaço luta contra o outro. Para isso e para promover brincadeiras, os divertidos personagens ganham alguns trocados para o grupo.

O palhaço é um excelente pidão. É um verdadeiro "pidoncho". Todo palhaço é ótimo pedinte. Tudo o que vê, e até o que não vê, ele pede: um pedaço de sabão, uma réstia de cebola, uma galinha, um pedaço de fumo de corda, uma abóbora, enfim, tudo. Entoa versos humorísticos, chamados décimas ou sacros, para retribuir o que a companhia ganha. Coloca tudo no complemento do vestuário: o embornal, ou seja, um pequeno saco dependurado por uma alça ao corpo.

Está claro que o dono da casa não poderá atender a todos os pedidos porque se o fizer, certamente, ficará sem nada na residência.

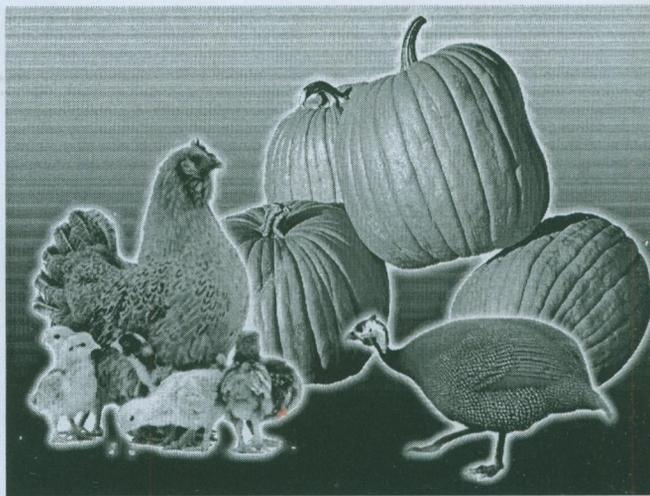
Ficou bem evidenciado que os palhaços ganham quase sempre tudo o que pedem. Retribuem com o divertimento conhecido como "a briga entre gato e cachorro" e outras diversões. São muito alegres, cômicos e estão sempre e, a qualquer custo, bem-humorados.

Se um palhaço, ao adentrar uma residência, notar a presença de viola com toalha, ou outro sinal que denote a existência de folião de Reis, a companhia canta com satisfação para regozijar a presença dessa pessoa.

Quando há, como sinal, as letras GBB (podendo ser com outras combinações), cantam a respeito dos três Reis Magos: Gaspar, Baltazar e Belquior. Este último quase sempre é chamado de "Brechó". Se porventura aparecer a letra J, é porque o dono da casa pensou em Jesus, que será

lembrado pelas vozes dos palhaços. Se ao entrar em uma casa um palhaço notar a presença de presépio, avisa ao mestre, sem nada falar publicamente. O mestre, logo após o sinal, avisa ou canta imediatamente, saudando todas as figuras existentes no presépio, o nascimento de Cristo e os Reis Magos. Se houver imagens e/ou estampas de santos pertencentes ao catolicismo, todos esses também são saudados.

Se alguém ajoelha e pede para o palhaço cantar em homenagem a um finado, essa pessoa coloca a oferenda no chão. Nesse caso, o ritmo da música é bem lento, só os instrumentos de corda são acionados. Os de percussão – caixas, pandeiros, triângulos e outros – silenciam-se. Os palhaços tiram as máscaras, ajoelham-se e cruzam as facões próximo da pessoa que fez a solicitação, para a qual se entrega



a bandeira, que é segura com todo o respeito possível. Os palhaços cantam juntos, enquanto o mestre principia uma toada bem dolente, bastante calma, em ritmo lento. Ao finalizar o canto, o indivíduo que estava ajoelhado levanta-se, ordenado pelo mestre, para logo em seguida os palhaços recolherem a oferta do donativo em dinheiro, que pode ser tanto em moeda como em cédula.

Jamais a oferenda deve ser recolhida diretamente com as mãos, mas sim com o facão, usando-se uma pequena bola de cera de abelha, previamente anexada ao cabo, que será colocada na ponta do instrumento pouco antes de se levantar o numerário.

Os palhaços cantam em pé, mas se ajoelham no decorrer do terço, retirando a máscara. Isso já vimos, é só recordar. Sucede-se o mesmo quando se homenageiam os entes falecidos.

Se o facão ou outra peça, ou até mesmo um dos palhaços, for aprisionado, o mestre terá que cantar muito para que seja libertado.

Alguns padrões castigam. Prenhem uma peça qualquer do grupo ou um dos palhaços. Para rever a liberdade, o mestre terá que cantar muito para que possa ficar livre.

Dentre os chefes de família alguns são piedosos e auxiliam. Pronunciam algumas palavras que facilitam a resolução da questão. Falam as palavras "frio" ou "quente" como indicador de distante ou próximo, respectivamente. Outros, no entanto, não dão orientação alguma para que o terno se liberte. E assim o grupo fica mais tempo presente no local. É apenas o dono da casa que pode exercer esse papel. É somente ele que pode forçar, ou não, o mestre a improvisar, enquanto os palhaços procuram o objeto. Se estiver muito oculto, o mestre canta para o patrão até que os palhaços descubram o que foi escondido.

Se um palhaço notar a presença de uma flor, indaga se há "espinho", ou seja, algo obscuro, recôndito, encoberto, oculto. Com resposta positiva, procura. Geralmente é moeda. Será do palhaço que a encontrou. Depois passará o valor para o arrecadador.

Quando está escondido algo para os palhaços procurarem, o mestre pergunta cantando ao dono da casa se está naquela dependência. Sendo a resposta segura, um dos palhaços pergunta:

– É periquito (ou papagaio)?

Se confirmado, os palhaços vão procurar nas folhas de um vegetal. Na eventualidade de uma resposta negativa, inquirem:

– É caruncho?

Com um "sim" vão procurar em madeira seca. Continuando o "não", interrogam para finalizar:

– É cupim?

Assim sendo, vão procurar no solo.

Observaram o relacionamento ecológico existente? Que interessante a utilização de metáforas! Que beleza!

Se o dono da casa ("patrão" no linguajar do povo) fizer perguntas sem nexos para o mestre, ocorre em consequência a sua desmoralização, conforme já observamos algu-

mas vezes em diversos locais na região de Votuporanga.

## CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

Existem várias. Ouvimos diversas, talvez um volume bem maior. Contudo lembramos das que seguem:

1. Muitos mestres não passam com os instrumentos por baixo de cercas de arame farpado porque acreditam que ocorre a perda da afinação, ou seja, o som fica desafinado.
2. O número 3 sempre traz sorte para a folia, porque são três os Reis Magos.
3. Não passam debaixo de varal de enxugar roupas porque dá azar a todos os componentes da companhia.
4. Caso o número de fotografias ou de fitas seja par e se coloque mais uma, a pessoa terá sorte. Se o número continuar par, terá azar.
5. Se o número de fitas da bandeira for ímpar, podem ser colocadas por pessoas diferentes duas novas fitas para atrair sorte.
6. Os participantes da companhia não deixam pedaços de cordas de instrumentos nem qualquer outra peça danificada pelo trajeto, pois têm medo de que alguém possa fazer-lhe mal aos integrantes e ao grupo.
7. O mestre pernoita somente no quarto onde fica a bandeira, senão pode haver a desunião do terno.
8. Quem passar debaixo da bandeira, segura por um devoto, e faltar com o respeito será castigado pelos Santos Reis.
9. Trocar uma fita de tecido virgem, sem uso, por outra de tamanho menor existente na bandeira, para ser guardada em casa, previne males na família.
10. Quando dois ou mais foliões saem de um grupo de Reis para dar origem a outro terno, sentindo fé nos santos, recebem apoio e são felizes para sempre.
11. Dá azar se a folia cruzar o itinerário, isto é, se passar duas vezes no mesmo local, no desenrolar do giro.
12. Quem assistir a uma folia com muita fé terá sorte durante o ano inteiro.
13. É bom colocar na bandeira uma fita da altura exata da pessoa e da cor predileta dela, para que tenha vida longa e fique isenta de doenças graves.
14. Quem ajudar a construir uma capela ou igreja de Santos Reis

será ajudado por Deus e irá para o céu quando morrer.

15. Beijar a bandeira três vezes é sinal de sorte.
16. Tem sorte também a folia que possuir uma pessoa idosa.
17. Todo pedido escrito e afixado na bandeira através de três pontos de linha de coser, se for feito com muita fé, rezando-se três orações antes e depois, será atendido.
18. Se o número de foliões de um terno for par, muita sorte.
19. Se alguém fizer uma promessa aos Santos Reis e não cumprir logo após, será castigado.
20. Segurar a bandeira dá sorte, por isso ela é disputada pelas pessoas por onde passa.
21. O casal de festeiros deve cumprir a missão durante sete anos consecutivos para não perder a sorte.
22. Os foliões que usam as mãos para tocar os instrumentos são protegidos de machucados graves.
23. O festeiro que desviar parte dos donativos arrecadados para outros fins que não a festa terá a vida abreviada com castigos.
24. No Terno de Santos Reis, os foliões que cantam têm as gargantas protegidas de doença brava.
25. No local de "chegada" da companhia não ocorrerão más colheitas de mantimentos, ou seja, de grãos comestíveis durante três anos, mesmo que faltem chuvas.
26. Os devotos dos Santos Reis estão protegidos contra a fome.
27. Se a moça colocar na bandeira uma fita rosa de sete palmos, será feliz no casamento. O mesmo acontecerá com o rapaz, mas a cor da fita, nesse caso, deverá ser azul.
28. A cidade que tem capela ou igreja de Santos Reis traz bênçãos de Deus para os frequentadores.
29. Chuva no dia da chegada é sinal de sorte para todas as pessoas presentes.
30. A loja que tem o nome de Santos Reis só vai para a frente.
31. Se não surgir nenhum imprevisto durante o giro da companhia, o ano novo será de muita alegria e sem doenças aos foliões.
32. A pessoa batizada com o nome de Santos Reis é protegida por Jesus Cristo.
33. Se por qualquer motivo durante o giro houver desistência de algum acompanhante, tem-se o

cuidado de observar que o número de pessoas não seja 13, para não dar azar à caravana.

34. As cozinheiras das festas de Santos Reis são abençoadas por Deus.
35. As que preparam a refeição do dia da chegada serão abençoadas pelos Santos Reis e por Nosso Senhor Jesus Cristo.
36. Dá sorte ao terno ser recebido durante o giro, antes de chegar à casa, pelas latidas de cães no terreiro.
37. O festeiro que não usar todas as doações recebidas na festa da chegada irá para o inferno quando morrer.
38. A presença de gatos, durante a cantoria numa residência, é azar na certa para todas as pessoas presentes.



39. Quem negar auxílio à bandeira de Santos Reis não terá bom futuro.
40. Fartura na alimentação no dia da chegada representa ano de boas colheitas. O contrário significa azar.
41. Quem acredita no poder dos Santos Reis está protegido de acidentes graves.
42. Se durante as refeições ocorridas durante o giro, ou na chegada, cair algum talher no chão, acontecerá algo desagradável ao descuido.
43. A companhia que adotar o nome da outra será castigada pelos Santos Reis até fazer a troca.
44. Quando há pessoas de três gerações numa mesma companhia, esta terá a continuidade garantida por muitos anos e com sorte.
45. No dia da chegada não se deve estrear nova indumentária nem novos instrumentos, porque dá azar a todas as pessoas da companhia.
46. Dá azar ver a bandeira e não beijá-la.

47. Ao beijar a bandeira, deve-se puxá-la com a mão direita para ter sorte.
48. No dia santificado de Santos Reis, se algum folião não começar a rezar três pais-nossos e uma ave-maria às 6 horas em ponto, terá azar durante o ano todo.
49. Ternos de Reis de que participam crianças ou moços terão a proteção de Jesus Cristo e não acabarão.
50. O folião que não tem muita fé nos Santos Reis logo receberá um castigo para aprender que deve ser fiel à obediência.
51. Quem tiver respeito e devoção aos Santos Reis será protegido contra raios por três anos.
52. O ano será bom de chuvas se durante o giro ninguém passar sede. Mas, se não houver água boa e potável para beber, pode-se esperar longa estiagem.
53. Os Santos Reis atenderão a pessoa que como penitência promete deixar de cortar o cabelo durante sete anos, desde que ela tenha muita fé.
54. Se o número de foliões do grupo for ímpar, o que tiver menos fé carregará o azar durante o ano.
55. Se no Dia de Santos Reis um homem fizer com fé a promessa de ficar três anos sem aparar a barba, terá seu pedido atendido.



56. O folião que se vestir de palhaço terá sorte durante três anos.
57. Quem zombar dos Santos Reis será castigado no dia em que precisar de ajuda espiritual para resolver algum problema íntimo.
58. A casa que não aceitar a entrada da bandeira será castigada pelos Santos Reis durante sete anos seguidos.
59. O devoto dos Santos Reis que não guardar a Quaresma, isto é, que não deixe de comer carne, beber álcool, dançar, fazer barba e cortar o cabelo, será castigado no decorrer do ano.
60. Quem caçar de um folião será castigado por Deus.

Convém observar que existem variantes, ou seja, semelhanças entre essas crenças e superstições. É comum os pesquisadores colocarem num só item crenças e superstições. Contudo, não são sinônimos.

Geralmente os foliões são tradicionalistas. Aceitam e praticam as crenças e superstições, mas escondem esse atributo, negando-o. Não assumem, talvez por sentir vergonha no meio em que vivem.

## CHEGADA

Via de regra, dois dias antes da data prevista para a festa, os foliões descansam. Os instrumentos musicais silenciam-se para o tão aguardado "dia da chegada", assim denominado o dia da festa. Trata-se do tão esperado 6 de janeiro – data consagrada pela Igreja Católica Apostólica Romana aos Santos Reis – ou outra posterior. Isso ocorre quando o dia santificado é útil, ou seja, de segunda a sexta-feira. O comum é a chegada acontecer num domingo.

Logo na porteira da entrada, na propriedade rural, nota-se diferença. Ela é enfeitada com arcos confeccionados de bambu ou folhas de coqueiros e até ornados com bandeirinhas de tonalidades variadas que dão um colorido especial e festivo. Outros arcos aparecem até que se chegue ao terreiro da casa. No geral, passa pouco de meia dúzia de arcos, separados por mais de 10 metros de distância entre si.

O grupo canta diante do altar, onde está a bandeira de Santos Reis, assim como flores e até outras imagens e ícones de santos canonizados pelo Vaticano. Depois, reza-se o terço. Em seguida acontece o ritual da passagem das coroas do rei e da rainha. O casal que ficar com as coroas deverá promover a organização do giro e da chegada no próximo ano. Esse cerimonial só ocorre se o casal que promove a festa já tiver completado o ciclo de sete anos seguidos.

Convém adiantar que o casal que ficará com as coroas é escolhido *a priori*. Mas, para criar um ambiente de expectativa, as coroas passam em várias cabeças entre os casais presentes, para fins de distração, de entretenimento. Em alguns casos, essa cerimônia é muito demorada.

Findo todo o ritual religioso, composto de orações e cantorias, chega o momento esperado: a confraternização. É farta a festa, há muito aguardada sobretudo pela vizinhança. É uma reunião divertida. Via de regra os pratos servidos são diversificados: arroz branco, macaronada, frango em molho pardo ou assado, leitão assado ou à passarinho, pão caseiro etc. Em algumas festas há até a distribuição de doces: mamão, cidra, abóbora e leite. Raramente ocorre a distribuição de mata-bicho, isto é, de cachaça como

aperitivo. Por vezes, mas dificilmente, reparte-se como aperitivo a xiboca (batida preparada com pinga, limão, gelo, podendo ser adoçada com açúcar, ou não, dependendo do gosto das pessoas) entre os adultos presentes. Quando acontece a distribuição de xiboca, as mulheres (jovens ou não), os moços e as crianças se deliciam com um refresco preparado com limão, açúcar, água e farinha de mandioca, conhecido nesta região pelo nome de chibé. É uma delícia quando há condições de ser distribuído gelado.

## FESTEIROS

O festeiro é considerado o rei. Sua esposa é a rainha. Assim, o casal de festeiros, alcunhados de rei e de rainha, usam as coroas. Estas, dependendo da situação econômica da família, pode ser de papel e até de metal.

Alguns casais de festeiros de maiores posses financeiras usam trajes bem vistosos e caros.

São eles que preparam a festa do Dia de Reis aos convidados da região por onde a bandeira e/ou a companhia passou arrecadando donativos.

## FESTIVAL DE REIS

Com a participação de companhias de diversos municípios da região, esses festivais eram realizados anualmente, desde 1970, em Votuporanga, na Concha Acústica (mais tarde denominada Professor Geraldo Alves Machado), no mês de agosto. Dada a indisfarçada influência erudita, em algumas companhias, sobretudo por ação nefasta de alguns políticos inescrupulosos ou ignorantes do assunto, ocorreram sérios problemas.

O festival, que fez parte do roteiro turístico do Estado de São Paulo, deixou de ter o caráter eminentemente folclórico quando se passou a julgar as apresentações dos ternos e distribuir prêmios aos primeiros colocados. Perdeu-se a originalidade própria do folclore. A identidade cultural foi solapada. Resultado: houve gradativo desinteresse pelo evento, ocorrendo sua crescente desintegração.

Um elemento folque, Moacir Ivaldi, mais conhecido pela alcunha de Nené (há mais de três décadas residente no município e entusiasta de todas as manifestações de cunho popular e folclórico), afirmou que, "de 16 concorrentes no 1º Festival, o número foi diminuindo até chegar a poucos participantes e

acabar o evento". Depois de alguns anos ele renasceu.

Daí percebe-se com clareza que no folclore não cabe julgamento. Não há, no folclore, lugar para qualificativos. Folclore é pureza, não é montagem. Folclore não é mero visual!

O essencial, como dizia Exupéry, é invisível aos olhos.

Não é admissível confundir folclore com parafolclore. Ambos são bem distintos. O parafolclore nada mais é que o aproveitamento do folclore.

Em virtude dessa problemática, com a participação do Centro de Folclore e Cultura, o setor competente da prefeitura foi transformado em Secretaria Municipal da Cultura e passou a dar ao evento nova tônica, calcada em conhecimentos antropológicos, sociológicos, etnográficos, etnológicos e folclóricos, provocando seu renascimento.

A realização ocorre no mês de janeiro com o nome de Encontro de Companhias de Reis. No ano de 2002 foi realizada a 19ª edição do evento. Todavia, infelizmente ele coincide com outros regionais, mais recentemente instituídos.

Estiveram no último Encontro Interestadual as Companhias de Santos Reis:

1. João Batista – Álvares Florence (SP),
2. Estrela de Belém – Paulo de Faria (SP),
3. Estrela do Oriente – Paulo de Faria (SP),
4. Mensageiros do Oriente – Parisi (SP),
5. Baiana – Mirandópolis (SP),
6. Os Romeiros de Belém – Cassilândia (MS),
7. Estrela da Guia – Cassilândia (MS),
8. Brisas Suaves – Votuporanga (SP),
9. Garça Branca – Votuporanga (SP),
10. Estrela Dalva – Tanabi (SP),
11. Asa Branca – Cosmorama (SP),
12. São Bom Jesus – Mira Estrela (SP),
13. Boas Novas – Mira Estrela (SP),
14. Estrela do Oriente – Cardoso (SP),
15. Ponte do Jordão – Américo de Campos (SP),
16. Reunidas – Valentim Gentil (SP) e
17. Baiana – Itapagipe (MG).

Além dessas vieram também duas de General Salgado (SP), duas de São José do Rio Preto (SP), uma de Monte Aprazível (SP) e uma de Monções (SP). No entanto, infelizmente elas não se apresentaram em virtude das fortes chuvas. Portan-

to, houve o comparecimento de 23 companhias.

Se é verdade que ainda não se atingiu o ideal, pelo menos corrigiram-se várias distorções que maculavam o evento. Contudo, o número de companhias participantes está sempre ao redor de duas dezenas. Às vezes bem mais.

A propósito, cumpre salientar que são esses eventos responsáveis, em parte, pela preservação desses grupos.

## CONCLUSÃO

As folias, os ternos ou as companhias de Reis fazem parte do folclore religioso, para não dizer cristão ou católico.

Nos últimos tempos a existência de companhias diminuiu nos limites territoriais do município. Em compensação houve, paralelamente, evolução na qualificação dos componentes, procurando-se alijar os alcoólatras. O instrumental e a indumentária – conhecida por farda – são também mais organizados.

Votuporanga possui as seguintes companhias de Santos Reis:

**Baiana**, do mestre Aparecido Trindade;

**Baiana**, do mestre José Américo de Azevedo;

**Brisas Suaves**, do mestre Joaquim Severo da Silva, apelidado de Quinca;

**Estrela de Belém**, do mestre Aparecido Machado de Oliveira;

**Garça Branca**, do mestre Iraclides de Souza Pimenta.

Observa-se pela relação apresentada que 60% delas, na área estudada, são companhias de Reis mineiras. É óbvio que a explicação para o caso é muito simples: a proximidade de Minas Gerais. É curioso notar que todas as folias mineiras possuem nomes próprios, enquanto as baianas, não. Aquelas são as folias paulistas de Votuporanga, com pequenas alterações, próprias do regionalismo.

Nota-se que todas, exceto a última, que é da área rural Córrego do Marinheiro, estão distribuídas respectivamente pelos seguintes bairros da cidade: Santa Amélia, Pozzobon, São Judas Tadeu e Paineiras, todos na periferia votuporanguense. Adrede é resultado do êxodo rural que tanto abala a vida urbana paulista.

Vale a pena presenciar esses grupos, quer para rever uma companhia de Reis, quer para conhecer a pureza desses ternos.

De modo conciso é o que temos a informar a respeito desses tradicionais grupos folclóricos, tendo por base as nossas pesquisas de campo e a obra de nossa pena, nos mesmos moldes metodológicos, intitulada *Folia de Reis* (São Paulo: Editora Vega Lux, 1986, 27 páginas), há vários anos esgotada.

É necessário lembrar que esses grupos utilizam algumas palavras que fogem da norma oficial (erroneamente chamada de culta por alguns), como "afiado" (afilhado), "borná" (embornal), "fio" (filho), "leceça" (licença), "premissa" (promessa), "treis" (três) e outras. Algumas delas parecem-nos pertencer ao português arcaico.

## EPÍLOGO

Além dos informantes citados no texto, temos que agradecer aos anônimos que ouvimos no decorrer de nossos inventários de campo. Sem os imprescindíveis elementos que nos forneceram, não teria sido possível a produção deste conteúdo, que vem lançar novos lampejos à cultura brasileira, especialmente no afã de preservar o que é nosso e que servirá às gerações vindouras.

O ritual da folia dos Santos Reis Magos é encontrado não só em nossa região como no restante do Estado, inclusive na periferia da capital. O mesmo se dá com os vizinhos Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Os símbolos, a crença, a fé e os ritos; os preparativos, a farda (ou uniforme) e os instrumentos musicais; os facões, os tambores, os demais instrumentos musicais; as cantigas, os arcos, a diversidade de cores e estilos das bandeiras são análogos, mas não exatamente iguais na macro-região que se estende pelos dois Estados citados, nossos vizinhos. O terno de Reis é uma das manifestações folclóricas mais conhecidas (quantitativamente) em nossa vasta região geocultural.

## ADENDO

Num rápido retrospecto, a importância do café refletiu na sua expansão geográfica, alargando e avançando a fronteira agrícola. As matas eram substituídas pelo ouro verde. Este, por sua vez, esgotava os solos rapidamente, exigindo novas glebas e o progressivo aumento da mão-de-obra recrutada na Europa, que viveu profundas e sucessivas crises a partir da segunda metade do século XIX, em especial com a Primeira Grande Guerra, as conseqüências deixadas, o segundo conflito mundial e os resultados negativos.

A expansão da cafeicultura necessitava de um aliado: meios de transportes para colocar o produto no porto de Santos, de onde era exportado para a Europa. Assim surgiu a rede ferroviária paulista, acompanhando as áreas onde a rubiácea era cultivada. Viviam-se o ciclo do café, e as ferrovias passaram a denominar as áreas por onde passavam: Sorocabana, Paulista, São Paulo—Goiás, Araraquarense, Noroeste e outras. Essa marca foi tão forte que nem as tentativas realizadas por geógrafos franceses e brasileiros de dividir o Estado de São Paulo em regiões vingaram. A força do povo é muito maior que o governo quando pretende estabelecer nomes.

Dessa forma, explica-se o motivo de Olímpia, distante de São José do Rio Preto apenas 50 quilômetros por via rodoviária, não estar inserida no mapa situado no início deste trabalho. De Rio Preto (como o povo gosta de simplificar os nomes) até Santa Fé do Sul, próximo ao Rio Paraná, temos a chamada região da Alta Araraquarense.

Olímpia estava situada no eixo da Estrada de Ferro São Paulo—Goiás. Esta nascia no entroncamento ferroviário em Bebedouro e, após servir algumas cidades e distritos, passava por aqui e seguia até Nova Granada, com o esboço traçado para atravessar o Rio Grande, cortar o Triângulo Mineiro e chegar a Goiás.

Cunhamos, há décadas, a expressão Região Geocultural de Olímpia, para designar a influência que a Capital do Folclore Brasileiro exerce no espaço nacional, além de outros atributos. Dessa forma explica-se, concisamente, como a Alta Araraquarense integra a Região Geocultural de Olímpia, mesmo pertencendo a outra área geoeconômica. Isso posto, expomos a seguir o desenho parcial da região norte do nosso Estado, mostrando alguns núcleos urbanos da Alta Araraquarense, a São Paulo—Goiás e a Paulista (também conhecida por Velha Paulista, porque existe a outra Paulista, no oeste, conhecida como Nova Paulista). Nessa sintética visualização,

conseguimos expor o essencial para o entendimento indispensável.

Como ocorreu a rápida decadência da cultura cafeeira (onde a presença das folias de Santos Reis era constante durante o ciclo natalino) e a veloz degeneração da rede ferroviária paulista?

Houve muitos problemas. No pós-guerra (1946), com a extinção do Departamento Nacional do Café (DNC), o governo eximiu-se de intervir no mercado, o que resultou em nova crise. Foi fundado o IBC (Instituto Brasileiro do Café) com o objetivo de restabelecer o controle sobre a produção (1952).

Paulatinamente, a partir da superprodução mundial de café (1957), o interesse pelo produto entrou em decadência. O país era dirigido pelo mineiro Juscelino Kubistschek (JK), que não teve interesse pelo assunto e, além disso, implantou a indústria automobilística, incentivando o transporte por via rodoviária, com o aval dos Estados Unidos da América. Era o golpe de misericórdia que faltava para acelerar a decadência do binômio café/ferrovia.

Mesmo assim, os produtores e os grandes consumidores criaram o Acordo Internacional do Café (1962), estabelecendo cotas de exportação para os países-membros. Era tarde, a cafeicultura entrava em decadência e, aos poucos, foi definhando. A participação do café nas exportações diminuiu, o espaço agrícola recebeu outros cultivos e concomitantemente as linhas férreas perderam a importância que ostentavam. A São Paulo—Goiás e outras ferrovias foram arrancadas, tendo em vista a concentração de prejuízo. A Fepasa (Ferrovia Paulista S/A), empresa do governo paulista (1972), assumiu a unificação de cinco ferrovias estaduais, o que serviu para acelerar a decadência desse meio de transporte (bem mais econômico que o rodoviário, opção de JK).

Vale ressaltar que em Olímpia existem em atividade mais de três dezenas de folias de Reis, nos limites municipais, o que rendeu à Capital do Folclore Brasileiro o título de Cidade das Folias de Reis.



# Forró

## Forró Eletrônico

José Maria Tenório Rocha  
Folclorólogo de Aracaju (SE)



O evento denominado Forró Caju, comemoração dos festejos juninos realizado pela Prefeitura Municipal de Aracaju versão 2001, demonstrou na prática, mais uma vez, que quase todos os grupos de músicos que fizeram apresentações se autodenominavam "forrozeiros". No entanto, as diferenças fundamentais entre cada um dos grupos eram facilmente percebidas por todos aqueles que participavam de tais apresentações.

As diferenças não apenas eram demonstradas do ponto de vista do uso de instrumentos musicais que executavam mas também, sobretudo, pelos arranjos mirabolantes de músicas do cancionário popular brasileiro e até do internacional; a música do filme *Titanic*, por exemplo, vez por outra é transformada em "forró moderno".

Verificando tais diferenças há de se perguntar: mas todos são realmente forrozeiros? Se não são, quais seriam as diferenças fundamentais entre o forró, o "forró pé-de-serra" e os forrós eletrônicos da atualidade?

### O que vem a ser forró

Em busca da significação cultural do que seja forró, necessário se faz pensarmos em termos históricos, e uma prospecção desse tipo nos leva à idéia da própria expressão **forró**, em termos semânticos, que para muitos estudiosos pode ser explicada desde a época da construção das estradas de ferro no Nordeste pelos ingleses, em finais do século XIX. É que em certos meses do ano engenheiros britânicos realizavam festas fechadas para seu grupo e convidados especiais; também faziam outras para todo o povo, e na entrada da festa escrevia-se em letras grandes: "for all", isto é, "para todos".

Alguns estudiosos fazem reparos nessa explicação, apontando os soldados americanos, que na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) realizavam essas festas

com tais conotações. Muito sintomático é lembrar que em suas festas fechadas, existia uma inscrição infinitamente etnocêntrica em que se lia: "É proibida a entrada de brasileiros e de cachorros". Isso se conta como verdade pelos antigos habitantes de



É proibida a entrada de brasileiros e de cachorros

Maceió. No tempo em que realizavam festas fechadas, também faziam as populares, a que chamavam "for all", em que todos poderiam entrar e participar.

Mas é preciso observar que o termo **forrobojó**, sinônimo de arrasta-pé, é muito mais antigo que tudo isso, e, se tirarmos a segunda parte da palavra, encontraremos a expressão forró. O termo forrobojó já aparece na edição de nº 25 da revista *América Ilustrada*, de Recife, em 1882, e no nº 15 da revista *Mephistopheles*, nº 15, em 1883. E era termo bastante usado no final do século XIX, assim como aparece em *O Alfinete*, nº 13, de 1890, e *A Pimenta* nº 373, de 1905. O dicionarista português Alberto Bessa, em *A linguagem popular e a gíria portuguesa* (Lisboa, 1901), assegura





# FORRÓ

## Universitário

ra ser o termo de origem brasileira. SILVA (1988). Ou, em última análise, como afirma o mestre Aurélio Buarque de Holanda: forró é a expressão reduzida de forrobodó.

Ao contrário do que muita gente pensa, forró não é expressão designativa de um tipo especial de música; não existe uma música denominada forró; o vocábulo quer designar apenas o espaço, a reunião, a aglomeração de pessoas que estão juntas para dançar, para se divertir ao ritmo de várias expressões musicais, como o baião, o xote, o xaxado, além de outras.

Fenômeno cultural semelhante acontece com os grupos que praticam as chamadas religiões afro-brasileiras (candomblé, umbanda). Em Alagoas e em Pernambuco, tais grupos dão o nome de xangô ao culto praticado e também à casa de culto, chamada de terreiro ou roça. Acontece que o termo xangô designa também um dos mais conhecidos orixás cultuados. Por sua importância no culto, seu nome foi empregado para as duas denominações.

Ao grupo que executa tais ritmos musicais é dado o nome de **trio de forró**, e aos executantes das músicas desses grupos, a denominação de **forrozeiros!**



Na verdade, o trio de forró é formado pelo fole (sanfona, principalmente a de oito baixos, embora exista também aquelas com até 120 baixos) ou acordeão, somado a triângulo e zabumba.

Na música *Pau de arara*, de Guio de Moraes e Luiz Gonzaga, de 1952, os instrumentos e os ritmos musicais são identificados:

“Trouxe um TRIÂNGU\* no matolão,  
(\*triângulo)

Trouxe um GONGUÊ no matolão,  
Trouxe um ZABUMBA dentro do matolão.

XOTE, maracatu e BAIÃO,  
Tudo isso eu trouxe no meu matolão”.

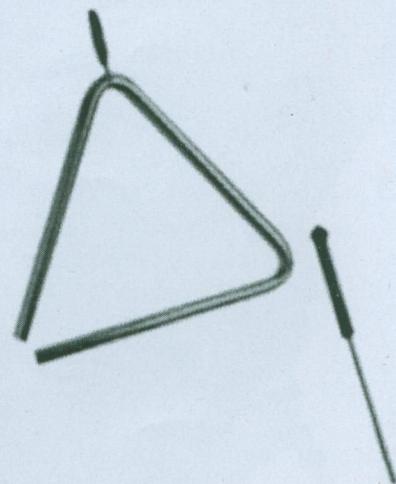
Lembrar é preciso: matolão era a mala ou o saco em que os nordestinos levavam seus pertences quando iam para São Paulo.

Na composição de autoria de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, de título *Forró de Mané Vito* (RCA Victor, 1949), observa-se o seguinte:

“Quincola no GANZÁ  
Preá no RÉCO-RÉCO,  
Na SANFONA Zé Maneco  
Se danaram pra tocar”.

Segundo o jornalista e escritor pernambucano Renato Praelante, “essa foi a primeira gravação em disco cujo título evidenciava a palavra forró como local de dança.”

Já que forró é a reunião de vários ritmos musicais, vejamos alguns deles:



## Baião

Luiz Gonzaga é o verdadeiro autor do ritmo musical que tomou o nome de baião. Em entrevista concedida ao jornal *Pasquim* na década de 1970, ele contou a história de como tudo começou:

“O nome baião eu tirei justamente do bojo da viola onde o cantador faz o tempero para o improviso, para o repente. Ele costuma cantar fazendo o ritmo no bojo da viola, e o dedão vai comendo nos bordões. Eu peguei essa batida, criei o jogo melódico, e Humberto Teixeira botou a letra”. SOUZA (1976:91).

“Era a união do dedilhado da viola, que antecipa o desafio do cantador (...) apelidado de baiano, com a cantiga tonal de origem medieval encontrada nas toadas dos cegos de feiras do Nordeste brasileiro; à reunião desses ingredientes convencionou-se chamar baião.” SILVA (1988).

Define-se aí a questão da autoria e as razões de criação de tal ritmo, que de tão rico e interessante corre mundo e já foi gravado por inúmeros instrumentistas e cantores.

## Xote

É também Luiz Gonzaga, que, na mesma entrevista, dá seu parecer a respeito do que seja o xote. Para ele “o xote veio do estrangeiro, mas lá no sertão criamos o xote malandro, xote de pé-de-serra, xote de forró, de dança de matuto que (não) é mais do estilo do escocês. É um xote mesmo nosso, porque ele tem nome numa jogada completamente diferente e tem as letras jocosas, como ‘vem cá, cintura fina, / cintura de pilão’. Ele canta sempre uma poesia bonita, ou então uma história jocosa, humorística”. SOUZA (1976:91) Grifo nosso.

Segundo a *Enciclopédia de Música Brasileira: Erudita, Folclórica e Popular* (1977:815), há certas discordâncias da informação de Gonzaga, quando diz:

“É música binária de andamento mais lento que a polca. De origem alemã, foi difundida na Inglaterra e França por volta de 1848. No Brasil foi apresentada no Rio de Ja-



original inglês *shottische*. De grande aceitação, logo se popularizou, sendo adaptada para pequenos conjuntos instrumentais; (...) (tal música) rapidamente espalhou-se pelo Brasil, adentrando o mundo rural.(...) No Nordeste, foi executada ao som das sanfonas ou foles nos bailes populares”. Grifos nossos.

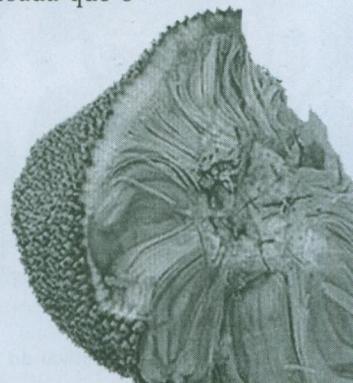
Já o estudioso pernambucano Leonardo Dantas discorda das duas informações para trazer outro dado explicativo:

“O xote (*shottisch*), proveniente da Hungria; a polca e a mazurca, originárias da Polônia”. DANTAS (1998). Grifo nosso.

Originária da Escócia, como quer Luiz Gonzaga, da Alemanha, como assevera a *Enciclopédia de Música*, ou da Hungria, como assinala Dantas, o fato é que esse ritmo se espalhou por todo o Nordeste do Brasil e ainda hoje é aceito e dançado com toda a alegria pelos nordestinos festeiros.

## Xaxado

No depoimento de Luiz Gonzaga, já referido, está a explicação do que seja xaxado. Para ele, “é dança de cangaceiros. Os cangaceiros de Lampião, por não terem mulheres para dançar, (...) faziam aquela roda e dançavam batendo no rifle e faziam o xaxado. Depois de eu ter criado o xaxado, eu vim saber que aquilo era o corta-jaca. Do corta-jaca só saiu o joguinho da ponta do pé (...). O xaxado lento (que eu criei) deu essa toada que o





“mundo inteiro está cantando por aí”. Grifo nosso.

“Corta-jaca – continua Gonzaga – é esse passo do xaxado. Mas não tinha música, não tinha ritmo (...). Era só um passo. O cangaceiro fazia isso no xaxado. Eles cantavam *Mulher Rendeira* fazendo esse passo.” SOUZA( 1976:91).

A *Enciclopédia de Música* (1977:813-814), já citada, trata da razão do termo xaxado e assim se expressa:

“É dançado em círculo e em fila indiana, sem volteio, avançando o pé direito em 3 e 4 movimentos laterais e puxando o esquerdo, num rápido e deslizado sapateado (Luís da Câmara Cascudo).” “O vocábulo, por isso, parece uma onomatopéia do som característico produzido pelas sandálias arrastadas no chão (xá-xá), (...) a forma autêntica apresentava apenas música vocal, com o tempo forte no compasso acentuado por uma pancada da coronha do rifle contra o solo.(...)”

“A melodia (apenas vocal) (...) parece originária do baião da viola, consiste em quadra e refrão, repetido em uníssono pelos figurantes.”

No fim da década de 1940 e início dos anos 1950, o baião, o xaxado e o xote ficaram circunscritos ao Nordeste do Brasil. Gonzaga, ao tentar uma “entrada” no Sudeste, embora chateado, pediu (no começo da década de 1950) a um conhecido disc-jôquei da época – Isaac Zaltman – que divulgasse seu disco no programa de rádio; Zaltman, sério, disse incisivo: “Gonzaga, você tem que compreender que agora é a juventude; você já era, isso já passou, me desculpe a franqueza”.

Essa foi uma das poucas vezes que Luiz Gonzaga tentou fazer a chamada “caitituagem”. Se tivesse seguido o pensamento derrotista de Zaltman, o mundo perderia um de seus mais inspirados compositores e intérpretes.

É essa firme insistência de Gonzaga que está presente nos grupos resistentes de forrozeiros autênticos, que, mesmo sem grandes espaços, seguem firmes e persistentes.

## Os forrós universitários da atualidade

Desde a década de 1970, o forró sofreu mais um deslocamento geográfico e social bastante grande. É que saiu das brenhas dos sertões e foi chamado para ser apresentado nas universidades. Daí ter surgido naquela época a expressão com a qual ficaria consagrado: **forró universitário**.

Será que o forrozeiro tradicional estava ali mesmo na universidade?



Na verdade, o forró entrou nas universidades de forma maquiada; não eram os legítimos trios de forró que estavam ali em toda a sua inteireza, senão um ou dois representantes deles, que ensinavam jovens músicos, de nível universitário, a tocar os ritmos tradicionais, porém executados com acréscimos de novos e “estranhos” instrumentos musicais, além de diferentes arranjos, distantes dos modelos tradicionais. Isso era e continua sendo feito devido às exigências de um novo público que curte tal música.

Diferentemente do interior, o público universitário é um agrupamento muito numeroso que quer

ouvir muito bem a execução das músicas, razão por que surgiram novos instrumentos no dito forró.

A respeito de toda essa onda de “forró universitário”, “forrogode” e “forrofunk”, fala o forrozeiro baiano Targino Gondim: “Tudo de mais é veneno. Tem uma hora que você satura e tem de escutar outra coisa, e o forró chamou a atenção”.

Gondim refere-se à moda da *axé music*, a respeito do que o empresário da banda eletrônica Forró Sucesso chega a dizer: “O axé cansou...”

“No Sudeste – diz Gondim – já existiam grupos como o Fala Mansa e o Forró-Sacana. O *boom* só juntou a fome com a vontade de comer, mas as bandas de ocasião vão cair, daqui a um ou dois anos, já que esta não é a verdade delas. Quem realmente gosta de forró, não vai deixar de dançar quando a moda acabar”. Grifos nossos.

Na opinião de Assis Ângelo, locutor do programa *São Paulo, Capital do Nordeste*, da Rádio Capital AM, “eles [o grupo *Fala Mansa*] são a caricatura do forró. Tem muita gente boa por aí que passa despercebida.

O problema é que as gravadoras querem ver cifrões. E eles têm talento para fazer dinheiro”. (*Quem Acontece*, São Paulo, abr. 2001).

“A verdade delas” a que se refere Gondim, é a expressão de que uma inovação estranha à comunidade, quando imposta, até por vezes de forma brutalizada, pode ser aceita por ela como modismo, seguindo “a onda”, sem refletir no que está fazendo. Mas essa prática, como todo modismo, pode durar pouco e ser posteriormente relegada por não corresponder à realidade social vigente. Afinal, uma das características básicas da

cultura é a seleção de valores e bem-querer.

A questão que se coloca não é a simples xenofobia, não é que não devamos escutar, ver, ler, avaliar o que se faz lá fora; o problema é que só deveríamos aceitar tais inovações quando existisse uma correspondência entre n o s s a s especificidades culturais; nesse caso, essas novas propostas talvez fossem relegadas, sob pena de a experiência não trazer os frutos esperados.

Nossas idiosincrasias deveriam ser bem pensadas, para evitar distorções tão comuns em países de economia periférica.

Acontece que esses forrós universitários insistem com muita ênfase em se intitular como **forró pé-de-serra**, como a querer provar que são autênticos. Mas, em certos termos, chegam a ser um pastiche, pois na verdade esses grupos "modernizam" o modelo tradicional, acres-

centando a ele "estranhos" instrumentos musicais e arranjos mirabolantes, que ao ouvido de qualquer pessoa, mesmo a mais desavisada, exclama, como vimos no Forró Caju: "E isso é forró?".

Analisando essa faceta atual, o musicólogo pernambucano Renato Phaelante, ao observar as mudanças, mesmo sem preconceito, chega a definir: "Hoje entrincheirados com novos fuzis: órgão, guitarra e metais se defendem, não deixando a peteca cair".

## Os forrós eletrônicos

Com a pretensão de fazer sucesso e se igualar aos vitoriosos conjuntos musicais baianos denominados **axé music**, grupos de instrumentistas cearenses, que antes formavam conjuntos de lambada – segundo informação do professor sergipano Alan Barreto –, dada a decadência desse ritmo no final da década de 1980, procuraram outros caminhos. A partir de sons tradicionais do Nordeste, criaram bandas que se autodenominavam conjuntos de forrós, ou bandas de forrós, e usaram de artifícios não próprios de forrós, como instrumentos musicais eletrônicos. Por isso foram denominados de **forrós eletrônicos**, e sua ação, por ser contrá-



ria ao movimento da axé music, rotulada de "oxente music"!

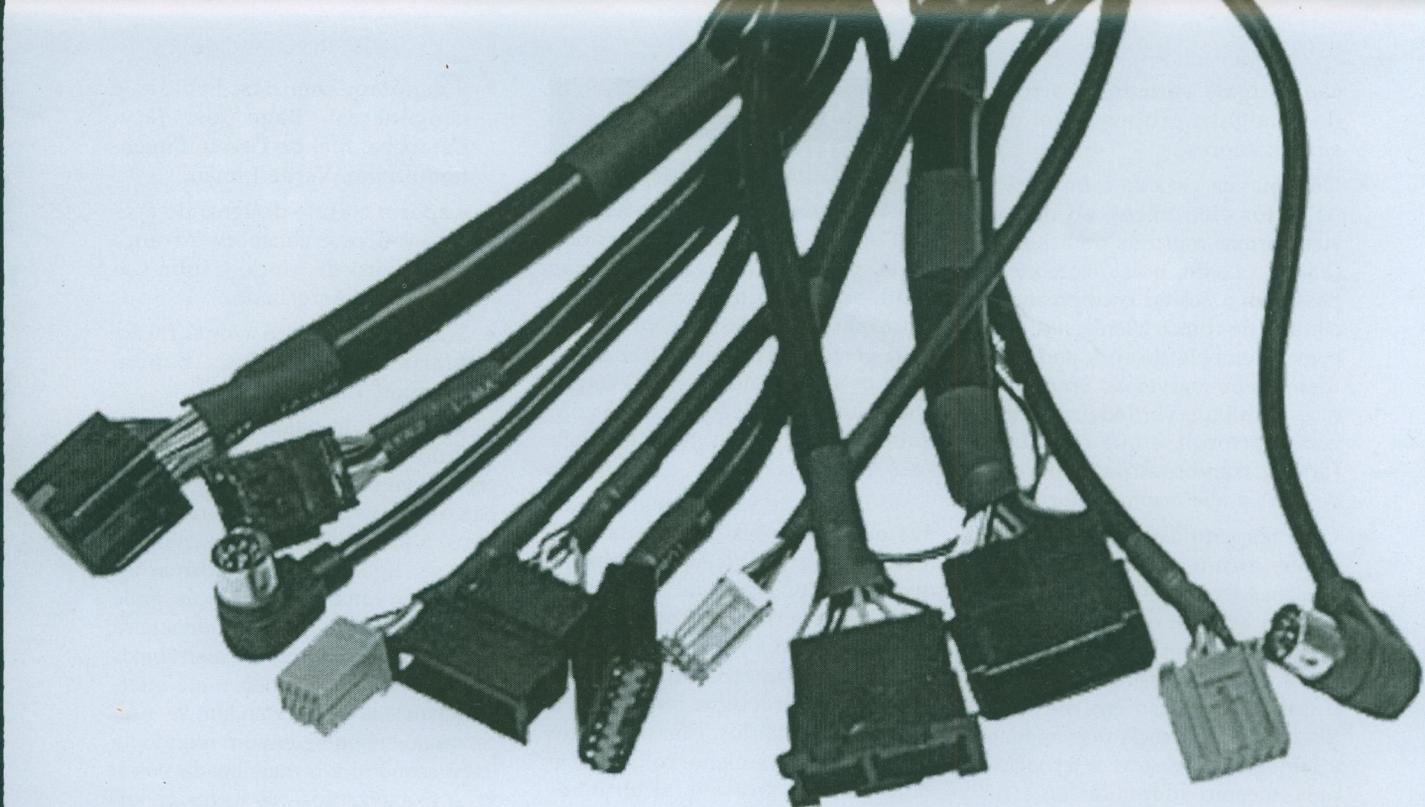
Está aí registrado o surgimento da banda Mastruz com Leite, a primeira a encontrar tal modelo. Na revista desse grupo, *Vaquejada & Forró, Mastruz 10 Anos de sucesso*, informa-se que o conjunto foi fundado em 1992 e "responsável pela revolução no estilo e jeito de tocar esse ritmo tão nordestino, a banda abriu as portas do país para que muitas outras também pudessem divulgar a cultura" A revista ainda assinala que o Mastruz "iniciou o estilo chamado de new forró, tornando-se com isso a maior banda de forró do planeta".

A junção desse conjunto com o grupo empresarial cearense, proprietário do empreendimento chamado **Somzoom Sat**, sistema de rádio criado em 1997 que atinge quase todas as regiões brasileiras, alcançando uma população superior a 50 milhões de pessoas, deu frutos muito positivos para ambos, tanto que o conjunto possui bandas *cover*, ou seja, vários grupos denominados de Mastruz com Leite para atender a demanda no Brasil.

Celso Ricardo, em artigo na revista *Perfil*, de Aracaju, discorda do pioneirismo do Mastruz, creditando ao grupo Forró Maior, "hoje esquecido", a condição de ser responsável pela "explosão do chamado **forró de banda**" (grifo nosso).

A revista *Nosso Roteiro Especial – São João* (Aracaju, 2001), percorrendo a respeito das bandas de forró, concorda com o pioneirismo do Mastruz, informando que "no período de 1993 a 1995, o forró (...) ficou mais acelerado, foram colocados mais instrumentos no palco, mudança essa que a crítica especializada chamava de **forró elétrico**" (grifo nosso).

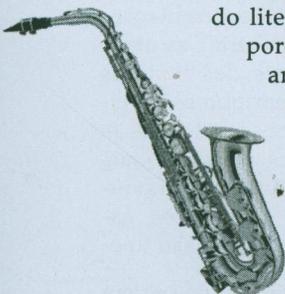




## Mas que eletricidade é essa?

Assistindo à apresentação de uma dessas bandas, percebe-se que estamos diante da imitação de um megaespetáculo; aliás, uma dessas bandas chama para si essa mesma condição. Estamos falando da Maria Fumaça Mega Banda, de Alagoas. Essa transformação de show musical para megaespetáculo levou o estudioso sergipano José Paulino da Silva à perplexidade, ao dizer: "Espectáculo que tem mais jogo de luzes, coreografias estereotipadas, por vezes apelativas, de boa parte das ditas bandas de forró". SILVA (2001:2)

Na verdade, o show é montado com efeitos especiais, como gelo seco, para provocar aquela fumaça em todo o palco, jogo sincronizado de peças de tecidos coloridos, esvoaçantes, além da participação de quatro a seis bailarinos que além das coreografias mostram todas as potencialidades de seus corpos. Um desses grupos, o Calcinha Preta, para justificar o nome, até distribui calcinhas para os homens e os que têm a sorte de pegá-las não se contentam em cheirar, mas querem comê-las, sugá-las, no sentido literal do termo, isso porque, pouco tempo antes, as peças ficam alguns minutos entre os dentes de uma das bailarinas.



Não há mais a sanfona, o triângulo e o bombo; os instrumentos musicais desses grupos são bateria, baixo, guitarra, teclados, sax e percussão. Em relação à música, nem precisamos falar que tocam lambadas, baladas, salsa, rock, pop, mambos, além de outros ritmos, sempre com temas sobre amor e paixão, com direito até a sussurros, o que é dessa forma chamado de "forró romântico" e "forró dançante". Por tudo isso, Gilton Andrade, empresário do Calcinha Preta diz: "Nosso show é um verdadeiro espetáculo!". Disso não duvidamos, pois o esforço para o espetáculo – e dizemos enfaticamente para o espetáculo, e não para a música – é enorme!

## Das pretensões ideológicas às denominações das bandas

Que movimento musical, que conteúdo ou carga ideológica daria suporte a essa nova revolução do som?

Uma simples olhadela nas denominações dessas bandas nos faz perceber o que esses novos ideólogos-compositores querem alcançar. Uma rápida listagem desses conjuntos denuncia fartamente o que eles pretendem. Vejamos: Acarajé com Camarão, Arruda com Alho, Calcinha Preta, Cana com Mel, Facho Quente, Fumo de Gasto, Mulher Rendeira, Noda de Caju, Cavalo de Pau, Caviar com Rapadura...

Não, não se trata dos ingredientes para uma garrafada que possa ressuscitar alguém, muito menos receita de bolo ou feijoada, mas, sim, algumas das denominações desses grupos.

Esse empréstimo em nível de título (apenas de título!), tomado às coisas culturais nordestinas mais populares, nos faz relembrar das propostas, metas, da ideologização do romantismo e sua adaptação brasileira, do Movimento Modernista de 1922, ou mesmo de um pretenso Movimento Regionalista de 1927, apreçoado por Gilberto Freyre.

A exemplo desses três movimentos literários e culturais, a nova proposta musical dá a entender que eles pretendem cantar o Nordeste em tons telúricos, com tintas cada vez mais carregadas e sobretudo com grande desejo de patentear o produto. Essa afirmação se estriba na seguinte prática: é comum, durante a execução de qualquer música, o anúncio do nome do grupo que está tocando. Tal anúncio é feito na mesma melodia e no ritmo da música que se está executando. Na opinião do dirigente cultural sergipano João Francisco dos Santos, esse anúncio é feito porque as bandas cantam de forma tão igual, são tão iguaizinhas, que por isso mesmo algo tem que ser dito para que se identifique qual banda está cantando.

Essa nordestinidade em excesso conflita-se, na prática, com vários elementos facilmente perceptíveis, dentre os quais:

- Afastamento radical das formas simples (melhor diria, singelas!) dos trios nordestinos de forró, compostos normalmente de sanfona, bombo e triângulo; na nova versão, os instrumentos musicais

são os mais variados e arrojadados e alguns grupos usam até sintetizadores!;

- Do ponto de vista da composição, os forrós eletrônicos, ao deixar suas formas musicais tradicionais (baião, xaxado, polca, xote etc.), passaram a aceitar o empréstimo cultural de ritmos alienígenas, tais como o embalo do rock-and-roll, mesmo em sua versão brasileira, e se intitulam, verdadeiramente, como forrozeiros que executam **forrock**, como se dizia na década de 1980, e não o simples forró;
- Com respeito às execuções musicais, tocam não apenas composições com cheiro de Nordeste, mas aceitam e gostam de interpretar quase todo o cancionário brasileiro atual e também o que faz sucesso em rádios e discos, indo do rock, pop, reggae e lambada a músicas internacionais, mesmo adaptadas ao estilo de execução do **new forró**, mas com o mesmo balanço e os tons forçadamente brejeiros. Recentemente noticiou-se que a Banda Styllus, do Ceará, assumiu a partir do mês de julho de 2001 a condição de não mais fazer forró eletrônico e agora se intitula **Lambadão Banda Styllus**. A nova denominação está registrada em seu CD mais recente. A banda já está até escalada para fazer apresentações no Pré-Caju 2002, evento anual sergipano de axé music! E irá, pois, concorrer de forma igual àqueles grupos de modismos baianos. Estão provados, mais uma vez, a intenção e o destino das bandas eletrônicas.
- Nesse jogo que mais exala o cheiro da indústria, os forrozeiros eletrônicos sabem que o importante para o grupo industrial não é cantar ou executar bem, mas sim a condição de que barulho, zoada, trejeitos, macacada também contribuem para o faturamento forte das insaciáveis gravadoras, sempre atentas para lançar amanhã aquilo que recebeu aplausos de milhões de pessoas, ou seja, possíveis consumidores dos CDs, vídeos, programas de televisão, shows em grandes estádios ou espaços gigantescos. Tudo leva a um forte faturamento, objetivo único e exclusivo das indústrias do audiovisual em termos internacionais – e por que não sinalizar mais uma vez, e incansavelmente, que o internacional no caso é quase que somente o americano do Norte?!

## O que dizem as denominações das bandas

Por que será que os organizadores põem nomes estranhos nas bandas? Desejo de simplesmente valorizar as coisas do Nordeste? Não creio... Acredito apenas na idéia de uma denominação exótica, que chame a atenção, fazendo com que o grupo seja notado e atinja seus objetivos.

O desejo de saber o significado das denominações das bandas nos levou a fazer um inventário do maior número possível de tais espécimes. No levantamento que realizamos, de janeiro a julho de 2001, chegamos aos números totais de 185 forrós eletrônicos e 58 forrós e forrós universitários. Como se pode verificar, uma excelente colheita! De cada banda sobre a qual obtínhamos informações, procurávamos localizar o Estado de origem, coisa nem sempre fácil, pois os jornais que noticiam eventos com tais grupos não se preocupam em anotar suas procedências. Além disso, tentamos divisar o que fosse forró, forró pé-de-serra e forró eletrônico, tarefa também não tão fácil. Depois de tudo isso, todo o material colhido foi classificado por ordem alfabética para facilitar o manuseio das informações.

De posse das informações classificadas, procuramos tentar entender o significado de cada denominação e agrupar todos eles em determinada temática. Assim, dos 185 forrós eletrônicos, temos a seguinte estatística:

- 54 fazem designações de temas líricos e telúricos: Balaio de Gatos, Cheiro de Hortelã, Corisco do Trovão, Fumo de Gasto, Mandakaru;
  - 38 nomeiam comidas, bebidas e congêneres: Acarajé com Camarão, Arruda com Alho, Cacau com Leite, Café Cuado, Caju com Mel;
  - 26 indicam apelos eróticos e sensuais: Beijo Molhado, Calcinha Preta, Capim e Canela, Cueca Branca, Facho Quente;
  - 15 têm aspirações à internacionalização: Adrenalina Country, Black Banda, Country Ban, Los Bregas, Mega Byte, Star.
- De 58 forrós genuínos e forrós universitários, a leitura pode ter estes quantitativos:
- 21 nomeiam expressões líricas e telúricas: Bicho de Pé, Cheiro de Mato, Karoá, Saco de Estopa, Zé da Buita e sua Sanfona;

- 9 conotam comidas, bebidas e congêneres: Bago de Jaca, Carapeba, Mel de Cacau, Pimenta-do-reino, Verde Limão;
- 4 apõem o título designando apelos eróticos e sensuais: Arranca Baço, Baba de Moça, Capim Canela, Kent Arrochado.
- 2 aspiram à internacionalização: Maria Fumaça, Mega Banda, Alagoas, Zanzibar.

Pelo fato de estarem mais próximos do modelo arquetípico a quem pretendem seguir, os forrós genuínos parecem mais contidos que os eletrônicos. A tônica não é o apelo erótico, e sim as ligações com expressões telúricas e líricas. A explicação pode estar na própria aspiração ideológica dos grupos: enquanto os eletrônicos têm aspirações nacionais e até internacionais – já que pretendem se inserir, muito em breve, em um mundo de linha econômica o mais ligada possível à globalização –, os forrós genuínos se contentam com apresentações locais, isto é, em seus Estados, e não nacionais e internacionais. A lista das denominações encontra-se anexa, para possíveis comprovações.

Se tentarmos comparar as denominações dos forrós eletrônicos com os nomes dos arraiais juninos de Alagoas, encontraremos certos pontos em comum. Em levantamento realizado no ano de 1988, em que foram listados 105 arraiais, principalmente de Maceió, verifica-se que a denominação deles não corresponde às práticas sociais vigentes. Assim como aqueles que se denominam Arraiá São Sebastião ou Arraiá São Sinfrônio naturalmente não estarão rezando por ocasião das representações ou das danças, do mesmo modo aqueles cujos nomes têm duplo sentido – como Toco Cru Pegando Fogo, Arranca Caçola, Escorregou, o Pau Entrou e Pau nas Coxas – obviamente não estarão praticando atos sexuais abusivos durante as representações, já que os dois tipos têm o mesmo comportamento psicossocial. Portanto, as denominações dos arraiais servem apenas de atrativo para verdadeiramente chamar a atenção para o grupo.

Na verdade, o grupo Facho Quente e o Cueca Branca, só para darmos dois exemplos, têm o mesmo comportamento do Balaio de Gatos, do Cheiro de Hortelã e de todos os demais nas apresentações que fazem, visando atrair as atenções principalmente dos homens com coreografias em que as bailarinas demonstram, em todas as danças, suas partes mais sensuais e apelativas. Em suma, as denominações dos forrós eletrônicos, assim como as dos arraiais, são ape-



nas títulos chamativos, comerciais, postos com a intenção de vender mais os produtos que expõem.

## Conclusão

Em nosso modo de analisar os fenômenos culturais brasileiros, especialmente os nordestinos, intuitivos que os forró eletrônicos, com seu forte apelo rítmico, erótico e sensual, aproveitaram o “bonde” da onda *country*, que já foi por demais espalhada pelo Brasil através dos rodeios praticados no Sudeste do país, possibilitando a criação de uma moda “caipira” sumamente artificial que tem no máximo ligações com a moda dos *cowboys* americanos apenas via cinema. Essa moda caipira coincide ou atinge em cheio aquilo que se chama impropriamente de “músicas sertanejas”, isto é, sertanejas românticas, que no melhor entender seriam “uivânticas”.

De fato, esses grupos de “música caipira” absolutamente nada têm de música propriamente folclórica!

Os modernos grupos de forrozeiros, os forrozeiros eletrônicos, estão, com vagar, angariando sucesso e tomando a vez dos baianos que fazem a linha dos “tchans” e de outros que executam igualmente músicas de apelo erótico, alguns dos quais seguem uma linha mais dançante, no estilo do grupo “carnavalesco” Chiclete com Banana. A prova de que os axezeiros estão perdendo terreno para os forrozeiros está na entrevista feita em 2000 pela TV Bandeirantes com o líder do Chiclete com Banana, de nome Bel, em que ele afirma: “É hora de variar de repertório. Agora, por exemplo, para não perdermos as raízes, estamos gravando um CD de músicas de forró”.

Quer dizer, o próprio representante da aplaudida banda até que enfim entendeu a artificialidade da

axé music e tenta voltar à música brasileira que atenda realmente nossas tradições ou que não nos afaste de nossas trajetórias culturais.

Logo, é notório que os forrozeiros eletrônicos estão, finalmente, alcançando o que pretenderam de início. A confirmação quer dizer claramente – ou é a maior prova – que movimentos musicais (ou mesmo outros movimentos culturais) muito arrojados e modernos, se não possuírem uma forte ligação com a cultura legítima e verdadeiramente arraigada no povo, serão de pouca duração, pois não poderão sustentar-se durante muito tempo. Aliás, essa é a comprovação do próprio fenômeno musical popular de que, com poucos meses de veiculação, a música que fez enorme sucesso é rapidamente esquecida, para dar lugar a qualquer outra de maior apelo ou mesmo com uma boa dose de exotismo. Aliás, o tapinha dói ou não dói? A propósito,



sua namorada é "preparada", "poposuda" ou "cachorrone"? Mais a propósito ainda, onde estão eles?

Neste momento é bom que se reprise aquela velha história das prioridades, das seleções e outras congêneres. A informação a seguir, trazida pelo estudioso sergipano José Paulino da Silva, é estarrascadora ao tempo que demonstra a verdadeira importância dos grupos. Vejamos:

"O cachê estipulado para um trio de fôrro se apresentar por duas horas é de R\$ 500,00, enquanto o de uma banda de fôrro ou de um artista de MPB, às vezes sem ligações com o fôrro, fica entre R\$ 10 mil e R\$ 50 mil para uma apresentação de igual duração".

Está claro que, mesmo quando as autoridades menos preconceituosas estão querendo proteger os grupos tradicionais, em nome de uma pretensão pós-modernidade aceitam até colocar lado a lado grupos que estão na mídia, junto de forrozeiros legítimos, consagrados apenas em seus municípios de origem. Então o público ligado ao que a mídia consagrou seleciona ou esquece os grupos que tradicionalmente abrilhantam festas de santo, casamentos, batizados, comícios eleitorais, danças e fôrros nos povoados, distritos e pequenas cidades do interior.

A bem-humorada análise do São João de Areia Branca (SE), elaborada por Luciano Correia, jornalista aracajuano, vai de encontro a essa concorrência, quando diz: "É um absurdo chamar o criativo repetidor de 'garçom' para uma festa onde milhares de pessoas esperavam xote e baião".

Por lembrar os festejos juninos do Estado de Sergipe, convém ressaltar o argumento usado pelo secretário de Cultura e Turismo, Fabiano Oliveira, que afirmou, do alto de sua experiência de empreendedor cultural, no que tange aos carnavais fora de época:

"Fizemos (no Prê-Caju) o primeiro arraial eletrônico do país. O corredor da folia se transformou num verdadeiro fôrrodromo. Aqui o fôrro é uma coisa que nasce com as pessoas, está com as pessoas e transborda nas pessoas (...). Sergipe é o país do fôrro porque representa o conjunto de várias cidades com um único objetivo: fazer o melhor São João do país".

O jornal aracajuano *Sergipe Agora* realizou uma enquete com nove estudantes da capital, a respeito do slogan do governo do Estado: "Sergipe é o país do fôrro". Entre as opiniões desses nove estudantes, duas delas nos fazem pensar. Uma é a de um eufórico jovem de nome Ulisses Frankley de Santana Barros, 17 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio, que afirma: "Se não é, está para ser. Atualmente está havendo um investimento por parte do Estado que antes não havia. É bom lembrar que as bandas de fôrro daqui estão em ascensão no Brasil inteiro, fazendo com que outros Estados reconheçam nosso talento". Já a estudante Fernanda dos Santos Matos, 18 anos, pré-vestibulanda, com os pés no chão, é incisiva: "Sergipe primeiro tem que manter as tradições juninas para mostrar de fato seu potencial. De que adianta divulgar lá fora, se aqui dentro a realidade é outra? As quadrilhas juninas estão esquecidas e o fôrro autêntico morreu em decorrência da falta de apoio".

Que fique claro que, se fôssemos optar entre um grupo de fôrro eletrônico e uma banda de axé music, ficaríamos com o primeiro, mas isso não significa que, em consciência, estejamos dando aval aos eletrônicos. Continuamos ao lado dos tradicionais e bons trios de fôrro que com certeza estão resistindo em nome da legítima cultura nordestina.

## Bibliografia

ALVES, Ceci. *Forró*. A Tarde, Salvador, 17 jun. 2001, cad. B:1.

CINFORM. Sergipe redescobre o São João e planeja atrair mais de 100 mil turistas em junho. Aracaju, 26 mar. a 1 abr. 2001:12.

CORREIA, Luciano. *Areia Branca: o pior São João de Sergipe*. Folha da Praia, Aracaju, 20(686):2, jul. 2001.

DANTAS, Mônica. *Sergipe, país das bandas de forró*. Cinform, Aracaju, 26 mar. a 1 abr. 2001. Caderno de Cultura: 1.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Suplemento Cultural. Recife, jun. 2001.

ENCICLOPÉDIA da Música Brasileira: erudita, folclórica e popular. São Paulo: Art Editora, 1977.

ENSETUR/SECTUR. Nosso Roteiro Especial – São João. Aracaju, 2001, s.p. num.

GARCIA, Lauro Lisboa. *O circo de Madonna*. Isto É, São Paulo, 18 jun. 2001, pp. 98-101.

PHAELANTE, Renato. *Forró: identidade nordestina*. Micromonografia nº 227, Recife: Fundaj, set./out. 1995.

Baião, 50 anos de estrada. Micromonografia nº 233, Recife, Fundaj, jul. 1996.

QUEM ACONTECE. Fala Mansa rindo à toa. São Paulo, 13 abr. 2001, pp. 48-53.

SILVA, Leonardo Dantas. *Encontro musical cria o baião dos dois: Zé Dantas e Gonzagão*. Diário de Pernambuco, Recife, 58 ago. 1988. Cad. Viver: 1.

RICARDO, Celso. *O ping-pong das bandas*. Perfil, 4(33):38, Aracaju, 2001.

ROCHA, José Maria Tenório. *Arraiais juninos: a valorização do matuto às avessas!* Novidade, Maceió, 4(12):4, ago./ set. 1988.

De pimenta, cebola, hortelã e mel com... terra! Que barulho é esse, o dos forrozeiros? Gazeta de Alagoas, Maceió, 25 set. 1994. Cad.B: 3.

Idem, ibidem. Novidade, Maceió, 5(21):16, out. 1994.

Idem, ibidem, Folclore, nº 21, Guarujá (SP), dez.1995.

SERGIPE AGORA. Sergipe é o país do fôrro. Aracaju, 2ª quinzena de maio, 2001: 6.

SILVA, José Paulino da. *Gato por lebre no país do forró*. Cinform, Aracaju, 2 a 8 de abr. 2001: 2.

Mais  
fogo de palha que fogueira no país do  
forró. Cinform, Aracaju, 11 a 17 jun.  
2001: 2.

SILVA, Leonardo Dantas. O  
cancioneiro do ciclo junino.  
Micromonografia n.º 251, Recife:  
Fundaj, jun.1998.

SOUZA, Tárík de. *Luiz Gonzaga*.  
In: O som do Pasquim. Grandes en-  
trevistas com os astros da música  
popular brasileira. Rio de Janeiro:  
Editora Codecri, 1976, pp. 89-100.

## ADENDO BANDAS DE FORRÓ ELETRÔNICO

### AS BANDAS

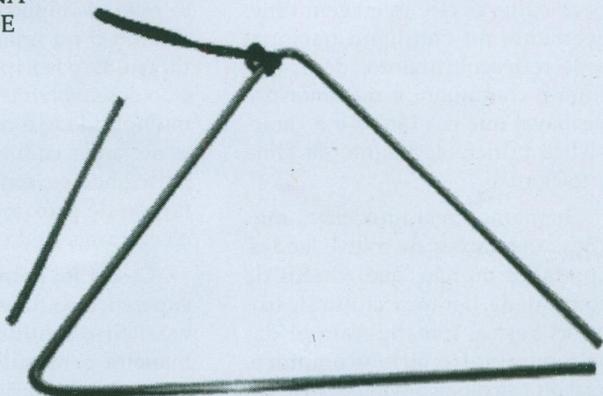
ABADÁ - BA; ACARAJÉ COM  
CAMARÃO - BA; ADRENALINA  
COUNTRY - BA; ÁGUA DE CACIM-  
BA; ALBATROZ - BA; ALEGRIA;  
ALFAVILE - BA; ALQUIMIA; ALTA  
VOLTAGEM; AMAZAN E BANDA -  
PB. AQUÁRIUS - CE; ARARAS DO  
FORRÓ; ARRUDA COM ALHO - BA;  
ART BRILHO; BABY SOM; BAMBÁ  
DO FORRÓ; BALAIO DE GATOS -  
CE; BALANÇO DO FORRÓ; O  
QUENTCHE DO FORRÓ; BANANA  
BRONZEADA - PE; BANDO DE MU-  
LHERES - SE; BASTOS PEROBA - PE;  
BEIJO APIMENTADO - BA; BEIJO  
COLADO; BEIJO MOLHADO;  
BLACK BANDA - CE; BRASAS DO  
FORRÓ; BRILHO DO SOL - PE;  
BRUCELOSE; CACAU COM LEITE  
- BA; CACAU COM MEL - SE; CA-  
CHORRA DA MULESTA - CE; CAFÉ  
CUADO; CAJU COM MEL;  
CALANGO ACESO - CE;  
CALCINHA DE RENDA - AL;  
CALCINHA PRETA - SE; CALIPSO -  
PE; CANA COM LIMÃO; CANA  
COMMEL - SE; CANELA COMMEL;  
CAPIM E CANELA; CAPIM CANE-  
LA - PE; CAPIM COM MEL - PE;  
CAPITAL DA TERRA; CAPITAL DO  
SOL - CE; CARCARÁ DO BREGA -  
SE; CARU-FORRÓ - PE; CASCA DE  
ROMÃ - PE; CATUABA COM AMEN-  
DOIM - CE; CAVALO DE PAU - CE;  
CAVIAR COM RAPADURA; CEBO-  
LA RALADA; CHÁ DE LIMÃO; CHÁ  
DE KAPIABA - SE; CHÁ DE HORTE-  
LÃ; CHEIRO DE FULÔ - AL; CHEI-  
RO DE HORTELÃ - BA; CHEIRO DA  
MASSA; CHEIRO DE MATO - SE;  
CHEIRO DE MEL - PE;  
CINTURINHA FINA - PE; COLHER  
DE PAU; COQUELUCHE; CORCÉIS;  
CORISCO DE TROVÃO - SE;  
COUNTRY BAN; CUECA BRANCA;  
CUSCUZ COM LEITE; DISCARADA  
- CE; DESEJO; DOCE MEL - PE;  
EMBALO D; ESTAÇÃO DO SOL -  
BA; ESTRELA DE FOGO - SE;

ESPRESSO DO FORRÓ; EXPRES-  
SÃO DO FORRÓ; FACE NOVA; FA-  
CHO QUENTE; FASCÍNIO; FAUNA  
E FLORA; FEIJÃO COM ARROZ;  
FEIJÃO DE CORDA; FILHOS DA  
TERRA; FLOR DA PELE - CE; FLOR  
DE CHEIRO; FLOR DE TERRA; FLOR  
DE MAÇÃ; FLOR DO DESEJO;  
FOGO ARDENTE; FOGO E FORRÓ  
- PE; FORÇA LIVRE; FORRÓ CHA-  
PÉU-DE-PALHA; FORRÓ CHIC;  
FORRÓ CHICOTE; FORRÓ KARIBE;  
FORRÓ DA TERRA; FORTALEZA;  
FRANÇA; FUMO DE GASTO; FURA-  
ÇÃO DO BREGA; GERUSA E BAN-  
DA; G SOM; HUMILDES - SE; IMPE-  
RIAIS; IMPERIUS - SE; ISMAEL E  
FILHOS DO NORDESTE;  
KALENTUS; ITORORÓ (DO) - BA;  
JANAÍNA DOS TECLADOS - CE; JM;  
JORGE MARAVILHA E BANDA;  
JUACÍ IPSILONE - BA; KAKI COM  
MEL - PE; LABARETAS - BA; LA-  
GARTA DE FOGO; LAMBADÃO  
BANDA STYLUS - CE; LIBANOS;  
LICOR COM MEL - BA; LIMÃO  
COM ALHO - AL; LIMÃO COMMEL  
- CE; LOS BREGAS; MAGILSON E  
BANDA; MAGNÍFICOS - CE;  
MADAKARU; MAGIA; MANGA  
ROSA - SE; MARIA BONITA; MA-  
RIA FULÔ - BA; MARIA FUMAÇA -  
AL; MASTRUZ COM LEITE - CE;  
MEGA BYTE - PE; MEL COM LIMÃO  
- SE; MEL COM TERRA - CE; MEL  
DE CACAU - BA; MEL DE URUÇU -  
BA.; MELÃO DE CHEIRO; MIRA-  
GEM; MOLEKA 100 VERGONHA;  
MONTAGEM - PE; MULHER REN-  
DEIRA; NATUREZA - BA; NOBINHO  
E SEUS TECLADOS - BA; NODA DE  
CAJU - CE; NOVA ONDA; NOVO  
MILÊNIO - BA; OLHOS DE ÁGUA  
- PE; PANELA DE BARRO; PASSA-  
PORTE; PASSARADA DO RITMO;  
PATRICINHAS DO FORRÓ (AS);  
PEDAÇO DO FORRÓ; PERU DE  
OURO; PINGA FOGO - PE; PINGO  
D'ÁGUA - PE; PIRÃO COM OVO;  
PIRÃO DE CAPÃO - BA.; PIRATAS  
DO FORRÓ (OS); QUEIJO COM  
MEL; QUENGA DE COCO - PE;  
RABO DE MEL - SE; RABO DE SAIA  
- CE; RAIOS DE SILBRINA - SE;  
RAÍZES DO FORRÓ - CE;  
RELÂMPAGUS - SE; RENOV-  
VAÇÃO - PE; RENOV-  
ÇÃO NORDESTINA -  
PE; SACO DE  
ESTOPA; LA-  
GARTO - SE;  
SANTANA;  
100 CEN-  
SURA;  
SER-

PENTE; SKALA; SKANDALUS; SÓ  
CANELA; STAR; SURURU NO  
COCO; TCHECO - PE; TRAVESSU-  
RA - SE; TROPICAL MANIA; UNI-  
DOS NO FORRÓ, NA PISADINHA  
DO CACAU; XAMEGO DE MENINA  
- SE; XAMEGO NORDESTINO; VAI  
E VEM; VÊNUS - BA; VISUAL; ZETI  
E BANDA.

## OS FORRÓS

ANA DO FORRÓ - BA; ARRAN-  
CA BAÇO - BA; ARROCHE O NÓ -  
BA; BABA DE MOÇA; BAGO DE  
JACA; BAMBÁ DO FORRÓ;  
BAMBAM - BA; BICHO DE PÉ; BIS;  
BOM (DO); BOMBEIRÃO (TRIO);  
BRASAS DO FORRÓ; BRASIL;  
BRONZEADO; CABEÇA-DE-FRADE  
- SE; CAPIM CANELA  
(FORROZÃO); CARAPEBA;  
CATUABA; CENTRAL DO FORRÓ -  
BA; CHEIRO DE MATO  
(FORROZÃO); CIDADE; CIDADE  
CRIANÇA; ERIVALDO DE CARIRA  
E BANDA - SE; EXPRESSÃO DO  
FORRÓ; FORRÓ MANEIRO;  
ITAPOÁ TRIO; LOURINHO DO  
ACORDEON; LOTADO - BA;  
KARÓ (DO) - BA; KENT ARRO-  
CHADO; LEGAL; LOTADO; MANDA  
FORRÓ - BA; MANO VÉIO (DO) -  
BA; MARIA FUMAÇA MEGA BAN-  
DA - AL; MEL COM PRÓPOLIS; MEL  
DE CACAU - BA; MEL DE FORRÓ -  
BA; NA VEIA; NATUREZA (DA); NE-  
TINHO DO FORRÓ - BA; PESADO;  
PIMENTA DO REINO; PROSA CHIC  
- BA; REAL; RETALHOS NORDES-  
TINOS - SE; SACO DE ESTOPA;  
SENSAÇÃO DO FORRÓ; SIRI; SU-  
CESSO - SE; TRÊS DO FORRÓ; VER-  
DE LIMÃO; VERSÁTILN;  
XAMEGUINHO E BANDA;  
ZANZIBAR; ZÉ DE BUITA E SUA  
SANFONA; ZEZINHO DA EMA  
(FORROZÃO) - BA; ZINHO E BAN-  
DA GIRASSOL - AL.





# Folclore do João-de-barro:

Francisco Gabriel Junqueira Machione e  
Roseli Aparecida Tinelli  
Departamento de Folclore – Olímpia (SP)

## À guisa de explicação

**E**m 1999, o professor José Sant'anna convidou-nos para fazer um trabalho a seis mãos sobre o João-de-barro. O destino chamou-o, antes que esse projeto se concretizasse. Continuamos, entretanto, em homenagem à sua idéia inicial, e em sua memória, a pesquisar o assunto.

Aqui está o resultado de todo esse trabalho. Lendas colhidas na zona rural de nossa região sobre o João-de-barro, sua conotação com outros animais, mitos e lendas.

Valeu a pena a iniciativa. Sentimo-nos plenamente recompensados por isso.

## Introdução

Convém sempre ter em conta, em se tratando de tradições brasileiras, a diversidade, a mistura, componente de tantas culturas que aqui aportaram e se caldearam.

Os resíduos resultantes, frutos da convivência constante e persistente dessas culturas que interagem dinamicamente no cotidiano nacional desde o descobrimento, desenvolveram e continuam a metamorfose inacabável que é a tônica e a característica principal, magna, da alma do folclore.

Chamamos resíduos essas mutações, adaptações de mitos, lendas, importados ou não, que, vindos de determinada herança cultural, trocam as vestes, transfiguram-se daquele para outro ciclo econômico, social ou psicológico (vide ciclos), em

formas novas e até mesmo conflitantes como o foi na sua origem (vide monstros bons e maus). De acordo com o meio, a mitologia ou a lenda emprestada adaptam-se (na forma e na idéia) para atender anseios (é meio ansiado) ou desejos (é princípio desejado), ou temores (e, por vezes, coisas temidas), todos estes no bojo do inconsciente coletivo de determinada coletividade do segmento social acolhedor.

Esse é o caso do mito do saci no contexto do ciclo das boiadas do norte paulista. Já no Vale do Tietê (vide Alceu Maynard Araújo) o duende pernetta se subdividiu em três tipos distintos e de comportamentos conflitantes entre si: o benfazejo, o inconseqüente e o mau. Não é apenas o negrinho de uma perna só, cachimbo à boca, bastante vermelho na cabeça. Varia de tamanho, cor e personalidade, conforme a classificação (cf. Maynard).

No ciclo barretense e adjacências, o mito do saci desdobrou-se. A encruzilhada econômica, privilégio geográfico que fez de Barretos por longo tempo a capital do gado brasileiro, também encruzou vertentes desse mito, multiplicou por várias vezes, dilatou-o na imaginação de tantas raças que participaram da formação e do desenvolvimento regional. E essa multiplicidade é compreensível diante de tantas culturas, interligando-se, imiscuindo-se, constituindo-se na definição de próximos horizontes étnico-culturais (vide Testarossa).

O saci foi para o colono italiano, supersticioso, talvez até mais que o brasileiro, sentido e interpretado à maneira peninsular: com arroubo e muita imaginação exagerada.

O negro definiu-se receoso na superstição temerosa da raça subjugada e assimilou-o mais próximo a si (pois o saci é de sua cor e tem nas preferências fumo e espírito brincalhão). O caboclo, o mameluco, intercurso do branco conquistador e da índia receptiva, herdou de seus antepassados maternos a aptidão de entender, acreditar nos possíveis seres da "natureza fantástica" com muito mais naturalidade que o branco. Este, por sua vez, trouxe (e por que não?) duendes semelhantes, na estrutura do inconsciente coletivo da raça, seres que existiram na imaginação popular na Península Ibérica desde seus primevos habitantes.

Dessa soma, originaram-se nossos próprios seres fantásticos, nosso panteão da imaginação popular brasileira.

Assim também foi o sucedido com o João-de-barro. Despertada a atenção do homem por sua operosidade e criatividade diária, seus dotes de oleiro maravilhoso, levantando sua morada com o barro amassado com o bico, construindo sua casa sólida e prática, tornou-se, entre as populações rurais, símbolo de trabalho e alvo de lendas e histórias maravilhosas.

Na verdade, o João-de-barro é o passarinho brasileiro que mais se imiscuiu, mais se intrometeu nas histórias de outros animais reais ou imaginários, míticos ou lendários.

Em nosso trabalho, encontramos essa avezinha gritadora, de cor desmaiada, presente em todo o universo fantástico da alma popular brasileira, bem como, na realidade, do cotidiano rural.

# lendas do Norte Paulista

Ela é a senhora onipresente em quase todos os segmentos, nas histórias de bichos e homens, no folclore nacional.

Neste trabalho, pinçamos alguns exemplos disso. Oxalá um dia posamos colher todo o material existente sobre o João-de-Barro, no universo onírico, nas fábulas e histórias guardadas no inconsciente coletivo do homem brasileiro. Só assim saberemos o quanto esse pequeno pássaro contribuiu, influenciou e enriqueceu as páginas do nosso fabulário.

## O João-de-Barro e sua relação com outros animais

### 1. João-de-Barro rei

Certa vez começou haver um cisma em todos os bichos. Uns que-

riam, outros não, alguns duvidavam, outros afirmavam. A polêmica estava armada, mas uma coisa era certa: toda a fauna desejava ter um senhor, um rei de verdade, de fato e de direito, que impusesse autoridade correta sobre todas as espécies, propiciando com isso uma paz permanente.

Foram feitas reuniões preliminares, assembléias, congressos, votações e mais votações e nunca se chegava a um consenso. Finalmente a escolha enveredou por um caminho irretornável.

Pela sua modéstia, pelo seu coração, pela sua garra ao trabalho, pela sua inteligência e engenhosidade, foi escolhido o João-de-Barro.

À notícia, o beneficiário do título primeiro ficou pasmo. Depois de

meio passado, foi tomado por uma natural euforia, somada a um legítimo júbilo. Houve monumental festança por toda a camparia. A mata inteira comemorou e, no pôr da fazenda, as aves menores aplaudiram o fato de alguém de sua espécie chegar ao mando máximo.

Depois da promulgação da primeira constituição, nomeados os ministérios, saudado o resto dos animais com um discurso inflamado, o João-de-Barro descansou. Em seguida seus conselheiros recomendaram-lhe: "Sua casa é singela, simples, muito pequena. Um rei precisa de pompa. Na residência real está o principal meio de exibir sua força, sua opulência".

Assim o João-de-Barro aquiesceu. Passou a aumentar sua casa. O domo abaulado ele recheou de torres, sobretorres, ameias, mais ameias, muros, muralhas, torrões, acabando por concluir um monstro enorme, desusado, um edifício, verdadeira torre de Babel, sem utilidade nem praticidade.

A forquilha do galho que sustinha o primitivo ninho vergou ante imenso peso. A própria árvore em que o dito-cujo estava incrustado ficou meio capenga no esforço de manter tal casa.

De tantos elogios fingidos dos novos cortesões, das exclamações hipócritas de admirações bajuladoras, João-de-Barro acabou acreditando que seu castelo estava lindo e digno de inveja. Após isso, a corte inteira passou a influenciá-lo na mudança da indumentária. "Suas penas eram muito simples", disseram. "A cor desmaiada. Aquela tonalidade terrosa



era própria para um oleiro ou um pedreiro, não para um novo rei."

O pavão foi requisitado como figurinista para emprestar-lhe as penas de que precisasse e ensinar-lhe a desfilar ante os súditos com garbo e imponência próprios daquela ave. De uma arara tiraram os tons multicolores, as penas policrômicas para realçar ainda mais a plumagem do rei João.

Para dar ênfase à sua força de soberania, a onça emprestou-lhe o couro mosqueado e, em reforço à sua resistência, o tapir conferiu-lhe a dureza de sua pele.

Para que sua voz fosse mais melodiosa, e não disparada em gritos estridentes como antes, emprestou-lhe o sabiá o canto mavioso. Depois, assim apetrechado, saiu de uma das sacadas de seu novo "palácio" para saudar toda a bicharada aglomerada embaixo da nova árvore real, sede do seu governo. Quando caminhou, o peso da pele da onça tolheu-lhe os movimentos, aquela parafernália de cores, parecendo mais uma espalhafatosa barraca camuflada, fez com que a maioria dos súditos disfarçasse risinhos sufocados a custo ou à socapa de fungados mal contidos.

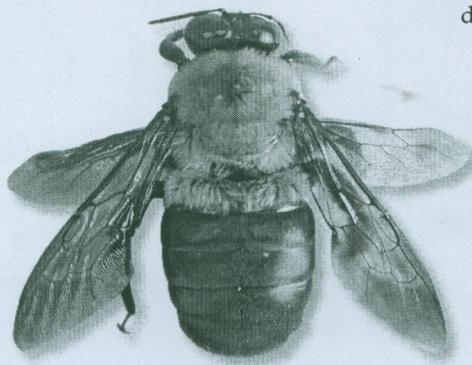
O rei começou a falar. Sendo ave gritadora, sua "mutação" para canora foi um desastre. Seu canto saiu aos berros como uma vitrola com disco em rotação fora dos conformes. De repente, a catástrofe: o galho onde sempre repousara sua casinha simples e, sobretudo, leve, naquele momento, não resistiu mais ao peso de tantos bichos reunidos pelas sacadas, torres e amuradas, membros da corte. Ruiu de uma vez.

Num repelão, João-de-barro estava estatelado ao chão com todo seu séquito, corte e puxa-sacos menores, meio sufocados na poeira do colossal desabamento.

Para ele foi a gota d'água. Livrando-se de pele de onça, penas coloridas, timbre de voz de ave canora e outros atributos impingidos pelo cargo, mandou todo mundo às favas e, chamando a sua joana com veemência, voou mais que depressa para uma frondosa paineira bem longe dali, tratando de recomeçar sua vida de oleiro.

Entendeu que de rei não tinha nada. Sua felicidade consistia em ser o que Deus lhe conferira. Seu lugar na natureza era ser o querido mestre João-de-barro.

## 2. João-de-barro e a abelha



Um João-de-barro construiu a casa num pé de faveiro próximo a um retiro. Veio um enxame de abelhas e tomou posse do ninho sem pedir nem perguntar.

Airosamente ficaram donas do galho e do pelotão oco de barro que servia de moradia ao casal de passarinhos. Ambos ficaram fulos da vida. Berraram, esgoelaram, mas nada resolveram. Ficaram duetando aos quatro ventos, enquanto as abelhas trabalhavam indiferentes, construindo e enchendo de mel os pequenos alvéolos bem alinhados.

Dias de gritaria, protestos, reclamações, e efeito mesmo que era bom não aparecia, porque os insetos nem ligavam aos protestos dos passarinhos enfezados pelo esbulho.

Uma tarde, já perto do anoitecer, dona joana bicava pelo chão à cata de alimento, quando encontrou uma formiga doceira. A formiga correu, esgueirando-se entre as folhas, até que, encontrando um buracinho, enfiou-se nele. Tranqüilizou-a dona joana-de-barro: "É... comadre formiga. Estou aqui em paz e de paz. Preciso de sua ajuda".

A formiga, ressabiada, aceitou ouvi-la. Antes, dona joana chamou o marido. João-de-barro contou toda a história da invasão das abelhas e a usurpação de sua casa. A formiga solidarizou-se com sua mágoa. Topou aliar-se a eles a fim de dar uma lição nas intrusas. Mas, na verdade, o ato de amizade da formiga era movido por interesse. Planejava, na tomada do ninho, poder carregar de lá todo o mel já estocado, como despojo de vencedora.

João, como sempre atilado, arguto, desconfiou da solicitude de sua aliada, mas não demonstrou. À noite, hora em que as formigas doceiras trabalham, um verdadeiro exército delas atacou.

Nessas horas de temperatura mais baixa, as abelhas ficam letárgicas, praticamente indefesas. Tudo correu conforme o combinado. A formigada invadiu o ninho, acabou com o enxame de abelhas e carregou todo o estoque de mel lá depositado.

Desde esse dia, João-de-barro, apesar de ser um grande caçador de formigas, respeita as da raça doceira.

Muita gente teima em dizer que isso se deve ao fato de aquele inseto ser notívago, e o João-de-barro, um pássaro diurno, por isso nunca se encontram.

Mas quem sabe da história das abelhas entende por que o passarinho cumpridor de sua palavra até hoje não ataca a formiga amarelona, tão apaixonada por açúcar.

## 3. João-de-barro e o escorpião

Numa madrugada João Marinho mal despertara e, calçando as botas, ouviu o sino de chamada, clangorando sonoro e firme.

"Ué, quem adiantou a chamada antes de mim?", pensou, curioso.

A casa estava trancada. A família – mulher e duas filhas – dormia àquela hora, profundamente.

Cismou da coisa. Foi à cozinha, abriu a janela, e o sino estava lá no alto de seu travessão, bem protegido no elevado retábulo, silencioso.

De repente o pesado capacete de bronze badalou novamente. Depois, outra vez, outra e outra. A corda presa ao travessão permanecia imóvel, descansada. Nenhum movimento perceptível. O sino continuava tocando. João arrepiou-se todo. Os cabelos da cabeça, como que animados por uma corrente elétrica, eriçaram-se. Seu corpo hirto sentiu toda a pelagem, todo fio de cabelo, em cada poro, alevantado.

Correu para a porta dos fundos, abriu-a num estrondo e foi para baixo da armação pesada que susti-



nha a grande campânula amarela e suja. Levava na mão direita sua lanterna elétrica de três elementos. Não hesitou. Acendeu-a resolutamente. Estava descoberto o enigma. Um vulto minúsculo se agitava agarrado à haste do badalo, fazendo-o balançar-se da direita para a esquerda, e assim sucessivamente, coçando a cabeça redonda por ambos os lados do interior da abóbada de bronze.

“ T e e e e e e e e e e m . . .  
teeeeeeeeeem... teeeeeeeeeem...”

O som sonolento, quase místico, que só os sinos conseguem imprimir aos ouvidos, ia saindo e se espalhando em ondas sucessivas.

A princípio imaginou, pelo formato, ser um pequeno morcego agarrado ali, agitando-se, o autor do feito desusado. Firmou os olhos. Olhou várias vezes. Certificou-se. Não era um morcego. Era um passarinho. Agora tinha certeza. E mais admirado ficou quando identificou o sineiro improvisado e misterioso: era um João-de-barro.

“Filho de mãe puta!”, xingou o homem enfezado. “Me enchendo o saco com essa barulheira, nestas horas, só para me aporrinhar. Te mando nas ponteiros dos chifres do demônio!”, blasfemou.

Colocou uma escada comprida no estrado, ajoitou-se e subiu. Enfiou a mão direita, buscando o pomo do badalo, rápido, na tentativa de apanhar num só golpe o passarinho. Urrou de dor. Uma ferroadá dolorosíssima atravessou o dedo polegar, fazendo-o despencar escada abaixo. Machucado, capengando, estapeou com a mão esquerda uma pequena coisa que se agitava fixa à sua mão direita.

Era um escorpião. O homem danou-se a gemer. Depois gritou por socorro. Apelou para o seu santo padroeiro, cujo nome carregava no registro do batistério. Não precisava muito. São João não veio. Decerto não podia naquela hora. Mas, solícito, mandou representante. O João-de-barro saltou da alta travessa onde havia se aboletado depois da escapada de dentro do sino e apreciava a desdita do seu tocaio estatelado no chão.

Desceu num vôo vertiginoso, pescou numa ponteada elegante de bico, qual um cavaleiro medieval faria ao lancear um adversário a galope, e, levando o escorpião esperneando bem preso, foi saboreá-lo na mangueira próxima aos fundos da casa.

João terreiro, Mané do leite, Sá Secundina, todos madrugando para começar os afazeres respectivos,

encontraram o patrão naquele estado lastimável. A cozinheira preparou chá forte de erva-cidreira para acalmar o ferido enquanto enfiava sua mão num canecão de cachaca canforada. O homem gemia baixinho. Só no outro dia os resultados da picada do escorpião começaram a ceder.

O fazendeiro, quando contava o incidente, enfatizava orgulhoso: “Meu santo me salvou, arrancou aquele demo de ferrão na bunda da minha mão. Meu santo padroeiro quando está ocupado manda seu xará eficiente para resolver as questões”, enquanto apontava para a velha mangueira onde uma pequenina casa de João-de-barro descansava presa a um galho.

Dizem que, daquele dia em diante, João Marinho melhorou seu trato aos mais pobres e mandou levantar uma capelinha para São João ao lado de sua casa. No altar, ao lado da estátua do santo das fogueiras, uma meia dúzia de velhos ninhos abandonados de João-de-barro servem de ornamento carinhoso ao celebrado oratório.

#### 4. A sociedade

Um dia uma vespa pousou no galho onde morava o João-de-barro e ficou-se, maravilhada, contemplando a construção do ninho, suspirando de inveja. João-de-barro, empoleirado um pouco adiante, ouvia as exclamações de elogios do pequeno inseto. De repente, como sempre, ladino e prestativo, teve uma idéia:

– Por que a senhora vespa está tão impressionada? – perguntou.

– Mais que isso – respondeu a vespa – estou encantada. E com muita inveja.

– Inveja?

– Sim, se eu tivesse o dom de dominar a arte de trabalhar o barro como você, eu teria não só abrigo garantido por todo ano como também a despesa abastecida o tempo que eu quisesse.

João-de-barro demonstrou estranheza àquela afirmativa da vespa.

– Despesa abastecida pelo ano inteiro? – indagou ele, que acrescentou rápido: – Será que ouvi bem?

– Ouviu, sim, senhor João. A vespinha toda serelepe voluteava em acrobacias curtas e depois sentava novamente no galho.

– Mas como a senhora faz isso?

– Muito fácil – a vespa continuou. – Eu paraliso as minhas caças, os insetos que quero, para meus filhotes, com o veneno que possuo. Eles fi-

cam abobados por meses, enquanto minhas crias vão crescendo e devorando-os bem devagar. Se eu os matasse de uma só vez, eles estragariam e não serviriam como provisão, e sim como alimento imediato.

– Ora, ora, como é que não pensei nisso antes? – acrescentou João-de-barro, intrigado.

– Nem adiantava, senhor João. O senhor não é inseto como eu. Não tem veneno para inocular e paralisar suas caças.

– Ééé... – desenxabido, concordou João-de-barro fazendo-se de contrafeito.

– Mas, em contrapartida, estou tendo um problema – a vespa, cautelosa, continuou. – Tenho o costume de esconder meus bichinhos capturados, lagartixas, aranhas, embaixo de madeira podre ou coberta de folhas. Há grande inconveniente nisso. Se acontece uma chuva, lá se vão para a enxurrada meus alimentos estocados. Se as formigas, e existem tantas espécies ativas dessa praga, descobrem meus bichinhos anestesiados, é zás-trás! Levam-nos para o formigueiro e pronto! Lá estou eu de novo, sem comida para minhas vespinhas. Meus ninhos são pessimamente feitos. São deploráveis! – choramingou ela num último suspiro de desalento.

João-de-barro sabia de antemão tudo o que a vespa lhe havia contado. Só entabulara conversa, porque tinha lá grande interesse em fazê-lo. Aí mestre João engatilhou sua deixa, fazendo-se de desentendido, mas oferecendo a solução:

– Mas, se a senhora não sabe, deve aprender a confeccionar seus abrigos – disse ele. – E se quiser até poderemos estabelecer uma sociedade.

– Sociedade? – a vespa indagou assustada, mas interessada.

– Como sociedade? – continuou?

– Muito fácil – e o astuto passarinho começou a explicar. – Eu sou mestre na arte da olaria. Posso ensiná-la a domesticar o barro e moldá-lo a gosto e forma. Basta querer aprender.

A vespa, nessas alturas encantada com a sugestão, concordou em zumbidos e piruetas pelo ar, demonstrando sua alegria:

– Bzzz... bzzz... muito booom... muito booom!!!

Nesse dia mesmo, mestre João começou a ensinar gradativamente todas as técnicas do domínio do barro. Acertaram um acordo. A vespa caçaria insetos, abastecerá a despesa do João-de-barro em troca.

Nos primeiros dias, a solidariedade entre o João-de-barro e a vespa transcorreu na mais perfeita harmonia. Primeiro ele construiu uma perfeita miniatura de sua casa, redondinha e bem abaulada, na proporção do tamanho da vespa. Esta exultou com a nova morada, despen-sa e maternidade. De sua parte, a vespa começou a caçar pequenos insetos, paralisá-los, deixando-os em estado latente, vivos, porém inermes, e colocando-os na nova vivenda. A sobra, que não era pouca coisa, a vespa previdente deixou como parte do trato ao João-de-barro. Este levou no bico para seu casinholo, um por um, os insetos colhidos pela vespa. Os filhotes famintos no ninho regalaram-se com a comida. Ficaram todos os quatro de papo cheio. Depois adormeceram.

João-de-barro saiu para passear pelo mato. Voltou quase noite. Ele e sua fiel companheira, Joana. Os pequeninos dormiam ainda. Dormiam ambos sossegados naquela noite calma, sem ventos, com galho balançando levemente, embalados apenas por uma brisa quase imperceptível.

Amanheceu. Dona Joana acordou o marido e ambos estranharam o silêncio no ninho. Todos os quatro filhotes dormiam um sono pesado, já àquelas horas, quando já deviam estar novamente famélicos, de bico aberto, chorando por comida.

Foi uma choradeira. João-de-barro num desespero, tentando consolar a companheira clamava:

– Nossos filhotes estão morrendo. Nunca mais vão acordar. Não vão acordar. Não vão acordar! – E lá foram os dois brigar com a vespa.

– Nunca mais construirei casa para você, ingrata. Seu veneno para os vermes acabou matando meus filhotes – João-de-barro xingou, irado.

– Calma, compadre João – a vespa defendeu-se. – Aquilo não mata, apenas adormece.

– Mas quanto tempo meus filhotes vão ficar dormindo?

– Depende da quantidade de comida que comeram – respondeu a vespa.

– Nunca mais construirei casa para você, vespa!

– Não precisa, não. Já aprendi seu ofício, ensinei minhas irmãs e todas nós estamos construindo nossas casas de barro.

A provocação foi demais. João-de-barro pulou para cima da vespa e, numa só bicada, quase a apanhou. Esta, rápida, escafedeu-se pelos ares.

João e Joana tiveram que esperar dias a reanimação da filharada,

que ficou um bom tempo paralisada pelo efeito do narcótico. Depois tudo continuou em paz.

A vespa, por precaução, até hoje guarda distância do passarinho ex-sócio. Este, quando encontra casinhas de barro igual a sua grudada pelos paus ou casas velhas, do tamanho de um ovo de rolinha, não titubeia: mete o bico, destruindo-as.

É sua vingança. Afinal, quase perdeu a família envenenada pelo seu trato malfeito com um bichinho perverso e solerte.

## 5. A malandragem que não deu certo

Era um formigueiro movimentado aquele. No subsolo, um “panelão”, somado de mais outros tantos menores, ramificados num infundável e intrincado sistema de minúsculos túneis.

As formigas obreiras se desdobravam no transporte de pedacinhos de folhas verdes que iam picando, pacientemente, nas copas das árvores mais próximas. Um trilho extenso desde os pontos das “podas” até a boca do sauveiro marcava o caminho do transporte da preciosa mercadoria. Era o chamado “carreiro”, a estrada formigueira que se contorcia pelos obstáculos do percurso, subdividindo-se aos pés das árvores mais frondosas, sempre movimentadas por milhares de insetos.

Para fora do olheiro maior – a porta principal daquela formidável colônia dinâmica –, era ativo o vaivém das obreiras carregando de dentro para fora e acumulando em verdadeiras montanhas pequenas bolotas de terra, milhares e milhares e milhões delas. O resultado dessas escavações era a multiplicação incessante dos túneis daquele grande complexo de trabalho e organização.

Um dia apareceu um João-de-barro ali por perto para espiar. Tanto bisbilhotou que a rainha das formigas saiu à porta do buraco e convidou-o a entrar. João aceitou. Foi meio difícil esgueirar seu corpo avantajado por aquela abertura; acabou conseguindo, com a ajuda do formigueiro inteiro. Passou a tarde papeando com a monarca das saúvas. Na volta foi a mesma trabalheira. Para passar mestre João nas estreitas paredes, a formigada trabalhou duro. Afinal, era um convidado da rainha, e os anfitriões não poderiam dar vexame.

Na ida e na volta, entrando e saindo, o João-de-barro por vezes entalava, por aqui e ali, mas sempre as formigas cavavam mais,

alargavam passagem e, no fim, tudo acabava dando certo. A visita foi um sucesso. E também foi muito proveitosa no aspecto comercial. Resultante disso, acabaram por firmar um pacto. Evidentemente, parecendo vantajoso para ambas as partes. Doravante, João-de-barro abastecerá o formigueiro com as tenras e apetitosas folhas necessitadas para a subsistência daqueles insetos. Iria apanhá-las lá nas grimpas do arvoredado, nas mais altas árvores, aonde chegaria fácil com suas asas. Então traria folhas, brotos, para prover a nova “sócia”.

Ela, por sua vez, forneceria, para que ele pudesse construir suas casas, a melhor terra cavada lá no mais fundo, já preparada em bolinhas, bem batidas e sovadas. Era só apanhá-las e ordená-las úmidas a seu cuspo e pronto: a construção estaria feita.

Trato firmado, passaram as partes à ação. Dia seguinte, a rainha mandou que se acelerasse a escavação dos túneis e se produzissem mais bolotas para ser amontoadas sem demora, em grande quantidade, à beira da entrada maior do sauveiro. As operárias, assim ordenadas, assim cumpriram. Fizeram tudo direitinho. Nesse ínterim, João-de-barro já havia tomado também suas providências no cumprimento do pacto. Revoou, revoou e pensou, sabido como sempre foi:

– Vou eu lá procurar verde nos confins das árvores, se cá embaixo, fácil, tem tanta folha boa?

Campeando de planeio lento em cima do brejo logo adiante, viu um arbusto bem enfolhado, de aspecto apetitoso, pensou, arrancando-lhe algumas folhas. Era um pé de erva-de-santa-maria. Levou-as para o formigueiro. Depois foi a vez de um pé de cipó-imbé.

A rainha, por sua vez, estava num grande dilema. A terra colhida já não era a mesma. Tinham suas obreiras desembocado num largo veio de terra arenosa, de má qualidade, verdadeiro saibro esbranquiçado. Mas, como tinha que saldar o compromisso e o tempo urgia, mandou que suas súditas diligentes fossem em frente.

Uma delas, porém, precavida, objetou-lhe, respeitosa:

– Ó, minha rainha, o João-de-barro vai notar a diferença.

– Vai nada – retrucou-lhe a soberana. E continuou: – Vocês colocam uma película de terra vermelha, ligosa, cobrindo o saibro e assim com as bolinhas disfarçadas tudo correrá bem.

Nesse mesmo momento, coincidentemente, dona joana advertia o marido:

– João, você não acha que, nesse seu comodismo de não buscar folhagem melhor no topo das copas das árvores maiores, não vai desmoralizar seu trato? Essa sua idéia de pegar folha no brejo, só de preguiça, não sei não... sei não... sei não... – concluiu a esposa, agitando as asas.

– Qual o que, companheira? Levo todas essas folhas, as formigas nem vão notar se são desta ou daquele árvore e vão me pagar direitinho com o material que precisamos. Elas sabem colher terra especial. Nossa casa vai ser a mais forte de todas estas bandas. Vai ter muito João-de-barro de bico caído e asa abaixada de inveja de nós. Garanto! – completou eufórico o passarinho.

Assim as formigas, pensando estar levando vantagem, e o João-de-barro, também por seu lado, foram cumprindo a parte do trato que lhes cabia, de forma inadequada. Cada um ficando na malandragem própria e na ingenuidade do outro.

Dentro de pouco tempo a despenha do sauveiro estava abarrotada de folhas de todas as espécies: urtigão, cipó-imbé, erva-de-santa-maria e outras mais. E o João-de-barro carregando célere, animado, as minúsculas bolas preparadas pelos insetos.

Dias depois sua casa estava pronta. O tempo mudou, variou de estação, viraram-se os ventos, veio a época das águas. Uma tempestade de derrubar jatobá no estrondo e rachar paineira chegou.

Terminada a tormenta, sobram somente no galho João-de-barro e a esposa. A casa tinha se derretido, desmanchado, pela pancada de chuva forte.

– Mas nunca aconteceu isso antes! – espantou-se João-de-barro.

– É, mas o barro era feito por nós mesmos, a mistura, o preparo, tudo...

– Está certa, companheira. A sova do barro era nosso segredo e nosso êxito.

E por todo canto o tempo chuveiro, úmido, continuou. No formigueiro, o “bolo” preparado de folhas picadas começou a mofar, no processo de servir alimento a todos. Quando começaram a utilizá-lo, foi uma catástrofe. Muitas formigas pegaram a vomitar e outras tantas morreram. A rainha, desesperada, mandou uma mensageira procurar João-de-barro para cobrar-lhe o estrago. Encontrou-o reconstruindo a casa, agora com seu próprio material.

Quando a formiga lhe contou o acontecido no formigueiro, João-de-barro desconversou, acusou a sócia rainha e continuou seu trabalho enfezado, mas muito desenhado. A sociedade terminara.

O resultado não podia ser outro: os dois ex-sócios, cada um com a alma pesada de culpa pela sacanagem, não puderam reclamar mais nada um do outro.

Daquele dia em diante, nunca mais a rainha das formigas saiu do formigueiro para qualquer coisa. Passou a ter medo do acerto de contas com o João-de-barro.

Mas, em dia de revoada, quando as saúvas soltam os enxames de içãs para o vôo de acasalamento com os respectivos candangos, não podendo vingar-se da rainha, o João-de-barro desconta nas que lhe caem ao alcance do bico. Devora todas as tanajuras que pode e consegue. Pelo menos é assim que contam.

## 6. Onça chamuscada

João-de-barro, pássaro de grande maestria como obreiro, um dia recebeu um convite de trabalho meio desusado.

A onça contratou-o para construir-lhe uma moradia tal e qual a sua. Só diferindo no tamanho. Era um enorme forno, erguido na mata, imitando tintim por tintim a morada do passarinho.

Pronto o trabalho, João-de-barro cobrou a paga justa da trabalhadora de tantos dias.

A onça gargalhou rosnados soturnos e avisou-o:

– Se dê por feliz em tê-lo poupado, passarinho, e fique até muito orgulhoso com a honraria que lhe dei em ser meu construtor exclusivo. Imagine seu prestígio por toda a mata quando souberem que você, na sua fraqueza e insignificância, fez a morada do canguçu!

João-de-barro compreendeu o logro e saiu furioso, porém por medo e prudência ficou calado. A onça entrou no fornão confortável e dali a pouco roncava a sono solto.

João-de-barro voou para longe. Descansou em um galho de sucupira alta. Pouco depois passaram embaixo da árvore uns caçadores. O passarinho encontrou meio para sua vingança. Começou a gritar no seu canto estridente, gritar e gritar. Os caçadores vinham cansados, porém animados, pois haviam abatido uma fornida capivara.

Logo perceberam o estardalhaço do João-de-barro. Este pulava de galho em galho, sempre cantando exal-

tado. Os homens despertaram a atenção e foram seguindo seu vôo rasteiro pelas árvores, parando aqui, voando em seguida para mais adiante.

Finalmente chegaram à clareira onde estava o forno.

– Que beleza! – exclamou um.

– O que pensávamos... – acrescentou outro.

– Poderemos assar a carne da capivara – emendou o terceiro.

– Vou buscar alguma lenha – falou o mais próximo.

E assim foi feito.

Perto, encarapinhado em um velho tronco de angico, João-de-barro espreitava. A onça, lá dentro, dormindo o sono dos justos.

O fogo foi aceso. Dentro de pouco tempo, a fumaceira enorme, as chamas, um fogaréu, e a pintada saiu em carreira desembalada, toda chamuscada pela retaguarda.

Ela conseguiu escapar pela boca do forno, correu em direção à mata e ainda acabou levando vários tiros, felizmente de raspão.

O João-de-barro cantou naquele dia até alta noite. E a onça de tra-seiro curado nunca mais encomendou casa ao pássaro obreiro.

## 7. João-de-barro e a minhoca

Um dia, um João-de-barro estava a labutar na construção de seu ninho, bicando barro à beira de um riacho.

Quando preparava a bolinha com o bico, viu que nela algo se mexia. Uma minúscula minhoca viera de sobra naquela pequenina esfera de argila e se contorcia para se libertar. Equilibrada na ponta do bico, a pelotinha continuava firme.

A minhoca então disse para o pássaro oleiro:

– Senhor João-de-barro, tenha dó de mim! Me deixe viver! Se o senhor estiver com fome, muito mais vantagem será que esburaque mais fundo aí mesmo onde cavava, que encontrará toda a minha família. Pegará minhocas grandonas, gordas e saborosas. Eu não sirvo para nada pela minha insignificância e magreza.

O João-de-barro continuou por alguns momentos a fitá-la. Golpeou a porção de barro para o ar e, enquanto a minhoca descrevia uma curva no vazio, apapou a com destreza no bico, papou o vermezinho e filosofou satisfeito, degustando-a: “Pequeninas eras, mas, se não deu para matar minha fome, pelo menos tranqüilizou-a. As outras de sua fa-

mília com o tempo serão comida garantida, pois agora sei onde estão”.

E continuou seu trabalho, despreocupado com tudo, menos com uma coisa: a luta pela sobrevivência.



## 8. A mosca e o joão-de-barro

Numa mangueira frondosa aproximava-se a época da frutificação. Depois da florada estupenda, a majestosa árvore preparava-se para desenvolver centenas de frutos, deixando-se primeiro toda abotoada em sua folhagem daquelas bolinhas verdes.

O tempo continuou seu curso e as pequenas esferas meio oblongas se transformaram gradativamente em grandes e suculentas mangas, a maioria ainda verdolengas.

Um dia uma mosca passou pelo galho em que um joão-de-barro descansava. O aroma capitoso de algumas mangas já maduras embalsamava o ar de forma convidativa.

– Olá, compadre João!

– Olá, comadre vespa! Aonde vai?

– Estou trabalhando para garantir minha descendência – disse a vespa. – Vou depositar numa daquelas mangas, passadas de madura, minha prole, minhas larvinhas.

– Não tem medo de alguém chupar a sua manga? – arrematou o passarinho.

– Qual o que, compadre! Escolherei um fruto já manchado, meio podre, assim meus filhotes vão se desenvolver tranquilos, livres de qualquer ameaça. E, a propósito, o senhor não quer me ajudar para que meus filhinhos nasçam bem protegidos?

– Lógico! Deixe isso tudo por minha conta.

A mosca depositou as minúsculas larvas, cumpriu seu ciclo de postura e se mandou no mundo. Todo dia, toda hora, joão-de-barro inspecionava a manga já quase apodrecida, preocupado e zeloso com as larvas lá dentro.

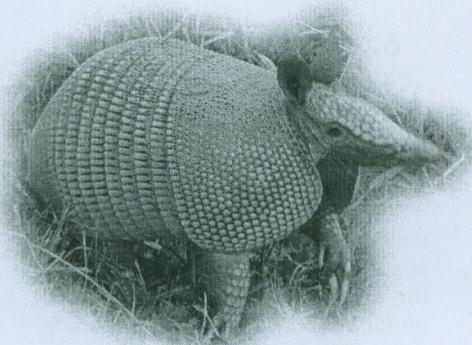
Um dia a manga caiu, esborrachando-se no chão, já totalmente putrefata.

João-de-barro desceu desesperado do galho e vasculhou o chão à cata das larvas já crescidas. Encontrou uma por uma. Comentou:

– Prometi cuidar de vocês lá dentro da manga. Cumpri meu trato com sua mãe. Agora vou cumprir um trato com a natureza. A minha natureza. Vou cuidar da saúde de meus filhos!

Levou uma por uma das larvas, delicadamente, no bico e alimentou seus quatro filhotes famintos.

Assim o astuto passarinho não faltou com a palavra à mosca nem com seu compromisso com a família. Mas desde aquele dia nenhuma mosca confiou na palavra de um joão-de-barro.



## 9. João-de-barro, o tatu e o jacaré

Um dia, o tatu cavouca embaixo da árvore onde morava um joão-de-barro.

– Se esse buraco chegar às raízes, pode ameaçar a árvore toda – constatou joão-de-barro.

O tatu parou, fungou e propôs:

– Por que não fazemos uma sociedade? Eu cavo a terra boa e vermelha, você constrói casas e vendemos aos outros animais.

– Mas para amassar barro é necessário água, terra seca não serve.

– Vamos falar com o jacaré – respondeu o tatu. – Negócio de água é com ele mesmo.

E foram.

O jacaré ficou maravilhado com o negócio. Topou de pronto.

Conforme o combinado, o trio trabalharia da seguinte maneira: o jacaré trazia a água do rio, o tatu selecionaria a terra e a arrancaria das entranhas do chão, e o joão-de-

barro edificaria as casas a gosto de cada freguês.

Primeiro apareceu a ema. João-de-barro calculou, calculou e fez a casa. Na casa só coube a cabeça da ema. Resultado: o primeiro cliente contrariado.

O segundo freguês foi o tucano. O bico não conseguia entrar na casa.

O tatu continuava cavando, e o jacaré trazendo água, que engolia e vomitava no monte que o tatu amontoava.

Apareceu uma formiga. Quis uma casa. Quando o joão-de-barro estava quase terminando a obra, sem querer acabou papando a freguesa.

Os outros dois sócios se zangaram, mas continuaram na sociedade.

Dias depois, foi a vez do tatu. Um cupim queria uma morada. Nem deu tempo para amassar o barro. O tatu comeu-o sem demora.

O jacaré ficou furo de raiva:

– Assim vamos ficar sem clientes!

No outro dia chegou um rato, acertou o serviço e foi ver o jacaré chegando com a bocarra cheia de água para a sova do barro. Não deu outra... O rato deu bobeira e o sáurio abocanhou-o, de repente, e lá se foi outro cliente.

O joão-de-barro ficou descoroçoado:

– Que pena!

– Que lástima! – o tatu cavoucando concordou.

– Um desastre – o jacaré assentiu.

– Mas uma coisa é certa, parceiros. Vendendo casas não estamos, porém, comendo a freguesia, vamos sobrevivendo – completou joão-de-barro.

Os outros dois, tatu e jacaré, acharam muito certo e permaneceram na sociedade. E as vendas continuaram a não acontecer, mas aquele negócio dava para matar a fome.

## 10. João-de-barro e o sabiá

Um dia a tentação tomou conta da mulher do joão-de-barro. Não que caísse de amores por outro João de sua espécie; sua traição era até mais sutil e compreensível. Enamorara-se perdidamente por um galante sabiá. Ora, diz a voz do povo que, quando o sabiá canta na mata, o amor está presente em sua garganta divina. O canto mavioso e o porte altaneiro daquele pássaro



ro buliu com os rebuscados íntimos da joana-de-barro.

Pulando de galho em galho, bicando, ciscando dengosa, requebrando o corpo miúdo e agitando as asas, a senhora do ninho arredondado rendeu-se.

Os amantes, ora abrigados nas sombras da galharia das copas das árvores, ora encafuados na alfombra da folhagem rasteira, viviam cada instante, momento a momento, a paixão do desespero e expectativa que só conhecem os amantes traidores.

Um dia, pelos mexericos e zunzuzum dos outros animais na mata, o João-de-barro inteirou-se da própria desgraça. Desesperou-se a princípio. Depois, veio em seu peito uma raiva surda, silenciosa, potente. Planejou a vingança, detalhe por detalhe.

Uma vez, a amante pensando estar o companheiro traído bem longe, em seus vôos despreocupados, convidou seu grande amor para um encontro no próprio leito, em sua casa. No auge do amor, no desespero da paixão, foram flagrados pelo João-de-barro.

O sabiá covarde desmaiou depois de ferido por várias estocadas do bico de seu oponente. A fêmea traidora foi mais coerente em sua paixão. Assumiu-a e esperou o castigo muda, sem esboçar qualquer defesa.

O marido traído, em choro copioso, amassou o barro da vingança. Gradativa e inexoravelmente transportou no bico, um a um, os bocadinhos de barro para lacrar a porta de sua morada. Terminado o trabalho lúgubre e sinistro, voou para longe e nunca mais procurou aquele canto da mata.

Um dia, um caçador passando por ali impressionou-se com aquela casinha de João-de-barro de entrada obstruída. Não resistiu à curiosidade. Com o fagão de ponta esconsa abriu uma brecha na sua abóbada e

depois rachou o conjunto como se corta um coco maduro. Ficou impressionado com o que seus olhos viram, o que aquilo continha. No aposento menor, quatro esqueletos de filhotes mumificados; no mais amplo, dois corpos de pássaros adultos, também ressequidos. Estavam tão juntos, tão enlaçados, que os dois diminutos esqueletos empenados praticamente se enroscavam naquele derradeiro abraço macabro.

Conhecedor da mata e de seus mistérios, o caçador não entendeu uma coisa: era capaz de jurar que



um daqueles corpos mirrados tinha plumagem idêntica à de um sabiá.

## 11. João-de-barro e a centopéia

Um dia o João-de-barro queixou-se para a centopéia falta de comida. Por todo lado não havia mais insetos, pois os agrotóxicos haviam acabado com o conteúdo de sua despensa.

A centopéia penalizada ofereceu-lhe:

– Toda vez que tiver fome, peça-me uma perna. Tenho tantas que algumas não me farão falta.

E assim foi. João-de-barro levou a perninha da centopéia e dividiu-a cioso com os filhotes e a companheira. Passado um dia, sentiu novamente fome. Foi até a centopéia. Pediu. Ganhou mais uma perna. Levou-a para casa, saciou a fome da família e descansou.

No próximo dia, lá veio a fome de novo. Procurou, procurou e, como não achou nem um vermezinho pelo mato, foi ao pau podre onde vivia a centopéia. Pediu, como sempre, ajuda. Resultado: mais uma perna doada à fome do passarinho e sua prole.

Na manhã seguinte, nova busca infrutífera. Vai daqui, vem de lá e, como não adiantou nada, bateu outra vez na casca do pau apodrecido.

Saiu a centopéia, já meio capenga de um lado, pois estava desfalcada de quatro pernas daquela banda. Mas, sempre atenciosa e de boa índole, não titubeou em oferecer-lhe de bom grado e sem reclamar mais uma perna.

Aproveitando o ensejo, João-de-barro pediu-lhe mais uma, apenas por via das dúvidas e para garantia

de que os filhotes ficariam bem alimentados naquele dia.

Resultado: em vez de uma, dona centopéia acabou com duas pernas a menos, e mais coxa ficou.

Cada dia que passava lá vinha o João-de-barro desesperado pela carência de comida pedir mais uma perna para a centopéia.

Chegou o dia em que a amiga lhe negou.

– Mas... como, comadre? – o passarinho protestou. – Logo eu, que sou tão seu amigo... É apenas uma só perninha. Você tem tantas. Para mais de cem...

– Tinha – respondeu-lhe a centopéia. – Não tenho mais nenhuma!

Foi então que o João-de-barro notou que o comprido artrópode estava completamente desprovido de membros de locomoção. Parecia até uma minhoca.

– Agora – continuou a centopéia – vou ter que andar de rastros. De tanto ajudar um amigo acabei me prejudicando...

João-de-barro prontificou-se a reparar a dívida contraída com o artrópode. Até hoje, quando se vê um João-de-barro carregando no bico alguma coisa comprida e desprovida de membros, podem ter certeza: é a dona centopéia cobrando sua dívida por não poder andar mais com tanta presteza.

## João-de-barro e o ciclo dos entes fantásticos no folclore brasileiro

### 1. João-de-barro e mãe-d'água

Certo ano, naquele lugar que o tempo já distancia há tanto, que pouca lembrança se tem daquela época, toda a água existente foi minguando, numa seca longa, penosa, prenunciando dias futuros de penúria e morte entre todos os seres que ali viviam.

Pouco a pouco todos os animais iam padecendo das restrições de alimentos e da sede atroz, constante, enquanto aquela estação tórrida se prolongava.

Os bichos mais precavidos, os mais espertos, arrancaram pé dali para outros rumos mais amenos. Foi um êxodo total.

O único que renitentemente permaneceu foi o João-de-barro. Mestre João nunca se conformaria em deixar seu torrão de chão amado

nem as galharias familiares onde por tantos anos construiu seus caprichados ninhos. Decidiu-se. Em pouco tempo toda a mata se esvaziou de vida. Agüentaria a seca, por pior que fosse, no seu lugar, principalmente agora que se avizinhava a época da postura e um novo ninho estava previsto nos sonhos e nos projetos da família.

Voou o dia inteiro. Começou a procurar pelos arredores, tinha que achar material para dar início à construção. Adejou pelos leitos secos dos córregos, sobrevoou os cavados ressequidos de barro trincado das outrora lagoas prenes de vida, planejou desolado pelo valo de areia do velho rego de água, inútil agora, sem uma gota sequer, que rodeava o grande pomar da fazenda.

– Mas como? – indagou. – Seremos nós os únicos que por teimosia morreremos de sede? – e olhou penalizado a fiel companheira, também já como ele cansadíssima de tanto procurar o precioso líquido. Depois, quase noite, pousaram trêmulos numa frondosa mangueira, amedrontados com o destino cruel que os esperava. Começaram a chorar. Era pungente, dolorosa a incerteza. E choraram.

De repente escutaram bem ao longe um sussurro, entremeado, trazido pela brisa suave que substituíra o mormaço forte do dia. O sussurro foi crescendo até se tornar audível o canto. Um canto suave, dolente, que chegava sem excitar os ouvidos de quem o escutasse. Ao contrário, era tão mavioso, de tal sublimidade, que acariciava pelo som a sensação daquelas modulações sonoras.

Embevecidos, pararam o pranto e escutaram. Quem cantava à beira do leito seco do ribeirão? Uma indagação recíproca. Eles se entreolharam intrigados, pela subtânea pausa da tristeza, e ficaram atentos. Lobrigaram logo lá embaixo, banhada pela luz vinda fraca da lua cheia que mal despontava, a figura de uma jovem, muito branca, cabelos louros bem longos, sentada com displicência na areia, completamente nua. De seus lábios saía um canto mágico, envolvente, misterioso. Uma vez ouvido, dava a impressão de que toda a natureza parara solidária, silenciosa, inebriada por aquele apelo, verdadeira ordem de harmonia.

A moça estava bem próxima à árvore onde se empoleiravam. À sua volta um alo de luz refulgente, fantasmagórico, reluzia.

De repente a linda mulher sentiu suas presenças. Olhou para cima, encarando-os com um olhar de

muita meiguice perguntado-lhes por que sofriam chorando daquela forma.

João-de-barro então instado, adiantou-se e começou a contar-lhe toda a sua luta em busca de água nos leitos de riachos secos, nos esturricados das outrora lagoas, enfim seu desespero secundado pela companheira fiel. Enquanto contava, mais chorava.

Lá embaixo, as lágrimas pingavam. Foram pouco a pouco umedecendo a terra. Eles nem notaram, tamanho o desespero que os possuía. Mas a mãe-d'água – a linda moça – era uma daquelas entidades mágicas, zelosas, guardiãs daquele elemento. Então falou:

– Sou senhora das fontes, dos cursos de água, da chuva e do que dela vem. Estou aqui, mas nem precisava estar. A água vertida de seu pranto é muito mais eloqüente quanto tudo o que pode jorrar da mais potente cachoeira. Das lágrimas santas de sua dor, vocês terão a resposta e o triunfo. Toda lágrima sofrida é abençoada, pois o fruto gerado de um desespero justo Deus sempre se encarrega de consagrar. Olhem a seus pés, olhem ao pé da árvore.

João-de-barro olhou, dona joana também e, vendo a pequena poça de terra encharcada, argilosa, pelas tantas lágrimas vertidas, não perderam mais tempo. Na chegada mesmo das sombras da noite, começaram a trabalhar incessantemente, no vaivém do preparo do barro. Ainda ouviram-na dizer várias vezes:

– De suas palavras sairá em sua saliva a substância da vontade, que fará este barro o mais forte que um pássaro já preparou.

Quando descansaram um pouco na forquilha do galho escolhido como “alicerce-trava” do ninho, perceberam que estavam sozinhos. A mãe-d'água se fora. Continuaram. Um dia, dois, três, e a pequena poça de lágrimas nunca secava, como que se as gotas agora fossem de alegria pela comemoração de seu objetivo, que, tinham certeza, seria alcançado. Prosseguiram. Só pararam quando a construção estava terminada. Foi só o tempo de bem acamar o ninho e esperar a chegada dos ovos e os consequentes filhotes que o choco proporcionado pela mãe joana sagrou. Então chegou a chuva, as sementes brotaram e a natureza exuberou-se. Por isso hoje a gente sabe e entende por que casa de João-de-barro é tão forte, tão bem-feita. Afinal, foi palpite e orientação da mãe-d'água, ouvido e atendido pela graça de Deus.

## 2. O curupira e o João-de-barro

O curupira, além de gênio protetor das matas e dos campos, é árbitro inquestionável e solene de qualquer desavença acontecida entre habitantes desses seus domínios.

Sua sabedoria, seu senso de justiça e respeito ao equilíbrio da natureza são pouco conhecidos pelos homens, mas por todos os animais ele é respeitado e solicitado para dirimir dúvidas e reparar contendas.

É denominador comum da harmonia e do equilíbrio que a natureza instituiu e a lenda consagrou para a manutenção e sobrevivência de todas as espécies silvestres. Dito pelo dito, é assim que afirma a tradição popular.

\*\*\*

Sempre foram sentinelas atentas a qualquer invasão inoportuna, a qualquer intruso inesperado, pelas bordas das matas, pelo meio dos campos, pela pastaria imensa, à margem dos brejos: o quero-quero zelando do chão, e pelo alto, nas árvores, o João-de-barro. Ai daquele forasteiro, seja quem for, pertencente a qualquer espécie animal, que se atreva a transitar pela área. O quero-quero apronta sua gritaria irritante e dana a esvoaçar pela cabeça do desconhecido. Se em grupo, então, todas as adjacências tomam o ar de ouvidos, pela barulheira orquestrada pelos pássaros.

O João-de-barro, apesar de andar só em casal, não em grupo, também é zeloso guardião dos campos, pomares e arredores por onde instala sua morada.

Diz a caboclada que quando o João-de-barro desata seu berreiro, por certo, alguma coisa errada está por perto. Ou cobra no ninho, ou então outro invasor de seus domínios, mas algo evidentemente o perturba. Disso o homem não duvida. Assim, essa ave é sentinela atenta para prevenir de algum perigo imprevisto.

Uma vez o quero-quero danouse com o João-de-barro. Teimava que era muito mais eficiente como guarda campestre e muito mais bem aparelhado: gritava mais alto, era maior, mais bem armado, provido de esporões nas asas e, ainda, andava em grupo. E finalizava a gozação, acentuando com irreverência o nome do outro:

– Um João qualquer que não é nem pedra, nem de pau, nem de osso, nem de metal.

O outro, ofendido, retrucou:

– João-de-barro sou, às vezes quero, outras vezes não. Quem tudo quer, tudo perde. Quem afirma é o povão.

O curupira, que na hora passa-va comboiando sua vara de queixadas, aboletado no lombo do cachaco maior, à testa da coluna, chamou os dois brigões. Para o João-de-barro sentenciou:

– Quero-quero é o nome de seu amigo. Vocês dois guardam para os outros os meus domínios. Querer é poder... Quero-quero tem o poder de querer e querendo pode ver.

Virando-se para o quero-quero, foi além:

– João-de-barro é seu companheiro nesta missão que lhes confiei. Barro é o princípio das coisas. Do barro saiu a vida. Ao barro voltaremos nós. João é nome bendito. Foi quem batizou Jesus.

Cutucou os flancos de sua montaria com os pés virados, e a vara de queixadas seguiu caminho matraqueando os dentes, imponentes, impressionantes.

Desde esse dia os dois pássaros nunca mais brigaram.

### 3. João-de-barro o cabeça-de-cuia

Cabeça-de-cuia é um monstro fantástico do folclore brasileiro, cuja localização geográfica é no Norte.

Um homem gigantesco, aquático, o cabeça-de-cuia vive sempre dentro dos rios, a cabeça se assemelha a uma meia cabaça (cuia).

Citado por vários autores de folclore, a lenda afirma que ele terá de matar sete moças de nome Maria de sete em sete anos para se desencantar.

Foi filho ingrato que muito maltratou a mãe e depois abandonou a família. Foi amaldiçoado por ela a viver 49 anos no rio Parnaíba. Conta-se que um dia, o cabeça-de-cuia resolveu sair da água e tomar uns ares no seco. Acostumado no elemento líquido, nem bem saiu caminhando, sentiu o sol castigar-lhe penosamente a cabeça oblonga. Ia passando embaixo da árvore onde vivia o João-de-barro. Viu o ninho redondo, admirou-o e resolveu fazer dele um chapéu. Com a unha enorme do indicador direito, cerrou a calota de barro, deixando o ninho pela metade e os filhotinhos do pássaro queimando ao calor.

Saiu andando sem destino com seu capacete improvisado. Quando João-de-barro chegou ao ninho e viu tudo aquilo, ficou possesso. Enquanto isso, o cabeça-de-cuia, cansado, recostou-se à sombra de um

jatobá e adormeceu. A joana-de-barro, depois de muito voar, descobriu-o. Chamou o marido para reparar a casa. Cabeça-de-cuia continuava dormindo, roncava com estrondo, qual trovoadas, fazendo a terra tremer ao seu redor. Os dois passarinhos começaram sua faina: leva barro, traz bolinha, leva barro, traz bolinha e assim por diante, seguidamente, até darem por terminado o planejado.

Quando o cabeça-de-cuia acordou, estava aprisionado com uma horrenda máscara de barro envolvendo toda a sua cara. Havia passado as horas, e o barro estava já mais seco do que pedra. Sem poder quase respirar, meio sufocado, boca lacrada, sem ouvir, sem enxergar, o monstro saiu cambaleando, cambaleando, sem rumo nem destino.

Dizem que daquele dia em diante, naquela região, o cabeça-de-cuia sumiu. Ninguém sabe se morreu ou se continua dando cabeçadas e trompaços pelos caminhos lá para além do horizonte. Ninguém sabe.

### 4. O fogo da paixão perdida

Uma luz cegante, noite alta, sem lua, caminhos, contornos e rumos tenebrosamente desabridos desavindos pela escuridão. Para uns, é o fogo fátuo, vagante, sem rumo, sina de alma penada buscando a remissão de algum pecado. Outros dizem ser a mãe-do-ouro, voando célere, majestosa, do esconderijo da mata para a margem de um riacho, rio ou lagoa onde penteará com dengo e langor seus longos e preciosos cabelos do mais puro ouro. Seu pente confeccionado do mais castiço diamante, cristalino e refulgente, manejado por suas mágicas mãos, rebrilhará a cada gesto com tanta intensidade e fulgor que cegará inexoravelmente os incautos que ousarem contemplar a cena de seu banho.

Mas, e de dia, por onde andar, onde descansar, escondida, a mãe-do-ouro? Por toda a mata? Pelo recesso alfombrado e úmido das intrincadas capoeiras? Pelo topo das copas das árvores mais altaneiras e frondosas, escondida da luz do dia, resguardada pela folhagem espessa? Ou senão nas cavidades escuras dos troncos tombados, derruídos pela ação do tempo?

Todas essas hipóteses falecem quando indagado o velho e infalível folclore popular. Isso porque afirmam, ainda hoje, os habitantes das fazendas senhoriais essas velhas reminiscências do faustoso ciclo cafeeiro, ou os mais antigos campeiros, retireiros das soberbas estâncias de

cria ou engorda de gado, ser o esconderijo predileto da mãe-do-ouro lugar muito discreto e sempre próximo ao convívio do homem.

Isso mesmo! A mãe-do-ouro dorme sempre tranqüila, protegida da luz solar, perto das casas, nos pomares farturentos, repletos de árvores frutíferas. Para essa explicação existem várias lendas. Uma delas tão repetida nos idos tempos pelas velhas mucamas à meninada, no rabo comprido dos fogões a lenha, nos fins de noites, em que o medo dos fantasmas e de todo o panteão dos deuses silvestres e bárbaros povoava as mentes infantis. Era nessas reuniões de cozinha onde se aconchegavam ao calor do borralho das cinzas, ao redor donde se cozinhava, que se desfiavam causos e mais causos, sempre saídos da mente fantasiosa de uma preta veneranda.

Gerações e gerações de meninos ouviram e guardaram esta história:

“Havia há muito tempo uma mãe-do-ouro lindíssima e encantada que todos os dias dormia oculta no tapete denso de folhas secas do chão da mata, onde descansava a resguardo de seu maior inimigo – o sol. Um dia, um caçador caminhando pela mata, tropeçou naquele monturo. Era um corpo que dormitava. O caçador, muito assustado, afastou as folhas até desvendar a moça imóvel na letargia do sono. Então ele deslumbrou-se com tanta beleza. Apenas lhe servia de roupa a cabeleira enorme, dourada, que lhe chegava aos joelhos. Sua única vestimenta.

Tentou acordá-la. Falhou-lhe. Susurrou em seus ouvidos palavras ternas. Nada conseguiu. Então gritou-lhe estentóreo pragas horríveis por aquele mutismo e imobilidade enervantes. Nada! Ela continuou apenas denotando vida pelo arfar suave da respiração quase imperceptível. Por fim, o caçador desacoroçoou-se de seu intento. Desistiu. Foi embora desesperançado. Mesmo assim, não contou nada a ninguém. Não queria partilhar com quem quer que fosse o seu segredo maravilhoso. A verdade é que estava apaixonado.

Quando o sol se pôs, a mãe-do-ouro acordou, sentiu-se descoberta de sua cocha de folhas e estranhou, preocupada pelo acontecido. Quem havia descoberto seu esconderijo? Não importava quem fosse, pensou. Uma coisa era certa: tinha que arranjar outro lugar onde ninguém mais a importunasse em seu descanso, senão poderia perder seu encanto.

Viajou para a lagoa, penteou os cabelos e na hora aprazada voltou

voando, como viera. Pouco antes de chegar à mata, pelo meio da camparia, num velho pé de angico, viu uma casinha arredondada, miúda, encravada numa bifurcação de galho. Voou até lá. Examinou a descoberta. Era um ninho de João-de-Barro, já abandonado. Diminuiu de tamanho como todo ser encantado faz, e ficou-se nele e dormiu tranqüila.

Naquela manhã, bem cedo, chegou o caçador da véspera, desesperado. A paixão conturbava-lhe os sentidos. Chegou ao local, na mata, revirou o colchão fofo e úmido de folhagem, procurou por todo canto até o cansaço dominá-lo por completo. Desanimado, sentou-se e chorou.

Na borda do mato, num enorme pé de pequi descansava um João-de-Barro. Como é sabido, esse passarinho nunca mora na mata. Prefere as proximidades das fazendas, adora os pomares. Mas esse João-de-Barro tinha um motivo justo para estar ali. Pouco antes, tivera uma rusguinha com a companheira e fora até a mata refrescar um pouco a raiva.

Lá de cima viu o desespero do pobre moço na sua procura impossível, apaixonado pela mãe-do-ouro. João-de-Barro começou a gritar frenético para avisá-lo do perigo. Mestre João sabia do risco terrível de acordar esse gênio sobrenatural.

Mas o caçador não entendeu os rogos desesperados do pássaro. Procurou, procurou e procurou. Fuçando aqui e mexendo cá, acabou embaixo da árvore onde havia o ninho abandonado em que se aninhara a mãe-do-ouro. O moço ouviu quase imperceptível o rressonar da moça lá em cima.

Corajoso, explodindo de paixão, subiu ao tronco. Olhou lá dentro do ninho. Não conseguindo enxergar nada, cavou com sua faca um pequeno buraco no teto da casinha. Viu-a, então, diminuída no tamanho, resplandecente, dormindo. Tapou o buraco e desceu sorrateiro.

Resolveu esperar a noite. Sentou-se ao pé do angico e adormeceu. O João-de-Barro, sempre prestativo e bom samaritano, decidiu ficar por perto para acudir o incauto, caso necessário fosse.

As sombras avolumaram-se. O sol caiu e por fim se escondeu, avermelhado nas fimbrias do horizonte. Lá pelas tantas, a mãe-do-ouro acordou. João-de-Barro, no galho mais alto, notou o movimento dentro da casinha e começou a gritar, tentando acordar o caçador adormecido. Não conseguia. O moço continuava mole, desprendido deste mundo, sonhando com a mãe-do-ouro e outras felicidades.

Mestre João desceu, pousou em seu peito, chegando até a bicá-lo no nariz. Pensando ser uma ferroada de mosquito, o moço enxotou-o numa tapona bem dirigida. O passarinho não desistiu. A escuridão era total. De repente, um clarão cegante. A mãe-do-ouro começou a sair do ninho. O moço acordou. Quando aquela luz de mil sóis se destacou do casinholo ovalado, o caçador caiu desmaiado, cego, severamente queimado pelo calor intenso. Até o próprio João-de-Barro, pela tentativa de uma boa ação, saiu de penas chamuscadas.

A mãe-do-ouro, indiferente, voou para o seu passeio noturno.

Quando amanheceu, a aurora veio encontrar o pobre bisbilhoteiro apaixonado, irremediavelmente cego. E o João-de-Barro? A lenda garante que ele, que até então era de penas brancas como a neve, ficou inexoravelmente com a plumagem amarelecida pela refulgência daquela luz poderosa.

Desde esse dia, João-de-Barro tem pavor de qualquer tipo de fogo que acontece. Seus gritos são dolorosamente pungentes quando ocorre incêndio nas adjacências onde vive.

E a mãe-do-ouro?

Acostumou-se definitivamente a usar como habitação e refúgio, todos os dias, as casinhas que encontra já abandonadas pelo pássaro oleiro.

João-de-Barro tem birra dela até hoje. Disso ninguém duvida. Quem não acreditar pergunte a ele. Garanto que vai responder com uma bateria de cacarejos estridentes.

## 5. João-de-Barro e o Mão-de-Vaca

No norte paulista e em certas áreas do Triângulo Mineiro, descambando para o sul das alterosas, existe a lenda do Mão-de-Vaca.

É um ente fantástico, muito alto, esquelético, cor-de-madeira, cabeça microcéfala, orelhões elefantinos, a boca enorme, com um papo desmesurado.

Contam que a maldição que deu origem a esse monstro contraiu-a um filho, muito sovina, muito mau, que negava remédio e alimentos aos pais doentes e já velhinhos.

Enfiava a mão no bolso, à busca de algum dinheiro, fechando-a, para não sair de lá nenhuma nota ou moeda, tamanho seu pão-durismo.

Por fim, os pais não resistiram e sucumbiram a tanta penúria e falta de medicamentos. Antes, porém, devotos a Nossa Senhora Aparecida,

rogaram-lhe que fizesse que ao Mão-de-Vaca nunca faltasse nada, mas que toda a abundância conseguida, dela não usufruísse. Assim sendo, ele expiaria na terra seus pecados de usura, podendo sua alma ganhar o reino dos céus.

Na bondade dos velhinhos, pediam não um castigo ao filho, mas antes disso uma forma de expiação do pecado que o levava a tais extremos de maldade. Queriam que, se ele não conseguisse a paz neste mundo, no outro chegasse com a alma a salvo, podendo gozar as delícias de uma gloriosa vida eterna.

Na exortação desse pedido, Nossa Senhora atendeu e no mesmo instante o moço ficou impossibilitado de pôr as mãos nos bolsos, pois ambas ficaram cascós fendidos, idênticos aos bovinos, e o manuseio do dinheiro se tornou então impossível. Passou a carregar o dinheiro na boca, inchando-lhe um papo imenso, o seu cofre improvisado.

Aí entra o João-de-Barro nesta história. Em várias regiões onde o mito se faz presente, acredita-se que as casas arredondadas desse passarinho servem de depósito, de cofre aos haveres acumulados do Mão-de-Vaca, que vomita as notas e moedas, seu pecúlio, em longo e sonoro arrote pela porta do pequeno ninho.

Nesses lugares, os diminutos "fornos" plantados nesta ou naquela árvore, já deixados ao abandono pelos seus construtores após algumas chocas, são chamados de cofre do Mão-de-Vaca. E não são poucos os crédulos habitantes da zona rural que se aventuram a meter a mão, a fim de sondar seu interior nas cumbucas arredondadas de barro confeccionadas por aqueles furacíceos.

Muitas vezes, isso acaba em tragédia, pois não são raras as vezes de cobras venenosas se homiziam nas mesmas ou aranhas e escorpiões venenosos.

Verdade é que a lenda do Mão-de-Vaca está por este motivo indelevelmente ligada à deste passarinho tão respeitável.

\*\*\*

Num sítio, um menino traquinaeiro e fuçã, um dia, bem na boca da noite, quando lobrigava rãs à beira de um rego de água, nos fundos do pomar, viu um grande vulto se esgueirando furtivo pelas árvores próximas. Amedrontado, agachou-se, di- luindo-se no meio da folhagem es-

pessa de umas touceiras de erva-doce, fronteiriças à água.

Pacientemente espreitou. O vulto passou por ele, e bem perto, quando então pôde visualizar suas feições na penumbra da noite que chegava. Tal e qual vó Corina descrevera. A velha cozinheira quase toda noite espichava causos fabulosos ao rabo do fogão aconchegante, pondo a garotada da casa de orelha e cabelos em pé, principalmente quando a referência da sua prosa a personagem era o mão-de-vaca.

Como vó Corina prevenira que aquele monstro gostava de abrir o apetite devorando meninos vadios, o garoto escondido tremeu mais que vara fina em vento forte. Enfiou-se nas touceiras e nem respirou. O bicho passou vagaroso. E ele viu bem. Boca larga, enorme papão ensacado, caminhando em direção ao cajueiro à frente, uma árvore enorme na qual em um galho da direita havia um grande ninho de abelha-arapuá e no maior, da esquerda, uma bela casa de João-de-Barro.

A visão parou bem junto à casa do passarinho, que distava do chão uns bons três metros de altura, e num movimento inusitado cresceu até quase bater a cara no ninho. Em seguida vomitou. Vomitou tudo o que carregava no papo, num longo desabafo de som cavo, surdo.

O moleque continuou firme, embora, no íntimo, tremendo. Depois, "aquilo" seguiu em direção a um brejo, aos fundos do pomar. "Coisa estranha", pensou o garoto, pois por aquele pantanal de atoleiros, água e carrascal medonho, nem alma penada passaria. Sumiu nas sombras.

Pouco depois, o menino levantou do esconderijo e aos pinchos correu desesperado para casa. Lá foi um "tendepá", uma trabalhadora danada para tirá-lo do mal de engasgo, restituir-lhe o fôlego e fazendo-lhe falar o porquê daquela excitação estranha. A custo conseguiram. O que ele contou ninguém lhe deu crédito. O pai ameaçou meter-lhe a cinta no lombo, diante de tamanha mentira; a mãe, mais benevolente, lascou uns três puxões de orelha bem esticados e lhe enfiou umas chineladas bem sovadas no traseiro. As irmãs botaram-no de molho na gozação e na chacota.

Mas, no dia seguinte, a situação se inverteu drasticamente. O menino, que na véspera foi dormir ameaçado e desmazelado, bem de manhãzinha, nem bem o sol havia botado o olho pelas copas das árvores, correu até o cajueiro disposto a uma resposta concludente. Improvisou

uma escada precária, com um longo varão, com travessas de tabocas, de uso para empoleiramento das galinhas. Subiu ansioso. Meteu a mão buraco adentro e se não despenhou lá de cima é porque estava bem firme, enroscado no varão com o braço esquerdo abarcando o galho do cajueiro. Na sua mão direita uma pedra esquisita, amarelinha, amarelinha. Depois viu melhor que não era pedra, e sim um bloco diminuto de metal, uma espécie de pedaço de latão. Sacou a mão de novo na cavidade. Trouxera de volta com uma pedra agora cintilante, parecida com um pequeno cristal de rocha.

Depois foi a vez da descoberta de um longo colar de grossas pérolas, e mais, muitos anéis vultosos, um saquinho de brilhantes e outras jóias que o garoto não pôde inventariar naquela primeira vez. Correu para casa levando as mãozinhas cheias daquela fortuna fantástica. A família assustou-se a princípio. Posteriormente o pai, provido de sólida escada, vasculhou o ninho escolhido, encontrando lá muitos brilhantes soltos, rubis, esmeraldas, uma pilha deles, multicoloridos e preciosos.

Por via das dúvidas, o homem resolveu dar uma batida geral em todos os ninhos de João-de-Barro da fazenda. Foi medida acertadíssima e de resultados excelentes. Todos os ninhos abandonados estavam abarrotados de jóias.

Dizem por lá que a família mudou do lugar para uma cidade desconhecida, óbvio, de medo da vingança do mão-de-vaca e até hoje os novos milionários vivem nababescamente em palacete suntuoso e com rendas fantásticas, graças à previdência usurária do monstro e à bisbilhotice providencial de um moleque travesso.

## 6. A lenda do burrico corcunda

Pelos sertões mineiros e goianos, no ciclo pastoril, existe a lenda do burrico corcunda que leva a extrema-unição para os moribundos.

Essa história correu o mundo e ainda se firma em algumas poucas localidades mais afastadas onde o progresso não atropelou as tradi-



ções mais arraigadas, mormente nos causos de beira-sono, à barra dos fumarentos fogões a lenha nas cozinhas espaçosas das sedes das fazendas, nas noites longas dos meses mais frios.

No tempo em que São José, Nossa Senhora e o Menino Jesus fugiam dos soldados de Herodes, houve uma vez que passaram grande e iminente perigo. Foi quando se viram perseguidos, bem avizinados pelos temidos algozes daquele rei, e estavam num descampado com pouca vegetação. Nossa Senhora rezava baixinho. São José também. O Menino Jesus, calmo, de repente apontou para um pau seco pouco adiante. Chamou um passarinho que lá estava pousado. Este veio. Perguntou o Menino Deus se poderia escondê-los. O passarinho disse que sim e enfiou-os um a um, com a fé que carregava no coraçãozinho, na sua diminuta morada.

Ele não sabia que Jesus sempre testava a bondade de todo ser vivente e operava milagres quando queria. Ficou a sagrada família lá por três dias. Findos, seguiram viagem. Mas, antes, São José deu ao João-de-Barro um de seus burricos e orientou-o:

– Toda vez que alguém agonizasse, pusesse a caminho o pequeno asno que este chegaria ao destino a tempo de dar a extrema-unição. Assim aquela alma poderia encontrar o reino de Deus.

– E a água? – perguntou-lhe o passarinho.

– Sua fé a indicará – respondeu São José.

Depois seguiram seu destino, e João-de-Barro nunca mais viu nenhum dos três. Guardou o burrico misterioso e até hoje, quando alguém está às portas da morte, é só deixar uma janela aberta, a porteira do curral também, que por lá pas-

sarão os dois, o burrinho e o João-de-barro em sua casa aboletada no lombo daquele, para cumprir a sina ordenada pela família sagrada.

## 7. Pé-de-boi

Um moço trabalhador, cujo padrao o explorava cruelmente, sol a sol, nunca se satisfazendo com seu labor incessante, era muito forte, porém, mudo.

Um dia caiu no rio, numa travessia de boiada e se afogou. Desde então, se evocado, vem ajudar a quem pede. Às vezes, aparece mesmo espontaneamente, sem pedido. Só faz o bem. Seu nome: pé-de-boi. Por quê? Porque em vida não falava, mugia e só trabalhava. Daí o apelido.

É o inverso do mão-de-vaca no fabulário popular. Este é bovina, guarda tudo o que furta. Pé-de-boi trabalha para todos sem pedir paga ou qualquer recompensa.

## O pé-de-boi e o João-de-barro

Pé-de-boi fareja pelos ninhos abandonados do João-de-barro e, se encontra dinheiro, haveres, riquezas sarrupriados de seus legítimos donos pelo mão-de-vaca e ali escondidos, apanha-os para deixá-los igualmente divididos em casas de pessoas necessitadas.

Quando o mão-de-vaca usurpa o ninho do João-de-barro, este bronqueia, esbraveja. Quando, entretanto, lá vem sorrateiro o pé-de-boi vasculhar os ninhos atulhados de dinheiro ou jóias, o passarinho fica mudo, cúmplice da boa ação desse monstro do bem.

Se alguém perde algo de valor e o mão-de-vaca acha, balalau, nunca mais verá! Mas, se o objeto for encontrado pelo pé-de-boi, ele levará direitinho a peça e a colocará na janela do proprietário. Quando o mão-de-vaca furta coisas das casas, o pé-de-boi, sabendo a identidade do dono, as restitui. Sendo dinheiro e não conseguindo identificar o proprietário, ele doa aos mais necessitados, deixando embaixo da porta dos casebres algumas notas para cada família escolhida. A fortuna do mão-de-vaca é o que ele hoje furta usando seus poderes mágicos. Pé-de-boi, sempre quando possível, neutraliza a má ação do outro, amealhando o produto do furto e retornando aos antigos donos.

## 8. João-de-barro e o testarossa

Trazidas pelos italianos meridionais, muitas lendas peninsulares se

desdobraram em nosso país em outros tantos mitos, temidos e variados.

Na região norte do Estado de São Paulo, pródiga pela quantidade que recebeu de italianos, principalmente calabreses, uma lenda tenebrosa, fascinante e assustadora percorreu, enquanto perdurou a presença maciça das famílias daquele povo como força de trabalho nas lavouras de café, nas grandes fazendas da região: o testarossa.

O testarossa transitou vigorosamente por aquele meio enquanto durou o ciclo cafeeiro. Adaptado aquele mito em nossa terra, foi transformando-se dinâmico como todo fenômeno de folclore, transmudando-se em novas roupagens mais adequadas ao tempo, à atual economia e aos novos costumes. Esta é a principal característica de qualquer fato folclórico: manter toda a plenitude de seu núcleo e metamorfosear, escoimar seu conteúdo, revesti-lo de novos elementos periféricos mais condizentes ao momento.

## A lenda: princípios

Na virada do século ouviam-se constantemente, aqui e ali, referências, entre as famílias de colonos assombradas com a existência de um gigante monstruoso e sem pele. O testarossa era um pobre ser desprovido de pele. Dizia-se que por ter coabitado com a irmã e freira, fora escorchado vivo. Da lenda não se sabia mais nada. Nem onde tal fato acontecera, nem como.

Como castigo por seu crime e pecado, aquele monstruoso ser vagava, pegajoso, gotejando sangue, furioso de dor e atacando tudo o que visse, principalmente mulheres. Estas clamavam de desespero apenas com a menção da existência do ser fantástico que poderia estar por perto, perdido no espaçado arvoredo simétrico dos arruados dos cafezais exuberantes.

Na florada e na "panha" do café, durante a colheita, diziam, era a época mais fácil de encontrá-lo. A razão dessa preferência ninguém nunca soube explicar.

Se visto, o ataque era certo, a vítima subjugada, seviciada, e poderia dar-se por feliz se saísse com vida da aventura macabra – mulheres com os vestidos estraçalhados, seios à mostra, todas as partes pudendas violentamente arranhadas e todas violentadas.

O testarossa, para a multidão feminina que mourejava dura nos eitos do ouro negro, foi temor, foi expectativa, foi pretexto e, por que não, desejo. A lenda do testarossa

reflete a ansiedade de autodeterminação feminina por libertar-se do mundo masculino de então. E principalmente pela possibilidade de a mulher optar pelo que fazer, como fazer, para que fazer com as únicas coisas só suas, inexplicáveis para os seus e o mundo em que vivia: o livre-arbítrio sobre sua mente e o uso de seu corpo.

Gente excessivamente temente a Deus, vida vigorosamente regrada pelos sufocantes ditames e costumes da igreja de então, como válvula de escape, como conteúdo subliminar cheio de eufemismo e anseios reprimidos, a mulher italiana da época, ao contrário do exteriorizado pavor aparente, prelibou o prazer de uma aventura numa época em que ela possuía apenas trabalho pesado nos eitos cafeeiros, faina exaustiva e ininterrupta em casa, no cuidar da filharada que crescia de ano a ano, além de dar foros de matrona honesta. Restou-lhe a imaginação. Apenas isto. Só sua mente não pode ser subjugada pelos rigores de uma época de direitos aos homens e deveres às mulheres.

Observando os depoimentos, a narrativa, a tessitura da lenda do testarossa, somos levados a sentir, a encontrar inserido no pseudopavor, na pretensa preocupação e receio, medo de encontrar a criatura, uma nesga inevitável, uma pontinha de desejo enrustido, dolorosamente guardado lá no mais íntimo de cada uma.

Outra versão conta que a origem da lenda dessa personagem foi um louco que perseguiu, violentou e matou uma garotinha. Capturado pela colônia enfurecida – naqueles tempos, crimes dessa natureza eram punidos com a máxima severidade –, foi escorchado vivo. Da cabeça tiraram o couro cabeludo, deixando-a nua. Por isso sua face é uma chaga viva. Sua cara, pavorosa, purulenta. Clama aos gritos roucos por vingança, em sua insânia.

Testarossa é chamado de cabeça-vermelha, cabeça-de-fogo, regaço-vermelho e muitos outros nomes.

Uma característica sua muito comentada por vítimas que conseguiram salvar-se é a desmesurada medida peniana.

Abdon Chaves elaborou na década de 30 em desprezioso mas valioso trabalho – *O monstro desconhecido* – a lenda bem difundida nas áreas cafeeiras de Ribeirão Preto e adjacências, estendendo-se por todo o norte paulista, onde a semente trazida por Palheta – o ouro negro – vicejou, fez riquezas a poucos e deu trabalho a tantos.

Outra lenda mais libidinosa no conteúdo e falaz na prudência interpreta seu nome pelo descomunal membro que possui tal personagem fantástica. Conteúdo paradoxal: tal qual a lenda do vampiro, desespero, medo, depois paixão e desenfreamento. A vítima se hipnotiza, escraviza-se pelo seu captor. O testarossa também agia assim com suas vítimas ou privilegiava-as?

Quem experimentava o testarossa nunca mais era feliz com o marido se casada fosse ou, se solteira, preferiria a solidão do celibato, sonhando com o monstro erótico. Para os maridos, noivos, pais e irmãos, ele foi o grande incubo desnorteador das virtudes, fornicador implacável, ameaça constante à sombra e à espreita nos dilatados eitos simétricos dos cafezais.

Em muitas fazendas, os homens iam ao trabalho com armas de fogo, não dispensando, porém, armas mais místicas, como um crucifixo, um terço ou um escapulário. Mas, quando esperado, nunca atacava. Contudo, volta e meia, em algum cafezal, vinha a notícia aterradora: o testarossa apanhara outra vítima. As mulheres sempre eram as mais belas, as mais recatadas, casadas ou solteiras.

Sob o rastro dessa lenda, a exemplo da Antiguidade, a violação de virgens proibidas, como rainha Sílvia – mãe de Rômulo e Remo e sacerdotisa vestal – pelo deus Marte e outras tantas quantas mulheres usaram o subterfúgio da figura divina para a prática do intercuro proibido com amantes apaixonados.

Se na Antiguidade muita gente nasceu sob a responsabilidade de al-

gum deus que descia e engravidava ou apenas transformava a virgem em mulher completa e capaz, por que não o testarossa desempenhar o mesmo papel naquele contexto de leis morais esdrúxulas, época de conceitos medievais em pleno século XX?

Quanto mais nos aprofundamos na pesquisa, seguindo seu *modus operandi*, buscando as razões morais e condições dos costumes na época acontecida, mais nos lembramos da interpretação moderna da psiquiatria sobre as pretensas bruxas que haviam coabitado com o próprio diabo ou do famoso processo de Loundum, na França das freiras endemoninhadas e do martírio do padre Grandier.

Em verdade os tempos mudam? Os homens sempre continuam os mesmos?

Nossa preocupação principal aqui é apenas ressaltar a conotação do testarossa com o joão-de-barro.

Se muitos monstros e seres afins sempre temeram ou guardavam suas coisas na casa de joão-de-barro, o testarossa merece atenção maior. Por razão desconhecida esse ente sempre adorou comer pedaços de casas de joões-de-barro. Perguntar sobre o motivo desta sua preferência a outros tipos de barro seco é mistério insolúvel. Porém convém lembrar que o lobisomem também come terra e mesmo seres humanos atacados de verminoses são propensos a isso. Gilberto Freire cita casos de escravos que tinham que ser engaiolados para que não o fizessem. Não seria essa tendência (do testarossa) uma referência a um mal que tanto afetou crianças e mes-

mo adultos, o chamado popularmente “mal-do-amarelo”? Elegendando o testarossa comilão de barro, não haveria aí uma mensagem subliminar de uma doença, na época, tão odiosa e ainda não erradicada no início do século XX?

Mas o fato é que por isso o passarinho odiava testarossa e o atacava a bicadas, sem medo, temerário e violento. Na maioria da vezes o monstro acabava fugindo, porque joão-de-barro, auxiliado por sua prestimosa companheira, praticamente metralhava-o a pontações esvoaçantes e desabridos. Por isso começou a ocorrer a fama analógica, a comparação da antipatia de um a outro.

João-de-barro gritando, todo cuidado era pouco. Todos ficavam alertas e atentos. Era chumbo quente, água benta, se aparecesse.

A conotação chegou a tal ponto que famílias apanhavam essa avezinha em alçapões, engaiolavam-na para levá-la aos cafezais, deixando-a perto de onde as mulheres trabalhavam.

Outros mais práticos, crendo que o uso de uma parte garantia o efeito do todo, apanhavam o passarinho, tiravam-lhe algumas penas delicadamente, sem machucá-lo, depois soltavam-no. Usavam como amuletos em patuás presos ao pescoço ou em cordões de Santa Catarina ou de outros santos, cingindo a cintura, embaixo da roupa. Não houve a exacerbação de ânimos e superstição maior de levar à matança indiscriminada da ave para extrair partes mumificadas do corpo como foi em outras lendas.

## 9. Dois peixes lendários e um pássaro encantado

A confluência de dois rios, a entornadura das águas barrentas, tão próprias de rio de sedimento, do Pardo, na torrente mais cristalina, transparente do Rio Grande, sempre chamou a atenção das populações ribeirinhas próximas, tão sensíveis aos fenômenos naturais.

À vista, a observação dessa junção de dois enormes cursos de água tão diferentes é impressionante. É como se o rio de formação rochosa, maior, o Grande, tentasse resistir – e resiste, principalmente do lado mineiro – à conspurcação de suas águas limpas com a intrusão daquela gigantesca massa líquida terrosa, verdadeira enxurrada colossal que insiste em turvar seu caminho.



A banda paulista da foz do Pardo para diante continua seu curso, encardida, barracenta, por muitos quilômetros além, depois de adentrada no rio maior.

Vista do alto, é como se aquele estirão líquido límpido, aclarado, tivesse seu curso repentinamente invadido por uma manga de enxurro enorme. Então, por muita lonjura abaixo, os dois rios correm nitidamente paralelos, mas separados, até que pouco a pouco a massa menor, do Pardo, na margem paulista, paulatinamente vai se diluindo, sendo dissolvida e agrupada finalmente pelas águas do Rio Grande.

Esse fenômeno de disparidade fluvial contribui para impressionar sobremaneira as mentes supersticiosas – como já salientamos – e fantasiosas dos que vivem e dependem da economia pesqueira daquelas cercanias.

Os mineiros sempre notaram, desde os primeiros habitantes ali chegados, essa diferença das suas águas com as da borda paulista. E ciosos de seu bairrismo nunca deixaram de evidenciar a pureza da correnteza vítrea do Rio Grande em contraposição com o lençol turvo que corre bordejando o Estado de São Paulo. Nessa diferença nasceram histórias, muitos causos, e nisso não há mineiro que não se orgulhe. Correu o tempo e se perpetuaram na tradição.

A lenda do peixe cristalino, peixe-crista, chamado às vezes de peixe-cristo, da banda mineira, tem variantes interessantíssimas e desfechos surpreendentes.

O mito do peixe-barro, peixe-pote, peixe-barroso, pelos barranqueiros da margem paulista, ainda é contada nas rodas de rancheiros, dos pescadores e de toda aquela fauna heterogênea que habita ou frequenta boca de rio, com muito fervor de crédito crédulo e muita devoção por parte dos devotos e admiradores.

Não se sabe ao certo como foi o ponto de partida dessa comparação telúrica com uma analogia animal. Grande – rio límpido – peixe-crista – dotes mágicos; Pardo – rio turvo – peixe-barro – dotes mágicos. Seres encantados.

A conotação, porém, não pára aí. Vem em seguida, mais completa, mais evidente na mente ingênuas, mas criativa e inteligente do homem rural; converge de encontro a dois mitos congêneres, terrestres, contrapondo-se a esses dois seres encantados das águas e cada resposta mítica correspondente.

Agora, porém, a criatura existe de fato, convive diariamente com o homem e lhe faz companhia na constância do cotidiano.

Um pássaro encarna a figura da lenda bilateral, produto da criação popular que empolga e traduz os anseios dos habitantes de ambos os lados do grande rio, soma dos primeiros dois: o João-de-barro.

## Peixe-barroso

Conta uma lenda que o peixe-barroso da banda paulista negocia barro com o João-de-barro, morador próximo.

Há muito tempo fizeram um trato. João-de-barro ensinou-o a fazer bem-feitas suas locas de morada e este, sempre que solicitado pelo passarinho, vem ao barranco e cospo uma pelotão de argila ligosa do fundo do rio para que o pequeno oleiro faça bom uso. Para fazer isso, a cusparada acaba saindo como um potente tiro, um estrondo de meter medo em qualquer vivente e amontoado em lugar conveniente para que o João-de-barro comece a trabalhá-lo.

Existem ainda velhos rancheiros e pescadores que juram de dedo na boca e pés juntos ter ouvido o ronco dos lances, e alguns até visto a ação desse peixe artilheiro. Colocando a cabeçorra fora da água, enquanto o passarinho no topo de uma árvore próxima espera, golpeia numa escarrada poderosa os projéteis amolecidos que vão se acumulando além da barranqueira. Parece que o esforço é enorme. Depois disso, dizem, ele se recolhe à toca e descansa por dias seguidos. Comenta-se que sua casa parecida com uma oca lá nas profundezas é mais dura que cimento armado. Só quando o João-de-barro acaba sua construção é que o peixe-barroso, descansado, bota a cabeça fora da água para saudar o trabalho do amigo. Aí entoa um som tão suave e mavioso que quem escuta acaba indo às lágrimas. Quem já ouviu nunca mais esquece.

O tamanho desse peixe é controvertido. Uns afirmam que não alcança grande porte, não indo além de uns magros dois palmos. São os chamados barrosinhos. Quando podem, ajudam o mestre João da mesma forma que os grandões de sua espécie fazem. Quando a natureza permite, e isso é mistério só dela, acontece, vez ou outra, o surgimento de um barroso rei. É o monarca do Rio Pardo. Já de 100 quilos é anão perto dele. Quando cruza a corrente, o fio do lombo corta a superfície fazendo maretas, tamanho o corpanzil. Habita as

profundezas dos rebojos e cavernas monstruosas apropriadas para suas dimensões agigantadas. Quando se pergunta a algum pescador ou rancheiro por seu tamanho ou peso, sempre desconversam: “Muito, muito grande mesmo. Não dá nem para calcular”.

É o máximo que se consegue arrancar daquela gente. Parece uma conjura inconsciente para impossibilitar a avaliação de algo que não pode ser medido nem visto, tal a tamanha magnitude. Se isso acontecesse, toda a magia, o inteiro suspense do “não saber” seria desvendado. O enigma das proporções do ente encantado do Rio Pardo não pode perder sua principal virtude: o mistério.

## Peixe-cristalino

Também conhecido por peixe-crista, peixe-cristo, peixe-espelho. “É um gigante em tamanho e uma doçura de bondade”, palavras do rancheiro Clarismundo Onofre de Freitas. Chamado cristalino por ser quase transparente, com reflexos fulguerosos, quando navega à flor da água dá a impressão de imenso bloco de cristal ambulante. O apelido de crista refere-se à enorme barbatana dorsal, também translúcida, que quando nada rente à superfície lembra um grande espelho riscando a correnteza. A denominação de peixe-cristo colhemos na década de 60 de um pescador octogenário, João Guedes, que nos contou a seguinte história:

“Quando a Família Sagrada fugia dos soldados de Herodes, tiveram que atravessar um grande rio. Os soldados já estavam perto. São José invocou ajuda dos céus. Nossa Senhora pediu proteção à Providência. Só Menino Jesus mantinha-se calmo, confiante. De repente, com os bracinhos estendidos, começou a modular um som suave. Com os braços apontados em direção à água, não em choro convulsivo como devia proceder um bebê de sua idade, mas com aquela vibração sonora, agradável. Um espelho surgiu na correnteza, veio vindo até que se encostou na margem. Era um peixe enorme, transparente, com a crista eriçada como uma vela reverberando reflexos multicolores. O cristalino chegara para a salvação da Família Sagrada. São José, Nossa Senhora e o Menino Jesus, montados no burrico, entraram na água, escoltados pelo escomunal ser fantástico. Emparelhados ao peixe, seguiram rio à frente, com Jesus conversando com o animal naquela modulação ininteligível. O sol batia na enorme barbatana, fa-

zendo a cada movimento do animal um coruscar de luzes cegantes. Logo naquele momento os primeiros soldados do rei malvado chegavam à margem. Não puderam ver nada. Ficaram totalmente cegos diante daquela luz protetora. Assim comboiados lá foram os três no lombo do burrico forçando na água com o cristalino ao lado. Depois da travessia, o peixe despediu-se respeitoso ante o Menino Deus, respondendo na mesma modulação que Jesus lhe convocara”.

Por isso, quando da banda mineira do Rio Grande os pescadores, rancheiros e canoieiros escutam um canto em surdina como que levado ao vento, entreolham-se e sorriem, transmitindo um ao outro em silêncio o que todos estão cientes, pensando naquela hora: o cristalino está rezando sua oração para o Deus Menino. Mas se o peixe-barroso, o “gosmento da lama”, como o chamam em caçadas os mineiros, o peixe da margem paulista tem muita coisa em relação ao João-de-Barro e o cristalino, nessa história onde fica?

Na fuga da Família Sagrada – e existem várias vertentes que contam este fato – João-de-Barro ocultou-a em sua morada enquanto conseguia distrair a patrulha dos captores. Pois bem: João-de-Barro não apenas se contentou em fornecer guarida aos abençoados hóspedes. Quando estes seguiram o passarinho, desconfiou e com muita razão que poderia haver mais perseguições pela frente, no percurso, até que chegassem ao destino. Saiu em vôo disfarçado, ziguezagueando, mas resolutivo, acompanhando o burrico, São José, Nossa Senhora e o Menino Deus. Hora em vôo planado, depois velozmente, sempre perscrutando os quatro cantos do horizonte. Chegou bem antes deles a outro rio. Como todos os animais se entendem, apesar de não saberem como, o passarinho deu um jeito de encontrar e pedir socorro ao peixe, pois sabia que naquele momento este seria a única salvação garantida para a família em perseguição. Avisado, o peixe-barroso se pôs à disposição e espreita. Quando viu a chegada dos soldados, começou a cuspir barro, pelotas após pelotas, em cima deles. A Família Sagrada, enquanto isso, fugia tranquilamente. Como gratidão, João-de-Barro ensinou-o a fazer suas locas nas profundezas do rio.

Dizem os paulistas que casa de João-de-Barro construída com argila fornecida pelo monarca barroso, arrancada das profundas dos rebojos, faz daquelas pequenas e rotundas construções verdadeiras fortalezas

em resistência. O ninho é mais duro que cimento armado, mais resistente que aço de faca francana. Peão previdente costuma experimentar os bons dotes balísticos de seu revólver, “mause”, “brole”, garrucha ou qualquer outra arma de fogo em casa de João-de-Barro de beira de rio. É afirmativo que depois disso, assim batizada a arma, nunca mais vai “lencar” (negar).

Os mineiros ganham, também, que foi o passarinho que ensinou o cristalino a construir morada. Porém, como os das Alterosas são exagerados, dizem que o peixe que só vive em rio pedregosos e de águas límpidas, lá no fundo, escolhe os cristais mais belos, seixos de ágata, até alguns diamantes, e juntado todo este material nobre constrói seu abrigo. Dizem ainda que essas construções espalhadas pelo leito do Rio Grande são verdadeiras obras de arte na beleza e no bom gosto. Em recompensa à amizade do passarinho santo, este peixe, vez em quando, presenteia-lhe um brilhante catado no meio do rico cascalho, que entapeta o chão das profundezas da água.

O João-de-Barro, quando presenteado, leva a pedra cuidadoso para casa. Por isso, sempre com cuidado, deve-se vasculhar a casa dessa ave abandonada. Lá pode estar ainda guardada uma dessas pedras preciosas.

As lendas simultâneas desses dois peixes fantásticos, num mesmo rio, resume e patenteia como uma divisão política de certa região (Minas e São Paulo), pode por exacerbação de bairrismo influenciar, criar mitos, fabulários similares, porém antagônicos (os dois peixes são a semelhança, cada um, das águas de cada margem que transitam: água limpa – peixe-cristalino, Minas Gerais; água barrenta – peixe-barroso – São Paulo).

Isso leva a um confronto de histórias diferentes, tendo como referenciais os mesmos anseios do homem: a busca da vitória ante o cotidiano, a luta pela sobrevivência, a religiosidade tematizando um fato folclórico e a exaltação de um animal real, diminuto, o João-de-Barro, porém formidável quanto à engenhosidade e perseverança no trabalho. Ele contracenava com as duas entidades fantásticas que servem nesse contexto de contraponto e coadjuvantes necessários para melhor desempenho do ator principal desses dramas, que é o passarinho.

Conforme descrevem os rancheiros, há vários tipos de peixe-cristalino. O mais raro, cujos exemplares são

enormes, verdadeiros monstros na força e no tamanho, é o mesmo que salvou a Sagrada Família.

Existe outra espécie cujos peixes são pequeninos, de mais ou menos 1 centímetro de tamanho. Navegam em cardumes descomunais, ao contrário da espécie maior, que transita solitária. Imagine-se um cardume de peixes-cristalinos gigantes subindo ou descendo o rio. Seria uma catástrofe para os canoieiros. Os peixinhos-cristo têm missão que cumprem à risca, sem nunca desviar a linha do propósito. Juntos formam imensas bolas iluminadas (são fosforescentes) para guiar os canoieiros perdidos na escuridão ou avisar a chegada de tempestade. Rancheiro ou piranguero vindo à noite o rio iluminado terá certeza de ser algum companheiro comboiado para porto seguro ou prenúncio de tormenta para dentro de poucas horas. É espécie notívaga. Entretanto, às vezes, são vistos na volta do dia. Então não convém olhar direto para a luz cegante que o cardume em deslocamento produz. Pode dar “ar nas vistas”.

Dizem que, ensinados pelo João-de-Barro e como só vivem agrupados, constroem casas imensas pelas socavões dos poços do leito fluvial. São verdadeiras montanhas multicolores de pedrinhas coloridas coladas entre si pela mesma liga miraculosa usada pelo passarinho.

As lendas e os mitos de peixes fantásticos sempre povoaram e emergiram do inconsciente coletivo dos povos europeus, ameríndios e africanos. Com a história do salvamento da Família Sagrada por esses dois peixes lendários, estas sagas transitam e se impregnam na religiosidade exuberante tão comum nas lendas brasileiras. São frutos da miscigenação de mitos e lendas das três raças basilares de nossa nacionalidade.

As lendas do barroso e cristalino são frutos constituintes dessa fusão dinâmica e esplêndida. Em cada uma das duas, vai inserida uma grande dose do bairrismo geográfico que sempre ponteu a história das fronteiras das primeiras províncias de São Paulo e Minas Gerais e ainda hoje os respectivos Estados derivados delas. Mineiro que se “apaulista” considera “estrangeiros” os parentes deixados do lado de lá do rio.

O mesmo se dá com os da gente paulistana. Paulista que se “amineira” por negócio, casamento ou pelas duas coisas acaba torcendo o nariz para São Paulo e, se enricado, nunca mais volta a seu Estado natal, pois sonho de todo mineiro abastado é

acabar seus dias contemplando o mar no Rio de Janeiro.

A mineirada garante, entre outras tantas variantes dessa lenda, que o peixe-crista, de Cristo, de cristal ou espelho da água, quando navega majestoso à tona do rio, é com um grande espelho dardejante de luz que ofusca o próprio brilho do sol.

O peixe-cristalino gigante só aparece durante o dia. O que nos leva a crer a intenção deste mito é que ele recebe, absorve e multiplica a intensidade da luminosidade do astro-rei.

Nas descrições das testemunhas entrevistadas, sempre houve uma constante presente: sua luz é mais forte que a do sol. Parece que, assim afirmando, seus crédulos defensores desejam considerá-lo coisa do outro mundo, indecifrável, enigma maior.

## 10. A luz peregrina

Pelos confins banhados do sinuoso Rio Velho, muita coisa já aconteceu, no tempo e no espaço, naquela massa líquida, viva e misteriosa, fisicamente profana, mas de espírito intocável.

Falar sobre os mistérios do Rio Velho é tarefa para gastar oceanos de tinta e toneladas de papel. Em si mesmo, no nome o paradoxo se avulta, pois o Rio Velho na verdade nunca foi rio, é apenas um ribeirão caudaloso de correnteza forte e rebojos profundos, coleante qual um ofídio líquido, imenso, ainda hoje piscoso e um dos últimos cursos de água da região não conspurcado pela sanha da contaminação perpetrada pelo homem. Guarda em seu bojo muitas coisas inexplicáveis, muitos casos incríveis e muitas perguntas sem respostas.

Ganhou nome de rio por uma razão corriqueira: nas cheias transforma a vastidão plana de suas mar-

gens num imenso rio que escorre engolindo vegetações, cobrindo pastarias, sepultando lavouras marginais. Depois, com o estio, volta o rio ao seu leito normal, acalmada a embriaguez da enchente, até na vazão de sua foz no Rio Pardo.

Uma de suas lendas mais belas e mais bem elaboradas, e também um dos seus mistérios mais intrigantes por lá contada, é a da luz peregrina. Há mais de 100 anos os poucos moradores das cercanias das fazendas que iam surgindo começaram a notar todo anoitecer coisa estranha: saindo de um capão de aroeiras na fazenda do velho Loureiro, uma luz forte subia e começava a vagar sem destino certo, acompanhando a sinuosidade do ribeirão. Aquela luz potente viajava noite após noite. Antes que o sol nascesse, voltava e se guardava na mata fechada, sua guarida.

Por fim, as fazendas cresceram, as gerações foram se sucedendo e o fato de tanto se repetir – e era toda noite aquilo aparecendo – acabou-se transformando em parte do cotidiano para toda aquela gente. Viam o fenômeno, apreciavam-no e voltavam aos afazeres, fosse na tiragem de leite pelas curralamas pejadas de vacas leiteiras, madrugada das 3 horas, fosse viajando ainda no escuro e no orvalho, como eram costume e necessidade de então. E viam. Um dia em uma fazenda, outro dia noutra, lá estava ela. Às vezes parada, quase tocando o chão, outras muita alta, confundindo-se com as estrelas. Vagava sem rumo ou seguia viajantes noturnos, senão rodeava currais com gado leiteiro preso. Vacas de um lado, bezerrada no galpão separada. No ar, aquela confusão de mugidos lamentosos das mães e das crias saudosas do aconchego dos úberes maternos.

A luz peregrina, durante mais de 100 anos, transitou em vigília cons-

tante, noturna, metódica. Bem há pouco tempo, o velho capão de aroeiras, do agora falecido Loureiro, secou por completo, como se queimado por fogo abrasador. Dele não resta mais um tronco sequer, esturricado, ressequido. Há uns dez anos, o lume vagante certa noite desapareceu. Dele ficaram as lembranças, os encontros assombrosos, as experiências vivenciadas por tantos, muitos dos quais evitam o assunto, amedrontados de passar por contadores de lorotas.

Um fazendeiro trabalhador, mais que batuta, homem sério, família tradicional ali radicada há mais de século, contou-me o que narro a seguir: certa feita, arava um talhão de terreno em sua propriedade. Preocupado com o plantio, revezava em cima do trator, horas sim, horas não, com um empregado trabalhador como ele. O trator, dirigido pelo empregado, já voltava no vaivém do desterroamento ao ponto onde estava esperando o fazendeiro. Este aguardava para substituí-lo rente a uma velha casa abandonada que então servia de depósito para sacarias de adubos. Com as paredes rachadas, derruídas, janelas arrebentadas, o conjunto da construção agora era apenas mero barracão arruinado.

De repente, o patrão viu a luz. Como sempre, chegara sorrateira. Vinha por trás do trator, um pouco acima deste. O veículo já estava perto. Com a preocupação de não assustar o tratorista, começou a acenar para que este viesse até a casa e abandonasse o serviço. O outro, com o barulho do motor ligado, não entendia. E a luz vinha chegando cada vez mais perto. O empregado não percebia, pois estava de costas para o fenômeno. Quando o trator estava chegando à casa, a luz ultrapassou-o e cresceu de intensidade, iluminando tudo à volta, transformando as trevas da noite em verdadeiro sol de meio-dia. Foi aí que o tratorista tomou fé do que estava acontecendo. Em seguida, a bola ígnea entrou pelo telhado meio destruído do depósito e lá ficou por vários minutos, irradiante. Luz intensa que varava das frinchas dos grandes trincos das paredes, pelos vãos das janelas sem molduras, pelas portas escancaradas e sem batentes.

O moço, depois de saltar da máquina, sumiu-se para os lados da sede da fazenda, gritando espavorido. O fazendeiro, acostumado com o fenômeno visto já pelos seus avós e pais, ficou-se absorto até que aquela aparição esplendorosa saiu por um vão do telhado esburacado como chegara e seguiu caminho, sumindo no horizonte pelo lado onde passa o Rio Pardo.



No outro dia pela manhã, notou a poucos metros das ruínas, num velho cajueiro, três casinhas de joões-de-barro. Explicou-me convicção: "A luz peregrina só foi embora quando deu fé que estava perto dos ninhos dos joões-de-barro. E afirmou: foi embora por respeito aos passarinhos".

Indaguei-o, então, intrigado: "Se a luz não faz mal a ninguém, por que tanto medo dela? E por que ela tem tanto respeito pelo João-de-barro, um simples pássaro?". A resposta que devolveu-me foi incisiva e completa: "Não faz mal, mas gosta de assustar". E contou-me uma lenda para explicar o respeito da luz peregrina pelo João-de-barro. Disse que havia uma lenda segundo a qual no começo do mundo o João-de-barro construía sua casa com um cômodo só, sem torcer, em semi-espiral o aposento, onde a fêmea prepara o ninho, faz a postura, choca os ovos e cria os filhotes. Um dia a luz entrou lá e com seu calor dosado, aconchegante, chocou os ovos do passarinho. Depois disso, não houve jeito mais de esquivar-se da tarefa. Era só sair para seu passeio que o João-de-barro vinha pedir-lhe o favor de esquentar seus ovos. Por fim, a luz peregrina passou a evitar a entrar no ninho. Descansava pousada na cumeeira. João-de-barro, inconformado, armou uma cilada. Fez nova casa com a parede torcida, em dobra semi-espiral, e foi insistir com a bola de fogo para ver seus filhotes. Ela, acreditando na hospitalidade, foi. Não havia filhote algum. Lá estavam os ovos à espera do calor para a eclosão. A esfera candente tentou sair, pelejou, mas nada. Dava volta sobre si mesma e não saía do lugar. A razão disso a lenda não conta. E acabou tendo que chocar a contragosto aquela ninhada.

Depois disso, cumprida a tarefa, apesar de respeitar muito o mestre João-oleiro e a companheira, a luz peregrina espertou-se. Nunca mais aceita convite de entrar em ninho daquele pássaro. Sabe que se assim o fizer acabará lá dentro até o nascimento dos joezinhos. Por via das dúvidas, senta-se no topo do forninho e de lá bate seus papos com seus compadres, o casal de passarinhos.

E quando esteve aprisionada como conseguiu sair depois de o choco completado?

João-de-barro fez um furo por detrás da casa e libertou-a. É assim que dizem e me contaram.

## Lendas diversas

### 1. João-de-barro e a palavra mágica

Um garotinho brincava na terra, construindo, animado, pequenas casinhas de barro.

O quintal era grande, o sítio de seu pai alargado em seus limites físicos, mas as fronteiras fantásticas da imaginação da criança, como as de sua idade, eram incomensuráveis.

E o menino brincava. Brincou a tarde inteira, fazendo também boizinhos de laranjas, os pés em quatro gravetos, os chifres com dois pauzinhos, encimando o conjunto, e o ponto de inserção das duas frutas, um toquinho mais robusto e ainda um raminho verde, fino, representando o rabo. Os olhos, dois espinhos de laranjeira bem cravados, e estava pronto o primeiro. Depois montou o segundo, o terceiro e assim por diante.

Agora tinha diante de si sua boiada minúscula, imóvel, recendendo a suco cítrico, mas obediente e ordeira, à sua inteira disposição. Ele somava agora todas as funções de uma comitiva. Era – ao mesmo tempo – seu dono, todos os peões tangerinos e o comissário que a comboiava pelo estradão.

O estradão? Ele ia fabricando pelos contornos, saliências e reentrâncias do terreno, pelo meio do pomar, repleto de árvores frutíferas: mangueiras, goiabeiras, laranjeiras, frutas-do-conde, mexeriqueiras e tantas outras de perder a conta e o nome, numa viagem sem fim, dando solta aos seus devaneios infinitos, que só os de sua idade têm a faculdade de possuir.

Um dia, perto do rego de água, quando construía mais uma vez a "sede" de sua dilatada fazenda, de uns bons palmos de frente por uns quatro de profundidade, teve a atenção voltada para um João-de-barro que, bicando incessante, com movimentos rápidos e firmes, preparava uma pequena bolinha de barro para iniciar a edificação de seu ninho.

Coincidentemente, na véspera, o menino construía um "casarão" enorme de puro barro. Naquela manhã desolara-se, vendo sua "propriedade" derruída, destruída por completo pelo vendaval borrasco que derramara à noite.

Pensou então:

– Este passariquinho de nada, com esta bolica menor que cocô de cabra no bico, de uma em uma, vai acabar a casa lá pelo fim do ano que vem – e riu de pena.

O dia inteiro o João-de-barro foi e veio do rego à árvore escolhida, onde começou lentamente a tomar forma a base de seu futuro abrigo. A fêmea prestimosa também ia participando daquela trabalhadeira vertiginosa.

Passaram-se os dias. Finda a semana, quando o garoto já esquecido de suas "lides pecuárias", longe da memória de seus boizinhos e construção de "sedes de fazendas", atarefado com os primeiros passos na cartilha do bê-á-bá, nos primeiros dias de escola, numa ida ao pomar, extasiou-se: lá estava o pequeno ninho com formato de forno caipira que a sua mãe assava tanta quitanda e pães, bem encaixado num desvão saliente de uma forquilha, engastado no galho maior, no grande abacateiro.

Ao lado, repicando álacre seu trautear gritado, estavam o João e a Joana, orgulhosos e de peitos estufados, agora donos daquele pedaço.

O menino estarreceu-se:

– Como avezinhas pequetitas, insignificantes, podem operar milagres como aquele e em uma semana levantar tão sólida e bem-feita moradia?

À noite, caiu um chuveiro torrencial, um toró desbragado, orquestrado de trovões e céu escuro, zebreado de raios coruscantes.

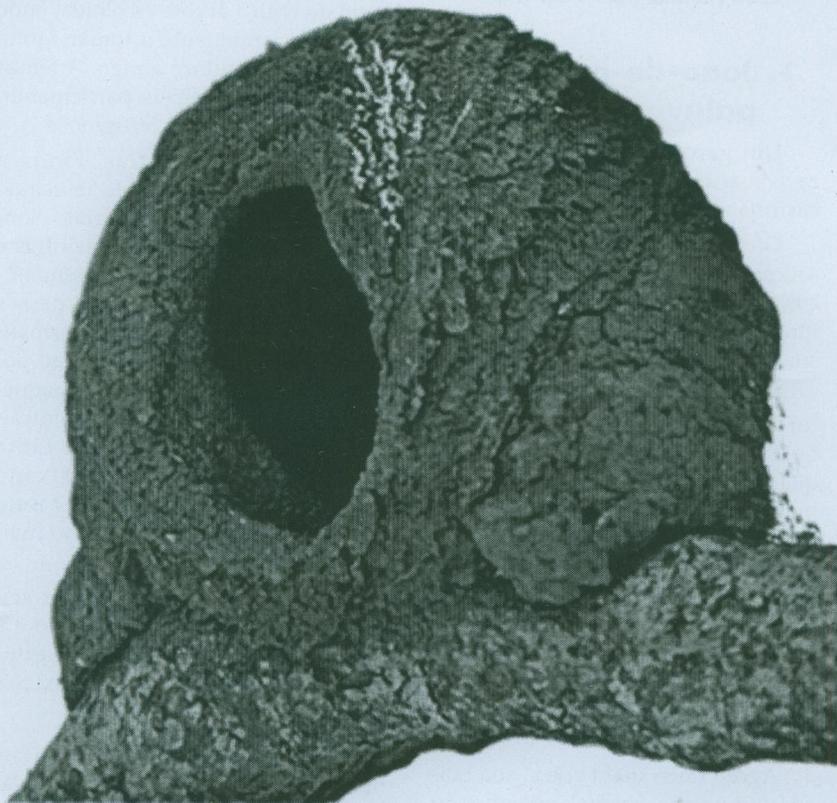
Nem bem manhã veio, e o moleque correu para ver o ninho derubado. Disso tinha certeza.

Que nada! Estava lá, firme, adornando o galho qual excrescência rotunda, invencível às intempéries.

Naquela noite dormiu sobressaltado. Uma pergunta atormentava seu íntimo:

– Por que seus casinhos de barro não resistiam a nada e aquele erguido de bolota em bolota, soado a bico por um ser tão minúsculo e frágil, conseguia arrostar as forças da natureza?

Dormiu e sonhou. Sonhou com um velhinho de barbas longas e muito brancas, vestido de maneira estranha, com uma longa túnica de mangas compridas mais alvas que seus cabelos. Nunca conseguiu saber quem era. E aquela alegoria apenas pronunciou-lhe uma palavra. Ele carregou-a para o resto de sua vida, soando nos ouvidos, nas piores desgraças, nos maiores triunfos, como ferramenta infalível de sobrevivência, senão como arma invencível diante de qualquer dificuldade. Seu significado: um universo por trás de tanta valia. Seu nome: apenas, perseverança.



## 2. Como surgiu a casa do João-de-Barro

Um dia, o João-de-Barro estava preocupado. Isso aconteceu no começo do mundo. Por mais que tentasse, por mais que caprichasse, nunca seu ninho saía a contento. Experimentou o capim. Na primeira ventania o conjunto desabou desastrosamente. Depois insistiu em gravetos. Foi a conta de um predador, um gambá, puxar uma pontinha do entrançado que lembrava um jacá, e toda a conjuntura desmantelou-se, espatifando-se lá embaixo, no chão.

Por fim, desolado, foi pedir conselho à cobra, símbolo da sabedoria, força e malícia. Esta, aconselhou-o:

– Veja a minha maneira de descansar. Observe como me enrolo, numa rodilha, formando o todo numa soma de anéis, em forma de um cone truncado.

E assim a cobra ensinou-lhe como deveria ser feita sua casa. O pássaro ficou maravilhado. A orientação do ofídio comoveu-lhe e convenceu-o em definitivo.

Pouco tempo depois, tornou-se, de novo, macambúzio, preocupado, duvidoso. Agora vinha o dilema maior: qual o material a ser empregado.

Andou, voou e procurou. Investigou por toda parte, vasculhou por todo canto. Um dia, já desolado, passeando à beira de um curso de água, viu argila à margem do líquido mexer-se. Aproximou-se. Novamente

viu movimento embaixo da superfície do barro. Cavou com o bico. Apareceu uma minhoca irritada.

– Quem está tentando derrubar metade de minha casa? – ela gritava.

Então João-de-Barro concluiu:

– Se esse animalzinho insignificante tem confiança no barro mole como moradia, por que não vou confiar, então, no barro trabalhado e endurecido?

Sovou uma minúscula pelota, equilibrou-a na ponta do bico e partiu em busca do local adequado.

Acabou achando: um tronco cascorento e nodoso, bem forte, tendo em um dos lados um enforquilhamento de dois galhos robustos. Deduziu: era o lugar ideal.

Começou a faina, animado e confiante. De porção em porção, por horas e horas, dias e dias, o João-de-Barro foi juntando esforços com sua companheira, misturando pequenos gravetos, pedaços de cabelo, diminutos fragmentos de folhas na argamassa.

As paredes foram subindo e uma construção esquisita, em forma abaulada, bojuda, foi nascendo.

O ninho do João-de-Barro, depois de pronto, ficou igualzinho à silhueta retaca, meã, do atual forno caipira, assador de quitandas e comidas, que milênios depois o homem copiaria.

Na divisão interna, lembrou da sábia recomendação da cobra: fê-la em forma de rodilha. Um caminho encurvado, desembocando num aposento ovalado.

Com a ajuda da serpente, João-de-Barro concebeu a forma; pela inspiração da minhoca, escolheu o material. Da soma de tudo isso, aprendeu a construir moradia e passou essa antiquíssima tradição para toda a sua enorme descendência.

## 3. O relógio do João-de-Barro

João-de-Barro sempre usou como relógio o movimento do sol no céu.

Um dia a sucuri resolveu pegá-lo. Foi um bote e tanto. Quando o oleirinho deu fé, estava preso na bocarra do imenso ofídio.

– Não adianta debater – preveniu-lhe a cobra. – Fique quieto que não farei o sofrimento de sua morte tão doloroso. Te engulo numa só vez.

– A senhora vai me devorar?

– Claro.

– Então espere até a hora que o sol de amarelo passar para vermelho. Bem à tardinha.

– Por quê? – indagou a sucuri, sem entender o significado do pedido.

– Se me engolir agora, em pleno meio-dia, com este solão desgramado de muito quente, vou sofrer dois prejuízos: engolido, vou padecer lá dentro do seu bucho um calorão terrível; vou ser assado vivo!

– Então te esmago antes de engoli-lo.

– Mas aí vou sofrer as dores do esmagamento, ossos quebrados, estripados etc. Assim não foi como me prometeu. A senhora me garantiu que ia me engolir de uma só vez, sem dor. Palavra de sucuri é igual palavra de rei. Não tem retorno, não volta atrás, a senhora sabia?

A cobra, orgulhosa com o elogio da comparação real, concordou.

– Lá na sua barriga, vou morrer rápido, afogado, o que prefiro. Isso se a senhora depois de me engolir beber bastante água. Concorda?

– Concordo.

– Mas você me disse dois prejuízos. Qual o segundo?

– O segundo – respondeu – vai ser a perda de minha alma para o capeta.

– Por quê?

– Porque passarinho que morre de dia, sem se preparar, acaba nas profundezas do inferno.

– Por quê? – a cobra insistiu curiosíssima.

– Sei lá, dona cobra, são mistérios que ninguém entende, mas existem, na pura verdade.

– Tá bem, tá bem... E como vamos resolver a sua engolida?

- A senhora tem vista boa. Excelente! Me segura na boca. Olhe o sol sem virar a cabeça até a tardinha. Quando ele ficar vermelho, a senhora me come, e eu, na escuridão da noite, fico tranqüilo, morto na sua barriga, e minha alma sobe sossegada, guiando-se pelas estrelas para garantir o encontro do caminho do céu.

- À noite é certeza encontrar o caminho do céu? - indagou a gigantesca sucuri curiosa.

- Mais certa que a luz do dia que agora nos alumia - retrucou João-de-barro.

- Então vou começar a olhar o sol.

Como a cobra não tem pálpebras, não pode fechar os olhos. Olhou para o astro-rei, olhou, olhou e olhou. Passou a tarde inteira de olho pregado lá.

Na boca da noite estava irremediavelmente cega. Os olhos em fogo. Bradou para o João-de-barro:

- Veja o que ouve! Só vejo tudo vermelho. Socorro!!! Socorro!!!

- Fique calma, dona sucuri, deixe-me ver a cor de seus olhos. Não é nada, a senhora está impressionada. Deixe-me ver.

A cobra, desesperada, abriu a boca, o passarinho voou para a árvore mais alta, enquanto a anaconda saiu trombando com os troncos de árvores, cabeceando aqui e ali, desnorteada, sem visão, até cair acidentalmente em um rio próximo, com estrondo, e sumindo em meio de violentas contorções e rabanadas.

João-de-barro, lá de cima, gritava triunfante:

*Dona cobra sucuri,  
tenta, tenta, não me pega  
De tanto tentar o intento  
A coitada ficou cega.*

#### 4. João-de-barro branco

Havia no interior de São Paulo, lá pelos cantos de Olímpia, um sítio onde apareceu um João-de-barro imaculadamente branco.

Um filho do sitiante, menino atilado de seus 10 anos, caçando passarinho no fundo do pomar, onde passava um farto rego de água, avistou aquela "pombinha" branca amassando barro, indo e vindo, de um angico velho ao rego e, de volta, numa movimentação constante.

Chamou sua atenção quando observou o ninho que a dita pombinha preparava com tanto aprumo na frondosa árvore. Era

uma casa de João-de-barro. E o "forninho" arredondado, pouco menor do que uma bola de futebol, já estava quase concluído.

Acostumado com os passarinhos congêneres, de cor terroso-amarelenta, o menino chamou o pai. Este constatou maravilhado a diferença visível daquele para com os outros de sua espécie. O pai chamou toda a família para ver a maravilha.

A notícia se espalhou mais depressa que queimada em respaldo de morro. Dentro de pouco tempo toda a redondeza sabia que no sítio Amora, do Mané Carvalho, morava um João-de-barro mais branco que alma de donzela intocada.

- Vai ver que esse bichinho é santo - alguém vaticinou.

E foi a conta. Como a cor branca lembra a alvura do Espírito Santo, representado na Santíssima Trindade por uma pomba, a alma supersticiosa daquela gente simplória, porém criteriosa em suas crendices, fez o resto.

Conotando essa semelhança, concluíram outros que se esse João-de-barro viera ao mundo branco é porque tinha alguma coisa com relação à pombinha também branca da cristandade.

Não foi pequena, entretanto, a decepção quando notaram ser a fêmea de coloração corriqueira dos outros Joãoes-de-barro.

Mas, quando a sabença popular imiscui-se em traduzir um desejo humano, sempre sai-se a contento.

Alguém lembrou que era o Espírito Santo simbolizado, próprio da miscigenação que nosso povo carrega sem preconceitos.

O casamento de um branco com outra ave de cor era a mostra que nos dá gente, nesse aspecto, é fraterna.

Foi o ponto final para o dilema.

Começaram a convergir romarias ao local. O padre da paróquia mais próxima achou prudente intervir. Não adiantou.

Quanto mais a notícia andava, mais gente aparecia, pessoas ansiosas para ver, presenciar o milagre do passarinho "santo", do João-de-barro imaculado. Grandes acampamentos de devotos se espalhavam pela pastaria fronteira, emporcalhando todo o campo com dejetos, restos de latas, garrafas, papéis e plásticos de toda espécie.

O Mané Carvalho, de saco cheio com tanta visita a qualquer hora do dia e da noite, chegou a pensar seriamente na venda da propriedade.

Convocado pela imprensa, um grupo de ornitólogos competentes viajou para o local, constatando ser um

simples caso de albinismo congênito o fator do embranquecimento da ave.

Os romeiros reunidos, ao tomar conhecimento de tal afirmativa, tocaram os cientistas do local, a cacetadas, havendo necessidade da intervenção enérgica da autoridade policial.

Não se admitia outra hipótese senão a do milagre.

Uma madrugada, nem bem o sol ensaiara a saída, muitos curiosos e crentes, como faziam todo dia, postaram-se ao redor da árvore para apreciar a saída matinal da ave, do seu ninho.

Naquele dia, todos esperaram, esperaram, mas nada do João-de-barro branco sair para abençoar a vida.

Pela tarde, um gaiato mais observador subiu em uma escada e espiou pela abertura de entrada. Deu uma exclamação de espanto. Estava lacrada.

Alguns choraram, outros gritaram, mais outros muitos praguejaram. Todos lamentavam em altos brados, aos uivos e lamúrias pungentes, e caíram em choro convulso pelo desaparecimento do animalzinho tido como santo.

A noite chegou, nasceu nova aurora, o solto voltou a trazer luz e calor novamente.

Por muitos dias, aqueles fiéis, devotados, viveram isolados em sua angústia e esperança.

Acreditavam que, tempo mais, tempo menos, o João-de-barro resplandecente de luz eclodiria, rompendo triunfante a casca daquela pelota oca de barro.

Para que isso acontecesse, recomendou-se muita oração, rezas e mais rezas.

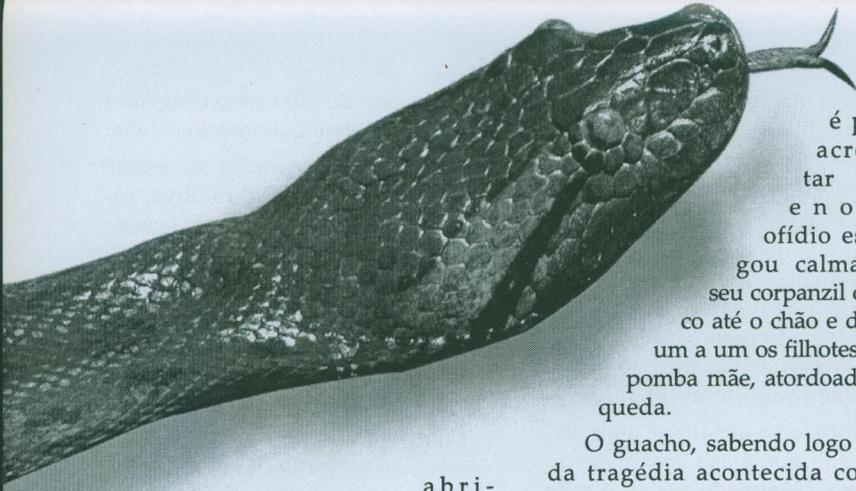
Era um espetáculo edificante ver aquela multidão ajoelhada, contrita, puxando terço após terço numa melopéia monótona e rouca. Nada adiantou. O João-de-barro desapareceu de vez. Nunca mais foi visto nem ouvido por quem quer que fosse.

\*\*\*

Mas, nas manifestações de fé, a esperança é o último sentimento que desvanece. A esperança é imortal, impossível de ser eliminada, enquanto houver crença.

Por esse meio e fim, ocorreu a idéia de cortar com cuidado o galho onde repousava o ninho abençoado.

Cortaram. Depois, movidos pela mesma devoção veemente, construíram uma capelinha tosca, mas de estrutura sólida, tal qual o ninho que



Não é preciso acrescentar que o enorme ofídio escorregou calmamente seu corpanzil cilíndrico até o chão e devorou um a um os filhotes mais a pomba mãe, atordoados pela queda.

O guacho, sabendo logo depois da tragédia acontecida com sua amiga pomba, tomou providências urgentes e cabíveis. Reforçou seu eriçado saco de gravetos e paus, dependurado solidamente ao balanço dos ventos, num galhão de uma sucupira frondosa.

No dia seguinte sentindo a barrega roncar novamente de fome, a insidiosa serpente partiu para novo ataque aos seus visados alvos.

No pé da sucupira robusta, sopesou no cálculo o trabalho que teria de enfrentar sacudindo aquele emaranhado de gravetos entrelaçados: um verdadeiro saco espinhento, bem fixo. Por fim subiu. Coleou até o ponto de amarração do conjunto e começou a arrebentar fio por fio, vagarosa, mas inexorável, o engaste que sustinha a armação do ninho à árvore.

Lá dentro, o guacho presunçoso cacarejava suas canções despreocupado. Minutos depois, tudo desabava inapelavelmente.

Quando o guacho deu fé, estava com sua casa, filhos e companhia esborrachados, atordoados pelo tombo e à mercê do monstro. A cobra já estava em cima deles. Não sobrou ninguém para contar a história.

E assim, dia a dia, cada vez vitimando uma espécie de pássaro da floresta. Daí para diante, a cobra se viu gozando as delícias da fartura, prelibando já o prazer que sentira quando derrubaria a casa do João-de-Barro.

No dia seguinte, estava no pé da enorme paineira que servia de escoto à vivenda daquela ave esperta.

Começou a escalar o tronco cheio de pontões afiados, espinhos fortes e grossos.

Foi uma experiência dolorosa. Quanto mais tentava, mais arranhada ficava. Então começou a entender o porquê da preferência do João-de-Barro por aquela espécie de árvore.

Continuou tentando. Esfrega cá, avança lá, foi indo, foi indo, embora com vários cortes e com as escamas escalavradas chegou à porta daquele fornilho esmeradamente construído.

Perscrutou pelos tantos cantos daquela edificação redonda, se é que o que é redondo tem canto. Mas a avezinha prudente e ladina havia feito preparativos bem urdidados na expectativa do ataque.

Fechara sua porta de entrada, na véspera, deixando para respirar apenas um buraquinho insignificante. O barro endurecido formava uma muralha intransponível, segura.

A cobra furiosa arremeteu o comprido corpanzil cilíndrico como um possante ariete contra a entrada obstruída.

A cabeça batendo fez tum. A casinha firme agüentou, como se nada tivesse acontecido. Tentou novamente. Nada. Insistiu, o resultado, o mesmo. A cobra, impaciente, desesperou-se. Silvava agudo, como deve fazer uma cobra em momentos de apuro e raiva.

E foi assim dando marradas e mais marradas, qual um touro enfurecido, e o resultado sempre nulo. Cansada, parou por um momento e ouviu vindo lá de dentro o trinado repetido do João-de-Barro como uma gargalhada seca, porém melodiosa, em um tom de zombaria insuportável.

Olhou atentamente. Notou bem no meio, onde antes houvera a porta, um orifício minúsculo, bem no centro. De lá vinha o canto de desafio. Não resistindo à curiosidade, colocou um olho, tentando lobrigar na escuridão interior alguma coisa.

O João-de-Barro, mais que depressa, meteu-lhe o acerado bico no olho enorme que espiava, furando-o. A cobra caiu da árvore, tamanha a dor do ferimento. E ficou lá embaixo, no chão, contorcendo-se, enrolada nos próprios anéis.

Caolha, enfurecida, tentou novamente outra investida à pequena fortaleza encravada no galho forte. Subiu. Foi o mesmo sacrifício. Roçou novamente na espinharada do tronco, resvalou a pele escamada pelos galhos eriçados de acúleos e sofreu muito.

Mas sua fome, ferocidade e ódio eram maiores que o bom senso. Aliás, se cobra tivesse bom senso, não andaria arrastando-se pelos caminhos da vida. Adaptava rodinhas e rodava tranqüila, o que seria muito mais confortável.

João-de-Barro continuava associando a melodia, gargalhando desafios. Pouco inteligente como todo ofídio, a serpente usou o outro olho intacto e novamente tentou olhar o interior do ninho, através do mesmo furo disponível.

abri-gava. Numa procissão solene, com muitos cânticos fervorosos e preces sentidas, levaram em andor, carregada por ombros de fiéis, coberta de toalha de linho com longas franjas brancas, a nova relíquia para o lugar definitivo de seu repouso.

Agora não era mais o louvor à criatura santa a caminho da sagração, e sim a instituição do sagração, partindo do ser louvado.

Esperou-se. O tempo incumbiu-se do resto. Substantial seita surgiu para levar pelo mundo afora uma crença, um culto, uma religião regida em torno de algo por ser inusitado que se transformou em milagroso; por ser milagroso metamorfoseou-se em sagrado. E por ser sagrado ganhou foros permanentes de louvação.

## 5. A origem da cobra-cega

A cobra-cega, que hoje conhecemos como cobra-de-duas-cabeças, era, nos tempos remotos, enorme, um verdadeiro colosso. Era o mesmo minhocão que abria enormes trilhas na floresta, na derrubada feroz de frondosas árvores que barravam seu caminho.

Criava cascatas nos rios, por onde se ajeitava para dormir nos tortuosos socavões profundos dos leitos lodosos dos rios maiores até a chegada da noite, quando fazia suas incursões em busca de alimentos.

Um dia, resolveu comer alguns passarinhos. E aproveitando o ensejo pensou: devoraria as ninhadas também. Escolheu a pomba, o guacho e o João-de-Barro.

Tudo correu fácil a princípio. Chegou ao pé da árvore onde a pomba fazia seu ninho, mal firmado numa forquilha de galho flexível, e começou a chocalhá-lo. Não demorou muito, o ninho e seus ocupantes estatelaram lá embaixo num tombo de fazer dó.

Foi a conta. O passarinho não titubeou. Enfiou o bico no olho curioso, sem dó nem acanhamento.

O réptil deu um bufo assustador, caindo novamente da árvore. Dessa vez, não tentou nenhuma investida, nem podia. Estava cega. Irremediavelmente cega.

A brutalidade de seus instintos fizera com que chegasse a tanto.

Daí para a frente, o minhocão cego procurava comida com dificuldade, por isso foi definhando, emagrecendo, diminuindo, até chegar ao que é hoje: uma insignificante cobrinha de palmo e meio.

Hoje, o João-de-barro continua firme, com sua morada sólida, enfrentando os inimigos de todas as espécies, intempéries e predadores, sempre vencendo-os pela astúcia, trabalho e perseverança.

O outrora minhocão, terror de rios e matas, hoje vagueia insignificante, despercebido por entre as pernas dos animais que em outros tempos tanto o temiam.

Essa sempre foi a sina de todo poder irracional ganancioso: a transitoriedade necessária, a duração efêmera, que acaba sempre vencida pela sabedoria e justiça eterna, norteadora da natureza.

## 6. João-de-barro coveiro

Um dia João-de-barro resolveu montar uma agência funerária. Bom construtor que era não só cuidaria de todas as exéquias como também se incumbiria do preparo de túmulo.

Saber, sabia construir, portanto não se embasbacaria no novo mis-

ter, pensou. Estabeleceu-se num canto do campo e ficou esperando cliente. Morreu um boi na fazenda. A vaca e os bezerrinhos desolados, aturridos com a perda, vieram fazer contrato da encomenda apropriada.

João-de-barro mandou chamar o cochicho, compadre cochicho, hábil carpinteiro, que trataria da parte do ataúde.

O outro pássaro labutou, labutou e apresentou sua obra. Um caixão que mais parecia um montão de gravetos. Um monumental paliteiro.

João-de-barro não disse nada, mas ficou meio desolado com o funcionário.

No enterro foi uma calamidade carregar aquele ouriço de madeira. Foi tarefa para deliciar qualquer masoquista.

Todo mundo saiu meio espantado. O rebanho inteiro: bois, vacas, novilhos, marrucos e bezerras revizavam-se no transporte do extinto. Enquanto isso João-de-barro caprichou no mausoléu. Fez um fornão de tantos metros de altura por outros de largura.

Os familiares colocaram o boi lá dentro e, como é costume, foram saindo de mansinho e antes que fechassem o forno, para melhor dizer, o túmulo, não tinha mais ninguém por perto.

Lá dentro, o boi encaixotado no sarcófago de palitos iniciou sua jornada para a eternidade.

A raposa, o lobo e alguns mãos-peladas passaram por ali pouco depois.

– Olhe ali, um forno prontinho para ser aceso – gritou a raposa.

– Hiii, já tem a lenha pronta e a carne colocadas – retrucou o lobo.

– Só falta assar e comer – responderam os mãos-peladas.

Assim o fizeram. E o defunto boi acabou virando churrasco. Desse dia em diante nunca mais o João-de-barro topou ser coveiro. Também pudera. Com uma desmoralização dessa, qualquer profissional cai fora do seu ramo.

João-de-barro “caiu do galho”.

## 7. O canto do João-de-barro

Houve tempo em que o João-de-barro era ave canora e seus gorjeios encantavam a todos. Seu canto era o mais terno, o mais belo, o mais suave e o mais repousante de todas as aves. Quem escutava aquela maravilha de sons combinados, perfeitos, era inexoravelmente levado ao êxtase.

Um dia, São João, seu padrinho e “xará”, embevecido com a sublimidade de suas modulações sonoras, resolveu pedir a Jesus, por ele, uma graça: que aquele canto celestial do João-de-barro, dali em diante, só fosse permitido ouvir aos bons e aos justos.

– Assim será feito – sentenciou Jesus. E acrescentou: – Os maus, os ociosos, os maledicentes terão ouvidos apenas para entender, receber uma gritaria desajeitada, um monte de sons repicados, desagradáveis – completou Nosso Senhor.

E assim foi feito. Desde então só os bons e justos continuam ouvindo aquela melodia digna dos ouvidos dos anjos e dos santos.



Assim foi pedido, assim concedido e desse modo continuou. Até hoje só os corações brandos e sem mácula, só os homens sem nódoa na alma têm ouvidos para escutar e entender o verdadeiro canto do João-de-barro. Os outros apenas percebem os seus duetos cacarejados com a fêmea, numa gritaria repetitiva e enfadonha. Dizem também que depois desse primeiro pedido São João, entusiasmado, fez outro, que Jesus também concedeu: que a todos que conseguissem escutar o verdadeiro canto do João-de-barro ficasse garantida a entrada ao reino dos céus.

Então sobra o que para quem não ouvir?

## 8. O João-de-barro e a soberba

Uma das lendas mais lindas sobre o João-de-barro que colhemos em nossa região é aquela sobre sua vaidade.

Foi a época em que os bichos falavam, conviviam entre si na mais perfeita harmonia. O João-de-barro não era de cor terrosa, de tonalidade desmaiada e sem brilho. Era um verdadeiro arco-íris, tamanha a profusão das cores de suas penas.

Quando voava chamava a atenção de todos os outros pássaros e dizia-se que mesmo o pavão se sentia inferiorizado ante a variedade de tons das penas do João-de-barro.

Aliás, até no nome ele tinha referências: era o João-arco-íris, o João-mil-cores, o João-colorido.

O tempo foi passando, o João que fazia, naquele tempo, a sua casa com pedacinhos de cristal, or-

nada de torres, abóbadas e muitos aposentos, sentia-se orgulhoso de si e de sua obra.

Sua mansão brilhava ao sol, pela ação do reflexo dos cristais multifacetados. Era um espetáculo e tanto de ver e se encantar. Quando cantava João-de-barro fazia prodígios na escala musical, desde o mais perfeito agudo ao mais grave som que sua garganta prodigiosa conseguia.

E todos ficavam maravilhados. Então, porém, certo ano, veio um inverno rigoroso. Rigorosíssimo. Todos os animais se esconderam em suas tocas, tiritando de frio. Os pássaros se aninhavam em seus ninhos, procurando agasalhar seus filhotes, quase congelados.

A natureza parecia conspirar contra toda a espécie de vida naquele inverno. Num galho bem acima do que estava a mansão do João-de-barro, na mesma árvore, havia um ninho de um bem-te-vi.

Esse pássaro, na época, era mudo, não cantava nenhuma nota. Com a ventania, numa lufada de vento, um dos filhotinhos caiu do ninho. Enquanto o bem-te-vi, desesperado, buscava alimento para a família, voando pela mata, o filhote caiu bem em frente à porta do João-de-barro. Este, vaidoso de sua posição e riqueza, enxotou para fora o pequeno, que caiu lá embaixo no chão e morreu congelado.

Quando o bem-te-vi voltou ao ninho, viu lá de cima seu filhote no chão congelado.

Então chorou lágrimas quentes de revolta, de dor e de angústia. São João, no céu, apiedou-se do passarinho e se envergonhou da soberbia

de seu afilhado, o João-de-barro. Pediu a Jesus uma graça. Fez as lágrimas do bem-te-vi tão quentes quanto as fogueiras em sua homenagem no mês de junho. As lágrimas do pássaro mais a misericórdia de Jesus operaram o prodígio. O filhotinho do bem-te-vi reviveu.

O João-de-barro arrependido e o bem-te-vi levaram-no no bico até o ninho. Mas, como castigo, São João impôs para o João-de-barro que sua cor ficasse sem beleza, da cor da terra. E que sua casa fosse feita com o barro, de onde originou a vida de todas as espécies.

Sua voz esganiçada, sem melodia, continuaria assim até o dia em que ele resgatasse esse seu grande pecado de soberba e orgulho.

Enquanto isso, o bem-te-vi, nomeado por Deus, vigia os passos do mestre João, ao mínimo deslize, gritando sempre: bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi!

Se isso é verdade, não sei. Mas que é uma história maravilhosa, isso sem dúvida alguma é, e como me contaram passei adiante.

## O João-de-barro e sua relação com os personagens bíblicos

*A graça da Sagrada Família*

Por que o João-de-barro não trabalha aos domingos?

Porque quando escondeu a Família Sagrada na fuga aos soldados de Herodes recebeu a bênção do Menino Deus e o dom de fazer de sua morada a melhor entre os passarinhos. Da Virgem Maria, a graça de ser amado por todos na natureza, inclusive protegido pelo homem, e de São José, a paciência e a perseverança de ser trabalhador e simples.

E como João-de-barro, tão pequeno, tão frágil, conseguiu enganar os homens de Herodes?

É um mistério que quem descobrir vai ganhar uma graça enorme da Família Sagrada. É assim que diz a tradição.

Variante – A fuga da Sagrada Família (norte de São Paulo)

O João-de-barro não construía ainda sua casa como faz hoje. Ergia o seu ninho muito mal-feito. Pois bem: a Família Sagrada chegou desesperada; a soldadesca já vinha perto, Nossa Senhora chorando, São José desnordeado. O Menino Jesus, entretanto, estava tranqüilo, olhan-



do tudo aquilo com seus olhos santos, dominando toda a cena.

João-de-barro, de seu poleiro, num galho de árvore, comoveu-se. Chamou a família. Teve idéia. Mandou o casal, Nossa Senhora com o menino no colo, deitar atrás de uma moita, e começaram os passarinhos a trabalhar, com urgência e diligência. Quando os soldados chegaram, o trabalho estava feito. Onde existira uma moita de capim, havia agora um enorme murundu de barro seco.

Os passarinhos, pegando barro pelos bicos num rego de água próximo, tinham levantado uma carapaça enorme de proteção aos fugitivos, cobrindo seus corpos, imitando um cupinzeiro gigante.

Os soldados passaram e não deram pela coisa. Os passarinhos, cuidadosos, haviam deixado no topo do monturo um buraquinho para que os refugiados pudessem respirar. Um besouro voava, voava e teimava em tentar entrar por aquela cavidade do respiradouro. O Menino Jesus se assustou, começando a chorar. Um soldado ouviu. João-de-barro mais que depressa acudiu. Sentou-se no topo do murundu recém-construído e começou a cantar seu desafio aflautado.

A fêmea veio ajudá-lo, os outros da sua espécie também. Por isso os guardas distraíram-se e seguiram o caminho sem desconfiar do esconderijo dos fugitivos.

Como recompensa a Família Sagrada agradecida lhe concedeu o dom de ser o construtor do melhor e mais forte ninho entre todos os passarinhos. O Menino Deus abençoou-o com o olhar puro e completo de ternura. Nossa Senhora deu-lhe a graça de ser a ave benquista pelo homem. E São José concedeu-lhe a dádiva da simplicidade e o amor ao trabalho.

E o besouro, por sua bisbilhotice que quase pôs a perder a liberdade da Sagrada Família, recebeu o castigo da triste sina, de dali em diante fuçar os montes de esterco, os excrementos dos animais.

Variante – A fuga da Sagrada Família (norte de Minas e Goiás)

Depois de uma jornada cansativa, a Sagrada Família adormeceu ao pé de uma árvore. Há dias fugia dos soldados de Herodes.

Teriam sido apanhados não fossem os gritos de alerta do João-de-barro cujo ninho se situava na árvore que lhes dava abrigo.

Acordaram e às pressas correram para a mata. Os soldados passaram. O João-de-barro começou a gritar noutra árvore mais adiante,

voou para outra mais além; depois pulou para outra ainda mais longe e sempre protestando em sua linguagem estridente.

Os homens de Herodes, desconfiados pelo alarido do pássaro, seguiram-no. E era isso que ele queria, pois, assim fazendo, mais e mais os afastariam da Sagrada Família, muito bem escondida na capoeira.

Variante – A fuga da Sagrada Família (São Paulo)

João-de-barro, o cachorro e o gato

Em determinado momento da fuga, a Família Sagrada sentiu sede. Água por perto não havia. Pediram para o gato. Este, traiçoeiro e egoísta, urinou na orelha e ofereceu-a aos três.

Pediram para o cachorro. Este correu, correu, encontrou um riacho, lavou bem uma orelha, encheu de água e veio devagarinho, devagarinho, de cara torta, para a água não entornar, entregá-la aos santos sedentos.

Infelizmente, a água era tão pouca que mal dava para mantê-los vivos.

Pediram ao João-de-barro. Este confeccionou uma cuia de argila bem-feita e depositou-a aos pés de São José. Instantaneamente o barro secou por milagre e o vasilhame ficou pronto.

João-de-barro então disse:

– Santo Pai, de um Deus Filho, de uma Santa Mãe, buscar água não posso de uma vez, mas dê-me tempo.

São José respondeu-lhe:

– Para a força da boa vontade, o tempo não existe, anula-se.

Então o passarinho, a tarde inteira, foi e voltou ao riacho, lá molhando suas asas e o bico, trazendo-os encharcados e chacoalhando-os na cuia.

À noite, a cuia estava cheia. Os santos, sedentos, beberam a fartar.

Desde esse dia o gato é maldito, o cão é bendito e o João-de-barro representante do poder da fé e da persistência entre toda a cristandade.

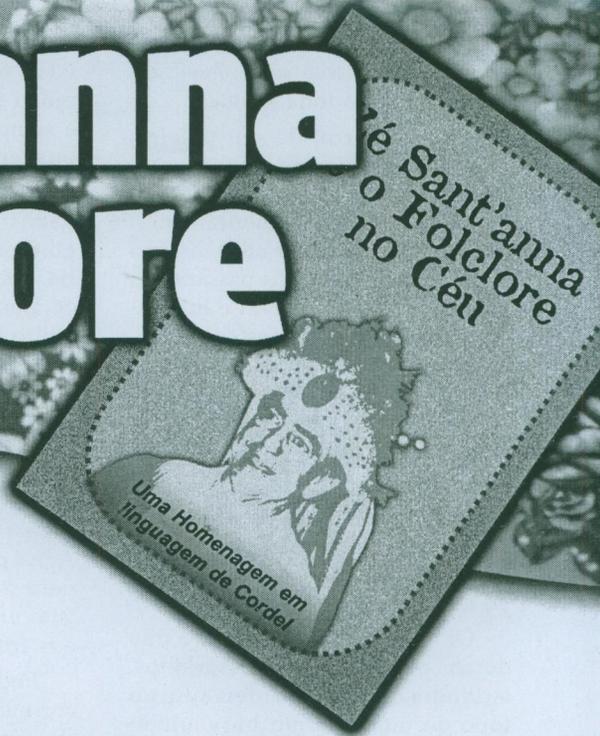
\*\*\*

Fontes: Antônio Manso Bernardes, Francisco Mariano de Carvalho, Hidorvana Martins, João Francisco de Carvalho, Francisco Antonio Machione, Antonieta Bernardes, José Luiz Silva, João Tobias, Américo Viriato, Agenor Silva, José Alves Taveira, Laudemira de Lima Franco e Vladimir Edson Cavalini.



# Zé Sant'anna e o Folclore no Céu

Edward Marques da Silva (Vadão)  
Departamento de Folclore – Olímpia (SP)



**P**ra começar meu repente  
Vou fazendo a louvação  
Louvo o pai e louvo a mãe  
Clarismundo vosso irmão  
Louvo o povo de Olímpia  
A quem peço permissão  
Pra homenagear Sant'anna  
Com respeito e inspiração

No dia em que Zé Santana  
Chegou no reino do céu  
Foi um acontecimento  
Reporto neste cordel  
Com devoção empunhava  
A bandeira do Divino  
São Pedro abriu a porta e lhe perguntou sorrindo:  
– Me diga qual é o seu nome  
e o lugar de onde vem vindo

– Eu venho lá de Olímpia  
Cidade formosa e bela  
Tem fuxico, tem bordado  
O famoso trançado estrela  
Os sabores de Lalá  
As flores de dona Estela  
Criei-me na cidade  
Mas nasci no meio do mato  
Formei-me professor, mas sou matuto nato  
Com o povo aprendi  
Que o pau que nasce torto sempre vira artesanato

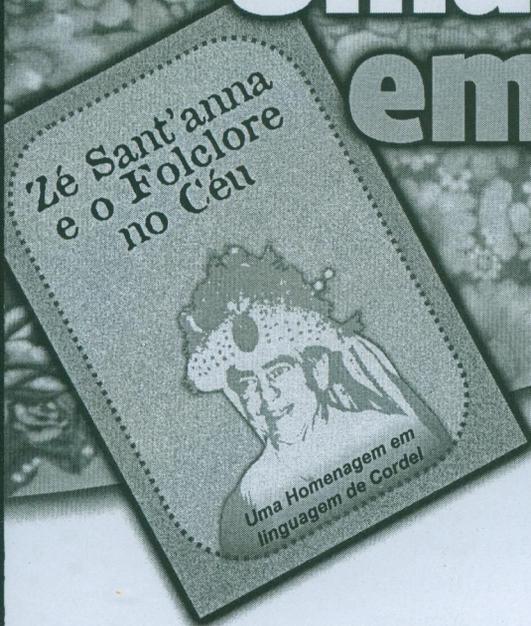
Para melhor ilustrar  
Essa grande epopéia  
Vou recorrer à idéia dos poetas do sertão  
Invoco cego Aderaldo  
Inácio da Catingueira  
Vou tecendo o meu rimado  
De martelo agalopado  
A oito pés de quadrão

Relampejando se fez  
Um clarão tão reluzente  
Boitatá, cobra encantada  
Com seu fogo incandescente  
Mãe do Ouro que acendeu  
A maior das maravilhas  
Tanto encanto assim no céu disse que jamais se vira  
Zé Sant'anna num repente  
Desferiu a sua lira  
De seu peito então brotou  
Uma toada caipira

E daí São Benedito  
Mandou varrer o terreiro  
Zé Sant'anna adentrou  
Trazendo seus congadeiros  
Chapéu de fitas voando  
Com as palhas do coqueiro

O batuque acordou  
São Gonçalo do Amarante  
Que não se fez de rogado  
Sacudiu no mesmo instante  
Pôs o chapéu na cachola  
E tirou de sua viola  
Um ponteio retumbante

# Uma Homenagem em forma de Cordel



Entre as nuvens ecoou  
Um tum-tum-tum e xique-xique  
Do repique da pisada  
Do Terno de Moçambique  
De saião e de sainha  
De fulô e de coroa  
Nhá Senhora do Rosário  
Nos proteja e abençoa

O cortejo seguia em harmonia  
Fandango, folguedo e cantoria  
Coloria o céu a romaria  
Derramando o esplendor da estrela da guia

O Saci-pererê era um querubim  
Curupira um alegre serafim  
Um moleque levado cor-da-noite  
Pastoreava nas nuvens do sem-fim

Ao longe no vale se via  
Sob a sombra frondosa da palmeira  
Mestre Bimba jogando capoeira  
Um arcanjo tocando berimbau  
Um vaqueiro aboiando no infinito  
Com seu boi Caprichoso e Garantido  
Conduzindo a boiada sideral

A ciranda celeste prosseguia os Reis Magos,  
José e a Virgem Maria  
Que dia mais lindo!  
São Pedro dizia

O onipotente para um anjo argüiu!  
– Quão alegre é povo do Brasil!

Se a noite virasse meio-dia  
Se o dia virasse escuridão  
Se o mar se transformasse num sertão  
De repente o sertão virasse mar  
Sai moleque, arreda do caminho!  
Tu não vê que a Bernuscia quer passar?

Vou mudando de toada  
Pro leitor não se cansar  
Vou saindo de sextilha  
Num galope à beira-mar  
Zé Sant'anna vem pra roda  
Dança do coco dançar

Catirina e Maricota  
Fazendo estripulice  
Soltaram o Cordão de Bichos  
Mamulengo do Recife  
Chimarita, caboclinha  
Ciganinhas do Egito  
Tamboril, Tatu, Tirana  
Maracatu e maxixe

Seu Mané carrega a vela  
Bota azeite no mangá  
Você diz que dá na bola  
Mas no couro ocê não dá  
E um verso de Aderaldo  
Emprestado vou tomar:  
"Quem a paca cara compra paga cara pagará"

Em meio àquela euforia  
Houve um fato que aqui ninguém comenta  
Um arcanjo assanhado e distraído  
Confundiui aguardente com água benta  
Pra tirar o gosto da marvada

Comeu acarajé com pimenta  
Confirmou-se então naquele dia  
O milagre da transformação  
Foram à Lua buscar São Jorge  
Pra domar a fúria do dragão

E rimando agora eu peço  
A Senhora Aparecida  
Que proteja nossa festa  
Tão formosa, tão querida  
Festa de gente bonita  
Hospitaleira e bacana  
Rendo aqui minha homenagem  
Ao Professor Zé Sant'anna

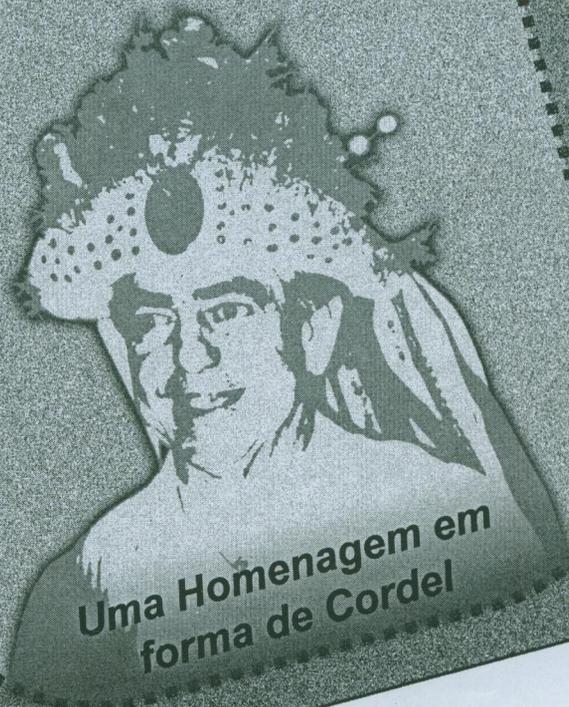
Homem de sabedoria  
E cultura e exemplar  
Profundo conhecedor  
Do costume popular  
Enternecido eu peço  
Paz e amor nesta semana

E uma salva de palmas  
Para o professor Sant'anna

Há quarenta anos atrás  
Foi plantada a sementinha  
Era uma festa pequena  
Mas com charme de rainha  
Com muita desenvoltura  
E talento original  
Logo então foi aclamada  
Do folclore a capital

Desde aquele tempo, moço  
Mês de agosto é uma beleza  
A cidade de Olímpia  
Vira um palco de surpresa  
Gente de toda a nação  
Vem mostrar sua tradição  
Neste evento de grandeza

# Zé Sant'anna e o Folclore no Céu

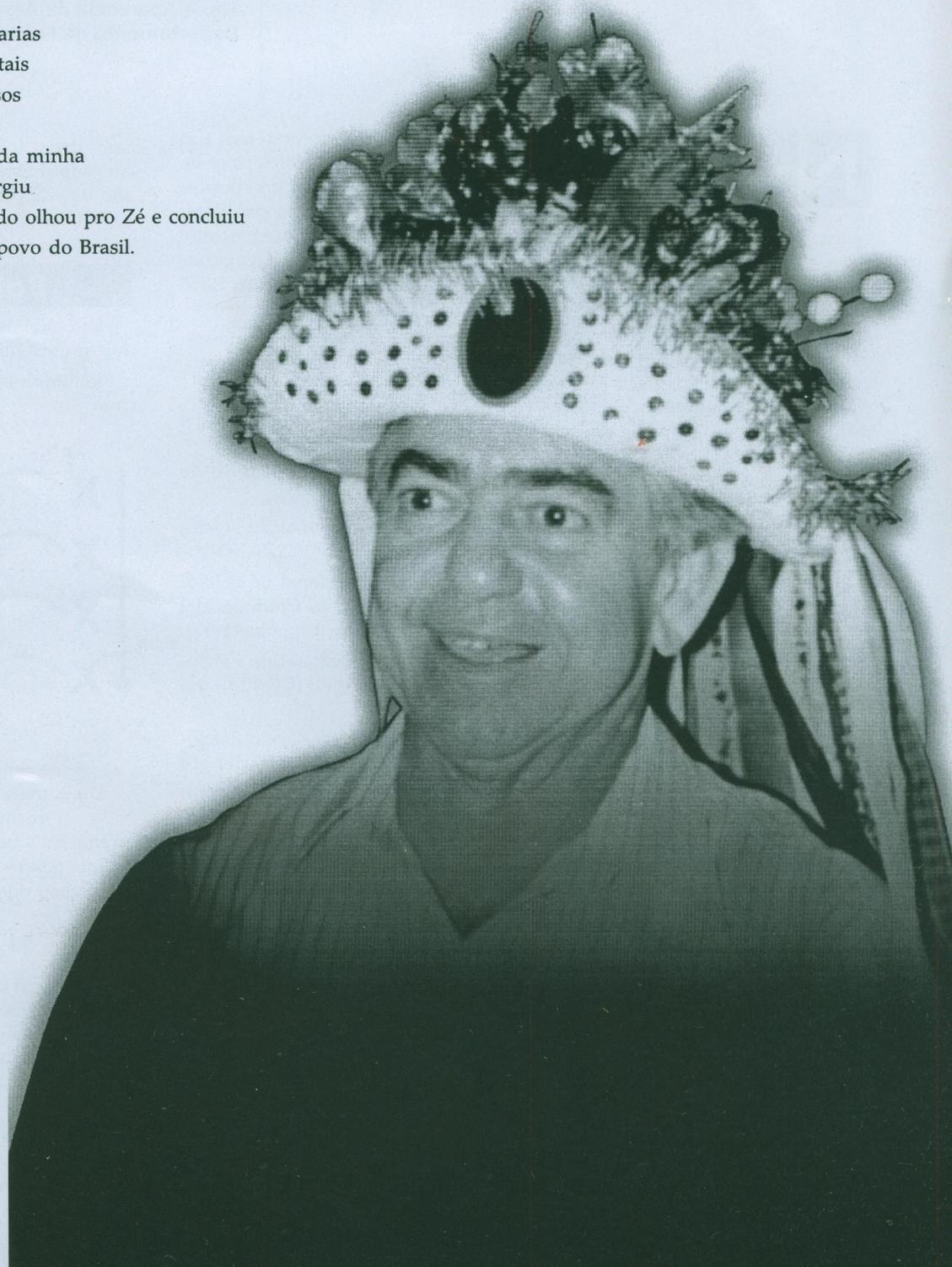


Uma Homenagem em  
forma de Cordel

Na estrada celestina  
Levantou-se um poeirão  
Eram as patas dos cavalos  
Dos cabras de lampião  
Vinham cantando e dançando  
O xaxado nordestino  
De longe inté parecia  
Uma arte de Vitalino

Na linha do horinzonte  
O vermelhão derradeiro  
Explodindo de alegria  
O Batalhão Bacamarteiro  
Negro, mulato, caboclo  
Branco, mestiço, cafuzo  
Voando na asa de vento  
Girando qual parafuso

Da janela as Três Marias  
Iluminavam os quintais  
A renda dos Parafusos  
Dos canaviais  
Vamo embora, prenda minha  
Que a lua no céu surgiu.  
O criador maravilhado olhou pro Zé e concluiu  
- Como é belo esse povo do Brasil.



# GODAP, Balaia, Balainha

Maria Aparecida de Araújo Manzolli  
Departamento de Folclore – Olímpia (SP)

**N**os primórdios da década de 60, foi iniciado um trabalho de pesquisa, de abrangência nacional, coordenado por mim para coletar músicas, danças, trajes e instrumentos musicais brasileiros. A iniciativa tinha por objetivo o ensino do folclore como meio de formação educacional. Em virtude de o Festival do Folclore ser realizado em nossa cidade (Olímpia-SP), decidiu-se criar um grupo de danças para apresentações durante o evento. Esse grupo pioneiro foi denominado Pau de Fitas e, posteriormente, Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas Cidade Menina Moça (GODAP).

Esse trabalho teve continuidade graças à dedicação e ao amor de seus participantes pela dança e pela música. Posteriormente, com a realização de cursos de folclore nas salas de aula, houve maior engajamento de jovens e adolescentes. A partir daí, o grupo iniciou as apresentações públicas em praças, ginásios de esportes e recintos de festas em todo o Estado de São Paulo e por todo o Brasil.

Desde seu nascimento, esse grupo sempre foi reconhecido, encantando pessoas de todos os níveis culturais e financeiros. Acompanhado e divulgado por jornais, rádios e TV, apresentou-se como convidado especial para presidentes da República, governadores, ministros, parlamentares e secretários de Estado.

O GODAP, que ao longo destes anos já contou com a participação

de mais de 2.500 jovens, tem um repertório de danças folclóricas de quase todo os Estados brasileiros, dando ênfase às danças paulistas. São 80 bailarinos, 15 músicos que realizam cerca de 30 apresentações anuais, totalizando mais de 1.000 durante sua existência.

Dentre as diversas participações do Menina Moça, destacam-se eventos como:

- Festival Nacional do Folclore de Olímpia – SP (39 anos);
- Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos – SP (25 anos);
- Festival Internacional de Folclore de Olímpia – SP (1998-2004);
- Festival Internacional de Folclore La Laguna y las Ciudades del Mundo, Tenerife, Espanha (1997);
- Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo (CIOFF) – RS (1998);
- Festival Internacional de Folclore da França, nas cidades de Gueugnon, Romans, Burg Saint-Maurice, Mios e Montguyon (1999);
- Festival Internacional de Folclore de Ayolas – Paraguai (1999);
- Festival Internacional de Folclore do Japão (2000);
- Festival Internacional de Folclore do México (2001);
- Festival Internacional de Folclore do Chile – Santiago (2003);

Do repertório do GODAP, destacamos neste trabalho a dança paulista Balainha.

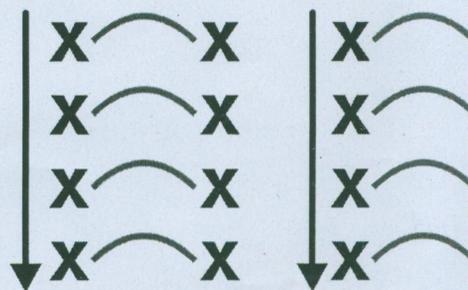
Típica de festas juninas, é apresentada somente por mulheres,

com arcos floridos. Muito comum em todo o Estado, tem como ponto alto de sua coreografia a formação da balaia.

## Balainha

Um total de 16 meninas formam dois grupos de oito.

Material: arcos floridos, um de cada cor.



Duas pessoas seguram o arco. Nessa formação, fazem o sarandeiro – na ponta dos pés, dão-se dois passos e no terceiro ergue-se do chão o pé de trás.

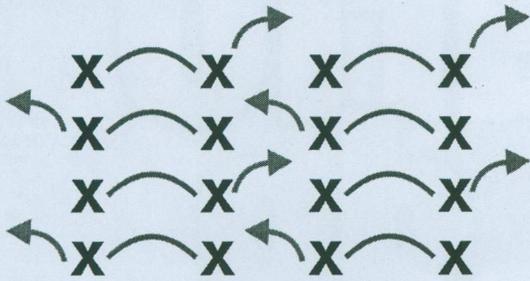
### 1ª figura

Infiltração por baixo e por cima, vai e volta. A segunda dupla sai logo atrás da primeira, a quarta sai atrás da terceira e assim sucessivamente, sem parar, até chegar cada uma a seu lugar.

O primeiro par passa por baixo do segundo, que ergue para o próximo e assim por diante, duas vezes.

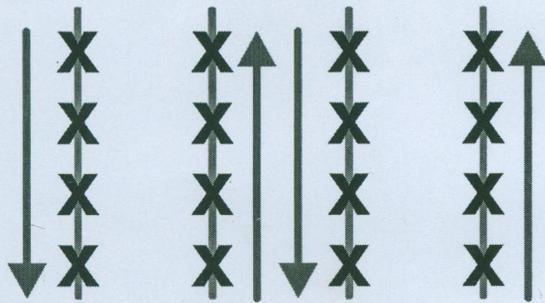
### 2ª figura

Cada par sai de um lado, começando pela direita.



### 3ª figura

Os dois primeiros pares de cada coluna fazem meia-volta enquanto os outros dois permanecem no lugar.

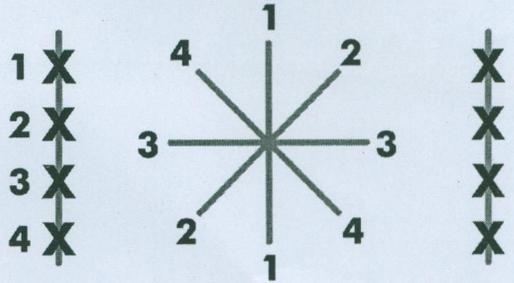


### 4ª figura

Faz-se a infiltração por baixo e por cima, igual à forma demonstrada na figura 1, até que todos voltem a seus lugares.

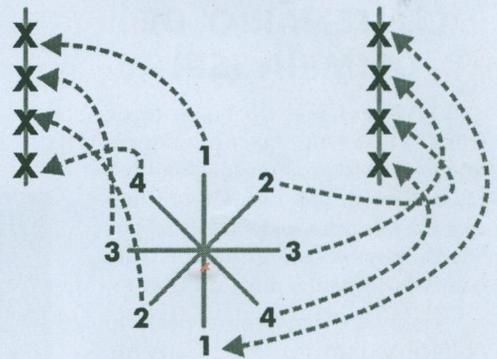
### 5ª figura

Forma-se a balainha. O par número 3 não sai do lugar; cruza depois o par número 2, o 4 e por fim o número 1. Os pares seguram a balainha, voltados para a direita e descrevem um círculo completo, até voltarem ao lugar. Dão meia-volta e, segurando o arco, fazem o mesmo movimento. (8 passos).



### 6ª figura

Para desarmar a balainha, o arco 1 se desprende dos demais, voltando ao seu primitivo lugar. Seguem seu exemplo os arcos 2, 3 e 4, nesta ordem.



Para terminar repetem-se, nesta ordem, as figuras 4, 3, 2 e 1.



# Noticiário do

## 39º FEFOL – O FESTIVAL DO CENTENÁRIO DE OLÍMPIA (SP)

O 39º Festival do Folclore de Olímpia (Fefol) iniciou-se oficialmente com o hasteamento das bandeiras do Brasil, dos Estados brasileiros, de Olímpia e do folclore por autoridades locais e membros da comissão organizadora do evento.

Após os discursos do prefeito municipal, Luiz Fernando Carneiro, do presidente da comissão, Luiz Martin Junqueira, e da coordenadora-geral do Setor de Folclore, professora Maria Aparecida de Araújo Manzolli, realizou-se a abertura do evento com um espetáculo promovido pelo corpo docente e discente da Escola Dalva Vieira Ítavo, de Olímpia, com o tema "Olímpia centenária, mas ainda menina-moça, onde o tempo faz a história e a história se faz através do tempo", uma representação coreográfica e dramatúrgica sobre personalidades e fatos históricos da cidade. No evento ressaltaram-se, entre outros temas, o padroeiro da cidade (São João Batista), Maria Olímpia, o professor José Sant'anna e este festival, que a tornou a Capital do Folclore. Seguiu-se um desfile dos grupos folclóricos e parafolclóricos presentes, que em seguida se apresentaram no palco. A noite de abertura se encerrou com um belíssimo espetáculo pirotécnico.



# 39º Festival do Folclore

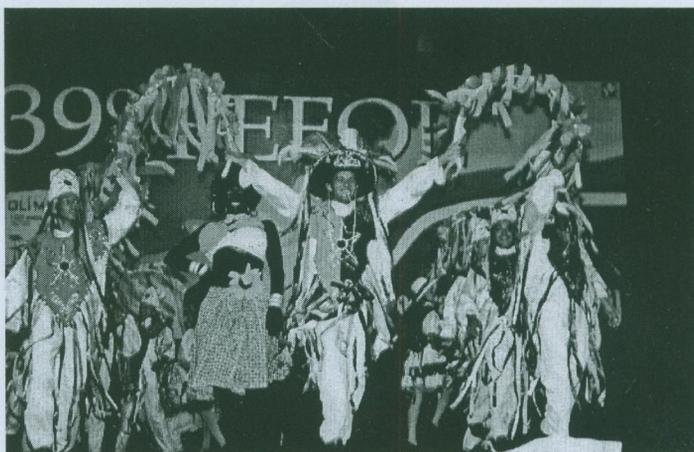
## GRUPOS PARTICIPANTES DO 39º FEFOL

No decorrer da semana, com recorde de público em todas as noites do evento, apresentaram-se na Arena Cultural Maria Aparecida de Araújo Manzolli os seguintes grupos de Olímpia: Companhia de Reis Lapinha de Belém, Grupo São Gonçalo, Companhia de Reis Magos do Oriente, Associação de Dança Raízes de Olímpia, Grupo de Danças Parafolclóricas Cidade Menina-Moça – Godap, Cia. de Reis Os Viajantes do Belém, Terno de Congada Chapéu de Fitas, de Olímpia (SP), Grupo Juruá – Balé Folclórico Juvenil de São Paulo (Abaçaí Cultura e Arte), de São Paulo (SP), Grupo Folclórico Campinense, de Campinas (SP), Grupo de Dança Gaúcha Cheiro de Mate, de Capão Bonito (SP), Projeto Metal Madeira, de Fernandópolis (SP), Grupo Folclórico e Religioso Moçambique de São Benedito, de Lorena (SP), Cia. de Reis do Extremo Norte, de Bebedouro (SP), Cia. de Reis Presépio Vivo, de Bebedouro (SP), Catira Espora de Prata, de Barretos (SP), Marinheiros de Franca, de Franca (SP), Congada Três Colinas, de Franca (SP), Reisado

Sergipano e Bumba-Meu-Boi, de Guarujá (SP), União Folclorista São Benedito do Belém, de Taubaté (SP), Caiapós, de São José do Rio Pardo (SP), Congada Terno de Sainha Irmãos Paiva, de Santô Antônio da Alegria (SP), Samba Lenço, de Mauá (SP), Fandango de Tamanco de Ribeirão Grande (SP), Cia. de Reis Magos do Oriente, de Severínia (SP), Grupo Caboclo Lins, de Guarujá (SP), Terno de Congo Chambá, de São Sebastião do Paraíso (MG), Moçambique Diamante, de São Sebastião do Paraíso (MG), Terno de Congo Caçulas de Paraíso, de São Sebastião do Paraíso (MG), Moçambique Princesa Izabel, de Uberlândia (MG), Associação do Terno do Congo Sainha, de Uberlândia (MG), Terno de Congo Camisa Verde, de Uberlândia (MG), Congada Os Marinheiros de Itaú de Minas (MG), Companhia de Santos Reis Unidos dos Marinheiros, de Itaú de Minas (MG), Caiapós, de Campestre (MG), Congada Estrela do Sul, de Nova Rezende (MG), Catira Tradição Brasileira, de Pirangi, (SP), Grupo Fandango de Tamanco O Cuitelo, de Capão Bonito (SP), Catira Feminina, de Baguaçu (SP), Grupo Caçula de Catira, de Bauru (SP), Grupo Universitário de Danças Parafolclórico Fogaça, de Maringá (PR), Grupo de

Expressões Parafolclóricas Sabor Marajoara, de Belém (PA), Aldeia Kyikatêjê Antati, de Bom Jesus do Tocantins (PA), Grupo de Projeção Kuarup, de Serra dos Carajás (PA), Sociedade Folclórica Unidos do Pantanal, de Florianópolis (SC), Grupo de Tradição e Cultura 20 de Setembro, de Xangri-lá (RS), Centro de Tradições Gaúchas Râncho Velho, de Caxias do Sul (RS), Grupo de Expressões Parafolclóricas Flor da Serra, de Chã Preta (AL), Grupo de Cultura Popular do Maranhão Boi de Palha, de São Luís (MA), Parafusos, Taieiras, Samba de Coco e Samba de Roda, de Lagarto (SE), Batalhão de Bacamarteiros, de Carmópolis (SE), Grupo Sarandi Pantaneiro, de Campo Grande (MS), Grupo Parafolclórico Elizabete Freire, de Sertânia (PE), Ticumbi do Bongado de São Benedito, de Conceição da Barra (ES), Grupo Cultural Chapéu de Palha, de Jataí (GO), Quadrilha do Arraiá de Santa Terezinha – Quast, de Brasília (DF), Cia. de Danças Ginga Bahia, de Salvador (BA), Moçambique São Benedito de Guaratinguetá, Guaratinguetá (SP), Grupo Parafolclórico de Dança Atram, de Potirendaba (SP), Grupo Artístico-Cultural e Meio Ambientalista Chalana, de Cáceres (MT).

**GRUPOS  
PARTICIPANTES  
DO 39º FEFOL**



**Abaçai Cultura e Arte – São Paulo-SP**



**Aldeia Kyikatêjê Antati – Bom Jesus do Tocantins-PA**



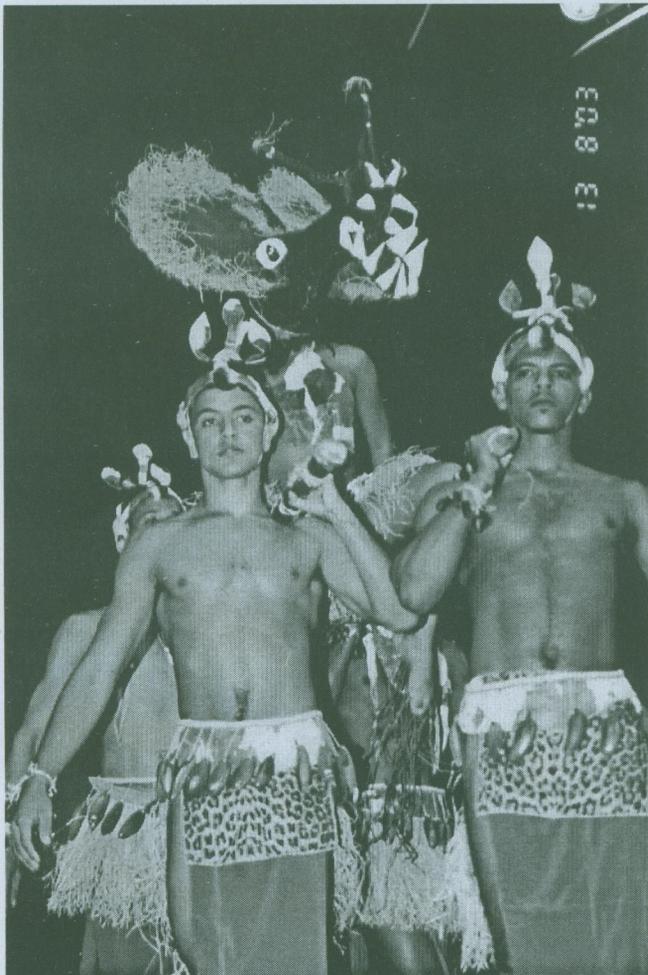
**Grupo Arreios de Prata – Juazeirinho-PB**



**Terno de Congada Irmãos Paiva – Sto Antonio da Alegria-SP**



Cavahada – São Luís do Paraitinga-SP



Grupo Jinga Bahia – Salvador-BA



Grupo Chalana – Cáceres-MT

**GRUPOS  
PARTICIPANTES  
DO 39º FEFOL**



**Ticumbi do Bongado São Benedito – Conceição da Barra-ES**



**Boi de Palha – São Luís-MA**



**Grupo Raízes de Olímpia – Olímpia-SP**



**Grupo São Gonçalo – Olímpia-SP**



Terno de Congada Chapeus de Fitas – Olímpia-SP



Grupo Flor da Serra – Clã-Preta-AL



Quast - Quadrilha do Arraiá de Santa Terezinha – Brasília-DF



Samba Lenço – Mauá-SP

**GRUPOS  
PARTICIPANTES  
DO 39º FEFOL**



**Grupo Elizabete Freire – Sertânia-PE**



**Grupo Jinga Bahia – Salvador-BA**



**Grupo Rancho Velho – Caxias do Sul-RS**



**Grupo 20 de Setembro – Xangrilá-RS**

## GRUPOS INÉDITOS NO 39º FESTIVAL



Grupo Cultural Chapéu de Palha – Jataí-GO



Grupo de Projeção Folclórica Kuarup – Serra dos Carajás-PA

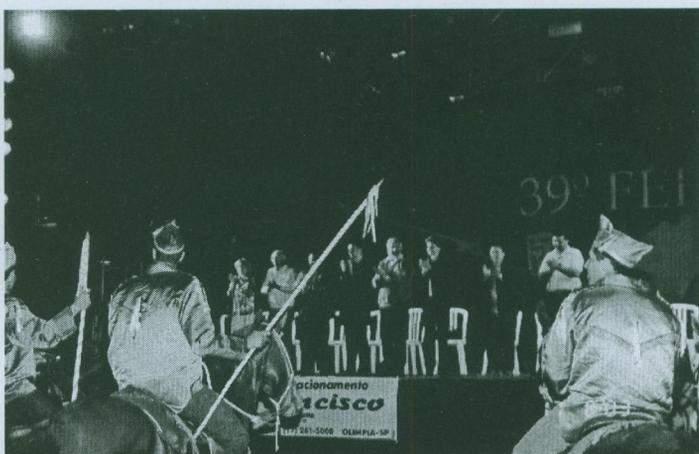


Ticumbi do Bongado de São Benedito – Conceição da Barra-ES



Jinga Bahia – Salvador-BA

**GRUPOS INÉDITOS  
NO 39º FESTIVAL**



**Cavalhada de S. Luíz de Paraitinga – S. Luíz de Paraitinga-SP**



**Aldeia Kyikatêjê Antati – Bom Jesus do Tocantins-PA**



**Juruá - Balé Folclórico Juvenil de São Paulo – São Paulo-SP**

## DESFILE DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS E PARAFOLCLÓRICOS

Ponto máximo do Festival do Folclore de Olímpia, o desfile partiu da Avenida do Estudante (prolongamento da Avenida Brasil), por volta das 15 horas do dia 17 de agosto de 2003, passando pelas avenidas Andrade e Silva e Menina Moça, até a Praça das Atividades Folclóricas Professor José Sant'anna, onde o desfile continuou pelas barracas, avenidas e em torno da Arena da Praça, num emocionante espetáculo que atraiu enorme público, que a deixou completamente lotada.



Caiapós – São José do Rio Preto-SP



Fandango de Tamanco Cuitelo – Capão Bonito-SP



Companhia de Reis – Olímpia-SP



Taieiras – Lagarto-SE

**DESFILÉ DOS  
GRUPOS  
FOLCLÓRICOS E  
PARAFOLCLÓRICOS**



**Boi-de-Mamão – Florianópolis-SC**



**Catira Espora de Prata – Barretos-SP**



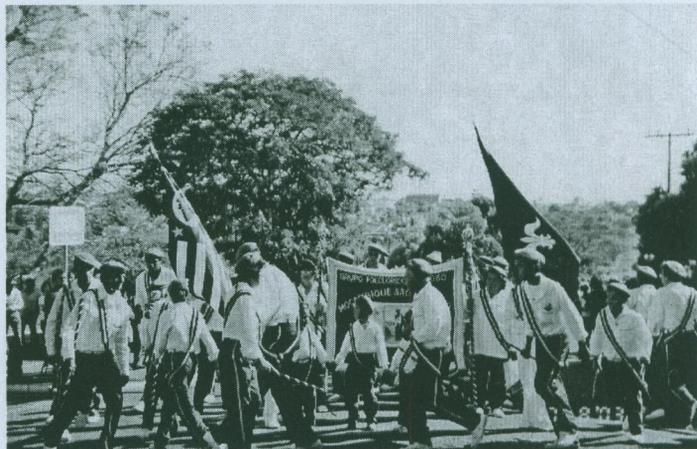
**Caboclinhos – Guarujá-SP**



**Samba Lenço – Mauá-SP**



**Terno de Congo Camisa Verde – Uberlândia-MG**



**Terno de Moçambique São Benedito – Lorena-SP**



**Grupo Folclórico Campinense – Campinas-SP**



**Bacamarteiros – Carmópolis-SE**

## OUTRAS ATIVIDADES

Durante o festival, várias atividades paralelas ou concomitantes às atrações no palco são desenvolvidas tanto na Praça das Atividades Folclóricas como em outras localidades, a exemplo dos tradicionais campeonatos de truco e de malha, da Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis e de corridos e animados certames, com vários e entusiasmados participantes.



Lançamento do Anuário do 39º Festival do Folclore



Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis



Minifestival do Folclore



Ciclo de Palestras sobre Folclore

## PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA NAS RUAS

No decorrer de nossa festa maior, nos dias úteis pela manhã, grupos folclóricos e parafolclóricos levaram para a cidade parte das festividades vividas na Praça das Atividades Folclóricas Prof. José Sant'anna, fazendo breves, porém vibrantes, apresentações nas ruas centrais, nas praças dos bairros e nos estabelecimentos bancários e comerciais que colaboraram com o evento.



Grupo Parafolclórico "Fogança" – Maringá-PR



Samba de Roda – Lagarto-SE



Sabor Marajoara – Belém-PA



Bacamarteiros – Carmópolis-SE

## PAVILHÃO CULTURAL E TURÍSTICO DO SEBRAE-SP

No Pavilhão Cultural e Turístico do Sebrae-SP, instalado na Praça das Atividades Folclóricas, com belíssima decoração, realizaram-se diversas atividades culturais. Destacam-se a Exposição de Artesanato, o Salão de Pintura e Artes, o Ciclo de Palestras Sobre Folclore, para estudantes e interessados, promovido pela Secretaria Municipal de Educação, e o Minifestival do Folclore, com a participação de grupos folclóricos e parafolclóricos, cujos integrantes fizeram preleções sobre as danças e os folguedos que apresentaram.



## MOSTRA CULTURAL DO 14º SALÃO DE ARTES

Grande sucesso no 39º Fefol foi a 14ª etapa do Salão de Pintura e Artes, realizada pela Associação Olimpiense de Cultura Zeca Sccura (Aolc) em parceria com o Departamento de Cultura do Município de Olímpia, no Pavilhão Cultural e Turístico do Sebrae-SP, instalado na Praça das Atividades Folclóricas Prof. José Sant'anna.

Milhares de visitantes apreciaram as obras expostas no Espaço Cultural Laura Haidar. Estiveram presentes o diretor do Departamento de Atividades Regionais de Cultura de São Paulo (Darc), Antonio Carlos Sartini, o diretor-superintendente do Sebrae-SP, José Luiz Ricca,

e os consultores técnicos Vânia Pelegrine Martins, Maria Auxiliadora Penha Janur, Roberto Mauro dos Santos, Ari Scapin Júnior, José Bento Dessie e Arlindo de Lima Júnior. Também compareceram ao salão os delegados regionais de cultura Adolfo Medina Bucker, da região de Ribeirão Preto, e Luiz Henrique, da região de São José do Rio Preto.

Conforme publicou o jornal olimpiense *Tablóide da Nova Paulista*, a festa de premiação do concurso, realizada no dia 15 de agosto, na semana que antecede nossa festa maior, "revestiu-se de brilho, traduzindo-se num dos momentos mais emocionantes do 39º Fefol. A alegria e o entusiasmo dos artistas estavam visivelmente estampados em seus olhares.

Em seu pronunciamento, a presidente da Aolc, a artista plástica Janete Haidar, elogiou a produção artística que vem se desenvolvendo no município de Olímpia.

Vale ressaltar que o apoio do Sebrae-SP foi imprescindível. E, como retribuição, a Aolc e o Departamento Municipal de Cultura agradeceram os ilustres visitantes com expressivas obras de arte.

Ainda na noite de premiação, um destaque especial ficou por conta da participação das crianças, que neste ano foram inseridas no concurso. Em seu pronunciamento, o prefeito municipal, Luiz Fernando Carneiro, enfatizou a iniciativa, reiterou o apoio ao setor cultural e artístico e parabenizou o trabalho das crianças.



## TRANÇADO ESTRELA, ONTEM, HOJE E SEMPRE...

Ricardo Jabur\*

A riqueza cultural brasileira esquecida pelo tempo é imensurável e deveria ser de relevante importância em políticas públicas e para entidades e lideranças de todos os municípios, base para identificação das potencialidades culturais características de cada região.

Foi o que aconteceu em Olímpia. O **trançado estrela**, a arte de dobrar a palha do milho, que teve berço na cultura indígena e na africana, desapareceu do mapa de São Paulo durante muitos anos. Essa técnica peculiar consiste na manipulação da palha do milho que, por meio de dobras semelhantes ao tradicional

origami japonês, dá origem a peças em forma de estrela, destinadas a produtos direcionados ao mercado de decoração, utilidades domésticas e objetos de uso pessoal.

O resgate dessa técnica teve origem nas peças expostas no Museu de História e Folclore Maria Olímpia que precisavam passar pelo processo de restauração. Foi assim que a artesã Geralda das Neves Singh, a Lalá, identificou a oportunidade de retomar a atividade, resgatando a antiga cultura e gerando renda ao grupo formado de artesãos, para quem a técnica foi repassada.

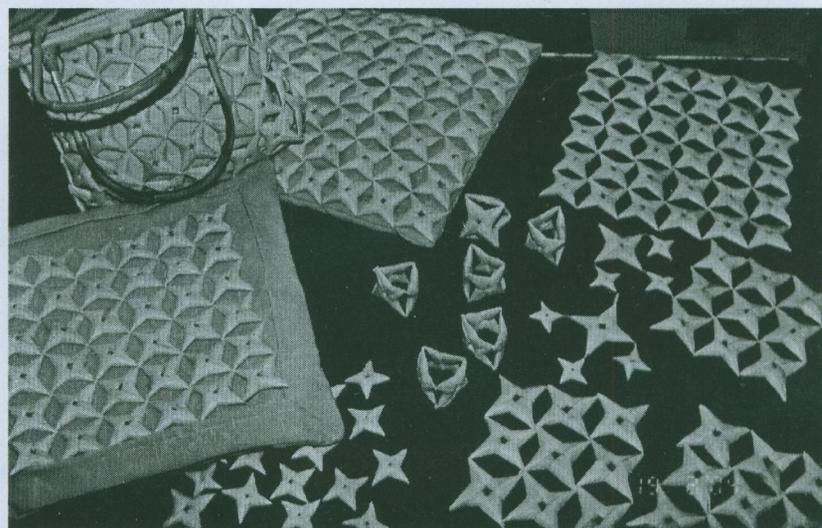
A grande aceitação pelo mercado local ocasionou a intervenção contundente do Sebrae-SP no processo de profissionalização do grupo, no desenvolvimento e na comercialização da linha de produtos, transcendendo assim os limites do mercado local. Reconhecido nacional e internacionalmen-

te, o produto conquistou até mesmo importante prêmio em evento internacional de excelente imagem e grande projeção.

Hoje profissionalizados e com sua linha de produtos consagrada pelo mercado, esses artesãos participam de feiras e eventos em todo o território nacional, repassando até a outros grupos técnicas de controles gerenciais, necessários para a gestão eficaz dessa digna e honrosa atividade, o artesanato associativo.

O profissionalismo, o dinamismo, o entusiasmo e a visão de futuro desse grupo de artesãos, do poder público local e de toda a comunidade com certeza perpetuarão o trançado estrela na cultura brasileira e na distribuição de renda do município de Olímpia.

\*Consultor de empresas responsável pelas ações implementadas através do apoio do Sebrae-SP.



## 7º FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE (FIFOL)

Mais uma edição do Festival Internacional de Folclore de Olímpia, o 7º Fifol, realizou-se de 11 a 18 de abril de 2004, na Praça das Atividades Folclóricas Prof. José Sant'anna. Dessa etapa do evento que consagra Olímpia como centro de preser-

vação e celebração da cultura popular participaram grupos folclóricos e parafolclóricos de outras nações, indicados pelo Conselho Internacional de Organização de Festivais de Folclore e Artes Tradicionais (Cioff), como os grupos Lous Pastous, da França; Geet Kala, da Índia; Folk Glio Ventrisko, da Itália; Ballet Libertad, da Bolívia; e Grupo de Danças Paraguay Ete. O Brasil foi represen-

tado pelo Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas Cidade Menina Moça (Godap), de Olímpia, e pelo Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, de Serra Talhada, Pernambuco. A coordenadora cultural desse evento altamente promissor é a professora Maria Aparecida de Araújo Manzolli, delegada do Cioff - Seção São Paulo. A presidência da Comissão Executiva do Fifol fica a cargo de Márcio Eugênio Diniz.



**7º FESTIVAL  
INTERNACIONAL DE  
FOLCLORE (FIFOL)**



## A CAPITAL DO FOLCLORE PERDE ERCÍDIO MANZOLLI

No dia 19 de outubro de 2003 faleceu Ercídio Manzolli, aos 72 anos de idade.

Nascido em 18 de março de 1932, em Araraquara (SP), filho de Eugênio Manzolli e Amélia Bonato Manzolli, residia em Olímpia desde os 9 anos de idade.

Ao lado de sua esposa, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, a

Cidinha Manzolli, mostrou-se um grande entusiasta e colaborador dos empreendimentos culturais olímpenses. Diligente, dinâmico, bem-humorado, participava efetivamente das atividades do Grupo Olímpiense de Danças Parafolclóricas Cidade Menina Moça (Godap), bem como de nossos festivais de folclore.

Delegado do Cioff – Seção São Paulo, Ercídio era também colaborador deste *Anuário*, onde discorria sobre as apresentações do Godap

em eventos de que o grupo participava, no Brasil e no exterior.

Antigo comerciante olímpiense, desde os 18 anos, era proprietário do Magazine 2M. Muito conhecido na Capital do Folclore, fez aqui inúmeros amigos graças a sua cativante simpatia.

Sua ausência foi profundamente sentida quando da realização do 7º Festival Internacional do Folclore, assim como em nosso Festival do Folclore, para os quais seu desaparecimento representa sem dúvida um grande desfalque.



## A FOLCLORÍSTICA ESTÁ DE LUTO

*José Carlos Rossato*

Na dinâmica da vida ocorrem pontos positivos e negativos para que se chegue ao equilíbrio. Ao lado dos bons momentos vividos, o último ano foi marcado, infelizmente, pelo falecimento de amigos.

*Paulo de Carvalho-Neto*

Sergipano de nascimento, Carvalho-Neto estudou no Colégio Tobias Barreto. Participava ativamente da vida intelectual com os companheiros da época – muitas vezes liderados pelo poeta José Sampaio –, colaborando em jornais e até editando.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, colocou-se à disposição para servir e combater. Mudou-se para Salvador, depois para o Rio, onde iniciou a carreira de antropólogo e escritor. Foi disci-

pulo de Arthur Ramos e de outros que deram o suporte para a formação de uma cultura brasileira. O destacado estudante, ainda jovem, marcou presença intelectual nas duas maiores cidades de então: Rio de Janeiro e São Paulo.

Ingressou no Itamarati e foi servir em diversos países da América Latina, enquanto não perdia a chance de realizar pesquisas antropológicas e folclóricas, posteriormente publicadas quer em periódicos especializados, quer em livros.

A bibliografia de Carvalho-Neto é admirável. Não deixou de pesquisar o folclore pátrio, iniciando com a obra *O folclore sergipano*, editada no Porto, em Portugal, pela primeira vez, e reeditada pela Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe. Infelizmente sua obra teórica de folclore não é bem conhecida no Brasil, embora seja muito utilizada por pesquisadores e estudiosos de várias partes do mundo.

Com a implantação do regime militar, em 1964, Paulo de Carvalho-

Neto foi dispensado das funções diplomáticas, mudando-se para os Estados Unidos, onde foi professor catedrático na Universidade de Los Angeles, na Califórnia. Depois de viver muito tempo no exterior, voltou a engajar-se na vida intelectual de Sergipe e do Brasil, passando a frequentar os Encontros Culturais de Laranjeiras com regularidade. Conferencista e debatedor dos mais hábeis, sempre esteve ao lado de companheiros intelectuais e amigos como Bráulio do Nascimento, Jackson da Silva Lima, Beatriz Góes Dantas, Aglaé Fontes de Alencar, Roberto Benjamim e vários outros.

Foi secretário-geral da Comissão Nacional de Folclore. Em sua passagem pelo Rio de Janeiro, montou um escritório para trabalhar com pesquisas e literatura. Ao regressar dos Estados Unidos sentia o sucesso de seus livros de ficção, traduzidos para o português. Ingressou no Pen Club e foi premiado pela União Brasileira de Escritores. Entrou no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e ganhou pelo conjun-

to de obra um dos mais importantes prêmios europeus, o Siglo Dóro (de Palermo), equivalente ao Nobel de Antropologia e igualmente capaz de projetar em todo o mundo o feliz vencedor.

A obra de Paulo de Carvalho-Neto é vasta e a maior parte dela foi publicada no exterior, acrescida de alguns livros novos, de ficção, como *Praça Mauá*, *Los ilustres maestros*, *Pau-de-arara*, *Morrer pelo Brasil*, além de outros.

A experiência universitária nos EUA permitiu que o sergipano elaborasse títulos de teoria e da história do folclore, até o momento lamentavelmente não divulgados entre nós. Talvez em função da longa ausência de Sergipe, sua obra seja pouco conhecida, pouco lida e nada estudada em sua terra natal.

Quando do centenário de nascimento do seu pai Carvalho Neto (advogado e político que viveu entre 1889 e 1954), nosso laureado Paulo de Carvalho-Neto organizou a edição de um substancial livro com depoimentos, fixando as linhas fundamentais do pensamento do genitor, exímio jurista sergipano, autor do clássico *Advogados*, também reeditado para a comemoração. O gesto do filho para com o pai não deixou de ser uma contribuição intelectual à terra sergipana. No ano seguinte (1990), quando sua Simão Dias celebrou o centenário de cidade e de comarca, Paulo de Carvalho-Neto doou a excelente biblioteca de seu falecido irmão, professor Joviniano de Carvalho-Neto, para formar o acervo do Memorial de Simão Dias, demonstrando novamente seu amor por Sergipe.

Afastado dos amigos, enfrentando o isolamento dos hospitais e clínicas, em função de sua moléstia, Carvalho-Neto completou mais de seis décadas de atividades literárias. Sua biografia de ilustre filho sergipano tomou espaço destacado na Galeria dos Grandes de Sergipe.

Enorme é a bibliografia de Carvalho-Neto. Esse legado está organizado em duas partes: livros e periódicos. Por essa razão oportunamente prestaremos uma homenagem a esse vulto, declinando toda a sua bibliografia divulgada.

Com o falecimento do folclorista Paulo de Carvalho-Neto – nosso amigo e também de Olímpia –, ocorrido em 18/08/2003, aos 80 anos, mais uma sentida lacuna se abre não apenas na cultura folclórica mas no seio da cultura brasileira.

Agradecemos ao presidente da Comissão Nacional de Folclore, o folclorista Roberto Benjamin, ami-

go de longa data, por ter nos transmitido a melancólica e dolorida notícia. Aproveitamos os dados contidos na edição do dia imediato ao falecimento, estampados na *Gazeta de Sergipe*, do jornalista Luiz Antônio Barreto.

Lázaro Francisco da Silva

No dia 5 de abril de 2003, inesperadamente, a Comissão Mineira de Folclore ficou sem seu dinâmico presidente, o Lazinho, assim chamado pelos amigos íntimos. Professor aposentado pela Universidade Federal de Ouro Preto e ativo pesquisador de folclorística, expressava-se muito bem, quer oralmente, quer ao escrever os resultados e as conclusões de suas pesquisas. Aqui expressamos nossos sentimentos aos integrantes da Comissão Mineira de Folclore, uma das mais produtivas do país. Como membro correspondente daquela instituição, aproveitamos a oportunidade para enviar nosso sentimento de dor aos familiares, mesmo sabendo que não temos palavras para consolar da forma como gostaríamos.

Renato José Costa Pacheco

Visitamos o folclorista e amigo Renato Pacheco na segunda quinzena de maio do ano passado, em sua residência, na Mata da Praia, na bela Vitória, capital capixaba. Com muita alegria e afeto, ele nos recebeu ao lado da esposa. Na oportunidade entregamos um exemplar de nosso *Anuário*, que ele não havia recebido. Folheando-a, deparou com uma nota acerca da vida dele como folclorista e de outros pesquisadores. Demonstrou-nos extrema modéstia. Mal poderíamos pensar que era a última vez que o Criador nos cedia a oportunidade de visitar o amigo Renato nesta passagem pelo planeta.

O vice-presidente da Comissão Fluminense de Folclore, o dinâmico Afonso Furtado da Silva, com pesar nos passou a informação por telefone: "O folclorista Renato Pacheco, presidente de honra da Comissão Espírito-Santense de Folclore, faleceu no dia 18 de março". Fizemos uma prece e passamos a meditar, concluindo que a vida terrena é curta, especialmente para pessoas como Renato, que tinha muito para passar ao próximo. Sem questionar, se o Criador quis, está certo.

Nascido em Vitória, em 16/12/1928, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais (1951). Fez outros cursos. Foi professor da Universidade Federal do Espírito Santo e membro da Comissão Espírito-Santense de Folclo-

re, onde exerceu vários cargos. Publicou: *Páginas de folclore: contribuição ao estudo do folclore no Espírito Santo* (1950), *Antologia do jogo do bicho* (1957), *Medicina popular em São Mateus* (1963) e *Cerâmica popular em Vitória* (1975). Escreveu muitos artigos para revistas, como: *ABC do amor* (1949), *Sobre o boi Jaraguá* (1949), *Os calangos do jogo do bicho* (1949), *ABC dos anos* (1949), *Versos de Reis* (1950), *Um palhaço de Reis* (1950), *Ainda o brinquedo de Reis* (1950), *Outro ABC do amor* (1950), *O jogo do papão* (1950), *Três folcloristas centenários: Manuel Querino, Vale Cabral e Pereira da Costa* (1951), *O picolé* (1951), *Adivinhas* (1952), *Uma crioula folclórica* (1953), *Brinquedos periódicos* (1953), *Cerâmica popular em Vitória* (1953), *Evocação do congresso* (1954), *A festa de Santa Cruz na aldeia de Carapicuíba* (1954), *Festas populares* (1956/57), *O jogo no Cachoeiro* (1956/57), *Um mutirão de folclore* (1958), *Estudo sociológico de uma comunidade: Cachoeiro do Itapemirim* (1958), *Primeira notícia sobre tropas e tropeiros* (1958/59), *Roubo ou parença* (1961), *Perspectiva da pesquisa folclórica no Espírito Santo* (1962), *Jogos e caxambu de Guaçuá* (1966), *Folclore capixaba: o próximo quinquênio* (1968), *Religião rural no Espírito Santo* (1968), *Três artesãos capixabas* (1976), *Uma tentativa de classificação do anedotário brasileiro* (1981), *Artesanato brasileiro, uma visão crítica* (1991), *O ensino e a pesquisa do folclore no Espírito Santo* (1992). Nos últimos tempos publicou livros acerca de outros assuntos, especialmente História. Defendeu a dissertação (1978) *O juiz em alguns romances brasileiros: uma análise sociológica de conteúdo*, obtendo na Escola de Sociologia e Política de São Paulo o título de Mestre em Ciências.

Viveu, e produzindo, quase 76 anos, na mesma cidade que tanto amou: Vitória.

## ALGUMAS REFERÊNCIAS

Apreciei com muita atenção a obra *Breviário profano do povo*, do pesquisador natalense Gutenberg Costa. Está de parabéns por mais essa excelente publicação, versando acerca da religiosidade popular, um universo vasto, explorado por diversos pesquisadores nas várias regiões brasileiras. Mesmo assim, continua inesgotável. É só ler a referida obra, pois na minha opinião a cultura do povo, ainda que conservadora, é amplamente inovadora pela dinâmica em que se vive. Por mais paradoxal que possa parecer, é a realidade vivenciada pelo povo. Relaciona vasta bibliografia, não obstante não tenha dispensado suas pesquisas de campo (na terra do imortal Cascudo), como bom

inquiridor da civilização do povo nordestino que é, indiscutivelmente. Está de parabéns, amigo!

A Casa de Textos Santo Antônio detém uma série de programações que está sendo lançada, paulatinamente, na capital paulista pela Editora Planeta do Brasil. O volume de bolso e de pequena espessura intitulado *Santos Reis, protetores dos viajantes*, da série *Santos populares do Brasil*, está circulando e pode ser encontrado nas boas livrarias. É bem ilustrado e colorido. Basicamente destaca a história, a devoção, a festa, a biografia (para que os interessados aprofundem os estudos) e algo mais. Outros títulos dessa série são: Santo Expedito, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia e São Sebastião. Outros foram prometidos (e certamente serão publicados dentro do planejamento da empresa). Em papel couchê, muito promete, especialmente para os adeptos da cultura do povo brasileiro, sem excluir outros segmentos.

Nossa querida amiga do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore de Olímpia Iseh Bueno de Camargo, excelente educadora, lançou ao lado de Alberto Luiz Massalini a obra *Crônicas de 2 pirangienses*, num volume de mais de uma centena de páginas. A capa colorida estampa um milagre da natureza (e símbolo de Pirangi), uma dádiva do Criador: um coqueiro que ao longo de seu desenvolvimento perdeu a força, curvando-se para um lado, e depois retomou a normalidade, crescendo em direção vertical, até formar uma encantadora curva (que é objeto de observação das pessoas que passam pelo local). É digno de ser admirado. As crônicas são individuais e juntam-se num contexto uno, coeso e de leitura agradabilíssima. Vários são os assuntos enfocados nessa coleção que estava dispersa, destacando a história, o meio ambiente, as relações com os municípios vizinhos, os tipos populares e outros assuntos, que demonstraram muito amor à terra onde vivem. No afã de orientar quem desconhece nossa região, a cidade de Pirangi está distante de Olímpia, por via rodoviária pavimentada, menos de uma centena de quilômetros. Vale a pena conhecê-la e fotografar o lindo coqueiro.

O amigo **Gutenberg Costa**, folclorista, escritor e pesquisador de Natal (RN), terra de excelentes pesquisadores da cultura do povo, como Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Gumercindo Saraiva, entre

outros, lançou pela Argos o recomendado *Dicionário papa-jerimum (apelidos e afins)*. A obra relaciona pseudônimos, cognomes, codinomes, antonomásias e denominações do povo, verificados desde o século XVI até hoje, num exaustivo trabalho de levantamento histórico do autor, utilizando várias estratégias para enumerar mais de quatro milhares. É uma coletânea de veras interessante que certamente trará muita descontração ao leitor.

A obra *folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil* (2ª edição), de Veríssimo de Melo, é um trabalho editado pela Fundação Vingt Um Rosado (Coleção Mossoroense, Série B nº 643, Mossoró - RN). Veríssimo de Melo teve o privilégio de conviver com o mestre Luiz da Câmara Cascudo. A amizade de ambos era enorme. O discípulo era chamado pelo mestre de "Vivi".

A propósito, essa obra foi pronunciada na Academia Norte-Rio-Grandense de Ciências pelo patrono da cadeira 9, evidentemente o autor. Merece ser lida por vários motivos. Especialmente para o leitor conhecer a forma carinhosa pela qual o insuperável Cascudo chamava os próximos: jumento (que no nosso meio, para os leigos, é ofensa). Ele apreciava tanto o termo que o relacionava à sua própria pessoa. Observe o que Cascudo deixou-nos entre a página 18 e a seguinte, na referida obra:

"Estou aposentado, 71 anos em dezembro, surdo, míope, **jumentamente** (*grifo nosso*) otimista e gruda-do na leitura, com os dedos na máquina. Um livro atrás do outro, numa obstinação de percevejo faminto. Não pare. Lembra-se do esquecido Marden? 'O homem é como bicicleta: parou, caiu.' Eu nem no caixão pararei, porque, católico, acredito na vida eterna e essa não será imobilidade. Um beijo no focinho". É impressionante o texto de Câmara Cascudo. É um exemplo a ser seguido.

O mestre declarou que o livro que mais o agrada entre os que escreveu é *Canto de muro* (1969, José Olímpio, Rio). Como otimista que era, não declarou o de que menos gostava.

Leitura recomendada desse opúsculo de vinte e poucas páginas que tive a grata satisfação de receber do amigo Paulo Gastão, figura ímpar na pesquisa de folclore, além de outros assuntos atinentes ao Nordeste: Lampião, Conselheiro e religiosidade do povo.

*Antropologia cultural*, de Franz Boas (1858-1942), foi lançado recen-

temente, com organização e tradução de Celso Castro, por uma editora carioca tradicional. O tradutor/organizador dividiu o livro em seis capítulos, todos interessantes:

apresentação (por Celso Castro); as limitações do método comparativo em antropologia, 1896; os métodos da etnologia, 1920; alguns problemas de metodologia nas ciências sociais, 1930; raça e progresso, 1931; os objetivos da pesquisa antropológica, 1932. A seleção dos textos é do apresentador.

Recorda-se que o germano-americano é considerado um dos pais da antropologia americana do século XX. Era um cientista de formação naturalista. Encarou com ceticismo tanto as teorias teológicas como as evolutivas. Defensor do funcionalismo, para ele uma cultura é um conjunto unitário que deve ser estudado em sua totalidade, composto, como uma máquina, de diferentes peças interdependentes. Deixou bem fundamentada a metodologia do trabalho de campo, a que seus discípulos deram especial relevância. Funcionalista, matizou o historicismo. Era interessado pela forma como se desenvolveram as instituições culturais no tempo. Após a Primeira Guerra, as abordagens históricas das sociedades foram perdendo adeptos e a escola funcionalista começou a ganhar relevância.

*Desvio e divergência, uma crítica da patologia social*, organizada por Gilberto Velho, diretor da Coleção Antropologia Social (Zahar, Rio), é uma obra já na sétima edição que deve ser lida pelo menos nos capítulos "O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social" (pelo organizador) e "Umbanda e loucura" (Simoni Lahud Guedes).

Não é demais lembrar que o folclore é uma ciência socioantropológica, e sem as bases fundamentais não pode existir a figura do folclorista.

Bem interessante é a obra *Sociologia e antropologia* (Marcel Mauss, estruturalista, fundador do Instituto de Etnologia da Universidade de Paris). Iniciou com enfoque funcionalista, centrado na sociedade como um todo indivisível, e não como soma de inter-relações entre indivíduos, originando a escola estruturalista.

A obra (Editora Cosac & Naify, São Paulo) com mais de 500 páginas é precedida de introdução de Claude Lévi-Strauss.

A Companhia de Santos Reis Estrela D'Alva (de Indiaporã, noro-

este paulista) lançou em fita cassette o *Terço a Virgem Maria*. Eis o relação das faixas: *Glória ao Pai – Deus vos salve* (cântico popular); *Convite ao rezador e aos devotos* (Jesus Inácio); *Oferecimento do terço* (Jesus Inácio); *Primeiro mistério: anunciação* (Jesus Inácio); *Segundo mistério: visitação* (Jesus Inácio); *Terceiro mistério: nascimento* (Jesus Inácio); *Quarto mistério: apresentação do Filho ao templo* (Jesus Inácio); *Quinto mistério: encontro do Filho no templo* (Jesus Inácio); *Quinto mistério: encontro do Filho no templo* (Jesus Inácio); *Encerramento do terço* (Jesus Inácio); *Maria Concebida – Oh! Viva Maria* (cântico popular); *Agradecimento ao rezador e aos devotos* (Jesus Inácio); *Meu Jesus crucificado – Glória ao Pai* (cântico popular).

É conveniente lembrar que a citada fita foi gravada inicialmente em disco long-play.

**Gilberto Freyre de A a Z** (*referências essenciais a sua vida e obra*), de Edson Nery da Fonseca – obra produzida em co-edição pela Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, Departamento Nacional do Livro e Zé Mário Editor (Rio de Janeiro) –, apresenta diversos verbetes que interessam aos estudiosos de antropologia cultural e folclore, a

partir dos antroponímicos. Entre outros, os verbetes *alhos e bugalhos*, *alimentação, a casa brasileira, culinária, cultura, semana folclórica, sexo, uma cultura ameaçada* e muitos outros não devem passar despercebidos para os que realizam pesquisas folclóricas.

O amicíssimo folclorista **Paulo Gastão, de Mossoró (RN)**, apresenta *Anedotas do padre Mota* (do laureado **Lauro da Escossia**, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e, nos meados dos anos 80 do século passado, diretor-coordenador do Museu Histórico de Mossoró). O autor relata ao longo da obra o anedotário atribuído a Luís Ferreira da Cunha Mota (conhecido por Monsenhor Luís da Mota ou Padre Mota).

O anedotário em relatos jogosos, alguns picantes, é comum quando se procura atingir membros do sacerdócio, políticos e outras pessoas que ocupam cargos ou funções de destaque na sociedade. É lógico que as anedotas não vão atingir a pessoa em foco, mas os relatos continuam após o falecimento dela. Foi o que ocorreu com o padre Mota. Ele viveu a infância e a juventude como um mossoroense. Foi para Natal, Recife e depois Roma fazer os estudos eclesiásticos e ordenar-

se sacerdote, depois de defender direitos canônicos. Conhecia como poucos a história de Mossoró. O sepultamento do religioso Mota (1996) atraiu muita gente, como sinônimo de ser extremamente conhecido. A obra foi editada 20 anos após o falecimento do padre. Quer naquela época, quer no final do século passado, quer nos dias que correm, o padre Mota não sai da língua do povo, envolvendo variados aspectos. É assaz interessante o livro editado pela Fundação José Augusto e integrante da Série C da Coleção Mossoroense.

Gastão, a alegria que nascia à medida que eu lia o livro, contagiava o ambiente. Muito obrigado pelos momentos proporcionados de lazer espiritual.

No centenário de nascimento do professor **Tércio Rosa do Maia**, ocorrido em 1992, a Coleção Mossoroense, Série C, reeditou a obra *Dez temas do folclore*, lançada pela primeira vez em 1954 e esgotada há década. Eis alguns capítulos da publicação: "Teimoso", "Mocinha tola", "No ciclo do homem calvo", "No ciclo do dinheiro guardado", "As cobras de Soarão", "As marrecas do senhor vigário". São assuntos bem enfocados pelo autor.

#### Homenagem da Nossa Caixa

A Loteria Paulista (mais conhecida por "Paulistinha", administrada pelo banco Nossa Caixa S.A.) novamente homenageou Olímpia, a Capital do Folclore Brasileiro. Na extração nº 831, ocorrida em 12/03/2004 (sexta-feira), vários aspectos da nossa cidade constavam da "folha" ou "chapa" (denominações do povo para o bilhete inteiro). Este encontra-se dividido em dez frações. Cada uma corresponde a um décimo do todo (e é chamada por "pedaço", "naco" ou "fiorim"). Eis o rol das imagens: Museu do Folclore, Igreja Matriz de São João Batista, Maria-fumaça no Museu do Folclore, Monumento de Comemoração do Centenário da Cidade, Câmara Municipal e Igreja Matriz de Nossa Senhora Aparecida. Os demais décimos tiveram imagens repetidas a partir dessas.

Eis a ilustração de uma delas:

**Homenagem à Cidade de OLÍMPIA**

**LOTERIA PAULISTA**  
**150.000**  
**CENTO E CINQUENTA MIL REAIS**

17140

PREÇO DO PLANO	4º DEC.	SÉRIE A
INTEIRO - R\$ 7,70	EXTRAÇÃO	Nº 831
DÉCIMO - R\$ 0,77	SEXTA	12/03/2004

**1 7 1 4 0**  
HUM SETE HUM QUAT ZERO

08311714001048 24753569806552

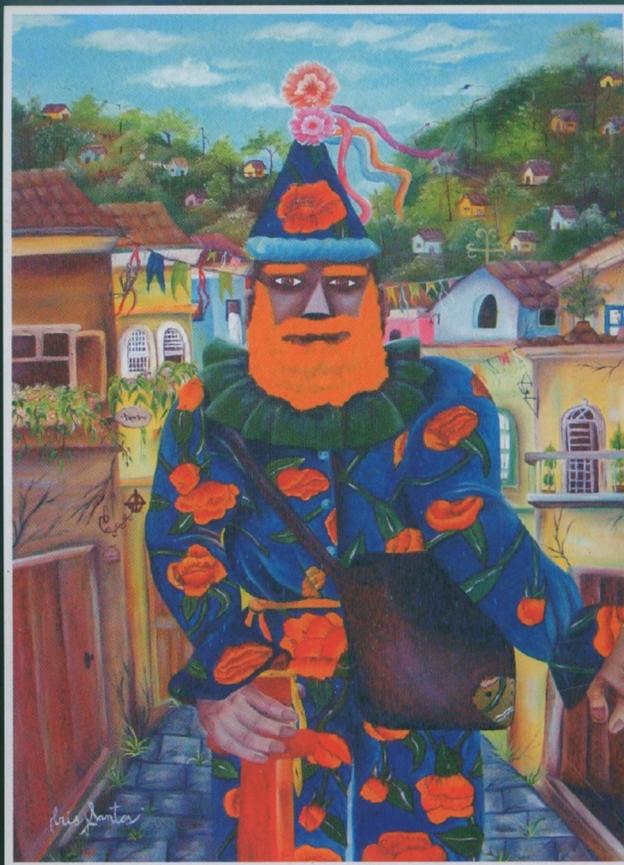
**17140**

**Nossa Caixa**  
Banco Nossa Caixa S.A.

**Maria Fumaça**  
no Museu do Folclore

O que nos surpreendeu e ninguém respondeu: por que não foram feitas outras mais, para que tivéssemos dez vistas? Não só na área urbana há lindas paisagens. Por que a Praça de Atividades Folclóricas Prof. José Sant'anna não foi aproveitada? E a beleza dos campos e da área agrícola?

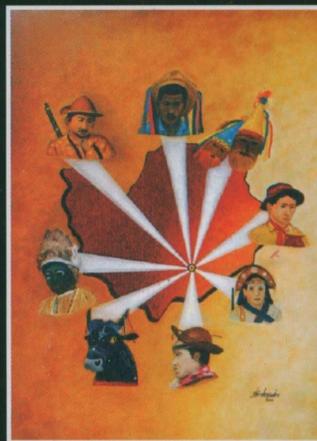
Como é praxe, a extração ocorreu ao vivo com a participação popular e foi transmitida do local para os mais distantes rincões, embora ela seja comercializada apenas nesta unidade federativa.



1º lugar no concurso para elaboração do cartaz oficial do 40º FEFOL  
 Autora - Cristiane dos Santos - Quadro - "Folia de Palhaço"



2º lugar no concurso para elaboração do cartaz oficial do 40º FEFOL  
 Autora - Sheila Ribeiro de Souza - Quadro - "Boi Folia"



3º lugar no concurso para elaboração do cartaz oficial do 40º FEFOL  
 Autor - Ubiratan da Silva Castro - Quadro - "Olimpia, ponte de encontro da cultura brasileira"

